

UNESP – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara

LETÍCIA CORDEIRO DE OLIVEIRA BUENO

SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS DE HOMENS E MULHERES:

COMPREENDENDO A RELAÇÃO ENTRE PREPOSIÇÃO E ESTILO

ARARAQUARA – SP
2019

LETÍCIA CORDEIRO DE OLIVEIRA BUENO

**SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS
DE HOMENS E MULHERES:**
compreendendo a relação entre preposição e estilo

Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck

ARARAQUARA – SP
2019

Bueno, Letícia Cordeiro de Oliveira
Sobre os usos linguísticos de homens e mulheres:
compreendendo a relação entre preposição e estilo /
Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno – 2019
240 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Cartas de leitores femininas e masculinas. 2.
Estilo. 3. Sexo/gênero. 4. Identidade. 5. Variação de
preposição. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno

SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS DE HOMENS E MULHERES: compreendendo a relação entre preposição e estilo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck

Data da defesa: 27/08/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes
Universidade de São Paulo - USP

Membra Titular: Prof^a Dr^a Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Membra Titular: Prof^a Dr^a Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Membra Titular: Prof^a Dr^a. Angélica Rodrigues
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao meu filho, João, com quem eu *aprendo*,
todos os dias, sobre a leveza da vida.

Ao meu grande amor, Alexandre;
à minha irmã, Júlia; aos meus pais, Lígia e Edmilson;
meus exemplos diários de força e dedicação.

Aos meus avós, Ruth e Elder (*in memoriam*),
que tanto me ensinaram sobre o amor.

Ao meu tio Dedé (*in memoriam*), alegria eterna e
constante, exemplo imenso de coragem e
generosidade.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos e muitas são os que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho tomasse forma e se concretizasse. Foram quatro anos (e mais alguns meses...) de muito estudo, de muita pesquisa, de muita dedicação e esforço. Foram quatro anos bastante atípicos para a considerada vida acadêmica, mas, não por isso, menos recompensadores. A cada um daqueles que se importou com *as dores e as delícias* que este curso de Doutorado me proporcionou: “muito obrigada”!

Agradeço ao meu filho, João, que mesmo sem ainda entender o significado e a importância disso tudo, foi a minha maior fonte de motivação. Em tão pouco tempo, ele foi capaz de transformar a minha vida e de me mostrar quão forte posso ser diante dos imprevistos com os quais precisei lidar e diante das mais duras decisões que precisei tomar. Agradeço a ele por ser minha inspiração diária e, com sua alegria, não me deixar cair.

Agradeço ao meu grande amor, Alexandre, que me lembra, todos os dias, da força que tenho e aonde posso chegar. É ele meu porto-seguro, a quem recorro diante das aflições e quem me acalma e me dá a certeza de que tudo ficará bem. Agradeço a ele por absolutamente tudo, mas, principalmente, por topar viver comigo essa louca jornada acadêmica. Obrigada pela força e por não me deixar desistir. Obrigada por abrir mão de seus compromissos pelos meus, por abdicar dos seus momentos de descanso para que eu pudesse trabalhar. Obrigada por estar, sempre, ao meu lado e ser meu grande exemplo de determinação!

Agradeço aos meus pais, Lígia e Edmilson, por todas as vezes em que me colocaram à frente de tudo: obrigada pelas viagens a São Paulo, pelos cuidados com o João e por nunca hesitarem em amparo, amor e proteção. Agradeço a eles por abdicarem de suas vontades para que tivéssemos, desde sempre, acesso à educação de qualidade. Agradeço a eles por me ensinarem tão bem sobre a importância dos estudos e por serem meus grandes exemplos. Sou e sempre serei eternamente grata a vocês, por tudo, absolutamente tudo!

À minha irmã, Júlia, agradeço por ser meu apoio, meu exemplo, minha força. É ela quem mais me motiva e me inspira. É ela quem me mostra que sempre é possível seguir. Agradeço ao meu sobrinho e afilhado, Raul, e ao meu cunhado, Eduardo, por serem alegrias constantes em minha vida.

Aos meus avós, Ruth e Elder (*in memoriam*), agradeço por tanto me ensinarem sobre a vida e sobre o amor. São eles os meus maiores exemplos de resignação e resiliência. Agradeço ao meu Tio Claudio por tanto carinho e cuidado e pelas boas conversas. Agradeço ao meu tio Dedé (*in memoriam*) pelas muitas risadas compartilhadas, pela companhia sempre presente, pela ALEGRIA intensa e por tanto nos ensinar sobre amor e generosidade. Obrigada, gordinho, por nos presentear com a sua coragem, compaixão e alegria. Agradeço a todos os meus familiares pelo incentivo e apoio.

Agradeço aos amigos do **SoLAR** – Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara –, que me acompanharam durante essa importante caminhada. Em especial, agradeço às grandes amigas Sabrina, Pricila e Sílvia, que nunca mediram esforços para me ajudar.

Agradeço, de todo meu coração, à Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck, amiga e orientadora, por dividir comigo todo o seu conhecimento, por confiar em mim e no meu trabalho e por estar sempre ao meu lado. Desde a Iniciação Científica, mais do que orientações acadêmicas, foram muitos os conselhos e os direcionamentos que levarei comigo para toda a vida. Obrigada, Rosane, por tanta compreensão, por todo cuidado e apoio, que foram essenciais para que este trabalho assim se concluísse. Sua paciência, atenção, amizade e companheirismo fazem parte daquilo que, um dia, espero também alcançar.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Ronald Beline Mendes, à Prof^a. Dr^a Juliana Bertucci Barbosa, à Prof^a. Dr^a Caroline Carnielli Biazolli e à Prof^a. Dr^a Angélica Rodrigues por aceitarem fazer parte da banca examinadora. Obrigada pela atenção dispensada ao meu trabalho, pela leitura atenta e criteriosa e pelas ricas contribuições. Ao Prof. Dr. Ronald agradeço, ainda, pelas muitas conversas e pela importante troca de conhecimentos, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Às amigas de sempre e “para sempre”, Tina, Izabela, Natália e Daniela, agradeço por fazerem parte, desde a época do colégio, de cada um dos momentos de minha vida. Tenho, com elas, parte das minhas melhores histórias e é com enorme gratidão que divido, agora, mais esse momento.

Às grandes amigas Jú Tomé, Isabela, Cris, Carols e Eliane, agradeço a sincera relação que mantemos há tantos anos, o incentivo e o apoio em todos os momentos e por estarem sempre tão presentes. Às amigas Beth, Natália Pedroni e

Marcela Soares, agradeço pela convivência e apoio diários, pelas grandes trocas e pelo amparo e incentivo que nunca faltaram. Aos amigos que São Paulo me deu de presente, Livia e Diogo, Jéssica, Lucas, Patrícia e Valter, agradeço pela companhia, pelas conversas e risadas de sempre. Obrigada, queridos amigos, por todas as horas de conversas, por me acompanharem e por compreenderem a minha ausência em alguns muitos momentos, sem nunca deixarem de me guiar em todos os outros.

Aos amigos do Colégio Passalacqua, que tão bem me acolheram, agradeço pelas boas conversas e risadas, em especial à Renata Bucceroni Rabello, à Nelmara Porto e ao Marcelo Rodrigues de Moraes.

A todos os docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – FCLAr, agradeço a atenção dispensada em todos os momentos necessários. Foram todos fundamentais para que este caminho fosse percorrido da melhor forma possível.

A Deus, por fim, agradeço o caminho que me foi traçado, principalmente, por ser esse o caminho “das Letras”. Caminho que me concede a oportunidade de (re)criar novas realidades, compartilhando conhecimentos e partilhando experiências. Que Deus me mantenha, sempre forte, nessa estrada – quase sempre tortuosa, porém, tão gratificante – do saber.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
– Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.
Ele fez um limpamento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas...
E se riu.
Você não é de bugre? – ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas -
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática.

Manoel de Barros (1994: 89)

RESUMO

O propósito desta tese é averiguar a relação existente entre as noções de estilo e de sexo/gênero e a variação linguística, por meio da análise de cartas de leitores de revistas masculinas e femininas. Para isso, observa-se o emprego das preposições **a**, **até**, **em** e **para** nas cartas das revistas brasileiras *NOVA* e *Men's Health* e das revistas portuguesas *Cosmopolitan* e *Men's Health*. Desenvolve-se um estudo descritivo-comparativo entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV 1972, 1994, 2001), e em conceitos relativos a estilo (BIBER e CONRAD, 2009, ECKERT, 2000, 2001, 2003, 2008, 2016; IRVINE, 2001; LABOV, 2001a; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; OCHS, 1992), sexo/gênero (BUTLER, 2016; FREITAG, 2015; MENDES, 2011, 2012, 2018), identidade (BATTISTI, 2014; MENDOZA-DENTON, 2003; WOODWARD, 2014), normas linguísticas (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012) e gênero textual (BAKHTIN, 1995, 2003; MARCUSCHI, 2002, 2007; BAZERMAN, 2007 e MARINE, 2009). A análise das cartas se dá com base em duas estratégias: (i) análise quantitativa, em que se considera a variação de preposições em situação de complementação verbal (MOLLICA, 1996; BERLINCK, 2001; GUEDES e BERLINCK, 2003; TORRES-MORAIS e BERLINCK, 2006, 2007, 2009; BERLINCK, 2011; BUENO, 2014) e (ii) análise estilística que focaliza os traços linguísticos, extralinguísticos e situacionais dos textos que compõem o corpus (cf. BIBER, 1986, 1988, 1995; BIBER e FINEGAN 1989; BIBER e CONRAD 2009; BERLINCK, BALSALOBRE, BIAZOLLI e BUENO, 2012; BERLINCK, BIAZOLLI e BALSALOBRE, 2014 e ALMEIDA, 2015). Para a análise quantitativa, coletam-se todas as ocorrências de complementos preposicionados dos predicadores verbais que têm um complemento preposicionado que veicula o valor de meta nas cartas de leitores ali publicadas. Esses dados são analisados, levando-se em conta: (i) a natureza semântica do predicador (BERLINCK, 1996); (ii) a natureza semântica do complemento preposicionado e (iii) a natureza semântica do complemento objeto direto. Em seguida, são codificados e tratados, estatisticamente, por meio do pacote estatístico GOLDVARB-X. Esses resultados sinalizam que há uma maior incorporação da preposição **para** no PB, enquanto que no PE é a preposição **a** que prevalece. Para a análise estilística, elaboram-se dois diferentes conjuntos de elementos linguísticos, que, ao serem relacionados com determinados traços estereotipados do comportamento e da personalidade de homens e mulheres (Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson & Rosenkrantz, 1972), julga-se ser mais característicos da fala de homens ou de mulheres. Busca-se, então, pelos elementos mais recorrentes nesses textos. Realiza-se, ainda, uma análise textual e interpretativa das cartas, em que se observa o posicionamento adotado pelos homens e mulheres que as escreveram para, posteriormente, aliar tais posicionamentos aos significados sociais atribuídos às preposições. Nota-se que as cartas escritas por mulheres (brasileiras ou portuguesas) evidenciam comportamentos mais “ousados” e “inovadores”, enquanto que àquelas escritas por homens (brasileiros e portugueses) atribui-se um comportamento mais “conservador” e “cauteloso”.

Palavras-chave: Cartas de leitores femininas e masculinas. Estilo. Sexo/gênero. Identidade. Variação de preposição.

ABSTRACT

The aim of this work is to investigate the relationship between the notions of style and sex/gender and linguistic variation, through the analysis of letters from readers of men's and women's magazines. For this, the use of prepositions **a**, **até**, **em** and **para** in the letters of the Brazilian magazines NOVA and Men's Health and in the Portuguese magazines Cosmopolitan and Men's Health is observed. It was developed a descriptive-comparative study between the European Portuguese (EP) and the Brazilian Portuguese (BP), founded in the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV 1972, 1994, 2001) and in concepts related to style (BIBER and CONRAD, 2009, ECKERT, 2000, 2001, 2003, 2008, 2016; IRVINE, 2001; LABOV, 2001a; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; OCHS, 1992), sex/gender (BUTLER, 2016; FREITAG, 2015; MENDES, 2011, 2012, 2018), identity (BATTISTI, 2014; MENDOZA-DENTON, 2003; WOODWARD, 2014), linguistic norms (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012) and textual genres (BAKHTIN, 1995, 2003; MARCUSCHI, 2002, 2007; BAZERMAN, 2007 e MARINE, 2009). The analysis of the letters is based on two strategies: (i) quantitative analysis, which considers the variation of prepositions in situations of verbal complementation (MOLLICA, 1996; BERLINCK, 2001; GUEDES and BERLINCK, 2003; BERLINK, BERLINK, 2011, BUENO, 2014) and (ii) stylistic analysis that focuses on the linguistic, extralinguistic and situational features of the texts that compose the corpus (BIBER, 1986, 1988, 1995; BEGINNER, BERLINCK, BALSALOBRE, BIAZOLLI and BUENO, 2012; BERLINCK, BIAZOLLI and BALSALOBRE, 2014 and ALMEIDA, 2015). For the quantitative analysis, were collected all occurrences of prepositional complements of verbal predicators that have a prepositional complement that conveys the meta value in the letters of readers published there. These data are analyzed, taking into account: (i) the semantic nature of the predicator (BERLINCK, 1996); (ii) the semantic nature of the prepositional complement and (iii) the semantic nature of the direct object complement. They are then coded and statistically treated using the statistical package GOLDVARB-X. These first results indicate that there is a greater incorporation of the preposition **para** the BP, whereas in EP it is the preposition **a** that prevails. For the stylistic analysis two different sets of linguistic elements are elaborated which, being related to certain stereotyped features of the behavior and the personality of men and women (Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson & Rosenkrantz, 1972), are thought to be more characteristic of the speech of men or women. It is searched for the most recurrent elements in these texts. A textual and interpretative analysis of the letters is also realized, in which the position adopted by the men and women who wrote them is observed, in order to later ally such positions to the social meanings attributed to the prepositions. It is noted that letters written by women (Brazilian or Portuguese) show more "daring" and "innovative" behaviors, while those written by men (Brazilian and Portuguese) are attributed to a more "conservative" and "cautious" behavior.

Keywords: Female and male letters from readers. Style. Sex/gender. Identity. Variation of preposition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva	136
Figura 2	O <i>continuum</i> de gêneros na comunicação tradicional impressa e falada	138
Figura 3	Revista <i>NOVA</i>	139
Figura 4	Revista <i>Cosmopolitan</i>	139
Figura 5	Revista <i>Men's Health Brasil</i>	139
Figura 6	Revista <i>Men's Health Portugal</i>	139
Figura 7	Itens relacionados aos estereótipos de gênero	179

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Uso das preposições nas revistas brasileiras	186
Gráfico 2	Uso das preposições nas revistas portuguesas	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Obras de cunho tradicional	113
Quadro 2	Obras de cunho descritivo	113
Quadro 3	Outros estudos linguísticos e o uso das preposições	113
Quadro 4	Preposição a como introdutora de complemento verbal	123
Quadro 5	Preposição para como introdutora de complemento verbal	127
Quadro 6	Preposição para fora do sistema de transitividade	127
Quadro 7	Revista <i>Nova</i> – seções e interlocutores	153
Quadro 8	Revista <i>Men's Health Brasil</i> – seções e interlocutores	154
Quadro 9	Revista <i>Cosmopolitan</i> – seções e interlocutores	154
Quadro 10	Revista <i>Men's Health Portugal</i> – seções e interlocutores	154
Quadro 11	Critérios para análise estilística das cartas de leitores – competências masculinas e femininas	178
Quadro 12	Características linguísticas e extralinguísticas e as competências masculinas às quais se relacionam	180
Quadro 13	Características linguísticas e extralinguísticas e as competências femininas às quais se relacionam	181
Quadro 14	Critérios para análise estilística das cartas de leitores – traços linguísticos	182
Quadro 15	Características linguísticas de mulheres ou homens nas revistas brasileiras	197
Quadro 16	Características linguísticas de mulheres ou homens nas revistas portuguesas	197

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição das preposições nas cartas de leitores	189
Tabela 2	Distribuição das preposições a e para nas cartas de leitores	190
Tabela 3	Tipos verbais e a distribuição de preposições	191
Tabela 4	Distribuição das preposições e a natureza semântica do SPrep	191
Tabela 5	Distribuição das preposições e a natureza do objeto direto nas revistas brasileiras	193
Tabela 6	Distribuição das preposições e a natureza do objeto direto nas revistas portuguesas	193
Tabela 7	Peso relativo “natureza do complemento” – revistas brasileiras	194
Tabela 8	Peso relativo “natureza do objeto direto” – revistas brasileiras	194
Tabela 9	Natureza do complemento X natureza do objeto direto na revista <i>NOVA</i>	195
Tabela 10	Natureza do complemento X natureza do objeto direto na revista <i>Men’s Health</i>	195
Tabela 11	Frequência dos elementos e o sexo/gênero feminino na revista <i>NOVA</i>	198
Tabela 12	Frequência dos elementos e o sexo/gênero feminino na revista <i>Men’s Health Brasil</i>	199
Tabela 13	Frequência dos elementos e o sexo/gênero feminino na revista <i>Cosmopolitan</i>	200
Tabela 14	Frequência dos elementos e o sexo/gênero feminino na revista <i>Men’s Health Portugal</i>	200
Tabela 15	Elementos linguísticos encontrados somente no conjunto de cartas de mulheres ou de homens brasileiros	202
Tabela 16	Elementos linguísticos encontrados somente no conjunto de cartas de mulheres ou de homens portugueses	202
Tabela 17	Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição <i>a</i> nas cartas de leitoras da revista <i>Nova</i> .	204
Tabela 18	Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição <i>a</i> nas cartas de leitores da revista <i>Men’s Health</i>	204
Tabela 19	Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição <i>para</i> nas cartas de leitores da revista <i>Nova</i>	207
Tabela 20	Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição <i>para</i> nas cartas de leitores da revista <i>Men’s Health</i>	207
Tabela 21	Elementos linguísticos que coocorrem tanto nas revistas femininas e masculinas, junto a diferentes preposições.	209
Tabela 22	Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição <i>a</i> nas cartas de leitores da revista <i>Cosmopolitan</i>	210
Tabela 23	Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição <i>a</i> nas cartas de leitores da revista <i>Men’s Health</i>	210

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 DISCUTINDO “IDENTIDADE”	27
1.1 Discurso, identidade e ideologia	27
1.2 O que é identidade?	29
1.3 Pertencer ou não pertencer: questões de identidade linguística	33
1.4 A minha pátria é a língua portuguesa	40
1.5 Aproximando “sexo/gênero” das questões identitárias	46
1.5.1 A identidade de gênero de suas (in)constâncias	50
1.6 Novas identidades vs identidades em crise	57
2 ESTILO E SOCIOLINGUÍSTICA	66
2.1 Estilo: algumas noções primordiais	66
2.2 A noção de estilo e a construção do significado social – revendo alguns estudos	72
2.3 Estilo, distintividade e identidade	76
3. UNIVERSO DE PESQUISA	84
3.1 OUTRAS DELIMITAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	84
3.1.1 A pesquisa sociolinguísticas – revisitando alguns conceitos	84
3.1.2 Sobre a importância dos estudos sincrônicos e diacrônicos	87
3.1.3 A pesquisa sociolinguística: fala vs escrita	90
3.1.4 A heterogeneidade da escrita e a dinamicidade dos gêneros – por uma Sociolinguística escrita	94
3.1.5 Algumas considerações sobre <i>normas linguísticas</i> – revisitando conceitos	101
3.2 AS PREPOSIÇÕES ENQUANTO FERRAMENTA DE ESTUDO	109
3.2.1 Preposições: tipos, funções e valores	109
3.2.2 Estudando as preposições a , até , em e para	112
3.2.2.1 O uso das preposições e as Gramáticas Tradicionais	114
3.2.2.2 O uso das preposições e as Gramáticas Descritivas	120
3.2.3 O uso das preposições e os estudos linguísticos	127
3.2.3.1 Compreendendo a tipologia verbal adotada	130
3.3 OS GÊNEROS E SUAS DIFERENTES PERSPECTIVAS	135
3.3.1 Os gêneros textuais e as cartas de leitores – revisando alguns conceitos	135

3.3.2 Contextualizando as revistas trabalhadas e suas estruturas organizacionais	141
3.3.2.1 Sobre as cartas de leitores e as relações dialógicas existentes	145
3.3.3 As cartas de leitores e suas especificidades – o que nos dizem as revistas <i>NOVA</i> , <i>Cosmopolitan</i> , <i>Men's Health Brasil</i> e <i>Men's Health Portugal</i>	148
3.3.3.1 As revistas femininas	156
3.3.3.2 As revistas masculinas	162
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	172
4.1 Definindo os parâmetros de análise	174
4.1.1 Análise quantitativa	176
4.1.2 Análise estilística	177
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO	185
5.1 Uma primeira análise	185
5.2 Uma análise mais específica dos dados	189
5.3 Análise estilística	196
5.3.1 Análise estilística das cartas de leitores das revistas brasileiras <i>NOVA</i> e <i>Men's Health</i>	203
5.3.2 Análise estilística das cartas de leitores das revistas portuguesas <i>Cosmopolitan</i> e <i>Men's Health</i>	209
5.3.3 Análise estilística e identidade	213
5.3.4 Sobre os significados sociais de a e para	216
CONCLUSÕES	224
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	229

INTRODUÇÃO

Levar em conta o papel do indivíduo nos estudos sociolinguísticos corresponde a dar lugar de destaque à noção de estilo (PODESVA, 2007a, 2007b, 2011). Pensar o indivíduo, seja ele homem ou mulher, diante das diversas práticas sociais existentes é buscar associar diferentes escolhas linguísticas a tais situações. Tal fato nos leva a analisar, portanto, os diferentes estilos assumidos por tal indivíduo, uma vez que diferentes conexões passam a ser estabelecidas entre possíveis identidades e as situações por este vividas. É importante ressaltar que a identidade deve ser entendida como o resultado de práticas e comportamentos – e não como a causa dessa associação (MENDES, 2018, pág. 41). Segundo Mendes (2018, pág. 41),

Não se está estabelecendo uma ligação necessária entre modos de falar e uma identidade; está-se sugerindo que passou a fazer parte de uma visão social a relação entre certos modos de falar e características/práticas normalmente associadas a certos grupos.

Assim como discutido mais adiante, entendemos a prática estilística como sendo responsável pelo desenvolvimento de novas personas (ECKERT, 2016). Isso significa que um determinado indivíduo pode avaliar uma mesma forma linguística de diferentes modos, a depender do posicionamento ideológico que este assume diante de tal forma. Assim, as diferentes posturas adotadas por um indivíduo são responsáveis por transformarem constantemente o significado social atribuído a uma mesma variante, o que nos revela, conseqüentemente, os diferentes estilos assumidos por esta pessoa. Interessa-nos, assim, compreender de que modo estilo e, conseqüentemente, as diferentes escolhas linguísticas de um indivíduo podem se associar às noções de gênero/sexo e às identidades estabelecidas diante de diversas práticas sociais.

Sabemos que uma primeira vertente dos estudos sociolinguísticos (LABOV, 1972; CHAMBERS, 1995) tratou (e trata) a variável sexo/gênero como uma macrocategoria social. Entretanto, se faz possível um olhar “mais minucioso” a respeito do modo como sexo/gênero e linguagem se relacionam, de forma que essa variável seja, então, tratada como uma microcategoria (ECKERT, 2000, 2001, 2003), como fazem, por exemplo, os estudos sobre

redes sociais¹ (MILROY, 1980). Aqui, sexo/gênero pode ser visto como um aspecto fundamental no processo de construção de identidade dos sujeitos, através de suas interações e práticas sociais. Para Eckerct e Podesva (2011), entender a natureza da relação entre elementos linguísticos e as dimensões sociais é o maior objetivo dos estudos que aliam as noções de gênero e linguagem.

Reconhece-se que a fala de homens e mulheres diferencia-se principalmente pelo fato de a língua estar diretamente relacionada às atitudes sociais. Estudos (LABOV, 1972, 2008; TRUDGILL, 1974; PAIVA, 2003) apontam para o fato de as mulheres apresentarem um discurso mais cuidado, quando comparado à fala dos homens, principalmente quando se trata da implementação de uma forma de grande prestígio social (PAIVA, 2003).

Entretanto, ainda que se tenha observado que as mulheres usualmente se mostram mais conservadoras, casos em que ocorre a variação incluindo o uso de variantes inovadoras ou menos prestigiadas por parte de falantes do sexo feminino também já foram registrados (cf. ECKERT, 2000; MENDES, 2011, 2012, 2014; BUENO, 2014).

É considerando tais pressupostos que buscamos por um estilo feminino e por um estilo masculino em um contexto mais específico: cartas de leitores de revistas femininas e masculinas. Nesta pesquisa, damos continuidade ao trabalho de BUENO (2014), que analisou cartas de leitoras, brasileiras e portuguesas. A fim de agora observamos o comportamento linguístico de mulheres e homens, no que diz respeito às questões de estilo aliadas às noções de sexo/gênero, ampliamos, então, esse córpus, adicionando a ele as cartas de leitores extraídas das revistas masculinas, também brasileiras e portuguesas. Para tanto, a fim de identificar de que modo a noção de estilo é capaz de nos explicar as possíveis diferenças encontradas, por meio de uma comparação, nas cartas produzidas por mulheres e por homens. Considerando estas primeiras noções, para esta pesquisa, selecionamos, inicialmente, 1522 cartas distribuídas entre as revistas selecionadas: *Nova* (357 cartas) e *Men's*

¹ A noção de redes sociais foi incorporada aos estudos sociolinguísticos por Milroy (1980, 2002) que afirma que “uma rede social individual é diretamente a união de relações estabelecidas com os outros, e a análise de redes sociais examina as diferentes estruturas e propriedades desses relacionamentos. [...] A rede social é mais bem tratada como um meio de

Health (634 cartas), brasileiras, e destinadas, respectivamente, a um público feminino e masculino; *Cosmopolitan* (323 cartas) e *Men's Health* (208 cartas), portuguesas, e também destinadas a mulheres e homens.

Assim, este trabalho caminha na direção de uma contribuição para a compreensão do 'funcionamento' do processo de construção estilística e, conseqüentemente, identitária – já que entendemos 'identidade' como sendo flexível e mutável –, na escrita. Isso se dá devido ao fato de aliarmos as noções de estilo (que até então era explorado, pela chamada Estilística² (BAKHTIN, 2003), em obras literárias, como parte de uma elaboração estética) abordadas pela 3ª onda sociolinguística a dados de escrita. Desenvolvemos, para tanto, recursos e mecanismos diferentes daqueles até então empregados na análise de dados de fala, ampliando, assim, as interpretações existentes.

São os trabalhos de Romaine (1982), Bell (1984), Biber (1988), Biber e Finegan (1989) e Labov (2001a) que nos ajudam a compreender determinadas conceituações de estilo, enquanto que Milroy (1980), Eckert (2000, 2001, 2003, 2008) e Irvine (2001) fundamentam os nossos estudos sobre como as noções de “estilo”, “indivíduo” e “ideologia” se inter-relacionam e se complementam.

É nesse contexto que se situa o nosso estudo. Investigamos, assim, se homens e mulheres diferem entre si no texto escrito, ou seja, se há um estilo masculino e um estilo feminino de se escrever cartas para as revistas e de que forma esses diferentes estilos associam-se às noções de sexo/gênero e identidade. Contamos, para isso, com o suporte de um fenômeno linguístico específico, associado a um conjunto de outros diferentes traços linguísticos e extralinguísticos, que nos auxiliam nesse processo de investigação. Partimos, então, da busca por situações de variação e mudança em um cópulo escrito – a variação entre as preposições introdutoras de complementos verbais, um fenômeno atestadamente variável na variedade brasileira do português (MOLLICA, 1996; BERLINCK, 2001; GUEDES e BERLINCK, 2003; TORRES-MORAIS e BERLINCK, 2006, 2007, 2009; BERLINCK, 2011; BUENO, 2014) –

captar a dinâmica subjacente dos comportamentos interacionais do orador do que como uma categoria social fixa”.

² Segundo Guiraud (1970, p. 11 apud JADEL, 2013, pág. 03), “estilística é a disciplina que estuda a expressividade duma língua e a sua capacidade de emocionar mediante o estilo”. Estilo, de caráter individual, é, como nos ensina Silvio Elia (1978, p. 76 apud JADEL, 2013, pág. 03), “o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua” (JADEL, 2013, pág. 03).

a fim de compreendermos de que modo a variação de preposição nos permite observar a possível construção de diferentes estilos.

O fato de nos debruçarmos sobre um *cópus* escrito nos faz reconhecer que, assim como na fala, a escrita também se caracteriza pela heterogeneidade (cf. CORRÊA, 1997, 2004), sendo essa uma tentativa de conceder à língua escrita um lugar nas pesquisas sociolinguísticas. Seguindo as orientações de Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p.193), “partimos da hipótese de que os textos escritos trazem marcas da convivência de práticas de oralidade e letramento, e que essa convivência pode ser entendida como uma forma de heterogeneidade que reflete, entre outras coisas, o pretendido vernáculo”.

Tais apontamentos exigem que se leve em conta a noção de gênero textual buscando responder como tal noção pode servir de aporte teórico-metodológico ao estudo da variação e da mudança em textos escritos. É válido ressaltar que a definição de gênero textual como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos nos usos e nas construções de sentido, ignorando também as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. Por não entendermos gênero textual como acima é descrito, e buscando uma melhor compreensão sobre eles, tomamos como referência os estudos realizados por Bakhtin (1995, 2003), Marcuschi (2002, 2007) e Bazerman (2007). Além disso, nos valem dos estudos realizados por Marine (2009), uma vez que contribuem para a discussão realizada acerca do gênero “carta de leitor”.

Para verificar, então, de que modo a noção de estilo alia-se às escolhas linguísticas de homens e mulheres, escolhemos como *cópus* para nossa pesquisa as cartas de leitores, brasileiros e portugueses, de revistas femininas e masculinas, gênero que consideramos ser bastante permeável a formas em uso em contextos menos monitorados, como situações de fala espontânea. Segundo Marcuschi (2007), as cartas são capazes de evidenciar o quanto um gênero textual pode ser misto, já que elas se situam no entrecruzamento da

fala e da escrita³. Assim, os textos desse gênero podem apresentar elementos diversos da oralidade, já que se constroem como parte de um diálogo.

Podemos também supor que as cartas de leitores se situam, dentro de um *continuum* de formalidade, em um ponto mais próximo daquilo que é considerado menos formal, uma vez que sua composição inclui traços que fogem, muitas vezes, à norma-padrão, dada a relação de proximidade estabelecida entre o autor da carta e o seu destinatário⁴. É o que já foi atestado para as cartas de leitores de revistas femininas (MARINE, 2009; BUENO 2014). Percebe-se, deste modo, que as relações entre fala e escrita “refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta por essas duas modalidades de uso da língua” (MARCUSCHI, 2007, p.34).

Pretendemos investigar as correlações entre estilo, sexo/gênero e o uso de preposições, com base em duas estratégias: (i) uma análise qualitativa que focalizará os traços linguísticos, extralinguísticos e situacionais dos textos que compõem o *cópus* (cf. BIBER, 1986, 1988, 1995; BIBER e FINEGAN 1989; BIBER e CONRAD 2009; BERLINCK, BALSALOBRE, BIAZOLLI e BUENO, 2012; BERLINCK, BIAZOLLI e BALSALOBRE, 2014 e ALMEIDA, 2015) e (ii) a análise de um fenômeno atestadamente variável na variedade brasileira do português – a variação entre as preposições introdutoras de complementos verbais (MOLLICA, 1996; BERLINCK, 2001; GUEDES e BERLINCK, 2003; TORRES-MORAIS e BERLINCK, 2006, 2007, 2009; BERLINCK, 2011; BUENO, 2014)⁵. No que se refere a (ii), o presente estudo focalizará as

³ Cabe ressaltar que, apesar de adotarmos essa concepção discursiva oral do gênero textual “carta de leitores”, tal qual nos propõe Marcuschi (2007), temos conhecimento de que esta mesma ideia tem sido refutada por outros autores (cf. Biazolli, 2016, pág. 106), devido ao fato das “cartas de leitores” “representarem um gênero prototípico da escrita, de concepção escrita e meio gráfico”. Para Biazolli (2016, pág. 202), “sugere-se que as cartas dos leitores sejam, na realidade, de concepção escrita, entretanto, em decorrência de determinados fatores, a linguagem utilizada nesses textos pode incorporar mais ou menos usos típicos da oralidade”. Entendemos, assim, que o gênero “cartas de leitores” tende a ser mais informal, podendo também apresentar diferentes graus de (in)formalidade, dependendo do meio em que é veiculado, de quem o produz e do público ao qual se destina, como um gênero menos informal.

⁴ Naturalmente, essa relação vai variar em função do tipo de veículo de comunicação – jornal ou revista, e qual o público específico a que se destina. Esses aspectos são levados em conta na seleção da fonte das cartas a serem utilizadas como *cópus* deste estudo, o que vem mais bem detalhado na seção ‘Procedimentos metodológicos’.

⁵ Foi comprovada, nos estudos citados, a incorporação da variação de preposições (ou seja, de usos inovadores de preposições) em textos escritos, o que indica sua relativa aceitação pela norma culta. Além disso, reiteramos, novamente, a existência de casos em que se constatou, a partir da análise de textos escritos por mulheres, a variação de preposição (BUENO, 2014).

preposições **a** (“Quando fui ao quiosque e perguntei pela Cosmo [...]”), **até** (“Muitas mulheres jovens entre 20 e 30 anos, chegam até mim com esse problema psicológico [...]”), **em** (“[...] para mim ele tem até a meia-noite e meia para chegar em casa [...]”) e **para** (“Eu saí do trabalho e fui direto para o cinema [...]).

Buscamos, assim, através da noção de estilo, mostrar como a variável sexo/gênero pode, de alguma forma, ir além das correlações essencialmente quantitativas com a estrutura linguística nos estudos em Sociolinguística, uma vez que tal fator pode se relacionar diretamente com a noção de identidade do sujeito, aproximando-se, por isso, de uma metodologia de natureza mais qualitativa, uma vez que o indivíduo e suas práticas sociais são, para tanto, considerados.

Destacamos, aqui, a necessidade de se realizar uma análise individual das cartas enviadas a essas revistas, de modo que seja possível compreender mais a respeito dos sujeitos que para lá escrevem e, conseqüentemente, verificar de que modo tais revistas – e suas bases ideológicas – interferem em seus processos de construção de identidade. Ainda que seja factível pressupor que tanto homens como mulheres podem escrever⁶ às revistas masculinas e/ou femininas, apenas nos interessaram as cartas escritas por homens às revistas masculinas e aquelas escritas por mulheres às revistas femininas. A comparação pretendida entre as escritas masculinas e femininas levará em conta alguns critérios referentes à temática abordada, à presença explícita (ou não) do interlocutor e ao grau de subjetividade dos textos analisados⁷, aspectos da dimensão de variação “produção informacional vs produção envolvida” (cf. Biber, 1988; Biber e Conrad, 2009), além de outros traços linguísticos prototipicamente considerados como sendo característicos de homens ou de mulheres (Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson & Rosenkrantz, 1972).

Propomo-nos, ainda, a investigar, dentro do conjunto de homens em questão, se seus estilos são, ou não, diferentes; assim como, se, dentro do

⁶ Reconhecemos, aqui, a possibilidade de as cartas serem editadas pelas revistas que as publicam. Entretanto, com base em informações que nos foram fornecidas por algumas revistas sobre esta questão, não consideramos que essas correções atinjam o nível morfológico e sintático da oração – ponto que nos interessa.

conjunto de mulheres em questão, seus estilos são, ou não, diferentes. Destacamos que nos interessa analisar somente o estilo dos leitores (diferentes homens e diferentes mulheres) que escrevem para as revistas em questão. Entretanto, não podemos desconsiderar totalmente o discurso produzido também pelas revistas – e seus estilos –, uma vez que consideramos o fato de que esses dois discursos se inter-relacionam (BUENO, 2014). Dessa forma, trabalhamos com a hipótese de que os estilos adotados por tais homens e mulheres sejam construídos também com base no estilo das revistas para as quais escrevem. Assim, trabalhamos também com a possibilidade de que o discurso da revista possa nos ajudar a caracterizar e compreender o discurso de seus leitores, uma vez que as propostas de cada revista, assim como suas bases ideológicas, definem seus públicos.

Além disso, é necessário ainda ressaltar que ao trabalharmos com dois diferentes conjuntos de cartas, brasileiras e portuguesas, desejamos evidenciar de que modo se apresenta o gênero textual “carta de leitores” diante de cada um desses dois diferentes públicos. Partimos, para tanto, do fato de serem os gêneros textuais práticas sociais e textual-discursivas (MARCUSCHI, 2002, 2005, 2007, 2008), o que faz com que as diferentes culturas e comportamentos dos leitores que produzem estas cartas, nelas, de alguma forma, se evidenciem. Mais do que isso, a análise de cartas femininas e masculinas, brasileiras e portuguesas, faz-nos pensar se esses leitores, enquanto atores sociais, apresentam o mesmo comportamento. A produção de mulheres e homens, brasileiros e portugueses, e os diferentes significados sociais atribuídos às suas escolhas linguísticas fazem do gênero textual “carta de leitores” um gênero semelhante quanto às suas características composicionais, seja no Brasil ou em Portugal?

Levando-se em conta todos esses pressupostos, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a possível relação existente entre as noções de estilo e de sexo/gênero (agregando-se, aqui, questões relacionadas à constituição da identidade e da ideologia desses sujeitos) e a variação

⁷ Esses critérios serão mais bem explicados na seção sobre os procedimentos metodológicos adotados.

linguística, por meio da escrita de homens e mulheres⁸, em cartas de leitores de revistas masculinas e femininas. Seria, assim, possível identificar um estilo feminino e um estilo masculino de se escrever cartas para as revistas? Para tanto, realizaremos uma análise qualitativa, em que se quer investigar:

- se e como o sexo/gênero pode “especificar” o gênero textual, levando à elaboração de um estilo feminino ou masculino nas cartas ou que se revela nas cartas. Estas serão analisadas individualmente em seus traços linguísticos e situacionais variáveis, segundo a dimensão “produção informacional vs produção envolvida” (cf. BIBER, 1988; BIBER e CONRAD, 2009).

Ao trabalharmos com essa dimensão, consideramos que a diversidade temática das revistas e das cartas, aliada à possibilidade de graus diferentes de presença explícita do interlocutor e de graus diferentes de subjetividade e autoria nas cartas, possam corresponder a diferenças na relação entre estilo e sexo/gênero.

Assim como dito, lançaremos mão, ainda, de uma análise quantitativa que irá investigar o uso das preposições **a**, **até**, **em** e **para**, em contextos de complementação verbal, por cada um desses diferentes indivíduos, tendo como objetivos:

- determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência* (material e verbal/perceptual) e como se distribuem em termos de frequência nas variedades brasileira e europeia;
- identificar que fatores de natureza linguística e extralinguística explicam essa distribuição, nas duas variedades estudadas;
- determinar em que medida essa distribuição revela padrões diferentes de uso em relação às normas brasileiras e portuguesas vigentes e como uma se comporta em relação à outra;

⁸ Inicialmente, sabemos que estes homens e mulheres são adultos e escolarizados e supomos que de classe média alta, por terem acesso às revistas, seja por meio de assinaturas mensais ou não.

- identificar as possíveis correlações existentes entre o uso dessas preposições e a variável sexo/gênero;
- estabelecer se o emprego de preposições está associado à heterogeneidade *da* escrita (seja ela derivada da natureza do gênero textual, seja ela marca de um estilo feminino ou masculino) ou à heterogeneidade *na* escrita (revelando padrões já identificados na fala).

A partir da base teórica adotada e de estudos já existentes sobre o fenômeno sintático, definimos as seguintes hipóteses de trabalho, possíveis respostas às questões colocadas como objetivos dessa pesquisa: (i) encontrar um número maior de casos com a preposição **para** nas cartas de leitores brasileiros, enquanto que, nas cartas de leitores portugueses, espera-se pela prevalência de casos com **a** (BUENO, 2014); (ii) quanto aos fatores linguísticos, acredita-se que os aspectos ligados à natureza do verbo e à natureza do complemento atuam sobre o uso variável das preposições (BERLINCK, 2011; BUENO, 2014); já sobre os fatores extralinguísticos, aposta-se que a atuação dos fatores sexo/gênero, estilo e gênero textual seja relevante para se compreender os possíveis casos de variação; (iii) ainda que estudos (PAIVA, 2003) aproximem as mulheres de um discurso mais cuidado e, por isso, mas próximo à norma culta, ao considerarmos as noções de sexo/gênero aqui trabalhadas e as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos, conjectura-se que homens e mulheres empreguem as preposições **a** e **para** em proporções equilibradas; (iv) acredita-se que o gênero textual carta de leitores, por estar posicionado em um ponto menos formal dentro do *continuum* fala e escrita (MARCUSCHI, 2007), seja bastante favorável ao surgimento de casos de variação.

Será com base em todos esses fundamentos teóricos que os dados levantados poderão ser analisados quantitativamente e qualitativamente, permitindo, assim, uma interpretação completa dos fatos, respondendo às perguntas geradas e trazendo possíveis soluções para as hipóteses inicialmente estabelecidas.

Trabalharemos com base nos estudos da sociolinguística, tal como proposta pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV 1972, 1994, 2001), que tem como princípio

analisar os fatores sociais sempre buscando compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Também nos basearemos nos estudos desenvolvidos por Romaine (1982); Bell (1984); Biber (1988); Biber e Finegan (1989), Biber e Conrad (2009), Labov (2001a), Milroy (1980); Eckert (2000, 2001, 2003, 2008) e Irvine (2001) para melhor compreendermos de que forma a noção de estilo se relaciona ao sexo/gênero dos indivíduos em questão.

1. DISCUTINDO “IDENTIDADE”

Questões voltadas à identidade são do interesse das mais variadas disciplinas. Vários campos do saber, desde a biologia até a psicanálise, fazem uso de definições referentes às questões identitárias e suas possíveis aplicações. Aqui, restringimo-nos aos conceitos que, de alguma forma, relacionam a identidade às escolhas linguísticas, de modo que consideramos ser a língua um dos fatores responsáveis pela construção da identidade de seus falantes.

Assim, as discussões expostas nos itens de 1.1 a 1.6 ajudam-nos a compreender o que é identidade e de que forma esta se constrói. No item 1.1 relacionamos noções relativas ao *discurso*, à *identidade* e *ideologia* para, mais adiante, no item 1.2 explicitarmos o que entendemos por identidade. Trazemos à tona também, nos itens 1.3 e 1.4, questões sobre identidade linguística, ou seja, de que modo a noção de pertencimento a um grupo ou local é capaz de construir a identidade de um indivíduo e, mais do que isso, guiar suas escolhas linguísticas.

Ainda nesta seção, desenvolveram-se, nos itens 1.5 e 1.5.1, algumas discussões sobre sexo/gênero que, posteriormente, relacionam-se às noções já abordadas de identidade. Entendemos, assim, que identidade e língua relacionam-se diretamente à noção de sexo/gênero, visto agora como uma microcategoria também capaz de guiar as escolhas linguísticas de um indivíduo.

Por fim, no item 1.6 trazemos discussões sobre o surgimento de novas identidades (visto que os movimentos sociais são outros e contribuem para o surgimento de diferentes identidades) e de uma possível crise de identidade vivida por determinados indivíduos que se deparam, agora, com uma nova realidade e, conseqüentemente, deles exigem comportamentos com os quais não se viam habituados.

1.1 Discurso, identidade e ideologia

Sabe-se que ao se compreender de que modo a linguagem veicula determinadas ideologias, compreende-se também de que modo as mais

variadas identidades são construídas e reconhecidas (FIORIN, 1998). É preciso, então, considerar a língua como uma instituição social carregada de valores ideológicos e, por isso, responsável pela forte relação existente entre homem e sociedade. Entendemos, assim, devido ao valor ideológico carregado pelo discurso, que fenômenos linguísticos são sociais, bem como fenômenos sociais são linguísticos, no sentido de que a linguagem age em todos os contextos e práticas (FAIRCLOUGH *apud* KNOLL e PIRES, 2008, p.03). Diante disso, o que desejamos é poder compreender o que é identidade e como esta se constrói para, a partir daí, por meio dos estudos das cartas de leitores, relacionar a tríade discurso, identidade e ideologia.

Para Fiorin (1998, p.27), ideologia é o conjunto de ideias e de representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens. Ideologia é uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como tal classe ordena, justifica e explica a ordem social. Diante disso, é importante pensar que não há conhecimento neutro, uma vez que este se mostra sempre comprometido com os interesses sociais que lhe cercam.

A partir disso, faz-se possível pensar que “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva” (FIORIN, 1998, p. 31), sendo o discurso, então, a materialização das formações ideológicas e, conseqüentemente, identitárias. É, então, esse discurso que exercerá influência sobre o comportamento do homem, uma vez que

o discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que o veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. A sociedade transmite aos indivíduos – com a linguagem e graças a ela – certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais. (FIORIN, 1998, p.54)

É a partir desses pressupostos que entendemos e consideramos o conceito de identidade, interessando-nos, aqui, o fato de o discurso ser fundamentalmente responsável pela construção e pela formação desta identidade. No que se refere aos estereótipos, desejamos também analisar de

que modo esse mesmo discurso, por meio do valor ideológico que carrega, é capaz de construir estereótipos acerca do que é “ser mulher” e do que é “ser homem”.

É com base nas construções linguísticas e nos discursos veiculados pelas cartas de leitores das revistas já selecionadas que desejamos melhor compreender de que forma essas podem ser responsáveis pela formação de identidade de seus leitores, sejam eles mulheres ou homens.

1.2 O que é identidade?

Compreender o que é identidade e como esta funciona é fundamental para também compreender de que modo essa mesma identidade se relaciona com a língua e os mais variados discursos aí produzidos, uma vez que “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2014, p.08).

Com base nas afirmações de Woodward (2014), faz-se possível entender que a identidade é marcada por meio de símbolos (e de suas representatividades no meio em que estão inseridos) e constituída a partir de algo que existe ou acontece fora dela. Isso significa que, apesar de as identidades serem experimentadas e vivenciadas pelos sujeitos – e, por isso, individuais – elas são em parte construtos sociais (BATTISTI, 2014, p.02).

Tal afirmação nos leva a crer que o espaço/meio social em que um determinado indivíduo encontra-se inserido pode contribuir, em grande parte, para a formação de sua identidade, uma vez que este mesmo indivíduo busca pertencer a este meio, “moldando”, muitas vezes, o seu comportamento, inclusive o linguístico, a fim de alcançar tal objetivo. A influência exercida pelo social poderá determinar *o que* ou *quem* um indivíduo é ou deixa de ser, determinando também o quanto este se identifica com os pressupostos ali existentes e mantidos.

Segundo Wenger (1998 apud BATTISTI, 2014, p.03)

a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais. Nossas identidades são fruto de nossa filiação social, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, esses estruturados em relação aos campos ou classes sociais distintas.

Aquilo que constitui a identidade de um sujeito é fruto de uma grande negociação entre a sua “personalidade individual” e sua “personalidade social” (BONNEWITZ, 2002, p.91) e da busca pelo “fazer e ser parte” de uma dada classe social. Quanto a isso, entendemos que a identidade é também relacional (WOODWARD, 2014, p.09), pois uma determinada identidade depende de outra identidade que dela se distinga, para assim poder existir. Isso significa que a identidade é marcada pela diferença (WOODWARD, 2014, p.09). Para Hall,

acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim sua “identidade” – pode ser construído. (DERRIDA, 1981; LACLAU, 1990; BUTLER, 1993 apud HALL, 2014, pág. 110).

Ao relacionarmos tais afirmações com nosso objeto de estudo, voltamos para as escolhas linguísticas de cada falante e ali observamos a “identidade e a diferença”. Quando um indivíduo escolhe uma determinada variedade, automaticamente “nega” outra, o que fez com que ele escolhesse também sua identidade linguística e descartasse outras possibilidades.

A identidade é, nesta situação, simbolicamente representada pela variedade linguística escolhida por tal indivíduo, já que “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (WOODWARD, 2014, p.09). Além disso, ao afirmarmos que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, referimo-nos, de forma mais específica, às escolhas e usos linguísticos de mulheres e homens, brasileiros e portugueses: quais são as diferenças linguísticas que marcam suas identidades? O que caracteriza a fala de tais mulheres e de tais homens? Haveria uma crise de identidade marcada por mudanças sociais, individuais e linguísticas capaz de caracterizar e determinar os usos de cada um desses indivíduos?

Segundo WOODWARD (2014, pág. 12), na base de toda essa discussão sobre identidade encontram-se duas importantes perspectivas: a essencialista e a construcionista – ou não essencialista. Para a perspectiva essencialista, a

identidade não se altera ao longo do tempo, sendo algo por todos comumente compartilhado. Já a perspectiva não essencialista defende a importância da diferença na construção da identidade, assim como as características comuns ou partilhadas por um determinado grupo. Segundo Mendoza-Denton,

o essencialismo tal como conceituado por esses pesquisadores (Cameron 1990, Romaine 1984, Fuss 1989, Potter 1996, Janicki 1990, 1999) refere-se à tendência redutora (aristotélica) por parte dos analistas em designar um aspecto particular de uma pessoa ou grupo como explicações para seu comportamento: a "essência" do que significa, por exemplo, ser asiática, indiana ou feminina, etc. (Said 1993), apesar do reconhecimento de que os agentes estão em relações complexas com uma variedade de construções sociais maiores. Podemos pensar sobre a identidade de uma forma que não reduza ou simplifique os indivíduos para uma única dimensão? (MENDOZA-DENTON, 2003 pág. 01, tradução própria)⁹.

Aqui, claramente, interessa-nos a segunda perspectiva, uma vez que consideramos o fato de a identidade e, conseqüentemente, as escolhas linguísticas de um indivíduo, não serem imutáveis. Tal fato faz-nos compreender a identidade como sendo, então, multivalente em sua constituição (MENDOZA-DENTON, 2003).

Entretanto, é preciso cuidado diante de tais afirmações. Segundo WOODWARD (2014, pág. 13), "a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável". Para a autora, "essas reivindicações estão baseadas na natureza ou em alguma versão essencialista da história e do passado" (como por exemplo, nas relações de gênero estabelecidas entre homens e mulheres) na qual a história é, sim, "construída ou representada como uma verdade imutável". (WOODWARD, 2014, pág. 13)

É preciso também atenção ao modo como as pessoas assumem suas posições de identidade e como se identificam com elas. Sobre isso, pode-se

⁹ Tradução própria. Texto original: "Essentialism as conceptualized by these researchers (Cameron 1990, Romaine 1984, Fuss 1989, Potter 1996, Janicki 1990, 1999) refers to the (Aristotelian) reductive tendency by analysts to designate a particular aspect of a person or group as explanations for their behavior: the "essence" of what it means, for instance, to be Asian, or Indian, or female, etc. (Said 1993), despite the recognition that agents stand in complex relationships to a variety of larger social constructs. Can we think about identity in a way that does not reduce or simplify individuals to a single dimension?"

afirmar que o nível psíquico, juntamente com as dimensões sociais e simbólicas, completa a conceptualização de identidade. Isso explica porque “as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem” (WOODWARD, 2014, pág. 15), “seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2014, pág. 19). Para a psicanálise, é como se houvesse uma “forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem” apresentada e com ela nos identificarmos (WOODWARD, 2014, pág. 19).

A partir deste processo de identificação, voltamos ao início de tudo, em que afirmamos ser a identidade construída por meio de representações sociais, simbólicas e, agora, psíquicas. Isso significa que são os valores culturais existentes em um meio social os responsáveis pela “ativação” de um processo maior de identificação, quando, por meio da representação simbólica desses mesmos valores culturais, escolhemos, inconscientemente, com ele nos identificar ou não. Por este motivo, faz-se imprescindível “analisar a relação entre cultura e significado” (HALL, 1997). Para Woodward,

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, pág. 18).

Ao nos perguntarmos “o que é identidade?”, buscávamos como respostas muitos dos pontos já elucidados. Vale-nos, ainda, a definição trabalhada por Mendoza-Denton (2003, pág. 01), cuja aplicação mostra-se, para nós, a mais viável, uma vez que a identidade é, então, vista como um processo semiótico individual e coletivo:

o termo "identidade" funciona fora da linguística para cobrir uma variedade de conceitos; para os nossos propósitos, entenderemos a identidade como a negociação ativa da

relação de um indivíduo com construções sociais maiores, na medida em que essa negociação é sinalizada através da linguagem e de outros meios semióticos. A identidade, então, não é nem atributo nem posse, mas um processo de semiose a nível individual e coletivo (MENDOZA-DENTON, 2003, pág.01, tradução própria)¹⁰.

Considerando todas as conceituações e questões acima formuladas e apresentadas, pretendemos, nas próximas seções, aprofundar as discussões acerca da construção da identidade, a fim de compreender as relações entre sexo/gênero e identidade e, posteriormente, entre estilo e identidade. Assim, interessa-nos olhar mais atentamente para a construção de uma identidade baseada nas escolhas e usos linguísticos de seus falantes, como também desejamos, mais adiante, compreender de que modo as questões de gênero/sexo podem interferir na produção dos discursos de homens e mulheres.

1.3 Pertencer ou não pertencer: questões de identidade linguística

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de suas formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2014, pág. 109).

Para Mey (2006), a língua pode ser entendida como a representação de um povo, uma vez que “a língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua é a maneira pela qual uma sociedade inteira se expressa” (pág. 76).

Sendo assim, ao usar a língua para se expressar, o indivíduo se coloca, estrategicamente e de acordo com suas vontades, mais perto ou não, de uma determinada parcela da sociedade. Isso significa que é a língua a responsável

¹⁰ Tradução própria. Texto original: “The term ‘identity’ functions outside of linguistics to cover a variety of concepts; for our purposes, we will understand identity to mean the active negotiation of an individual's relationship with larger social constructs, in so far as this negotiation is signaled through language and other semiotic means. Identity, then, is neither attribute nor possession, but an individual and collective level process of semiosis” (MENDOZA-DENTON, 2003, pág.01).

pelo sentimento de pertencimento de um indivíduo a um determinado grupo social, visto que sua fala pode aproximá-lo ou afastá-lo deste grupo, caso os outros falantes não o aceitem.

Aqui, cabe o exemplo citado por Mey (2006, pág. 72), quando faz referência ao sotaque estrangeiro de São Pedro, reconhecido e mal visto pelos servos que haviam ajudado na captura de Jesus. Pedro foi “revelado por sua língua como pertencente a um determinado, e não muito respeitado, grupo étnico, o dos galileus, e ainda associado a alguém que estava prestes a ser condenado por alta traição e, depois, executado”.

Compreende-se, assim, que a língua, por mais individual que seja, é aquela que socialmente nos define. Diante disso, mais uma vez, voltamos ao ponto em que a identidade de um indivíduo se dá por meio de construtos pessoais, mas também sociais. Há, assim, uma negociação de personalidades “individual” e “social” para que seja construída a chamada identidade linguística de um falante, uma vez que suas escolhas linguísticas se relacionam diretamente com um maior ou menor sentimento de pertencimento ao meio em que se encontra.

A partir do momento que compreendemos ser a língua propriedade de uma comunidade, notamos o “forte elo existente entre uma nação e sua identidade, ou seja, entre a história e a linguística” (MEY, 2006, pág. 81). Desse modo,

embora o usuário individual da língua a perceba como a expressão de uma personalidade singular, que não pode ser duplicada ou substituída por alguma coisa – em suma, uma “propriedade” pessoal – essa língua é também propriedade da comunidade. Uma língua verdadeiramente “individual”, estritamente egocêntrica, não seria entendida por ninguém. O contexto que torna a língua possível é também o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo, e usar sua língua de acordo com os seus desejos pessoais. O usuário quer que a língua seja, ao mesmo tempo, a expressão de valores independentes, e uma expressão individual e pessoal do seu *self* (MEY, 2006, pág. 77).

E é exatamente esse desejo de individualidade, que subjaz ao momento em que nos expressamos, que faz com que os falantes coloquem em prática suas reais intenções de pertencer, ou não, a um determinado grupo linguístico. Nota-se, aqui, que as escolhas linguísticas de um indivíduo são capazes de

aproximá-lo de um grupo ou de excluí-lo dali, assim como aconteceu com Pedro.

É nesse contexto de escolhas linguísticas, e de um maior ou menor pertencimento, que casos de variação podem ser, muitas vezes, observados. Para fazer parte daquele grupo que não era o seu, Pedro poderia ter se “ajustado” linguisticamente à realidade social que vivia e à fala do outro, fazendo uso de uma nova variante, com a intenção de ali pertencer.

Vale-nos aqui o conceito de *perFORMANCE* linguística relacionado à construção de uma identidade social. Para Mendes (2012, pág. 115),

por um lado, a linguagem é portadora de significados simbólicos e sociais; por outro, os falantes dão-se conta dessa função simbólica da linguagem e se valem disso para expressar e veicular significados sociais. [...] No esforço por desenvolver uma teoria social da linguagem, começou-se a explorar a possibilidade de que as variantes linguísticas não apenas caracterizam a linguagem de um certo grupo social, mas também podem ser usadas por indivíduos que queiram indicar sua afiliação a uma determinada comunidade.

Partimos, então, desse pequeno exemplo em que situamos o que foi vivido por Pedro para melhor explicitarmos o fato de ser a identidade linguística uma construção individual e social. A partir daí, faz-se importante destacar alguns dos estudos que tratam da relação entre *perFORMANCE* linguística e identidade social, em que claramente notamos a relação estabelecida pelo indivíduo entre sua língua e o meio em que se encontra.

O trabalho desenvolvido por Labov (1972a, 2008) sobre a estratificação social do (r), nas lojas de departamento de Nova York, nos mostra que “a estratificação do (r) é uma propriedade do subgrupo mais homogêneo das três lojas trabalhadas: as vendedoras brancas naturais de Nova York” (LABOV, 2008, p.76). Tal fato nos faz pensar que as mulheres apresentam um discurso mais cuidado, uma vez que “quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como no caso da pronúncia retroflexa em Nova York, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança” (PAIVA, 2003, p.36). Segunda a autora,

as diferenças entre homens e mulheres no uso da variante padrão, a pronúncia retroflexa, são mais acentuadas em estilos de fala mais cuidados, ou seja, naquelas situações

em que o falante dispensa mais atenção à sua própria fala, e são menos expressivas ou tendem a se neutralizar em estilos de fala mais informais, em que emerge de forma mais evidente a variante vernacular. O aumento do índice da variante padrão na fala feminina é proporcional ao aumento do nível de formalidade do discurso. Essa forma de interação parece indicar que a sensibilidade feminina ao valor social das variantes linguísticas é, de certa forma, controlada pela própria situação de discurso (PAIVA, 2003, p.38).

Temos, ainda, os estudos realizados por Trudgill (1974), em que se examinou a pronúncia variável do morfema *-ing* em final de palavra, observando-se que os homens alegavam usar a variante não-padrão [ɪn] e que as mulheres optavam pela variante padrão [ɪŋ]. Para Mendes (2012, p.115),

essa descoberta ilustra o fato de que os falantes de uma língua fazem avaliações acerca dos seus diferentes estilos de fala e que têm alguma consciência delas. Em seu estudo, Trudgill (1974) demonstra que o emprego de uma variante bem como a avaliação de seu emprego, sobretudo no caso dos homens, serviam ao propósito de marcar seu pertencimento a um determinado grupo social, atestando a associação simbólica entre linguagem e comunidade. O autor reconhece que determinados “modos de falar” detêm prestígio social e dá uma das primeiras contribuições para os estudos da linguagem como meio de construção de identidade.

Outro estudo mais atual foi desenvolvido por Mendes (2011), em que se observou o uso do diminutivo por indivíduos gays, na cidade de São Paulo. Esse estudo tinha como pressuposto inicial compreender “o que ouvimos na fala de uma pessoa que nos leva a percebê-la como possível integrante de uma determinada categoria” (MENDES, 2012, pág. 113). A hipótese inicial era a de que o diminutivo guardava correlações com as categorias de sexo/gênero. Por meio de análises quantitativas e qualitativas, chegou-se à conclusão de que mulheres heterossexuais e homens gays fazer maior uso do diminutivo, quando comparados a homens heterossexuais, homens gays “mais masculinizados” e lésbicas “menos femininas”. Assim,

os resultados confirmam a forte correlação existente entre as categorias sexo/gênero e usos do diminutivo no português paulistano. [...] Se por um lado pode-se dizer que a avaliação do “exagero” emergiu experimentalmente e foi coloquialmente empregada, por outro, as análises de usos de diminutivos apresentadas parecem confirmar a hipótese de que eles

podem funcionar como marcadores de gênero/sexo (MENDES, 2012, pág. 123).

Tais estudos nos mostram que “os falantes-indivíduos têm alguma consciência dessa propriedade da linguagem e manipulam-na para a construção de sua identidade social” (MENDES, 2012, pág. 116). Ou seja, o indivíduo pode fazer uso de seu “conhecimento da relação entre traços linguísticos e identidade social, adotando marcas linguísticas para ‘indexar’ sua afiliação a um determinado grupo” (BELL, 2001b apud MENDES, 2012, pág. 116).

É, então, a capacidade que tem um indivíduo de se filiar a uma determinada comunidade, assim como as escolhas linguísticas feitas a partir daí, que nos remetem ao conceito de redes sociais (MILROY, 1980, 2002), definida por Milroy (2002, pág. 410) como o conjunto dos vários relacionamentos estabelecidos por um indivíduo com outras pessoas. É por meio da análise das redes sociais que se examina as diferentes estruturas e propriedades desses relacionamentos¹¹, compreendendo-se, assim, como diferentes variedades linguísticas, muitas vezes não padrão, são ali mantidas. Segundo Milroy (2002, pág. 412),

Um postulado fundamental da análise de rede é que os indivíduos criam comunidades pessoais que proporcionam um quadro significativo para resolver os problemas da vida diária (Mitchell 1986: 74). Estas comunidades pessoais são constituídas por laços interpessoais de diferentes tipos e forças, e as relações estruturais entre as ligações podem variar¹².

¹¹ “An individual's social network is straightforwardly the aggregate of relationships contracted with others, and social network analysis examines the differing structures and properties of these relationships”. (MILROY, 2002, pág. 410)

¹² Tradução própria – “a fundamental postulate of network analysis is that individuals create personal communities which provide a meaningful framework for solving the problems of daily life (Mitchell 1986: 74). These personal communities are constituted by interpersonal ties of different types and strengths, and structural relationships between links can vary. Particularly, the persons to whom ego is linked may also be tied to each other to varying degrees—ego being the person who, for analytic reasons, forms the “anchor” of the network. A further postulate with particular relevance to language maintenance or change is that structural and content differences between networks impinge critically on the way they directly affect ego. Particularly, if a network consists chiefly of strong ties, and those ties are multiplex or many-stranded, and if the network is also relatively dense—i.e. many of ego's ties are linked to each other—then such a network has the capacity to support its members in both practical and symbolic ways”.

Sendo assim, quanto mais fortes forem as relações estabelecidas entre um indivíduo e os outros membros de uma dada comunidade, mais resistente esta rede será às mudanças. Ao contrário disso, quando se tratarem de relações fracas e pouco densas, mais suscetíveis estarão aos casos de mudança linguística. Embora não se possa alegar ser a rede pessoal de um indivíduo independente de estruturas sociais, políticas ou econômicas mais amplas, torna-se também inviável tratar dos estudos que envolvem as redes sociais como sendo macrocategoria, assim como acontece, por exemplo, com as classes sociais (MILROY, 2002, pág. 411).

Por tal motivo, a rede social é mais bem tratada como um meio de captar a dinâmica subjacente dos comportamentos interacionais do orador do que como uma categoria social fixa. Assim, dependendo do interesse que tem um indivíduo em se relacionar com outro, dentro de uma comunidade, este fará uso de uma ou outra variedade linguística, com a intenção de ali pertencer.

Mais uma vez, somos remetidos ao conceito de identidade, sendo esta construída a partir da negociação dos significados da experiência de pertença a diferentes grupos sociais (WENGER, 1998 apud BATTISTI, 2014, pág. 81). Ou seja, o indivíduo vê-se responsável por pertencer ou não a um grupo social, baseando-se, para isso, em seus interesses pessoais e sociais e nas relações estabelecidas com os outros membros de tal comunidade. Serão essas relações que determinarão aqueles que farão parte de sua rede social, assim como as escolhas linguísticas por ele adotadas. Quando se trata de questões de identidade, “ao mesmo tempo que não se deve reduzir os falantes a uma única dimensão social, não se deve superestimar o papel agentivo do falante da construção de sua própria identidade” (OUSHIRO, 2015, pág. 25).

Faz-se importante, então, tratar a identidade linguística de um indivíduo como resultado de uma criação individual e social. Aqui, somos remetidos, novamente, às questões relativas à “identidade e diferença”, em que, por meio de suas relações pessoais “o falante define sua identidade linguística não através do “eu sou”, mas sim através de “eles são”, ou seja, definem-se pela sinalização discursiva de que não pertencem a certas categorias sociais” (OUSHIRO, 2015, pág. 30).

Ainda que não seja possível aplicar diretamente os conceitos de comunidades de prática e redes sociais aos textos escritos aqui analisados, é

possível partir do pressuposto de que elementos comuns “unam” os leitores das revistas para as quais escrevem, assim como relações comuns entre os indivíduos de uma dada comunidade também os unem. Configura-se, assim, um novo grupo de indivíduos, que encontra nas revistas respostas comuns às suas dúvidas que também são comuns, já que os temas ali trabalhados giram sempre em torno dos mesmos assuntos.

Estudos anteriores (MARINE, 2009; BUENO, 2014) demonstraram a forte relação dialógica estabelecida entre as revistas femininas e suas leitoras. Através das perguntas enviadas, foi possível notar o grande envolvimento das leitoras para com as revistas, já que elas esperam por dicas, conselhos e soluções sobre como lidar com determinados problemas ou desafios. Para Bueno (2014, pág. 62),

ao se considerar as relações dialógicas como relações entre índices sociais de valor, entende-se que há uma interação social nas relações estabelecidas, sendo exatamente isso o que acontece com as cartas de leitoras. Elas buscam por alguém que compreenda seus momentos de dificuldades e dúvidas e se espelham nas respostas oferecidas para encontrar pontos de equilíbrio, tornando muitas vezes aquilo que é falado como referência, constituindo, assim, subsídios para suas identidades. As leitoras sentem-se extremamente à vontade para expressarem aquilo que pensam e sentem, como se, de fato, houvesse um relacionamento seguro entre elas e a revista. E, para as revistas, isso se torna algo fundamental, pois é dessa relação sincera que elas precisam para manter, do outro lado, suas leitoras e, também, consumidoras.

Isso significa que o “outro” é responsável pela constituição do “eu” e que é por meio desse diálogo com o “outro” que o “eu” é capaz de construir sua identidade. Aqui, é possível expressar o conceito de alteridade, necessário, então, para que o “eu” se constitua (BAKHTIN, 1995; 2003). É nesse sentido que se torna possível identificar o diálogo estabelecido entre as leitoras de revistas femininas e também entre essas mesmas leitoras e as revistas para as quais escrevem em busca de respostas responsáveis pela formação de suas identidades.

Para este estudo, ampliamos o nosso universo de pesquisa e, agora, trabalhamos com diferentes leitores – homens e mulheres, brasileiros e portugueses. Estabelecemos como hipótese que tais leitores continuem

buscando, nas respostas oferecidas pelas revistas, por significados ideológicos capazes de constituírem os seus “eus”. Será com base nesses pressupostos e por meio de um olhar mais minucioso, que encare as categorias sociais agora como microcategorias, que conduziremos, mais adiante, a análise das cartas desses leitores.

1.4 A minha pátria é a língua portuguesa

Iniciamos esta subseção elucidando parte do que foi dito por Fernando Pessoa, no Livro do Desassossego (1989), quando este afirma ser a sua pátria a língua portuguesa, para tratarmos aqui de algumas questões relacionadas à chamada identidade nacional. Com essa afirmação, o poeta português faz-nos refletir sobre a definição de pátria e como esta se configura, assim como a importância de uma língua em sua constituição. Entender e relacionar a conceptualização de pátria (ou nação) e língua não é tarefa simples, mas importante, pois nos remete ao conceito de identidade nacional – relevante aqui quando tratamos das cartas de leitores brasileiros e portugueses e da relação estabelecida, por meio da linguagem, entre estes e as revistas com as quais se correspondem.

A ideia de identidade nacional teve início no século XVIII e desenvolveu-se plenamente apenas no século XIX, após a instituição das variadas nações que constituem o mundo atual (FIORIN, 2011, pág. 119). Segundo Fiorin (2011, pág. 119), “antes dessa época não se pode falar em nações propriamente ditas, nem na Europa, nem em outras partes do mundo”. A partir daí, “nação” começa a ser entendida como autodescrição da cultura patrimonial de uma sociedade, que pode se apresentar a partir de uma consciência de unidade identitária ou como forma de alteridade, buscando demonstrar a diferença em relação a outras culturas (FIORIN, 2011). Assim, ao tratarmos do estabelecimento das identidades nacionais, percebemos que são comuns os estudos baseados nos essencialismos culturais. Para Silva (2014, pág. 85),

As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma “comunidade natural” em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário

criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum.

Thiesse (1999, pág. 12) complementa esse raciocínio ao afirmar que “a nação é uma herança, simbólica e material”. Assim, “pertencer a uma nação é ser um dos herdeiros desse patrimônio comum, reconhecê-lo, reverenciá-lo” (THIESSE, 1999, pág. 12). “A nacionalidade é, portanto, uma identidade” (FIORIN, 2011, pág. 119). Além disso, “a identidade nacional é composta de traços comuns a comunidades que têm outras identidades” (FIORIN, 2011, pág. 121), o que nos faz pensar na situação identitária de Brasil e Portugal, unidos por uma mesma língua.

Segundo Woodward (2014, pág. 11), “a afirmação das identidades nacionais é historicamente específica” e podemos notar isso quando observamos os processos que se deram aqui e lá. Em Portugal, foi o Marquês de Pombal quem teve papel relevante na criação de uma identidade linguística, devido a sua “nítida consciência da função da linguagem no forjamento de uma identidade comum” (FIORIN, 2011, pág.127-128). Pombal tem uma visão moderna das funções simbólicas do idioma, instituindo, com isso, o Diretório dos Índios, de 3 de maio de 1757. “Nele, exige-se que a língua geral deixe de ser usada e que o Português assuma seu lugar em todos os atos públicos da colônia” (ALMEIDA apud FIORIN, 2011, pág. 128). Segundo Fiorin,

a língua nacional tem uma função prática, expressa por seu uso na administração, no ensino, etc., e uma função simbólica, a de encarnar a nação (THIESSE, 1999, pág. 70). A criação de uma língua nacional obedece a estratégias muito distintas: escolha de um dialeto, seja por sua posição linguística média, seja pela situação dominante em termos econômicos e sociais; estabelecimento de uma *koiné*; forjamento de uma língua moderna, com inovação semântica e normatização gramatical (FIORIN, 2011, pág. 128).

Já no Brasil, o processo de construção de uma identidade nacional começa com a nacionalização de Pedro I, que renuncia a Portugal e assume a nacionalidade brasileira. Depois disso, a literatura teve papel fundamental nesse processo, com especial destaque para o romântico José de Alencar, autor de obras que retrataram, de fato, o povo brasileiro e suas peculiaridades,

desvinculando-o de Portugal, seu colonizador¹³. A independência linguística dos padrões portugueses, para o Brasil, era tão importante quanto a independência política (FIORIN, 2011, pág. 129).

Para o Brasil afirmar-se como nação era preciso mostrar sua identidade linguística e, por conseguinte, a distinção entre o Português falado em Portugal e o português brasileiro. Falávamos (como falamos ainda) português. Contudo, era necessário demarcar a diferença da língua falada no Brasil. Falava-se português sim, mas um português diferente (ALENCAR, 1965, pág. 260). O Guarani mostra, além da fundação da nacionalidade, a identidade da língua falada no Brasil, que é correlata à do homem brasileiro, cuja origem o romance descreveu. Não se trata do português tal como é falado em Portugal, mas de um português modificado pela natureza brasileira (ALENCAR, 1995, pág. 116-117). A língua falada no novo país é um reflexo, na pronúncia, na sintaxe e no léxico, das suavidades e asperezas da natureza da América (FIORIN, 2011, pág. 128-129).

Juntamente com a língua, é central a construção de outros símbolos nacionais, entre os quais se destacam os mitos fundadores (SILVA, 2014, pág. 85). Os mitos, aqui, são exemplos importantes de essencialismo cultural, uma vez que são responsáveis por nos “ajudar a compreender a época em que foram forjados”, construindo identidades por meio de heróis fundadores – como Peri que, ao salvar Cecília de uma grande inundação, une-se a ela e dão origem a um casal formado por um índio que aceitara os valores cristãos e uma portuguesa que aceitara os valores do Novo Mundo¹⁴ – que mitificassem a origem do povo (FIORIN, 2011, pág. 126). Segundo Silva (2014, pág. 85)

fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são “verdadeiros” ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante certa estabilidade e

¹³ É importante lembrar que, por outro lado, houve também um projeto da elite oitocentista de criação de uma norma brasileira pautada em uma norma portuguesa imaginada, em que tudo que fosse marca brasileira, e que pudesse ser associado à nossa realidade mestiça, foi rejeitado.

¹⁴ ALENCAR, José de. *O Guarani*. 19 ed. São Paulo: Ática, 1995.

fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia.

Aos observarmos os processos históricos de construção de identidades, brasileiro e português, notamos que são eles, de fato, bastante singulares e específicos, o que faz com que nos questionemos a respeito do até então elemento unificador desses dois países – a língua portuguesa.

Brasil e Portugal, como já sabemos, pertencem à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), entendida como um “espaço jurídico, político, econômico, financeiro, monetário, mas não um espaço identitário” (FIORIN, 2011, pág. 122). Ainda que Brasil e Portugal se assemelhem devido ao idioma neles proferido, falta-lhes um elemento comum, um “patrimônio simbólico” (FIORIN, 2011, pág. 122), que proponha a seus indivíduos interesses também comuns. Assim, percebemos que a língua portuguesa pode não ser elemento capaz de “unir”, de forma identitária, esses dois povos, podendo ser, sob alguns aspectos, um elemento diferenciador. Para Fiorin,

o Brasil representou uma das primeiras experiências bem sucedidas de criar uma nação fora da Europa. A nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade. O grande outro (sem trocadilhos lacanianos) da criação da nacionalidade brasileira é Portugal (FIORIN, 2011, pág. 123).

Assim, ainda que tanto brasileiros quanto portugueses tenham a língua portuguesa como “língua mãe”, a relação desses indivíduos com sua língua não é exatamente a mesma. Isso devido às diferentes consciências identitárias de cada um deles e dos diferentes processos de criação de tal identidade nacional, no Brasil e em Portugal.

Para ilustrarmos tais afirmações, podemos citar alguns dos resultados encontrados no teste de percepção elaborado por Bueno (2014), em que brasileiros e portugueses demonstraram carregar diferentes entendimentos quanto às aplicações das normas propostas por algumas gramáticas – considerando, aqui, que os conteúdos das tradicionais gramáticas brasileiras e

portuguesas utilizadas para o desenvolvimento deste teste são praticamente os mesmos (BUENO, 2014).

Nesse sentido, este teste de percepção foi entendido como um meio eficaz de se aproximar da variedade de cada falante (brasileiro e português), sendo possível, assim, avaliá-las a fim de se justificar as diferenças e semelhanças já evidenciadas por Bueno (2014) em análises anteriores, presentes nesse mesmo trabalho¹⁵. Foram elaboradas questões que abordassem, de forma bastante prática, o emprego das preposições **a**, **até**, **em** e **para** em situações próximas daquelas pesquisadas: as ocorrências de predicadores verbais que tivessem um complemento preposicionado veiculando valor de meta. Essas questões foram elaboradas de forma bastante direta, todas elas apresentando, como alternativa de resposta, casos com cada uma das quatro preposições selecionadas, para que o informante pudesse, de acordo com a sua percepção de língua, escolher a que lhe parecesse mais “apropriada”.

O teste foi respondido por 450 informantes, sendo, então, 173 brasileiros e 277 portugueses e merecem maior destaque aqui os resultados encontrados junto aos verbos de direção (cf. Bueno, 2014). De modo bastante geral, percebeu-se que, para os brasileiros, as preposições **a** e **para** apresentam praticamente os mesmos valores, sendo que nenhuma diferença de sentido entre elas é abordada. Já para a maioria dos portugueses, **a** indica uma não permanência em um lugar, ao contrário de **para**, que evidencia essa permanência. A preposição **até**, para a maioria dos dois tipos de informantes, traz a ideia de um limite até o qual se vai. A preposição **em**, apesar de não selecionada por nenhum brasileiro, não recebeu nenhum tipo de comentário

¹⁵ Em seu trabalho, Bueno (2014) estudou a variação de preposições em textos de cartas de leitoras de revistas femininas atuais, brasileiras e portuguesas. Para tanto, foram levadas em consideração as mudanças sintáticas, sendo posteriormente selecionadas quatro preposições – **a**, **até**, **em** e **para** – identificadas como variantes em contexto de complementação verbal no português. Essa pesquisa teve como objetivo estabelecer uma possível relação entre alternâncias na organização dos constituintes de uma sentença em revistas femininas que trabalham com variedades do português brasileiro (PB) e europeu (PE), buscando evidenciar os casos de variação linguística por meio da análise das cartas de leitoras presentes nesses veículos de comunicação. Quanto aos resultados obtidos, de modo geral, foi possível observar a prevalência das preposições **até**, **em** e **para** (56% - 183 dados) no PB, enquanto que no PE a preposição **a** (80% - 196 dados) mostrou-se predominante. Por meio da análise mais minuciosa desses resultados, considerando-se os tipos verbais trabalhados e seus complementos, tornou-se possível afirmar que as diferenças existentes entre o PB e o PE, quando tratamos dos usos dessas preposições, são sustentadas, cada qual, por suas respectivas normas linguísticas.

por parte destes, enquanto que os portugueses afirmaram, em sua maioria, que esse tipo de construção é exclusivo do português brasileiro e, então, inexistente em Portugal.

Quando questionados sobre a construção “Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo”¹⁶, os seguintes resultados foram encontrados: nos dados portugueses, dos 277 questionados, vemos entre as repostas mais assinaladas que 150 (54,1%) deles não utilizam essa construção porque a consideram incorreta e outros 72 (26%) não conhecem esse tipo de construção verbal. Em relação às respostas dadas por brasileiros, 85 (49,2%) deles afirmaram fazer uso dessa construção apenas em situações informais, enquanto que 62 (35,9%) informantes disseram usar essa construção em qualquer situação, porque lhes parece algo normal e comum.

Por outro lado, quando questionados sobre a forma como utilizavam a frase: “Há dias fui ao cinema com meu grupo de amigos”, dos 277 portugueses respondentes, 153 (55,2%) deles disseram utilizar essa construção em qualquer situação porque lhes parece algo normal e comum. Tal resultado mostrou-se bastante positivo e válido, uma vez que isso possibilitou a compreensão de por que os falantes do PE dão preferência ao uso da preposição **a**.

Foi possível inferir que essa preferência pela preposição **a**, apesar de não ser aleatória – já que outras preposições acabam sendo desconsideradas por eles –, pode se dar sem que levem rigidamente em conta os pressupostos estabelecidos pelas gramáticas, ainda que tais escolhas coincidam com os conteúdos por estes manuais.

Com a ajuda desses resultados, Bueno (2014) confirmou a hipótese de que os informantes portugueses conhecem, obviamente, a norma-padrão, mas não a consideram em sua totalidade no momento de escolha entre uma ou outra preposição, principalmente pelo fato de justificarem a preferência pelas

¹⁶ **Questão 09.** O que você diria sobre a frase: “Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo”?

Não a uso porque é uma construção incorreta

Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.

Uso essa construção apenas em situações informais.

Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.

Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.

construções com a preposição **a** por serem elas “algo normal e comum”, o que faz com que suas escolhas sejam, então, pautadas por uma norma de uso.

Sobre os informantes brasileiros, dos quais se esperava um uso maior das preposições **até**, **em** e **para**, quando comparado à preposição **a**, ocorre a possibilidade de terem avaliado o teste de percepção como uma situação mais formal (o que condiz com uma escolha maior de **a**), do que aquela utilizada pelas leitoras das revistas ao escreverem suas cartas (o que favoreceu o uso de **até**, **em** e **para**). Tal fato interfere nos resultados fornecidos pelo teste e pela análise das cartas, mas reforça a ideia de que fatores extralinguísticos podem influenciar a escolha dessas preposições.

Assim, esse estudo, de certa forma, reforça a ideia, anteriormente descrita, de que brasileiros e portugueses encaram a mesma língua por eles falada, de modos diferentes, o que nos faz pensar que o sentimento de identidade nacional cultivado por cada um deles é também diferente. Ainda que brasileiros e portugueses em muito se assemelhem pela língua portuguesa, não se pode deixar de considerar o quanto questões relativas à identidade nacional podem interferir nessa suposta “igualdade”.

Assim, pode ser verdade afirmar que “a minha pátria é a língua portuguesa”, desde que essa língua portuguesa não seja entendida como única e exclusiva, mas sim caracterizada pelos processos históricos individuais e particulares de cada uma dessas duas pátrias que a carregam. É, então, diante dessas diversidades, que percebemos a dificuldade de se estabelecer uma identidade lusófona, considerando aqui Portugal como o colonizador e o Brasil como herdeiro de sua língua. Mas, muito além disso, notamos que é por meio da compreensão do outro como “diferente” de si que se constrói a identidade nacional desses dois povos, ponto de extrema importância em nossos estudos.

1.5 Aproximando “sexo/gênero” das questões identitárias

Os primeiros estudos sobre identidade linguística baseavam-se em modelos estratificados de fala da população, de acordo com a região, idade, sexo, ocupação, classe social e etnia, sendo também os fatores extralinguísticos avaliados por meio de uma análise quantitativa (LABOV, 1972b, 1972d, 1972e). Foram estes estudos os primeiros a explorar a

sistematicidade da relação existente entre os construtos sociais e linguísticos (MENDOZA-DENTON, 2003).

Entretanto, ao se investigar mais a fundo as questões identitárias, nota-se que tal caminho, muitas vezes, pode não ser suficiente para que se compreenda de que forma a identidade de um indivíduo pode também se constituir a partir de seus usos linguísticos. Assim, olhar para o meio em que se encontram tais indivíduos e para as suas práticas ali situadas (ao invés de se considerar apenas determinadas categorias formais de análise) faz-se extremamente importante para se compreender a identidade como sendo multivariada (MENDOZA-DENTON, 2003).

Entender a identidade como multivariada é o mesmo que não compreendê-la como fixa e uma única vez determinada. Ao contrário, a identidade pode ser continuamente negociada (WENGER, 1998) e não definida em um momento específico da vida de um indivíduo. Ao falarmos sobre sexo/gênero e suas relações com as questões identitárias, precisamos levar em consideração exatamente esse aspecto multivariado e dinâmico, além de pensarmos a respeito de uma possível crise de identidades. Para isso, é importante observarmos de que modo foi sendo construída e trabalhada a relação entre língua e sexo/gênero, para que possamos, por fim, abordar aspectos relacionados à, então, identidade de gênero.

Interessam-nos, aqui, os estudos de Labov (1991, pág. 205-206) que tratam da existência de dois princípios gerais da diferenciação sexual que emergem de estudos sociolinguísticos anteriores: (i) em situações de estratificação sociolinguística estável, os homens usam, com maior frequência do que as mulheres, formas não padronizadas; (ii) na maioria das situações de mudança linguística, mulheres usam com maior frequência formas inovadoras. A partir desses dois pressupostos, questiona-se, então, por que homens e mulheres são diferentes em relação a esses aspectos e como tal diferenciação sexual afeta o curso da história da língua (LABOV, 1991, pág. 206).

Sobre o primeiro pressuposto, diz-se que os homens, por serem menos influenciados pelos estigmas sociais, usam com maior frequência as formas não padrão. Ou, ao contrário, as mulheres usam com mais frequência as formas padrão, já que respondem ao maior prestígio associado a elas. Quanto a isso, podemos ainda falar sobre os casos de mudanças e suas relações com

a estratificação socioeconômica, resultando nas mudanças vindas de cima e as mudanças vindas de baixo.

As mudanças vindas de cima surgem em torno dos grupos socioeconômicos superiores e de maior prestígio, podendo seguir a direção das normas socialmente aceitas dentro de uma comunidade de fala. Labov (1991, pág. 213) nos diz, então, que nos casos das mudanças vindas de cima, as mulheres se mostram favoráveis às formas de prestígio e, conseqüentemente, à mudança. Para o autor,

Como as mudanças de cima compartilham muitas das propriedades de variáveis sociolinguísticas estáveis, não é surpreendente que o papel dos sexos seja semelhante, e as mulheres conduzam tanto à aquisição de novos padrões de prestígio quanto à eliminação de formas estigmatizadas. A importação de um novo padrão de prestígio é essencialmente a adoção de uma norma externa à comunidade de fala, e os grupos com alta insegurança linguística são mais sensíveis a tais normas. Os mesmos grupos são mais suscetíveis à eliminação das formas estigmatizadas, que ocorre sob a vigilância dos grupos dominantes reconhecidos publicamente (LABOV, 1991, pág. 213)¹⁷.

Algumas explicações seguiram, então, buscando compreender a diferenciação sexual da linguagem expressa por este primeiro pressuposto. Muito se fala sobre o comportamento feminino, dito mais expressivo do que o comportamento dos homens. Segundo Labov (1991, pág. 214), isso acontece porque as mulheres dependem mais de um capital simbólico do que os homens por possuírem menos poder material. O mais interessante é que nenhum argumento sociolinguista enxerga este comportamento das mulheres como uma forma de superioridade ou vantagem, ainda que, na visão popular, tal fato sugira que as mulheres falem “melhor” ou “mais corretamente” do que os homens. Para Labov (1991, pág. 214), “os efeitos do Princípio I dificilmente

¹⁷ Tradução própria – “Because changes from above share many of the properties of stable sociolinguistic variables, it is not surprising that the role of the sexes is similar, and women lead in both the acquisition of new prestige patterns and the elimination of stigmatized forms. The importation of a new prestige pattern is essentially the adoption of a norm external to the speech community, and groups with high linguistic insecurity are most sensitive to such norms”. The same groups are most susceptible to the elimination of stigmatized forms, which takes place under the vigilant stewardship of the publicly recognized dominant groups.” (LABOV, 1991, pág. 213)

podem ser vistos como a causa, mas sim um sintoma de uma prontidão geral e oportunidade de tirar proveito das normas comunitárias prevaletentes”.

Quanto ao segundo pressuposto estabelecido por Labov (1991), sabe-se que nos casos de mudanças vindas de baixo, as mulheres são, frequentemente, inovadoras. Estas mudanças atuam por debaixo do nível de conhecimento consciente e apenas são reconhecidas pelos falantes quando se encontram em um estado avançado de propagação. Ainda assim, podem ascender pela escala social e chegar a ser parte do repertório de falantes de níveis superiores.

São vários os estudos que levam em conta do papel do gênero (cf. Gauchat, 1905; Hermann's, 1929; Labov, 1966; Luthin, 1987; Trudgill, 1974b; Bauer, 1982) e todos mostram que a diferenciação sexual é uma situação dinâmica (LABOV, 1991, pág. 218) em que, dependendo do estágio da mudança, é possível identificar mulheres liderando a mudança ou homens à frente das mulheres, ainda que em nenhum desses casos se veja “uma diferenciação estável do sexo” (LABOV, 1991, pág. 218).

Em estudos posteriores, considerando as mudanças vindas de cima (com consciência social) e aquelas vindas de baixo (sem consciência social) e os princípios de recorrência de uso de homens e mulheres, Labov (2001a) estabelece o paradoxo do gênero, em que “mulheres assumem um comportamento mais conformista do que os homens a normas sociolinguísticas que são abertamente prescritas, mas menos conformistas do que estes quando as normas não são abertamente prescritas” (FREITAG, 2015, pág. 16).

É interessante observar, a partir das situações acima elucidadas, que mesmo quando se tratava de uma relação, quase que exclusiva, entre língua e a macrocategoria “sexo”, o contexto socio-histórico de cada falante mostrava-se, de certa forma, presente. Mulheres são mais ou menos suscetíveis às mudanças porque, devido ao seu histórico de lutas e reconhecimento, entendem, ainda que inconscientemente, que determinados usos linguísticos podem conferir-lhes certo prestígio. Do mesmo modo, homens são mais ou menos suscetíveis às mudanças por não sofrerem com as pressões e os estigmas sociais.

Entendemos, assim, que o meio em que um determinado indivíduo encontra-se inserido é, sim, capaz de interferir em suas escolhas linguísticas, o

que, posteriormente, nos remeteria ao conceito de identidade. Ao relacionarmos, então, identidade e língua, passamos a entender “sexo”, agora, como uma microcategoria, o que nos leva à conceituação de “sexo/gênero”, em que o “gênero” é analisado na perspectiva de uma categoria social e não mais, exclusivamente, biológica. A partir desse momento, não apenas relacionamos língua e “sexo/gênero”, mas tratamos também das questões identitárias que os envolvem e somos, assim, remetidos à chamada identidade de gênero.

Cabe aqui ressaltar que são inúmeras as vertentes que abordam questões voltadas à identidade de gênero, podendo esta ser estudada sob os vieses biológico, psicológico e social. Para este trabalho, optamos por um embasamento teórico que tome como referência o viés social, pois consideramos que, com isso, conseguimos nos aproximar com maior clareza daquilo que, aqui, nos interessa: relacionar determinados usos linguísticos às identidades de seus falantes. Sendo assim, não desconsideramos a importância dos vários estudos que tratam da identidade de gênero sob outro olhar, além de destacarmos que não nos aprofundaremos em tais questões como poderíamos, tendo sempre em vista o objetivo acima citado.

Por desejarmos abordar “sexo/gênero”, agora, como microcategoria, tornam-se mais familiares a nós as teorias que contribuem para um posicionamento crítico a respeito das oposições binárias de feminino e masculino e da definição estritamente biológica da categoria “sexo”. Buscando aportes que auxiliem a nossa compreensão acerca das questões identitárias, nos basearemos, então, para as discussões que seguem, em uma teorização cultural contemporânea sobre gênero e sexualidade, sendo esta responsável por questionar os processos de fixação de identidade.

1.5.1 A identidade de gênero e suas (in)constâncias

O que pode então significar “identidade”, e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes? Mais importante, como essas suposições impregnam o discurso sobre as “identidades de gênero”? (BUTLER, 2016, pág. 42).

Já tratamos, anteriormente, do fato de a identidade e a diferença serem “o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2014, pág. 81), o que significa que são elas, identidade e diferença, construídas a partir de relações sociais. Sendo assim, segundo Silva (2014, pág. 81), a definição – discursiva e linguística – de identidade “está sujeita a vetores de força, a relações de poder”. Do mesmo modo, essas relações de poder “não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não vivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas” (Silva, 2014, pág. 81).

A essas afirmações trazemos, agora, os questionamentos de Butler (2016), com o intuito de reforçarmos o conceito de identidade como multivariada, sendo esta manifestada em um regime de diferenças, em um jogo de referências, contrário àquilo que é fixo ou uma única vez determinado. Tentamos, assim, traçar algumas possíveis respostas às perguntas de Butler (2016), não acreditando serem as identidades persistentes, unificadas ou internamente coerentes. É com base em tais pressupostos que buscamos compreender, por meio da linguagem, as relações existentes entre as questões identitárias, sexo/gênero e suas instabilidades.

Se considerarmos a identidade e a diferença “produtos de atos de criação linguística” (SILVA, 2014, pág. 77) e sabendo que a linguagem é instável, passamos a ver a identidade e diferença também como instáveis e inconstantes. Isso significa que a identidade e a diferença são criadas por meio de atos de linguagem, sendo, aqui, a linguagem construída a partir de um sistema de diferenças. Ou seja, quando um indivíduo afirma algo sobre ele próprio, concomitantemente, ele também afirma algo sobre aquilo que ele não é. Entendemos, dessa forma, que, assim como a identidade, a língua também se constrói por meio de um “sistema de diferenças” (SILVA, 2014, pág. 78).

É preciso cuidado, entretanto, pois ao afirmarmos que tanto a identidade como a língua se constroem baseadas em um sistema de diferenças, afirmamos também que “nenhum signo pode ser reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade” (SILVA, 2014, pág. 79). Aqui, o conceito de *différence*, abordado pelo pós-estruturalista Jacques Derrida (1991) faz-se presente, mostrando-nos que tanto identidade quanto linguagem são estruturas pouco seguras ou estáveis. Prova disso se dá quando procuramos pelo significado de uma

palavra no dicionário: este traz definições ou sinônimos daquilo que desejamos, mas não nos traz exatamente aquilo que procuramos. Em outras palavras, “a definição do dicionário simplesmente nos remete para outras palavras, ou seja, para outros signos” (SILVA, 2014, pág. 79). Segundo Silva,

[...] na impossibilidade da presença, um determinado signo só é o que é porque ele não é um outro, nem aquele outro, etc., ou seja, sua existência é marcada unicamente pela diferença que sobrevive em cada signo como traço, como fantasma e assombração, se podemos assim dizer. Em suma, o signo é caracterizado pelo diferimento ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos), duas características que Derrida sintetiza no conceito de *différance* (*sic*) (SILVA, 2014, pág. 80).

Sendo assim, a identidade (e também o signo), serão sempre marcados tanto por aquilo que se deseja mostrar, quanto por aquilo que é automaticamente “excluído” por ser diferente. Entretanto, esse “algo” excluído não pode ser descartado, já que é imprescindível para a compreensão daquilo que se deseja destacar como parte de si. Dessa forma, a identidade é construída por meio de escolhas que se baseiam não só nos desejos e nas interferências do meio, mas também na diferença.

Essa mesma lógica pode ser aplicada àquilo que chamamos de identidade de gênero: dizer-se pertencente ao gênero “masculino” significa, naquele momento, também dizer-se não pertencente ao gênero “feminino”. Entendemos, assim, a identidade de gênero como aquela que faz referência ao modo como o indivíduo se reconhece dentro e diante dos padrões estabelecidos pela sociedade. Isso significa que aquilo que define determinado gênero é algo mutável, já que são os desejos de cada indivíduo que o movem em direção àquilo que escolhe ser, de forma flexível e multivariada, assim como se constitui também a sua identidade.

Já que pressupomos, aqui, ser a identidade múltipla e instável, conseqüentemente, ao relacionarmos as questões de gênero às questões identitárias, hipotetizamos ser inviável adotar duas únicas classes opostas para tratar daquilo que é “feminino” e “masculino”, assim como faz a macrocategoria “sexo”.

Consideramos, então, ser a identidade *performativamente* construída (BUTLER, 2016), o que, mais uma vez, ressalta o papel agentivo do falante diante desse processo. Isso significa que o indivíduo é responsável pela construção de sua própria identidade, de acordo com aquilo que guia os seus sentidos e desejos em um determinado momento. Para Silva (2014, pág. 92),

o conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para a ideia de “tornar-se”, para uma concepção da identidade como movimento e transformação.

O conceito de performatividade bastante nos interessa, uma vez que este pode relacionar-se tanto com o término de uma identidade como com a formação de outras. A formulação inicial desse conceito surgiu com J. A. Austin (1998), que defendia o fato de que a linguagem não se limita apenas a descrever uma ação, uma situação ou estado de coisas. Para ele, a linguagem “tem pelo menos uma outra categoria de proposições que não se ajustam a essa definição: são aquelas proposições que não se limitam a descrever um estado de coisas, mas que fazem com que alguma coisa aconteça” (SILVA, 2014, pág. 92). Estas são chamadas de proposições *performativas*. Segundo Silva,

Em seu sentido estrito, só podem ser consideradas performativas aquelas proposições cuja enunciação é absolutamente necessária para a consecução do resultado que anunciam. Entretanto, muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas. Assim, por exemplo, uma sentença como “João é pouco inteligente”, embora pareça simplesmente ser descritiva, pode funcionar – em um sentido mais amplo – como *performativa*, na medida em que sua repetida enunciação pode acabar produzindo o “fato” que supostamente apenas deveria descrevê-lo.

É com base nesse sentido mais amplo de *performatividade* que Butler (2016) o relaciona com as questões de identidade. Para a autora, ao afirmarmos algo sobre determinada característica identitária de um grupo, contribuimos para definir ou reforçar tal identidade, já que tudo aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos. Muitas vezes, acreditamos apenas descrever um determinado indivíduo, quando na verdade

contribuímos para que sua identidade seja reforçada. Ao empregarmos, por exemplo, a palavra racista “negrão” para se referir a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos apenas descrevendo tal pessoa, mas “inserindo-nos em um sistema linguístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade ‘negra’” (SILVA, 2014, pág. 93). Assim, para Silva (2014, pág. 93),

a eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção de identidade.

Depois, indo mais além, ao tratar das questões de identidade de gênero, Butler (2016) problematiza a dicotomia sexo/gênero, não acreditando ser o sexo algo meramente biológico e nem o gênero apenas culturalmente determinado. É interessante pensar que a categoria sexo pode ser também socialmente determinada, principalmente quando relacionamos este fato às principais dúvidas trazidas pelos leitores, em suas cartas. Veremos, adiante, que leitores das revistas masculinas apresentam dúvidas, até então, pertencentes a um universo feminino – ou assim socialmente determinadas. As dúvidas “masculinas” poderiam ser vistas como “femininas”, se partíssemos dessa dualidade biológica expressa pela categoria sexo – homem/mulher.

Aqui, faz-se importante a afirmação de Butler (2016, pág. 27), que diz que assim como o gênero, o sexo não é apenas biológico, mas também socialmente construído. Essa afirmação, junto de outras questões abordadas por movimentos pós-feministas, viabiliza a possibilidade de se pensar não apenas em uma identidade de gênero, mas sim em uma identidade social, em que os gêneros seriam traços relevantes entre outros não menos importantes. Quanto a isso, Butler (2016, pág. 27) questiona-nos:

E o que é, afinal, o “sexo”? Teria o sexo uma história ou histórias diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos

discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.

Aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado constituído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito, determinando-o – assim como o sexo – como um sujeito binário (masculino/feminino). Para a autora,

a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2016, pág. 26).

Sabemos que a identidade é uma criação cultural e social, mas segundo as afirmações de Butler (2016), não é esta exclusivamente determinada pelo meio, em um único e exclusivo momento. Isso quer dizer que a identidade não é, em determinado momento, concebida e, por isso, invariável a partir daí. A identidade é fruto do meio cultural e social em que se encontra certo indivíduo, pois é esse mesmo meio que rege suas escolhas, seus desejos e suas vontades. Então, esse indivíduo, guiado pelo meio em que se encontra, determina aquilo com o que se identifica e aquilo do que se diferencia. E isso pode, constantemente, ser alterado, pois a identidade é vista, aqui, como multivariada.

A partir disso, estendemos esse raciocínio às questões de sexo/gênero, em que nenhuma dessas duas categorias – sexo e gênero – é absolutamente estável. Quando falamos, então, sobre identidade de gênero, falamos sobre como o indivíduo se enxerga e se sente em determinado momento, guiado pelo meio cultural e social em que se encontra e como isso interfere em suas escolhas, aquilo que deseja ser e, ao mesmo tempo, aquilo que se recusa a ser. Com isso, compreendemos que a identidade de gênero não é uma única

vez estabelecida, podendo esta alterar-se continuamente, por meio desse jogo, interdependente, que perfaz as questões de identidade e diferença.

Ainda que existam diversas práticas reguladoras da identidade – que se baseiam na polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo (BUTLER, pág. 29) –, como as imposições sociais, políticas e culturais que ditam regras de comportamento e tentam aproximar a identidade de algo fixo (BUTLER, 2016, pág. 41), para Butler (2016, pág. 56), dissociar gênero de sexo torna-se importante para que possamos compreender a construção de gênero como algo mutável, múltiplo e performativo. Dessa forma,

o gênero não é um substantivo, mas tampouco um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Conseqüentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *Genealogia da moral*, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo”¹⁸. Numa aplicação do que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmaríamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (BUTLER, 2016, pág. 56).

Afirmar que o gênero não é fruto exclusivo do meio em que se insere não significa que este não interfira sobre aquele, mas, sim, que tratamos aqui de categorias instáveis e plurais. A partir do momento em que dissociamos sexo e gênero, e enxergamos ambos como performativos e frutos dos desejos e escolhas de seus indivíduos, também os entendemos como sendo múltiplos e pouco estáveis, influenciados pelas posições e pelos discursos sociais e culturais ora escolhidos.

Voltamos, assim, ao início de tudo. Sendo a identidade e a diferença definidas pela linguagem, e sendo esta marcada pela instabilidade acima

¹⁸ Nietzsche, F. *On the Genealogy of Morals*. Nova York: Vintage, 1969.

citada, não podemos deixar de observar, então, a identidade e a diferença também como indeterminadas. Segundo Silva (2014, pág. 80), “a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem”.

É por meio de tal instabilidade e indeterminação que nos propomos, então, a analisar cuidadosamente as cartas dos leitores das revistas em questão, buscando, por meio da linguagem e da observação daquilo que caracteriza a fala de tais homens e de tais mulheres, melhor apreender os traços de identidade ali presentes e, assim, compreender de que modo esta (a identidade) é produto daquela (a linguagem) ou vice-versa.

1.6 Novas identidades vs identidades em crise

Já sabemos que a construção da identidade se dá de forma simbólica e social, além do fato de esta não ser fixa ou imutável. Sendo assim, seria possível pensar que as mais diversas mudanças ocorridas nas sociedades, ao longo do tempo, são capazes de interferir nos processos de formação de uma identidade? Ou mais: seria possível falarmos em uma crise de identidade, marcada por mudanças de papéis e caracterizada por novos posicionamentos sociais?

Segundo Woodward (2014, pág. 20), “a discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes”. Assim, ao falarmos sobre tais circunstâncias econômicas e sociais cambiantes, somos remetidos ao fenômeno da globalização, em que antigas estruturas são alteradas ocasionando diversas transformações. Para Robins (apud WOODWARD, 2014, pág. 21), “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas”.

Sendo assim, seria a globalização a responsável pelas mais diversas mudanças na sociedade, o que, conseqüentemente, provocaria o questionamento e o surgimento de novas posições de identidade, permitindo-nos falar, então, sobre uma possível crise. Para Woodward (2014, pág. 25),

as identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. O que é importante para nossos propósitos aqui é reconhecer que a luta e a contestação estão concentradas na construção cultural de identidades, tratando-se de um fenômeno que está ocorrendo em uma variedade de diferentes contextos. Enquanto, nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente, pela competição e pelo conflito entre as diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo.

Ao assumirmos tal posicionamento, interessa-nos pensar, neste momento, de que forma “identidades em crise” se relacionam com o nosso objeto de estudo, ou seja, como o surgimento dessas novas identidades, que acompanham as mudanças sociais e culturais, pode resultar em escolhas linguísticas diferentes daquelas até então usadas.

Assim, tomando como estudo as cartas escritas por homens e mulheres às revistas masculinas e femininas, temos os nossos olhares voltados para esses indivíduos e para as mudanças sociais e culturais que presenciaram. A partir daí, tentamos estabelecer uma relação maior entre passado e presente, entre a história modificada e os papéis que homens e mulheres cumpriam e que, agora, cumprem. Mais do que isso, buscamos compreender de que forma tais transformações sociais implicaram em novas identidades e, conseqüentemente, em diferentes escolhas e usos linguísticos, já que, segundo Hall (apud WOODWARD, 2014, pág. 28), “o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica”.

Interessa-nos aqui um dos conceitos de identidade cultural trabalhado por Hall (1990), em que identidade é vista como uma questão de “tornar-se”, podendo ser reconstruída a partir de um passado comum. Novamente, vemos a identidade com algo fluido, e não fixada por meio de oposições binárias, como seria, por exemplo, a oposição “homem/mulher”.

Isso porque, em um passado não muito distante, tínhamos uma sociedade baseada em valores paternalistas, na força física masculina e na

fragilidade da mulher. O que sabemos é que depois do nomadismo, o homem assumiu o domínio da estrutura familiar e social e, somente com a Revolução Industrial, no século XIX, é que isso começou a se alterar. Com a diminuição da importância da força física, a mulher começou a se inserir no mercado de trabalho e, desde então, passou a reivindicar por novos papéis, ganhando destaque, nos anos seguintes, os movimentos autodenominados de feministas¹⁹ (BUENO, 2014).

São, então, estes movimentos sociais outrora iniciados, junto de todo o processo de globalização, e que hoje refletem ainda em mudanças, os responsáveis pelas crises de identidade que, segundo Woodward (2014), vivenciamos. Na vida moderna, são muitas as identidades que assumimos, já que são várias as posições sociais constantemente oferecidas a nós (WOODWARD, 2014, pág. 31). Ainda segundo a autora,

as formas como representamos a nós mesmos – como mulheres, como homens, como pais, como pessoas trabalhadoras – têm mudado radicalmente nos últimos anos. Como indivíduos, podemos passar por experiências de fragmentação nas nossas relações pessoais e no nosso trabalho. Essas experiências são vividas no contexto de mudanças sociais e históricas, tais como mudanças no mercado de trabalho e nos padrões de emprego. As identidades e as lealdades políticas também têm sofrido mudanças: lealdades tradicionais, baseadas na classe social, cedem lugar à concepção de escolha de “estilos de vida” e à emergência da “política de identidade”. A etnia e a “raça”, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação. As relações familiares também têm mudado, especialmente com o impacto das mudanças na estrutura do emprego. Tem havido mudanças também nas práticas de trabalho e na produção de bens e serviços. É igualmente notável a emergência de novos padrões de vida doméstica, o que é indicado pelo crescente número de lares chefiados por pais solteiros ou por mães solteiras bem como pelas taxas elevadas de divórcio. As identidades sexuais também estão mudando, tornando-se mais questionadas e ambíguas,

¹⁹ “Geralmente essas organizações se autodenominavam feministas, discutiam e propagavam os direitos da mulher. Quase todos os congressos de mulheres da época se declaravam feministas, e esse era um tipo de iniciativa frequente no movimento, muitos deles de caráter internacional” (COSTA, 2005, p.12). Sabe-se que em 1906 ocorreu o *Congresso Internacional do Livre Pensamento*, em Buenos Aires; em 1910 foi organizado, também na Argentina, o *Primeiro Congresso Internacional Feminista*; e, em 1916, aconteceu o *Congresso Feminista*, realizado no México. No Brasil, as primeiras manifestações aparecem já na primeira metade do século XIX, em especial através da imprensa feminina, principal veículo de divulgação das ideias feministas naquele momento (COSTA, 2005, p. 11).

sugerindo mudanças e fragmentações que podem ser descritas em termos de uma crise de identidade (WOODWARD, 2014, pág. 32).

Quando observamos este cenário atual e buscamos relacioná-lo com as escolhas linguísticas de seus indivíduos, percebemos que as pressões sociais antes vividas podem ter sugerido que determinados caminhos fossem seguidos. O que sabemos é que durante muito tempo, nos estudos sociolinguísticos, houve um enaltecimento da superioridade masculina (LAKOFF, 1972; COATES, 2006), em que as diferenças existentes nos discursos de homens e mulheres eram vistos como “dominação masculina e subordinação feminina” (FREITAG, 2015, pág. 24). Essa linha de raciocínio, chamada de “abordagem da dominância” (FREITAG, 2015, pág. 24), fez com que as mulheres fossem vistas como parte de um grupo oprimido.

Muito disso se deve ao modo como a sociedade até então se encontrava organizada e à forma de como se davam os estudos sociolinguísticos da época, baseados na hipótese clássica (LABOV, 1972a; TRUDGILL, 1974) de que as mulheres são mais sensíveis aos valores sociais e que, por isso, optam por formas não estigmatizadas. Mas, segundo Freitag,

[...] se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade (FREITAG, 2015, pág. 18).

Atualmente, vemos novas responsabilidades sendo atribuídas às mulheres, devido à diminuição do nível de fecundidade, ao maior acesso à escolarização e ao mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, isso significa que, agora, as mulheres conseguem se desvencilhar das tarefas tradicionalmente atribuídas a elas e adentrar um novo universo, caracterizado também por novas e diferentes escolhas (FREITAG, 2015, pág. 20).

Assim, se a mulher da década de 1960, com pouco reconhecimento e valoração social, precisava fazer de sua língua um objeto de *status* (e talvez

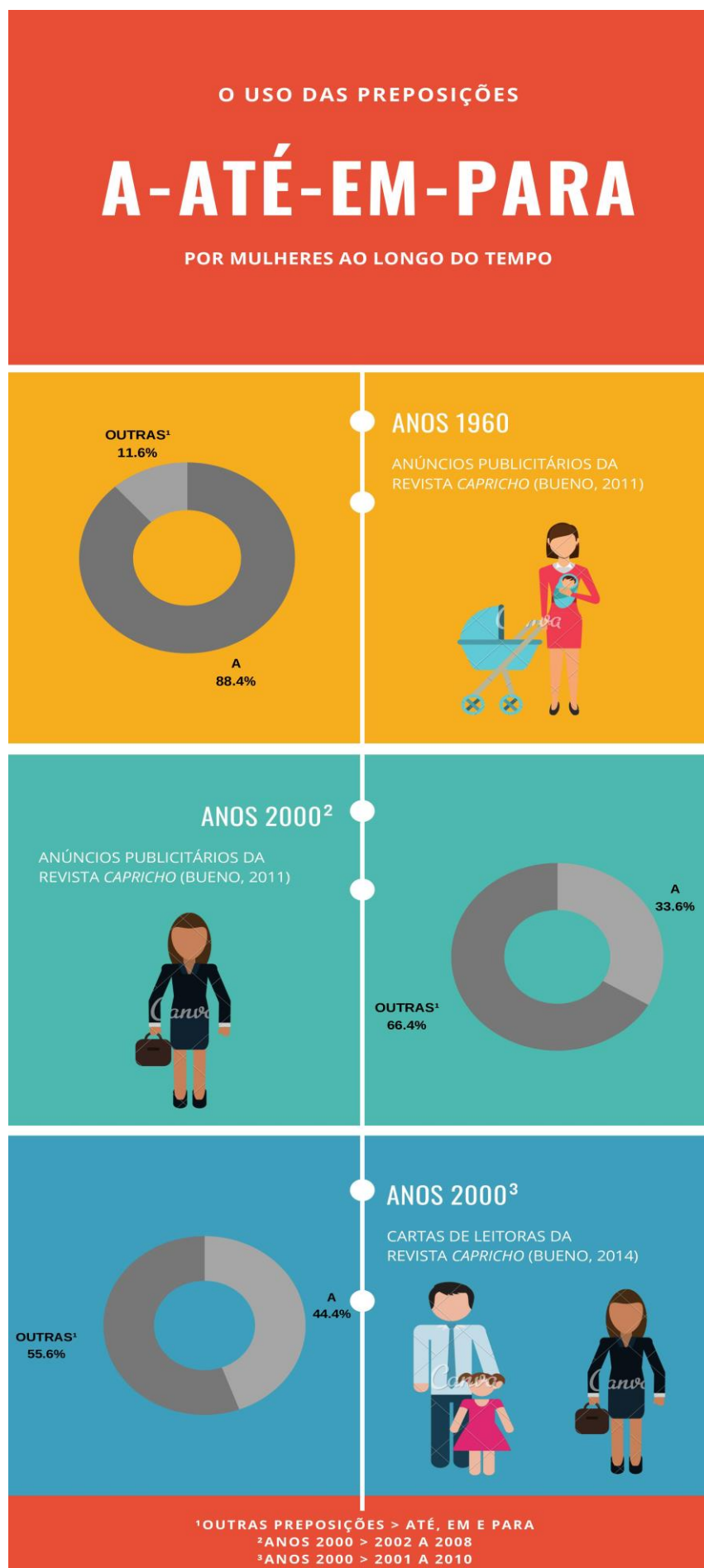
por isso baseasse suas escolhas em formas não estigmatizadas), as mulheres de hoje, com maior autonomia em vários campos do saber, possivelmente não precisem basear o seu prestígio social apenas em suas escolhas linguísticas. Para Freitag, (2015, pág. 44),

explanções sociolinguísticas frequentemente se valem de suposições relacionadas à maior consciência de status, maior consciência do significado social das variantes e da polidez das mulheres. Assumindo a perspectiva de que a fala pode ser considerada um capital, Romaine (2003) questiona o quanto isso é relevante para a mulher de hoje, dado que as mulheres estão andando a passos largos no alcance de paridade educacional e econômica com os homens, o que é um resultado do movimento moderno das mulheres. Mais: se as mulheres estão usando o padrão para alcançar status que lhes foi negado, seria de se esperar que essa necessidade diminuísse, uma vez que as mulheres têm tido acesso a empregos de maior status e remuneração [...].

Considerando essas afirmações, torna-se viável construir aqui um panorama de alguns estudos (BUENO, 2011; BUENO, 2014) que tomaram como referência os usos linguísticos de mulheres, durante a década de 1960 e durante a primeira década do século XXI. Um primeiro estudo realizado por BUENO (2011) se propôs a analisar o uso das preposições **a**, **até**, **em** e **para** em situações de complementação verbal, em anúncios publicitários da revista feminina *Capricho*, publicadas durante a década de 1960, assim como o uso dessas mesmas preposições também em anúncios publicitários da revista *Capricho*, agora datada dos anos de 2002 a 2008. O que se constatou foi que, em um primeiro momento, na década de 1960, a preposição **a** (considerada pelas normas gramaticais como a mais formal e de maior prestígio) foi a mais utilizada, com 88,4% dos dados, seguida de 11,6% referentes às outras preposições. Já no período mais atual, percebeu-se que 66,7% dos dados apresentam as preposições **até**, **em** e **para** e apenas 33,3% dos casos referem-se à preposição **a**.

Mais adiante, BUENO (2014) analisou o uso dessas mesmas preposições, agora em cartas de leitores de revistas femininas, também datadas da primeira metade do século XXI. Com este estudo, foi possível perceber que as preposições **até**, **em** e **para** (55,6% dos dados) foram empregadas com maior frequência do que a preposição **a** (44,4% dos dados).

O infográfico intitulado “O uso das preposições *a*, *até*, *em* e *para* por mulheres ao longo do tempo” ilustra tais dados.



Diante desses resultados, é possível pensar na relação estabelecida entre língua e sociedade, em que nos anos 1960, devido ao papel social que desempenhava e a maior pressão social, as mulheres ainda optavam por formas de maior prestígio, como é o caso da preposição **a**. Com o tempo e com a mudança de perfil da mulher, podemos observar a transformação ocorrida, principalmente quando se trata de suas escolhas linguísticas, sendo que nos dados obtidos a partir da primeira década do século XXI temos uma maior ocorrência daquelas preposições que, segundo as gramáticas, são menos formais e de menor prestígio²⁰.

Seguindo esse mesmo raciocínio, os homens de antes, que deveriam ser exemplos de virilidade e força, podem também contrariar as normas sociais e a imagem do “masculino” que se mantém em nosso imaginário, mas que, de certa forma, já não corresponde à realidade. Exemplo disso são as dúvidas enviadas por muitos homens às revistas e que seriam “socialmente classificadas” como femininas, já que se relacionam com moda e beleza, como por exemplo, “*O uso de costeletas é inadequado para o ambiente corporativo?*”; “*Gosto de trabalhar com camisa de manga curta, mais estruturada no corpo. Posso usá-la sem ser brega?*”; “*Tenho 38 anos e gostaria de usar anel no polegar. Seria feio para um homem da minha idade?*”. Há aqui uma tensão entre aquilo que era esperado e as normas sociais vigentes, tornando clara a afirmação de Woodward de que “a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (WOODWARD, 2014, pág. 33).

Um olhar mais atento, então, nos faz entender a dicotomia homem/mulher sob um viés mais social (e não apenas biológico), o que nos remete à conceituação já elaborada a respeito da categoria “gênero”. Assim, uma abordagem construcionista social pressupõe a identidade de gênero como “uma construção, assim como qualquer outra categoria social”. Nesse sentido, Freitag afirma que (2015, pág. 24),

²⁰ É importante ressaltar aqui que nenhum desses trabalhos abordou de forma direta e profunda as questões de gênero, o que não os torna, entretanto, inválidos quando o que se deseja é melhor fundamentar os caminhos de análise adotados.

os falantes fazem, constroem o gênero, mais do que ser estaticamente um gênero em particular. Gênero nesta abordagem não é algo estático, uma categoria adicionada ao falante, mas é algo que é construído no cotidiano. Entender gênero como construção social é entender que “gênero não é algo com que nascemos, nem é algo que temos, mas algo que fazemos (WEST; ZIMMERMAN, 1987) ou como atuamos, uma performance de gênero (BUTLER, 1990)” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2003, p.10). Não há uma razão biológica para que a mulher caminhe com certo requebrado e os homens de peito erguido ou para que as mulheres pintem as unhas de vermelho e os homens não. Agimos assim porque somos moldados para tal.

Assim, ressaltamos ser este um trabalho sociolinguístico que trabalha com a categoria “sexo/gênero”, justamente por acreditar que as questões sociais e ideológicas não se desvinculam em nenhuma circunstância de seus indivíduos. Sabemos que são várias as possíveis denominações para esta categoria, partindo das primeiras teorias que abordavam a variável “sexo” como uma categoria biológica, apenas, até aquelas que acompanharam as três ondas do movimento feminista²¹, cada qual ressaltando o que era essencial para o momento em questão e suas possíveis denominações como “gênero”, “gênero/sexo” ou “sexo/gênero”. Adotamos aqui a denominação “sexo/gênero”, por acreditarmos que, de alguma forma, essas duas categorias não se desvinculam, ainda que seja preciso observá-las individualmente. Além disso, um olhar mais social e ideológico, voltado para as questões de gênero, é agora exigido. Segundo Freitag (2015, pág. 52), ao examinarmos os estudos sociolinguísticos brasileiros,

encontramos resultados contraditórios e muitas especulações *ad hoc* sobre a relação da mulher com a variedade de prestígio e o seu papel na mudança linguística. Encontramos, também, uma mudança da correlação entre uso da língua e sexo para as dimensões simbólicas e ideológicas da linguagem. Enquanto a maioria da literatura sociolinguística tradicional tem expresso o valor simbólico da linguagem dominante e das variedades de prestígio em termos de seu suposto valor econômico no mercado de trabalho, trabalhos mais recentes

²¹ Reconhecemos a importância do movimento feminista e as mudanças sociais por este proporcionada, entretanto, não cabe aqui defendermos um ponto de vista a isso relacionado, bem como nos posicionamos a favor ou contra as ideologias por este pregada, em cada um de seus principais momentos. Reconhecemos sua importância, mas partimos de mais adiante, dos resultados trazidos por este movimento, quando nos embasamos nas discussões de gênero para melhor compreender os conceitos de identidade e ideologia e alcançar um olhar menos rígido e mais flexível e maleável a respeito das escolhas linguísticas de homens e mulheres.

têm dado atenção às ideologias da masculinidade e da feminilidade.

Assim, é importante saber que as próprias revistas aqui estudadas se rotulam como femininas e masculinas o que, de certa forma, já limita os seus públicos alvos. Além disso, é justamente por trabalharmos com textos escritos (e não com uma comunidade de prática, por exemplo) que não podemos definir perfis sociais exatos para cada um dos leitores, o que nos condiciona a olhá-los como sendo, do ponto de vista biológico, homens e mulheres. Entretanto, fazemos aqui uma distinção inicial entre os nossos leitores como sendo "masculinos" ou "femininos", mas levamos em consideração o fato de que os discursos presentes nestas revistas devem ser também analisados sob um viés social, considerando, para tanto, as questões de gênero envolvidas em suas produções (EKECKERT, 1989).

Mais do que isso, faz-se objetivo dessa pesquisa mostrar que, ainda que separações entre sexos sejam comuns em nossa sociedade, não é apenas a diferença biológica que caracteriza um homem e uma mulher. Partimos de revistas femininas e masculinas a fim de compreender os discursos produzidos por homens e mulheres e destinado a homens e mulheres, de forma a considerar, como ponto de extrema importância, o fato de que lidamos com diferenças entre "sexo/gênero", e não apenas com a categoria "sexo".

2 ESTILO E SOCIOLINGUÍSTICA

Esta seção traz à tona importantes discussões a respeito da noção de *estilo* e de como este é visto e compreendido pela Sociolinguística. No item 2.1 traçamos um breve panorama acerca das diferentes noções de estilo adotadas por alguns autores. Entendemos ser importante a realização deste percurso uma vez que ele nos permite compreender de que modo a noção de estilo foi sendo construída, ao longo do tempo, até chegarmos ao ponto que mais nos interessa: a relação entre estilo e a chamada 3ª onda sociolinguista.

Para tanto, no item 2.2 buscamos, ao revisitar alguns estudos, compreender a relação entre estilo e a construção do significado social, para que, mais adiante, no item 2.3, estabelecemos ligação direta entre estilo, distintividade e identidade. Assumimos, assim, que a construção do estilo se dá junto da distintividade, ou seja, da diferença. As diferenciações linguísticas e, portanto, de estilo, constituem-se com base em questões ideológicas determinadas por diferentes grupos sociais. É, então, a chamada “ideologia da diferenciação linguística” que nos remete às mais variadas escolhas linguísticas que um indivíduo pode fazer, dependendo daquilo que deseja.

2.1 Estilo: algumas noções primordiais

Muito nos interessa o fato já mencionado de que as línguas humanas não constituem realidades estáticas e que, ao contrário disso, são as línguas dinâmicas e marcadas por diversos processos de variação. O que sabemos é que nem toda variação resulta em mudança, mas toda mudança pressupõe uma variação. A partir disso, faz-se possível afirmar, então, que “a chave para a compreensão racional dos processos de mudança linguística é a observação e descrição da heterogeneidade ordenada, presente em todas as línguas vivas” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968).

Isso significa que a mudança linguística e a heterogeneidade se convertem em constituintes essenciais para a existência de uma língua, que muda constantemente com o passar do tempo, adequando-se sempre à realidade de seus falantes (SILVESTRE, 2007). Para Coseriu (1979), “a mudança é condição necessária da sincronidade funcional da língua, visto que [a mudança] é a adaptação da língua às novas necessidades expressivas

do falante”. Percebemos, assim, que a língua funciona sincronicamente e é constituída diacronicamente, de modo que “mudança” e “sistematicidade” sejam, por isso, complementares.

Ao entendermos, então, que a variação linguística é sistemática e que a variabilidade é inerente à linguagem humana, voltamos nossos olhares ao fato de que uma mesma variedade pode se manifestar sob a forma de diferentes fenômenos variáveis. Nesse momento, esbarramo-nos em questões voltadas às escolhas linguísticas de cada indivíduo, todas elas motivadas pelos mais diferentes objetivos comunicacionais. Aqui, ganham destaque as questões estilísticas que, a princípio, eram vistas pela sociolinguística sincrônica – essencial para se identificar a variação – como uma projeção da dimensão social (SILVESTRE, 2007). Entende-se, com isso, que a seleção de um estilo por parte de um falante supõe que seus usos linguísticos se adaptem a algumas das possibilidades (sócio)linguísticas que se dão em sua comunidade.

A partir daí, somos remetidos aos estudos acerca de estilo realizados por Labov (2008), que estabeleceu a noção de estilo contextual. O pesquisador, em seu estudo sobre a estratificação social do inglês falado em Nova Iorque (tese de doutorado – 1966), explicita que os estilos podem ser ordenados em função de uma só dimensão, mensurada pela quantidade de atenção que o falante dedica à linguagem. Assim, aqueles falantes que têm maior consciência das formas prestigiadas de se falar e sofrem maior influência de padrões externos exibem uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões. Sobre os estilos avaliados, Labov (2008 [1972]) faz uso de algumas estratégias em que as situações de fala vão do menos formal para o mais formal: *fala casual*, *fala monitorada*, *estilo de leitura*, *lista de palavras* e *pares mínimos*. Nota-se, então, que em contextos de maior atenção, a variante escolhida pelo falante não é a mesma escolhida por ele em outras situações que exigem menos atenção à linguagem e permitem um uso maior de formas vernáculas.

Tal proposta sobre os estilos contextuais é posteriormente refinada e Labov (2001b) passa a avaliar de forma mais precisa a estrutura da entrevista sociolinguística (que corresponderia ao estilo ‘fala monitorada’). Para tanto, ele propõe a aplicação da *Decision Tree*, que permite distinguir momentos de maior ou menor monitoramento na fala do entrevistado. Ao controlar essas

diferenças na análise do uso das formas variantes, seria possível apreender também variações de uso motivadas estilisticamente, ao longo da entrevista (LABOV, 2001b). Segundo Hora (2014, pág.23),

o estudo sobre a variação estilística na cidade de Nova Iorque (1966) é considerado um dos mais importantes construídos na área. Apesar de sua importância, o estilo deixou de ser o foco das pesquisas quantitativas na década seguinte, e isso, segundo Eckert e Rickford (2001, p.3), se deve, particularmente, (a) ao questionamento sobre a atenção prestada à fala como parâmetro/critério para detectar a variação estilística; (b) à dificuldade operacional de se separar a fala casual da fala cuidada a partir das situações contextuais; (c) ao fato de os pesquisadores se voltarem mais para as restrições linguísticas e sociais ligadas à variação.

Dessa forma, ainda que questões ligadas à variação estilística já fizessem parte de toda a proposta Sociolinguística (LABOV, (2008 [1972])), percebe-se que este não foi o aspecto mais contemplado pelos estudos desenvolvidos à luz dessa teoria, visto que a atenção voltou-se, principalmente, às chamadas variáveis sociais estratificadas (classe social, escolarização, idade e sexo). Reconhecemos, assim, a importância desses primeiros estudos para as questões estilísticas, mas sabemos também da necessidade de nos pautarmos, agora, em teorias outras que melhor embasam a busca de respostas para nossas questões de pesquisa e que abordem de forma eficaz a relação entre estilo e os processos de variação e mudança linguísticas. O que pretendemos é analisar possíveis e diferentes estilos quando tratamos dos também diferentes discursos presentes nas cartas de leitores (e, conseqüentemente, diferentes identidades), considerando, para tanto, o emprego de determinados elementos linguísticos e extralinguísticos associados ao uso das preposições ali presentes.

Enquanto falantes, temos conhecimento da produção dos mais variados tipos de textos²² que perfazem o nosso dia a dia, assim como sabemos também como nos comportar, linguisticamente, diante dessas mais diversas situações, sejam elas formais ou não. Em um único dia entramos em contato

²² Assim como Biber e Conrad (2009, pág. 05), entendemos texto como toda e qualquer linguagem natural utilizada em uma determinada situação comunicativa, realizando-se, para tanto, enquanto fala ou escrita: “[...] we use the term text to refer to natural language used for communication, whether it is realized in speech or writing” (BIBER, CONRAD, 2009, pág. 05).

com estes diferentes textos, desde uma simples e rápida conversa com o porteiro até uma aula ministrada ou a leitura de importantes documentos. Aqui, é necessário saber que cada uma dessas diferentes variedades de texto é construída por diferentes estruturas e padrões linguísticos.

São essas diferentes estruturas e padrões que fazem, então, com que os indivíduos moldem e adequem sua fala à situação vivida, fazendo com que lancem mão de diferentes recursos linguísticos a fim de alcançar o seu objetivo comunicacional. Sobre isso, Biber e Conrad (2009, pág. 01) afirmam que “todo tipo de texto, seja ele falado ou escrito, tem suas características linguísticas particulares”, que interferem na comunicação e no modo como esta se dá. Para eles,

[...] pessoas usam diferentes formas linguísticas em diferentes ocasiões, e diferentes falantes de uma língua irão dizer uma mesma coisa de diferentes modos. Grande parte dessa variação linguística é altamente sistemática. Falantes de uma língua fazem escolhas referentes à pronúncia, à morfologia, às palavras e à gramática levando em conta inúmeros fatores não linguísticos. Esses fatores incluem o objetivo do falante diante da situação comunicativa em que se encontra; a relação entre o falante e o ouvinte; as circunstâncias de produção e as características sociais do falante (BIBER, CONRAD, 2009, pág. 04, tradução própria)²³.

Ao levar tais fatores, linguísticos e não linguísticos, em consideração, Biber e Conrad (2009) afirmam que os textos podem ser descritos de acordo com os seus contextos, considerando para isso as características de quem os produz, as características situacionais e objetivos comunicativos associados a cada texto. (BIBER, CONRAD, pág. 08). A partir daí, esses elementos passam a ser fundamentais e relacionam-se, agora, com três diferentes perspectivas a partir das quais um texto pode ser analisado: registro, gênero²⁴ e estilo.

Segundo Biber e Conrad (2009), o registro é responsável por abarcar a combinação entre as características linguísticas que são comuns em uma

²³ Tradução própria. Texto original: “[...] people use different linguistic forms on different occasions, and different speakers of a language will say the same thing in different ways. Most of this linguistic variation is highly systematic. Speakers of a language make choices in pronunciation, morphology, word choice, and grammar depending on a number of non-linguistic factors. These factors include the speaker’s purpose in communication, the relationship between speaker and hearer, the production circumstances, and the social characteristics of the speaker”.

²⁴ A perspectiva de gênero será abordada separadamente, na seção 3.3.

variedade de texto com a situação de uso dessa variedade, o que faz, de certa forma, com que determinado falante adeque a sua fala àquela determinada situação. Essa perspectiva é de grande importância quando se pretende descrever certa variedade de texto, pois, ao se compreender a perspectiva de registro abordada pelos autores, compreende-se também de que modo este se relaciona com as outras variedades fundamentais da linguagem.

Ao se considerar que, na perspectiva do registro, um falante irá adequar seus usos linguísticos à situação comunicativa em que está inserido, pode-se pensar que esse mesmo falante irá fazer também escolhas entre possíveis elementos linguísticos como forma de ali melhor se situar, assim como também acontece com a perspectiva de estilo. Por tal motivo, as categorias de análise para estas duas perspectivas são praticamente as mesmas: excertos de textos são considerados mediante “a descrição da situação comunicativa, a descrição dos elementos linguísticos recorrentes e a análise de uma associação funcional feita entre estas formas linguísticas e o contexto situacional” (BIBER, CONRAD, pág. 08).

É preciso saber, entretanto, que, enquanto a perspectiva de registro é entendida como funcional, já que o falante faz suas escolhas de forma consciente e os elementos linguísticos são particularmente empregados a fim de se alcançar os objetivos do texto e de seu contexto situacional, na perspectiva de estilo, os fatores linguísticos são associados às preferências estilísticas e pessoais do falante e, por isso, as características linguísticas, nesta perspectiva, não são funcionais, mas sim estilisticamente motivadas.

Quando falamos, acima, sobre a adequação linguística feita pelo falante, referimo-nos, principalmente, aos objetivos comunicativos pretendidos pelo indivíduo, fazendo alusão às possíveis diferenças entre registros. Quanto a isso, pode-se dizer que essas diferenças são, então, mais amplas que as diferenças dialetais, já que estas se relacionam diretamente à identidade social do falante e não necessariamente às situações comunicativas em que estão inseridos. Por outro lado, as variáveis de um registro, por serem funcionais, atendem à necessidade primeira de um falante, sendo, então motivadas e possivelmente relacionadas a inúmeras situações de uso vivenciadas por esse mesmo falante, comprovando, com isso, sua amplitude em relação às diferenças entre os dialetos.

Todavia, sem desconsiderar todos esses aspectos, é importante se atentar ao fato de que falantes de dialetos diferentes, quando inseridos em um mesmo contexto, poderão recorrer a adequações e escolhas linguísticas para que ali melhor se situem. Isso significa que, ainda que façam uso de dialetos diferentes, tais falantes irão se apropriar, devido à mesma situação comunicativa, de um mesmo registro. Quanto a isso, Biber e Conrad (2009, pág. 12, tradução própria) afirmam que

quando falantes trocam de registro, eles estão fazendo diferentes coisas com a língua – usando-a para diferentes objetivos comunicativos e produzindo-a sob diferentes circunstâncias. As diferenças linguísticas associadas são funcionalmente motivadas, relacionadas com os diferentes objetivos e situações, e, então, as diferenças linguísticas entre os registros são mais substanciais. Ao contrário, as diferenças dialetais são amplamente convencionais, expressando a identidade de uma pessoa em um grupo social. Independente de quaisquer diferenças dialetais, falantes que usam o mesmo registro estão executando atividades comunicativas similares: assim sendo, os elementos linguísticos característicos usados em uma dada situação são similares entre falantes de diferentes dialetos²⁵.

Ao relacionarmos tais pressupostos com as cartas de leitores que compõem o corpúsculo desta pesquisa, notamos que os leitores, brasileiros e portugueses, que escrevem para as revistas utilizam duas diferentes variedades de uma mesma língua. Entretanto, estes leitores podem ser colocados em um mesmo contexto situacional, fato que os aproxima, fazendo com que entendamos as possíveis diferenças de usos encontradas nos textos de leitores brasileiros e portugueses como sendo motivadas por questões estilísticas, e não por diferenças de registros. Pressupomos, assim, que quando um leitor opta por empregar a preposição *a* por considerá-la mais formal, ele o faz pois deseja se aproximar de uma variedade de prestígio, e não devido ao fato do contexto situacional exigí-la.

²⁵ Tradução própria. Texto original: “When speakers switch between registers, they are doing different things with language – using language for different communicative purpose and producing language under different circumstances. The associated linguistic differences are functionally motivated, related to these differing purposes and situations, and thus the linguistic differences among registers are often dramatic. In contrast, dialect differences are largely conventional, expressing a person’s identity within a social group. Regardless of any dialect differences, speakers using the same register are doing similar communicative tasks: therefore, in most basic respects the characteristic language features used in a given situation are similar across speakers from different dialects”.

Neste momento, passamos a considerar a perspectiva de estilo e sua análise como essenciais para a eficaz interpretação de nossos dados. Entendemos, assim, estilo como um “fator condicionante, como uma variável independente que se correlaciona com diferentes formas de dizer” (HORA, 2014, pág.19) e pretendemos, agora, compreender de que modo estilo é capaz de determinar a escolha de uma ou outra variante.

2.2 A noção de estilo e a construção do significado social – revendo alguns estudos

Após os estudos realizados por Labov (2008), que estabeleceram noções a respeito de um estilo contextual, em que se diz que é a formalidade do contexto que faz com que um falante preste mais atenção a sua fala, vários outros pesquisadores desenvolveram trabalhos acerca da noção de estilo. Segundo Hora (2014, pág.23),

estudos voltados para a teoria da acomodação [...] procuraram mostrar, dentre outras coisas, a importante influência do destinatário sobre o estilo utilizado pelo falante. Outros estudos avaliaram o efeito do destinatário e da “audiência” sobre a variação.

Alan Bell (1984, 2001a) seguiu esses estudos e trouxe à tona a noção de *Audience Design*. Bell se propôs a investigar as razões da mudança de estilo, por meio da retomada de uma pergunta fundamental, já suscitada em trabalhos anteriores: “Por que esse falante falou isso desse jeito nesta ocasião?”²⁶. Segundo Hora (2014, pág. 24)

Bell afirma que os sociolinguistas estão acostumados a correlacionar a dimensão social da variação linguística a características sociais mensuráveis de uma pessoa – o falante – como classe social, idade, etc. porém, se é da dimensão social que deriva a dimensão estilística, esta também poderia ser correlacionada aos atributos da pessoa. Com base nisso, Bell afirma que sua proposta de *Audience Design* é elegantemente simples.

A proposta se baseia, assim, na análise da mudança de estilo em função da mudança de audiência do locutor. Essa constatação foi obtida após a

²⁶ Tradução própria. Texto original: “Why did this speaker say it that way in this occasion?” (Bell, 1984, p.139).

observação do comportamento linguístico de locutores de duas emissoras de rádio públicas da Nova Zelândia que compartilhavam o mesmo estúdio e contavam com ouvintes de *status* sociais diferenciados – uma das emissoras voltava-se a um público de mais alto nível socioeconômico, enquanto a outra tinha como público ouvintes de um nível socioeconômico mais baixo. Nessas duas redes de rádio, trabalhava um mesmo conjunto de locutores que apresentava uma média de variação de 20 pontos percentuais para cada contexto linguístico analisado, para cada uma das duas rádios em que trabalhavam. Isso significa que os locutores de cada uma das duas emissoras falavam diferentemente com base em suas audiências.

Assim, concluiu-se que a mudança de estilo acontece para que o falante possa se adequar ao seu interlocutor, ou seja, “os falantes modelam seu estilo principalmente para, e em resposta, a sua audiência” (BELL, 1984, 143, tradução própria)²⁷. Nota-se, portanto, que

a proposta de Alan Bell não só introduziu uma visão coerente de mudança de estilo, mas também integrou uma variedade mais ampla de descobertas sociolinguísticas anteriormente díspares e colocou novas generalizações e previsões teóricas testáveis sobre a relação entre a variação estilística e a social (ECKERT, RICKFORD, 2001 apud HORA, 2014, pág. 25).

Mais adiante, seguindo ainda essa perspectiva de estilo em que o foco volta-se para o falante, temos os estudos desenvolvidos por Eckert (2000). A autora passa a explorar “o papel da variação da construção ativa dos estilos pessoais e de grupos, vendo as variáveis individuais como recursos que podem funcionar na construção de novas personalidades” (ECKERT, 2000 apud HORA, 2014, pág. 26). Eckert desenvolve, então, um de seus principais trabalhos sobre estilo em torno da noção de “comunidade de prática”.

Esta noção é entendida como um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um engajamento mútuo em algum objetivo comum. Maneiras de fazer as coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder - em suma, práticas - surgem no curso de suas atividades conjuntas em torno desse esforço. A *comunidade de prática* é uma construção social diferente da

²⁷ Tradução própria. Texto original: “*Speakers design their style primarily for and in response to their audience*” (BELL, 1984, p.143).

tradicional noção de comunidade, principalmente porque ela é definida simultaneamente por seus membros e pela prática em que essa filiação pode engajar. Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros que estruturam uma comunidade socialmente (ECKERT, McCONNELL-GINET, 1992)

É considerando o estilo como uma variável individual e capaz de interferir na construção de novas personalidades que Eckert (2001) realiza um estudo que tem como foco os adolescentes de uma escola, no subúrbio de Detroit (EUA). A autora baseou seu trabalho em dois grupos opostos de adolescentes, os *jocks* e os *burnouts*, ambos delimitados por diferentes práticas sociais, inclusive linguísticas. A partir da observação desses dois grupos, Eckert buscou compreender a correlação entre o alteamento de (ay) com sexo e categoria social. Segundo ela,

os *jocks* [representam] uma cultura de classe média baseada em associações institucionais, e os *burnouts*, uma cultura local de classe operária. Com práticas e ideologias fortemente contrárias, os *jocks* e os *burnouts* revelam suas diferenças através de um elaborado complexo estilístico envolvendo a vestimenta, a maquiagem, o estilo de cabelo, as bijuterias dentre outros adornos, o uso e exibição de seus pertences, a demarcação do território, a conduta, a *hexis* corporal, e assim por diante – e, claro, a linguagem. A diferenciação sistemática de variáveis vocálicas em todos os níveis resulta em modos de falar muito distintos que incorporam tanto o gênero quanto categorias baseadas em classe social. Estas variáveis, por sua vez, combinam qualidades vocálicas muito diferentes, padrões de entonação, léxico, dentre outras, de modo que é esta combinação que constitui uma evidente distinção entre os estilos *jock* e *burnout*. Os *burnouts*, uma cultura de classe operária com tendências urbanas, apropriam-se de símbolos urbanos de todos os tipos em seu estilo de vestir, e orientam seus companheiros da mesma idade no uso de variáveis linguísticas urbanas. Os *jocks*, uma cultura escolar orientada institucionalmente, ficam atrás no uso de variantes urbanas, mas encabeçam o uso do que chamo de variáveis suburbanas, as quais possuem o efeito reverso das variáveis urbanas. Enquanto os *jocks* tendem a ser razoavelmente homogêneos em seu uso linguístico, os *burnouts*, em particular as meninas burnout, apresentam um espectro considerável de uso de variáveis (ECKERT, 2001, pág.124, tradução própria)²⁸.

²⁸ Tradução própria. Texto original: “[...] I focused on two opposed categories, the *jocks*, an institutionally based corporate middle class culture, and the *burnouts*, a locally based working class culture. With strongly opposed practices and ideologies, the *jocks* and the *burnouts* develop their opposition through an elaborate stylistic complex that involves clothing, makeup, hair style, jewelry and other adornment, use and display of substances, territory, demeanor,

Diante disso, Eckert (2001) aponta para uma importante divisão entre dois grupos de garotas absolutamente diferentes e que não se socializam entre si, as *burnouts* e as *burned-out burnouts*. A autora afirma que

as *burnouts* comuns formam um grupo baseado em relações de vizinhança, e cujas identidades enquanto *burnouts* têm a ver com fatores como a lealdade à amizade, valores da classe trabalhadora e oposição à cultura corporativa da escola. As garotas *burned-out burnouts*, por outro lado, se tornaram amigas durante a “junior high school” e, no primeiro ano do colegial, se uniram por serem interessantes. Elas se consideram as “mais *burnouts*” do colégio e apresentam o estilo *burnout* mais carregado no modo como se vestem e se comportam, considerando as outras *burnouts* como um bando de “*jocks*”. As garotas *burned-out burnout* são, em certo sentido, ícones locais, definindo para toda a comunidade a quintessência *burnout* (ECKERT, 2001, pág.09, tradução própria)²⁹.

A partir da análise desses diferentes grupos, Eckert (2001) afirma que as garotas *burned-out burnout* apresentam um uso icônico das variáveis fonológicas, induzindo fortemente todo o grupo no uso de uma variável vocálica que carregue características mais urbanas – o extremo alteamento do núcleo do (ay). Para a autora, isto também acontece em relação ao uso de outras variáveis, de modo que se torna possível afirmar que “a fala carregada das garotas *burned-out burnout*, paralelamente a seu comportamento exagerado, é o que define os sentidos do estilo que leva às correlações mais amplas entre

body hexus, and so on and on – and, of course, language. The systematic differentiation of vocalic variables across the board results in quite distinct ways of speaking that embody both gender and class-based social categories. These variables, in turn, go with very different voice qualities, patterns of intonation, lexicon, and so on, and it is this combination that constitutes clearly distinct jock and burnout styles. The *burnouts*, an urban-oriented, working class culture, appropriate urban symbols of all kinds in their clothing style, and lead their age cohort in the use of urban linguistic variables. The *jocks*, an institutionally oriented, college-bound culture, lag in the use of urban variables, and lead in the use of what I will call suburban variables, which amount to reversals of urban variables. While the *jocks* tend to be fairly homogeneous in their use of language, the *burnouts*, particularly the burnout girls, show a considerable range of use of variable”.

²⁹ Tradução própria. Texto original: “The regular *burnouts* are a neighborhood-based crowd, whose identities as *burnouts* have to do with such things as friendship loyalty, working class values, and opposition to the corporate culture of the school. The *burned-out burnouts*, on the other hand, became friends in junior high school and in the first year of high school, attracted to each other because of their ‘wildness’”. They consider themselves to be the ‘biggest *burnouts*’ in the school, and they display the most extreme burnout style in dress and demeanor, looking upon the other *burnouts* as ‘a bunch of *jocks*’. The *burned-out burnouts* girls are in some sense local icons, defining for the entire community the quintessential burnout”.

variáveis vocálicas e afiliação a uma categoria social”³⁰ (Eckert, 2001, pág. 125). Com isso, passamos a perceber a grande importância de se identificar quais são as variáveis individuais que interferem nos processos de variação. Segundo Hora (2014, pág. 29),

o indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado por meio de formas estruturadas de engajamento. O indivíduo constrói uma identidade – um sentido de lugar no mundo social – equilibrando a participação em diferentes comunidades de práticas. A chave para esse processo inteiro de construção é a prática estilística. Até agora, nos estudos de variação, o estilo tem sido tratado como ajustamentos situacionais do falante no uso de variáveis individuais. O outro lado do estilo é como os falantes combinam variáveis para criar formas distintas de falar. Essas formas de falar são uma chave para a produção das *personae* – tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social (ECKERT, 2001 apud HORA, 2014, pág. 29)

Por tal motivo, consideramos ser de grande relevância abordar a variação estilística como “parte integral da construção do significado social” (HORA, 2014, pág. 29).

2.3 Estilo, distintividade e identidade

A partir do momento em que entendemos estilo como “parte integral da construção do significado social” (HORA, 2014, pág. 29), entendemos também que este não pode ser visto, apenas, como uma consequência de um ajuste de fala. Ao contrário, o estilo pode ser entendido, de certa forma, como “proposital” e, por isso, interfere no pertencimento ou no não pertencimento de um falante a uma dada comunidade, com a qual se identifica menos ou mais. Segundo Hora (2014, pág. 20), “avaliar a variação associada ao estilo implica avaliar a identidade do usuário. Consequentemente, esse tipo de estudo contribui também para que se avalie o significado social da variação”.

Ao relacionarmos a variação estilística à identidade do indivíduo, somos remetidos aos estudos de Irvine (2001), segundo quem, para que um determinado estilo seja analisado, é preciso relacioná-lo a outros estilos, de

³⁰ Tradução própria. Texto original: “[...] the burned-out burnout girl's very extreme speech, paired with the extreme behavior, is what defines the meaning of the style that lead to the more general correlations between vocalic variables and social category affiliation” (Eckert, 2001, pág. 125).

modo que diferentes significados sociais entrem em contato e sejam, conseqüentemente, contrastados (IRVINE, 2001, pág. 22). Para a autora,

as características de um estilo em particular não podem ser explicadas independentemente de outras. Ao contrário, a atenção deve ser direcionada às relações existentes entre os estilos – seus contrastes, limites e pontos comuns. O que é mais importante para uma visão sociolinguística de estilo do que uma correlação particular entre forma e função – pois as correlações, como sabemos, não são explicações e não identificam causas – são os princípios e processos de diferenciação estilística dentro de um sistema sociolinguístico em constante evolução (IRVINE, 2001, pág. 22, tradução própria)³¹.

Diante de tais afirmações, *estilo* passa a ser definido, então, como um processo criativo com vistas à distintividade sociolinguística (IRVINE, 2001). Isso significa que o estilo é, até determinado ponto, criação individual do falante, já que este é responsável por suas escolhas linguísticas. Entretanto, para que este falante se “aproxime” de um determinado grupo e se “diferencie” de outros, é preciso que a noção de estilo seja observada enquanto parte de um grupo social maior. Para Irvine (2001), embora as questões de estilo – e as escolhas linguísticas que daí provêm – pareçam ser sempre “individuais”, estas são sempre socialmente e ideologicamente mediadas. Para a autora (2001, pág. 21, tradução própria)

estilo diz respeito, crucialmente, à distintividade: embora este possa caracterizar o individual, ele só o faz dentro de um quadro social [...]; este, portanto, depende da avaliação social e, talvez, estética; e interage com representações ideologizadas [...]³².

Nesse sentido, a noção de estilo vai além de uma variação intra-falante, pois, ainda que as escolhas sejam individuais, o grupo social ao qual o falante

³¹ Tradução própria. Texto original: “The characteristics of a particular style cannot be explained independently of others. Instead, attention must be directed to relationships among styles – to their contrasts, boundaries, and commonalities. What is more important for a sociolinguistic view of style than a particular correlation between form and function – since correlations, as we know, are not explanations and do not identify causes – are the principles and processes of stylistic differentiation within a continuously evolving sociolinguistic system”.

³² Tradução própria. Texto original: “style crucially concerns distinctiveness; though it may characterize an individual, it does so only within a social framework [...]; it thus depends upon

pertence, ou deseja pertencer, rege suas escolhas linguísticas e, conseqüentemente, o seu estilo (IRVINE, 2001), uma vez que este falante irá adequar os seus usos linguísticos aos mesmos daquele grupo, para que ali se sinta aceito e incorporado. Sobre estas alternâncias de estilo, podemos afirmar que elas podem se dar em diferentes níveis linguísticos, dependendo daquilo que é pretendido pelo falante e sua interação e identificação com o meio em que se encontra. Assim sendo, torna-se possível relacionar as mudanças de estilo às escolhas dialetais ou de registro.

O que Irvine (2001) pretende, ao relacionar as mudanças de estilo às mudanças de registro e dialeto, é enfatizar o fato de que a noção de estilo recai sobre a possibilidade de que os mesmos princípios de distintividade sejam invocados em um nível pessoal (mudanças de registros), assim como em um nível institucional (mudanças de dialetos). Para Irvine (2001, pág. 31, tradução própria),

[...] um dos muitos métodos que as pessoas têm para diferenciar situações e exibir atitudes é atrair (ou evitar cuidadosamente) as vozes dos outros, ou o que eles assumem que essas vozes sejam. O conceito de registro, embora inicialmente definido em termos de situação e não de pessoa ou grupo, baseia-se, de fato, em imagens culturais de pessoas, assim como em situações e atividades. O contrário também é o caso. Os dialetos sociais, não importa como eles venham a existir, podem ser imaginados como conectados com indivíduos e cenas focais, ou com atividades e modos de ser característicos; e em conseqüência eles podem ser utilizados [...] para exibir atitudes ou definir situações. “Dialectos” e “registros” estão intimamente conectados³³.

Percebemos, aqui, o quanto as questões ideológicas são capazes de explicar as diferenciações linguísticas – e conseqüentemente de estilo – de um determinado grupo social. Assim, podemos pensar que o estilo escolhido por

social evaluation and, perhaps, aesthetics; and it interacts with ideologized representations [...]”.

³³ Tradução própria. Texto original: “[...] one of the many methods people have for differentiating situations and displaying attitudes is to draw on (or carefully avoid) the ‘voices’ of others, or what they assume those voices to be. The concept of register, the, although initially define in aterms of situation rather than person or group, in fact draws on cultural images of persons as well as situations and activities. The reverse is also the case. Social dialects, no matter how they come into existence, may become imagined as connected with focal individuals and scenes, or with characteristics activities and ways of being; and in consequence they may be drawn upon [...] to display attitudes or define situations. ‘Dialects’ and ‘registers’ are intimately connected.

um falante é, ao mesmo tempo, distintivo e ideológico. É a criação de um estilo que define um falante “individualmente”, enquanto o insere em um contexto social maior, em que os processos de ideologização podem interferir diretamente em suas escolhas e construções linguísticas, trazendo à tona a ideia de que a distintividade se relaciona claramente à ideologização linguística.

Ao refletirmos sobre tais conceituações, deparamo-nos com um importante questionamento feito por Irvine (2001, pág. 32, tradução própria) a respeito da noção de estilo e de seus processos de distintividade e ideologização: “[...] como ideologias linguísticas organizam e racionalizam a distintividade sociolinguística?³⁴”. Tal questionamento nos remete à chamada “ideologia da diferenciação linguística”, que sistematiza e racionaliza relações entre o fenômeno linguístico e as formações sociais (IRVINE, 2001, pág. 32). Para a autora,

os fenômenos linguísticos que constituem registros e estilos, como formas de distintividade linguística, têm uma consistência que deriva, em certo grau, de ideologias locais da língua – princípios de distintividade que ligam diferenças linguísticas a significados sociais (IRVINE, 2001, pág. 33, tradução própria)³⁵.

Quanto a isso, sabemos que toda variedade linguística é ideologicamente construída, dependendo sempre do posicionamento pretendido pelo falante, que escolhe, ou não, fazer uso de determinada variedade, concedendo a esta um significado social que lhe confere valores positivos ou negativos. Nesse momento, mais uma vez, enxergamos a construção do estilo como sendo individual, já que é o falante, apenas, quem decide se usa ou não determinada variedade. Por outro lado, sendo sua escolha ideologicamente mediada, a partir do momento em que uma variedade é selecionada em detrimento de outra, notamos que tal processo deixa de ser individual e somos, então, remetidos à chamada ideologia da diferenciação. Isso acontece porque são os valores sociais atribuídos a cada variedade que

³⁴ Tradução própria. Texto original: “[...] how linguistic ideologies organize and rationalize sociolinguistic distinctiveness”.

³⁵ Tradução própria. Texto original: “The linguistic phenomena that constitute registers and styles, as forms of linguistic distinctiveness, have a consistency that derives, in some degree, from local ideologies of language – principles of distinctiveness that link language differences with social meanings.”

as tornam distintas umas das outras, o que reforça as afirmações de Irvine (2001, pág. 23, tradução própria) sobre tratarmos os “indivíduos enquanto agentes em um espaço social (e sociolinguístico) e que negociam suas posições e objetivos em um sistema de distintividade e possibilidades³⁶”. Segundo Mendes (2018, pág. 37)

Isto está diretamente relacionado à indicialidade dos elementos linguísticos, tanto do ponto de vista da relação entre forma linguística e significados sociais potenciais, quanto da perspectiva das relações ideológicas entre os diferentes significados que podem ser indiciados pelas tais formas.

É, nesse ponto, que nos interessa também o fato de que o estilo obtém significado a partir da coocorrência de múltiplas características linguísticas que adquirem, cada qual, diferentes significados sociais. Segundo Podesva,

É improvável que variantes particulares sejam distribuídas aleatoriamente sobre o discurso. Em vez disso, se elas têm significados sociais, elas ocorrem onde seus significados são indexados em interação. Sob este ponto de vista, as posições interativas conferem significado social às características linguísticas e, por sua vez, as características linguísticas ajudam a estabelecer posturas interacionais³⁷ (PODESVA, 2007, pág. 03, tradução própria).

Em outras palavras, o “estilo ganha significado contrastando com outros estilos. A variação estilística pode, assim, ser vista como um sistema de contrastes, em que formas diferentes de falar adquirem significado por serem distintas³⁸” (PODESVA, 2007, pág. 05).

Ao falarmos em distintividade e ao relacionarmos tal conceito a uma ideologia da diferenciação, somos remetidos à conceituação já antes abordada de identidade, uma vez que esta, assim como a construção de estilo, também se dá por meio da diferença. Assim, os valores ideológicos que norteiam as

³⁶ Tradução própria. Texto original: “[...] speakers, as agente in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals with a system of distinctitons and possibilities”.

³⁷ Tradução própria. Texto original: “Particular variants are unlikely to be randomly distributed over discourse; rather, if they have social meanings, they occur where their meanings are indexed in interaction. Under this view, interactional stances give social meaning to linguistic features, and in turn linguistic features help to establish interactional stances³⁷ (PODESVA, 2007, pág. 3).

escolhas linguísticas de um indivíduo estão sempre atrelados aos diferentes valores sociais e às diferentes identidades linguísticas que este carrega consigo. É por meio de uma ideologia da diferenciação que variedades são escolhidas, ou não, fazendo com que um grupo se distinga linguisticamente – e culturalmente – de outros. Para Irvine (2001, pág. 32), é como se houvesse um princípio organizador capaz de ligar, em vários níveis, a diferenciação linguística à distintividade social, racionalizando as diferenças entre modos localmente disponíveis de se falar, assim como acontece com as mudanças de registro e dialeto, por exemplo.

Interessa-nos aqui um dos estudos desenvolvidos por Irvine (1989, 1990, 2001) sobre o Wolof, em uma comunidade rural do Senegal dividida hierarquicamente em castas. A autora teve como esforço maior mostrar de que forma a concepção de estilo está relacionada à ideologia de cada um dos falantes de tal vila senegalesa, divididos entre aqueles considerados “mais nobres” (“géer”) e menos nobres (“griots”). Para tanto, Irvine se valeu das questões históricas do local e do modo como tais questões eram capazes de “influenciar” a construção de um determinado estilo. É possível ainda dizer que cada um desses grupos apresenta variedades particulares relacionadas às suas posições sociais e também relacionadas ao modo como os outros os enxergam socialmente, demonstrando o quanto as questões ideológicas são capazes de explicar as diferenciações linguísticas de cada um dos possíveis estilos ali existentes.

Em síntese, Irvine percebeu diferenças linguísticas entre estes dois modos de falar, motivadas por uma ideologia da linguagem capaz de relacionar uma identidade social a escolhas linguísticas. Quanto a isso, Irvine (2011, pág. 37, tradução própria) chama nossa atenção, antes de tudo, sobre “o modo como uma ideologia da linguagem ‘explica’ a forma de uma diferenciação linguística desses estilos, ao associá-la a diferenças essencialmente sociais³⁹”. Diante disso, a autora sugere a construção de um *continuum* estilístico, capaz de situar estes diferentes modos de falar e nos alerta para o fato de que um

³⁸ Tradução própria. Texto original: “[...] styles gain meaning by contrasting with other styles. Stylistic variation can thus be seen as a system of contrasts, wherein different ways of speaking acquire meaning by being distinctive” (PODESVA, 2007, pág. 05).

indivíduo pertencente a uma determinada casta pode variar o seu estilo e aproximá-lo daquele utilizado pelos indivíduos da outra casta, dependendo das circunstâncias (IRVINE, 2001, pág. 38). Aqui, deparamo-nos com as mudanças de registro relacionadas à construção de um estilo.

Tomando o estudo de Irvine (1989, 1990, 2001) como referência, relacionamos os seus apontamentos à nossa realidade, os leitores que escrevem para as revistas com as quais trabalhamos. Podemos inferir, aqui, que temos duas diferentes comunidades linguísticas – brasileira e portuguesa – , subdivididas, nesta situação específica, em outros dois diferentes grupos de indivíduos – homens e mulheres. Já sabendo da preferência dos falantes portugueses pela preposição **a** e dos usos mais frequentes de **para** pelos falantes brasileiros, nos questionamos sobre a possibilidade de se estabelecer um *continuum* estilístico entre as variedades do PB e do PE, considerando o grau de formalidade atribuído a elas.

É preciso, entretanto, certo cuidado ao se estabelecer tal *continuum* e, muito provavelmente, valeremo-nos das normas de uso dessas duas variedades, uma vez que os falantes portugueses podem optar pela preposição **a** por ser esta a mais prototípica e não obrigatoriamente a mais formal. Tal fato nos impede de classificar – assim como fazem as gramáticas normativas brasileira e portuguesa – uma como sendo, de fato, mais formal do que a outra. Do mesmo modo, considerando as características sociais e ideológicas de seus indivíduos, homens e mulheres, apostamos também na construção de diferentes estilos motivados pelo uso de diferentes preposições, de modo que o valor associado às preposições conduza a escolha de tais falantes, permitindo que construam os estilos por eles pretendidos.

Entendemos, assim, que o “estilo é um meio de *persona* em construção, e é conseguido através de múltiplos canais. É suportado por práticas culturais, como rituais de trabalho, escolhas de roupas e comportamento linguístico⁴⁰” (PODESVA, 2011, pág. 237). Sendo assim, é importante não restringir a

³⁹ Tradução própria. Texto original: “[...] the way in which an ideology of language ‘explains’ the form of linguistic differentiation of these styles by associating it with essentialized social differences.”

⁴⁰ Tradução própria. Texto original: “Style is a means of persona construction, and it is achieved through multiple channels. It is borne of cultural practices like workplace rituals, clothing choices, and linguistic behavior” (PODESVA, 2011, pág. 237).

noção de estilo apenas às escolhas e adequações linguísticas feitas por um determinado falante, diante de um determinado contexto. Ainda que seja frequente essa perspectiva de estilo em que o foco volta-se para o falante, é necessário considerar também o contexto social e ideológico em que este se encontra inserido como sendo capaz de também conduzir suas escolhas linguísticas.

Ao relacionarmos os conceitos acima discutidos com nosso objeto de estudo, vemos que diferentes ideologias motivam diferentes identidades, o que, por sua vez, motivará a construção de diferentes estilos, já que intuímos a presença de contrastes linguísticos particulares a cada um desses grupos. São, então, os contrastes entre as imagens sociais de cada um desses indivíduos que contribuem para a existência de contrastes linguísticos e, conseqüentemente, diferentes estilos, todos ideologicamente construídos. Por tal motivo, supomos a construção de diferentes discursos, marcados por diferentes estilos, quando observarmos o comportamento ideológico e linguístico de homens e mulheres e, mais especificamente, de homens brasileiros e portugueses e mulheres brasileiras e portuguesa.

3 UNIVERSO DE PESQUISA

Além das teorias já explicitadas nas seções anteriores, trazemos, agora, outras importantes conceituações, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho – algumas outras delimitações teórico-metodológicas e definições acerca do objeto de estudo e do gênero textual selecionados para este trabalho.

3.1 OUTRAS DELIMITAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nesta seção trazemos à tona noções fundamentais a respeito de outras teorias consideradas para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, nos itens 3.1.1 e 3.1.2, revisamos alguns conceitos relacionados à pesquisa sociolinguística, assim como sobre os estudos sincrônicos e diacrônicos, e enfatizamos a importância desse traçado histórico para a sustentação de uma possível “sociolinguística escrita”, ou seja, uma sociolinguística que privilegie, igualmente, dados de fala e de escrita. Adiante, nos itens 3.1.3 e 3.1.4, elucidamos sobre o modo como os estudos sociolinguísticos tratam dados de fala e de escrita e ressaltamos a necessidade de ter a escrita o seu lugar de destaque dentro das pesquisas sociolinguísticas. Por fim, no item 3.1.5, discutiremos sobre importantes conceituações sobre as *normas linguísticas*.

3.1.1 A pesquisa sociolinguística – revisitando alguns caminhos

Hoje, com muita facilidade, reconhecemos o fato de que nenhuma língua é superior ou inferior à outra e que estas mudam no eixo do tempo. Assim, entendemos que, atualmente, para a Linguística, “toda língua ou variedade é, na realidade, um sistema altamente estruturado, mediante o qual é plenamente possível transmitir, lógica e coerentemente, qualquer conteúdo a respeito da realidade social” (CAMACHO, 2015, pág. 14). Assim, tomando essas afirmações como ponto de partida, desejamos, nesta Seção, traçar brevemente o caminho trilhado pelos estudos (sócio)linguísticos, de modo que este sustente nossas reflexões acerca de uma possível “sociolinguística escrita”, ou seja, uma sociolinguística que trate, igualmente, dados de fala e de escrita.

Sabemos que até o nascimento da Linguística Histórica e, posteriormente, a consolidação da Sociolinguística, a aceitação da relação entre língua e sociedade era praticamente inexistente. Assim, os primeiros estudos linguísticos se iniciaram na segunda metade do século XIX, com a posição imanentista assumida pelos neogramáticos, e ganharam força com uma das primeiras reflexões sobre a língua e seu modo de organização, elaborada por Ferdinand de Saussure (1857-1913), responsável por estabelecer a dicotomia língua (*langue*) e discurso (*parole*).

Para ele, a linguística deveria limitar-se a estudar a língua, já que esta é um sistema regido por leis próprias e dotado de homogeneidade, ao contrário do que acontece com o discurso: “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Linguística externa’” (SAUSSURE, 2004, p. 29). Segundo Camacho (2015, pág. 14),

Saussure rompeu com a tradição diacrônica do século XIX, em especial a de linhagem neogramática, em que ele próprio se formou, definindo a linguagem no jogo de relações de oposição no interior do sistema ou língua. O princípio formal que deu suporte a essa visão sincrônica, também deu, segundo Faraco (2004), consistência à intuição de que as línguas humanas são totalmente organizadas, como a que já se vê em Sapir (1969). Esse linguista postulou que, em qualquer momento de estabilidade sincrônica, uma língua, ou qualquer uma de suas variedades, sempre se encontra em um estágio de plenitude formal, o que significa, portanto, estarem sempre aptas, línguas e variedades, a todas as tarefas a que se destinam como instrumento de interação e comunicação.

Depois disso, em um próximo momento, tem-se uma forte tensão entre duas grandes linhas interpretativas: uma mais imanentista, continuadora do Estruturalismo e depois do Gerativismo e, outra, mais integrativa e aliada ao contexto social em que se insere o indivíduo. Assim, ilustrando o período acima citado, temos que, depois de Saussure, vários outros estudiosos se comprometeram a estudar a organização das línguas, porém, as teorias por eles apresentadas mostraram-se também influenciadas pelos postulados saussurianos, uma vez que os aspectos individuais da língua continuaram a prevalecer.

Surge, então, na década de 1950, seguindo a tendência formalista, a Teoria Gerativa, de Avram Noam Chomsky⁴¹, que assume como objeto de estudo a língua como sistema homogêneo e livre de elementos sociais, além de se basear em pressupostos inatistas. Segundo Faraco, “essa separação entre o estado (sistema) e história marca os estudos linguísticos do século XX [...]. Boa parte dos linguistas a aceita como um rigoroso princípio metodológico: ou se investiga o sistema ou se investiga a língua” (FARACO, 2005, p. 98). Quanto a isso, sabemos que

a necessidade de dar à linguística um lugar autônomo, em relação às outras disciplinas científicas, emergentes como ela no início do século XX, teve, como consequência mais evidente, o corte metodológico que separou o sistema do discurso. Se esse traço tem um lado negativo, a contraparte positiva é que permitiu ver qualquer estágio ou variedade de uma língua como dotada de plenitude formal, especialmente porque o valor das unidades no sistema depende de uma relação formal, interna. Essa separação significou também a abertura de espaços para a constante renovação do objeto de estudos, como uma presença obstinada do excluído – o discurso – às margens do sistema (MAINGUENEAU, 1990 apud CAMACHO, 2015, pág. 20).

Com o intuito de por fim a esta dicotomia que separa o sistema do discurso, surgem, então, na década de 1960, os estudos sociolinguísticos. Nesse momento, a língua deixa de ser vista como um objeto homogêneo e passa a ser encarada como uma realidade heterogênea, em que os fatores sociais ou externos são de extrema importância para sua organização e materialização. Sendo assim, a Sociolinguística, tal como proposta pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 1972a, 1994, 2001b), tem como um de seus princípios analisar os fatores sociais, buscando sempre compreender melhor a estrutura das línguas e seus funcionamentos. Segundo Camacho (2015, pág. 22),

a Sociolinguística Variacionista, no âmbito específico em que atua, se alinharia, assim, com as outras tendências não formalistas no mesmo desejo de superar a parcialidade imposta ao objeto de estudo em razão de sua idealização. Principalmente em sua fase de implantação, a Sociolinguística Variacionista sustentava posições teórico-metodológicas que a

⁴¹ *Gramática Transformacional* (1957).

distanciavam da tendência formalista, inclusive como um modelo alternativo. Se esse alinhamento parecia estar claro no final da década de 60, os debates que envolveram a extensão da regra variável para a sintaxe, nos anos 80, encaminharam essa corrente mais para o polo formal do que para o funcional.

Enquanto, na década de 1980, Labov (1987, pág. 313) trilhava uma vertente mais formalista da Sociolinguística, defendendo o princípio de equivalência referencial para o significado, Lavandera (1984) sustentava o “postulado de comparabilidade funcional” como única forma de compatibilizar variantes de uma variável sintática (CAMACHO, 2015, pág. 22). Tal postulado, defendido por Lavandera, passou, então, a ser empregado e, segundo Berlinck (2002), a extensão da análise variacionista para a sintaxe e, nesse contexto, a perda da operacionalidade do conceito de “mesmo significado referencial” postulado por Labov abriram caminho para uma perspectiva mais ampla do conceito de variação, que passou a integrar estratégias interacionais na dimensão textual. Com isso, fortaleceu-se, na sociolinguística brasileira, a abordagem funcional.

Atualmente, uma nova onda sociolinguística centra o foco na variação, “vista não como o reflexo do lugar social num ponto da escala socioeconômica, mas como um recurso para a construção de significado social” (CAMACHO, 2015, pág. 23). Assim, novos conceitos aliados à Teoria da Variação e Mudança favorecem o surgimento de uma nova fase da pesquisa Sociolinguística, em que se aliam a configuração formal do sistema ao papel do indivíduo, visto como agente na construção de suas relações sociais⁴².

3.1.2 Sobre a importância dos estudos sincrônicos e diacrônicos

Após o surgimento e consolidação da Sociolinguística, os estudos sobre a língua ganharam uma nova dimensão, já que a relação direta entre língua e sociedade passou a ser observada. Entretanto, assim como visto no item 3.1.1, sabemos que os preceitos metodológicos seguidos até então se constituíam, fortemente, da separação entre duas diferentes linhas: a sincronia e a diacronia. Interessa-nos, aqui, olhar mais atentamente a cada uma dessas

⁴² Para informações mais detalhadas a respeito das novas ondas que marcam a Sociolinguística e a Teoria da Variação e Mudança, conferir os trabalhos de Eckert (2012).

duas vertentes, de modo que tal interpretação nos explique os caminhos seguidos pelos estudos sociolinguísticos, e também nos ajude a compreender o porquê da prevalência de dados de fala em tais estudos.

Sabemos, assim, que a distinção entre sincronia e diacronia ganhou espaço entre os linguistas depois da publicação do livro *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, em 1916. Em sua obra, Saussure estabeleceu que o estudo linguístico comportava duas dimensões: uma histórica (diacrônica) e outra estática (sincrônica). A primeira leva em consideração a mutabilidade das línguas no tempo, enquanto que a segunda enfatiza a sua imutabilidade, sendo a língua vista como um “sistema estável num espaço de tempo aparentemente fixo” (FARACO, 2005, pág. 95). Quanto a isso, sabemos ainda que

em razão de assumir o equilíbrio interno do sistema fora da dimensão do tempo e de entender que as mudanças no tempo não se constituem num complexo sistema de dependências recíprocas (um complexo sistema de valores), mas apenas afetam o valor de elementos isolados, Saussure defendia a necessária separação do estudo de cada uma dessas dimensões (FARACO, 2005, pág. 95).

Entretanto, ainda que Saussure defendesse a dissociação entre sincronia e diacronia, ele não negava uma possível interdependência entre esses dois diferentes estudos, já que todo fato sincrônico possui uma história e que conhecer tal história em muito pode ajudar os pesquisadores em suas descobertas. Além disso, Saussure (2004 [1916], pág. 106-107) também defende o fato de que, em um estudo diacrônico, é preciso considerar todos os estados sincrônicos existentes, para que assim se possa melhor compreender a sucessão cronológica dos fatos. Por tal motivo, muitos estudiosos passaram a acreditar que a sincronia deveria anteceder a diacronia, justamente por ser aquela fundamental para o entendimento desta. Assim,

entende-se que, para apontar as transformações ocorridas, por exemplo, no português entre o século XIII e o século XX, é preciso comparar diferentes estados da língua que devem ser previamente caracterizados como tais. Deve-se, assim, investigar estaticamente o português do século XIII/XIV, o português do século XV/XVI e assim por diante até o português do século XX, para então comparar cada estado, revelando as mudanças ocorridas (FARACO, 2005, pág. 99).

A partir daí, passou-se a estudar a língua levando em conta essa distinção entre sincrônico e diacrônico. Entretanto, é importante destacar que, ainda que os estudos sincrônicos tenham sido por muito tempo privilegiados – e que a historicidade da língua, por isso, se manteve ignorada –, os estudos históricos, mesmo que em segundo plano, continuaram a acontecer. Segundo Coseriu (1979, pág. 207), “Saussure percebe que a mudança é de fato um fenômeno geral e necessário [...]; mas, no fundo, considera-a uma espécie de fatalidade exterior, carente de explicação racional”.

Posteriormente, alguns estudiosos (cf. Coseriu, 1979 [1973]; Weinreich, Labov e Herzog, 1968) começaram a questionar “a necessidade da separação rígida entre os dois estados e a própria homogeneização do objeto, posta por Saussure como necessária para os estudos sincrônicos” (FARACO, 2005, pág.101). Assim, um modelo de língua capaz de acomodar sistematicamente a sua heterogeneidade sincrônica passa a ser buscado.

Segundo Coseriu (1979, pág. 228), a antinomia saussuriana é superada quando se entende a mudança não como simples modificação de um sistema já dado, mas como contínua construção do sistema. A partir daí,

a língua é sempre “sincrônica” no sentido de que funciona sincronicamente, ou seja, no sentido de que está sempre “sincronizada” com os seus falantes, coincidindo a sua historicidade com a destes. Mas isso não significa que “não deveria mudar”, mas, ao contrário, justifica que mude continuamente para continuar funcionando. Em segundo lugar, o sistema em si é “imutável” [...]: o sistema não “evolui”, mas é feito pelos falantes, de acordo com as suas necessidades expressivas. Em terceiro lugar, a língua muda sem cessar, mas a mudança não a destrói e não a afeta no seu “ser língua”, que se mantém sempre inato. [...] A língua se faz, mas o seu fazimento é um fazimento histórico, e não cotidiano: é um fazimento num quadro de permanência e continuidade (COSERIU, 1979, pág. 236-237).

O que acontece é que o modelo saussuriano, ainda que contestado pelos estudos seguintes, manteve-se, de certa forma, vivo. Isso porque a fala continuou sendo vista, por muito tempo, como o principal lugar de mudança. É fato que esta não é mais vista, agora, como uma realidade isolada da língua, uma vez que o vernáculo passa também a ser considerado como lugar de mudança.

3.1.3 A pesquisa sociolinguística: fala vs escrita

Sabemos que os modelos de representação do conhecimento linguístico não escaparam, com o passar do tempo, à chamada evolução epistemológica. Ainda que alguns instrumentos conceituais ou técnicos mantenham-se inalterados, esta evolução é responsável pela transformação de alguns dos limites e regras referentes à organização do conhecimento (SILVESTRE, 2007, pág.19).

Assim, depois da linguística descritiva instaurada por Saussure (2004 [1916]) e seguindo tais evoluções e transformações, é a Linguística Histórica que ganha destaque. Tradicionalmente, define-se Linguística Histórica como o campo da linguística que trata de interpretar as mudanças (fônicas, mórficas, sintáticas ou semântico-lexicais), em uma língua ou família de línguas, ao longo do tempo histórico. Entretanto, a linearidade temporal das mudanças sofridas pela língua deve ser revista, uma vez que estas mudanças nem sempre acontecem de forma contínua.

Nesse sentido, estudar o desenvolvimento das línguas com o passar do tempo, significa situar de modo concomitante, no plano histórico da linguagem, as noções de sincronia e diacronia – até então dissociadas. A partir daí, questões relacionadas à variabilidade e à mudança passam também a ser vistas como processos inter-relacionados. Se há uma superação entre os limites estabelecidos acerca do que é sincrônico e daquilo que é diacrônico, conseqüentemente, tem-se a necessária vinculação entre variabilidade e mudança. Segundo Silvestre (2007, pág. 31),

variabilidade e mudança passaram a ser vistas como fatores indissociáveis, até o ponto de serem encaradas como os dois lados de uma mesma verdade da linguagem: o desenvolvimento de uma mudança envolve geral e historicamente a existência da heterogeneidade sincrônica na comunidade da qual se trata⁴³.

Nesse contexto, ganham forças os estudos desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog (1968), que passam a pesquisar questões voltadas

⁴³ Tradução própria. Texto original – “La variabilidad y el cambio han pasado a entenderse como factores indisolublemente unidos, hasta el punto de verse como las dos caras del mismo hecho de lengua: el desarrollo de un cambio implica general e históricamente la existencia de heterogeneidad sincrónica en la comunidad de que se trata” (SILVESTRE, 2007, pág. 31).

à variabilidade e mudança em comunidades de fala. Segundo Silvestre (2007, pág. 31),

os autores se mostram críticos com propostas de explicação da mudança que, como a gerativa-transformacional, adotam como pontos de partida descrições estáticas e homogêneas da língua. Como contraponto, propõem que a chave para a compreensão racional dos processos de mudança linguística é a observação e descrição da heterogeneidade ordenada, que define todas as línguas vivas, usadas para comunicação cotidiana por uma comunidade de fala⁴⁴.

É, então, a compreensão da chamada heterogeneidade ordenada que favorece a realização de uma análise diacrônica dentro de um estudo sincrônico. Se pelas teorias da Linguística Histórica e com o suporte de teorias linguísticas em geral se pode chegar à caracterização esquemática de um determinado momento da história passada de uma língua, são os dados empíricos, fornecidos pela documentação remanescente, que confirmarão ou não as teorias, e que permitirão rastrear e, em parte, reconstruir seu uso vivo.

Entretanto, Silvestre (2007, p.35-36) afirma que “os dados linguísticos do passado são insatisfatórios para a investigação empírica por vários motivos”, sendo um deles o fato de esses dados terem se conservado em meios escritos. Ainda segundo Silvestre (2007, pág. 35-36), vemos também que Labov atribui um caráter distorcido ou pouco autêntico aos materiais históricos, que são vistos, então, como “meros restos de *corpus* textuais”. O que acontece é que alguns desses dados de origem escrita oferecem informações escassas e fragmentadas, sem estabelecerem, de fato, vínculos com a produção real dos falantes. Além disso, afirma-se também que muitos desses textos eram desprovidos do contexto e da situação em que se originaram.

Essas características contrastam, então, com o controle que o estudioso da linguística sincrônica exerce sobre o processo de seleção e reconhecimento dos dados nos quais o seu trabalho é baseado. Por tal motivo, a chamada sociolinguística sincrônica, por trabalhar com dados de fala e privilegiar os

⁴⁴ Tradução própria. Texto original – “Los autores se muestran críticos con propuestas de explicación del cambio que, como la generativo-transformacional, adoptaban como punto de partida descripciones estáticas y homogéneas de las lenguas. Como contrapunto proponen que la clave para una comprensión racional de los procesos de cambio lingüístico es la observación y descripción de la heterogeneidad ordenada que define a todas las lenguas vivas, usadas para la comunicación cotidiana por una comunidad de habla” (SILVESTRE, 2007, pág. 31).

aspectos fonológicos da língua, ganha destaque, em oposição à sociolinguística diacrônica, que tem por base materiais escritos. Segundo Silvestre (2007, pág. 37), a Sociolinguística Histórica é vista, por isso, como uma disciplina que “oferece ao investigador escasso controle experimental sobre os dados que maneja”.

Com isso, percebemos claramente que os dados de fala eram privilegiados em detrimento à escrita, utilizada apenas com o intuito de se realizar um estudo diacrônico dos momentos históricos em questão. Notamos que essa nova fase da linguística contemporânea não indica, necessariamente, que se tenha posto abaixo a dicotomia saussuriana que opôs, assim, a abordagem sincrônica à diacrônica, mas que se mudou a relação entre elas na compreensão do fenômeno linguístico, concedendo maior dinamicidade às análises sincrônicas, ainda que sob muitas ressalvas (SILVESTRE, 2007).

Entretanto, ainda que os dados de fala sejam considerados os únicos capazes de favorecer uma investigação linguística fiel à realidade, devido à relação que estabelecem com seus falantes e o contexto de emissão, é importante levarmos em conta o fato de que as diferenças entre língua falada⁴⁵ e escrita são, em princípio, ocasionadas por suas próprias substâncias (gráfica ou fônica) e, depois, segundo as necessidades comunicativas de cada uma (SILVESTRE, 2007, pág. 43).

Isso significa que os diferentes contextos de produção que dão origem aos dados de fala e aos de escrita se “traduzem em diferenças estruturais, gramaticais e léxicas” (SILVESTRE, 2007, pág. 44), o que nos faz pensar que cada um deles determina, com isso, necessidades e objetivos particulares quanto aos seus usos e produções. Dessa forma, os dados de escrita são, então, vistos como produções mais cuidadas, originadas de meio estáveis e destinadas a perdurarem mais sobre o tempo, ao contrário dos dados de fala, que são mais espontâneos e flexíveis. Para Silvestre (2007, pág. 44),

todas essas diferenças são suficientes para entender a independência da comunicação escrita em relação à oral e assumir que a primeira não é meramente um registro mais ou menos perdurável da segunda. Além disso, seu uso respectivo

⁴⁵ Os termos “língua falada” e “língua escrita” foram, aqui, conscientemente adotados em função de uma tradição linguística já estabelecida (cf. ROMAINE, 1982), como forma de expressar as possíveis modalidades de uso de uma língua natural.

para propósitos diferentes em situações comunicativas diferentes levou Romaine (1982, 1988a) a ressaltar a prioridade de desfazer, na investigação sociolinguística histórica, a aparente sinonímia entre língua e expressão oral que domina a investigação sincrônica, para assim transcender a dependência do meio escrito com respeito ao oral e, em geral, dotar a própria teoria de uma base aceitável⁴⁶.

Diante de tais pressupostos, Silvestre (2007, pág. 44) ressalta o importante fato de que língua escrita é, sim, passível de ser estudada e analisada, independentemente dos dados de fala, assim como é necessário que a Sociolinguística interprete as diferenças estruturais ou comunicativas entre essas diferentes produções como parte de um mesmo processo, sem supor que o material escrito não ofereça variabilidade suficiente para análise. Ao contrário, é por meio de tal reflexão que entendemos que a variação estruturada se manifesta nestes dois meios de comunicação (BIBER, 1988). Para Silvestre (2007, pág. 44),

as técnicas e métodos da sociolinguística sincrônica, que foram até então aplicados em amostras orais, deveriam permitir também obter resultados significativos quando aplicados aos textos escritos do passado (ou do presente)⁴⁷.

Ainda que encontremos aqui certa valoração do material escrito, é evidente que nem todos os documentos do passado servem de forma igual para a investigação sociolinguística, pois nem todos mostram o mesmo nível de variação. Sabemos, porém, que alguns tipos de texto são mais úteis ao pesquisador, justamente por serem mais favoráveis à observação da mudança. Esses textos permitem que elementos comunicativos que ocorreram ou que poderiam ocorrer no meio oral sejam a eles incorporados, de modo que

⁴⁶ Tradução própria. Texto original – “Todas estas diferencias son suficientes para entender la independencia de la comunicación escrita con respecto a la oral y asumir que la primera no es meramente el registro más o menos perdurable de la segunda. Además, su uso respectivo para propósitos diferentes en situaciones comunicativas distintas lleva a Romaine (1982; 1988^a) a plantear la prioridad de deshacer en la investigación sociolingüística histórica la aparente sinonímia entre lengua y expresión oral que domina en la investigación sincrónica, para así trascender la dependencia del medio escrito con respecto al oral y, en general, dotar a la propia teoría de una base aceptable” (SILVESTRE, 2007, pág. 44).

⁴⁷ Tradução própria. Texto original – “[...] las técnicas y métodos de la sociolingüística sincrónica, que generalmente se han aplicado a muestras orales, deberían permitir también obtener resultados significativos cuando se aplican a los textos escritos del pasado (o del presente)” (SILVESTRE, 2007, pág. 44).

manifestem um nível maior de variação e, além disso, facilitem a correlação das variáveis linguísticas com as circunstâncias pessoais de seus emissores e receptores.

Por outro lado, os escassos estudos que privilegiam os dados de escrita nos mostram que, de certa forma, seguimos ainda uma tradição (sócio)linguística herdada da total dissociação entre sincronia e diacronia e, conseqüentemente, da pouca valoração dos meios escritos como fontes de variação e mudança. Diante desta realidade, o que desejamos é que fala e escrita não sejam tratadas como uma manifestação dicotômica, em que uma se destaca em relação à outra. Mais do que isso, desejamos que a produção escrita seja vista, então, como capaz de oferecer material suficiente para a análise Sociolinguística, seja ela sincrônica ou diacrônica, uma vez que o ponto principal de toda essa reflexão não é encontrarmos, na escrita, elementos *da fala*, mas sim elementos *da língua*. Além disso, é importante nos atentarmos para os novos caminhos que a (sócio)linguística tem percorrido e, principalmente, para todas as mudanças que a acompanham, de modo que os dados de escrita sejam, então, mais frequentemente incorporados, e também valorizados, diante dessa nova realidade empírica que, aos poucos, se (re)constrói.

3.1.4 A heterogeneidade da escrita e a dinamicidade dos gêneros – por uma Sociolinguística escrita

Já sabemos que nos estudos que se seguiram aos postulados iniciais de Labov (2008 [1972], p.208), fala e escrita ocupam posições diferentes quando pensadas em uma situação de variação e mudança, já que a língua falada (principalmente a vernácula) estaria mais propensa às situações de mudança linguística do que a língua escrita, considerada mais formal e resistente. São, então, ressalvas como essa que deixam transparecer o caráter secundário que a escrita ocupa nas pesquisas sociolinguísticas. Segundo Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p.192),

o contínuo fazer-se da língua, desse modo, só poderia ser flagrado na fala, ao passo que a escrita, por seu alto nível de planejamento, funcionaria como refreadora desse fazer-se, o

que justificaria seu estatuto marginal na investigação de fatos de variação e mudança.

Romaine (1982, p.14 *apud* LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.192) é quem questiona a falta de uma “reflexão explícita acerca da pesquisa sociolinguística em dados de língua escrita”, propondo, assim, a sua incorporação aos estudos e pesquisas sociolinguísticas⁴⁸. Entretanto, Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p.193) comentam que “a utilização de material de escrita ainda não está livre de ressalvas quanto à representatividade da língua, tipo de ressalva que convencionalmente não se aplica aos dados de fala”.

Ainda que ocorram restrições como esta, sabemos que o contraste existente entre uma imagem que se tem da língua – obtida em textos escritos mais antigos, por exemplo – e sua realidade atual evidencia as mudanças pelas quais essa passou ou ainda passa. Tal fato nos mostra que a análise da língua escrita pode ser também grande reveladora de mudança, já que o grau de conservadorismo que a escrita apresenta em relação à fala se manifesta em graus variados, a depender, por exemplo, do gênero discursivo-textual considerado.

Entretanto, vale ressaltar que nem toda diferença entre língua falada e língua escrita é sinal de mudança, podendo ser apenas característica própria da oralidade em oposição àquelas próprias da escrita. Essa, por exemplo, permite o uso e o desenvolvimento de recursos sintáticos que não são próprios da fala, como o uso de sentenças longas contendo intercalações de outras sentenças. Tal diferença não significa que a fala simplifique os processos sintáticos, mas apenas que os realiza de formas diferentes (FARACO, 2005).

Assim, é importante, antes de tudo, sabermos que o texto escrito não pode ser entendido, unicamente, como uma reprodução ou representação da fala. Mais do que isso, é preciso saber que não existe uma correspondência exata entre as unidades utilizadas na comunicação oral e aquelas utilizadas na comunicação escrita (DUBOIS, 1998). Ainda que esta concepção de alguma forma persista, é preciso ter consciência de que

⁴⁸ Essa preocupação, segundo Romaine (1982), se instaura quando o campo de estudo da sociolinguística se expande para incorporar também fenômenos morfossintáticos, não tão dependentes da observação de realização acústico-articulatória quanto os fenômenos fonéticos/fonológicos (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.193)

pensar a escrita como uma forma de representação da fala é tomar como ponto de partida a correspondência imperfeita entre som e letra – que estaria na base do código alfabético – e expandi-la para outras dimensões da linguagem, como a morfossintática e a lexical. Se seguirmos esse raciocínio, chegaríamos ao ponto de propor que, para se obter uma *forma escrita* adequada, seria necessário aprofundar ao máximo uma espécie de abismo entre ela e a *forma falada* correspondente. Eis, nesse modo de adequação, a reposição integral da dicotomia entre o falado e o escrito, fonte de noções como a de descontextualização, explicitude e, mesmo, a de pureza da escrita, já fartamente questionadas por inúmeros estudiosos (CORRÊA, 2006, pág. 280).

Mais uma vez, nos deparamos aqui com questões que tratam “o falado” e “o escrito” como modalidades distintas da língua, de modo que consideramos importante a reflexão acerca do quanto a língua escrita pode, sim, ser heterogênea e, por isso, suscetível ao aparecimento de casos de variação. Para tanto, é preciso conceber a ideia de que a relação entre fala e escrita se dá como que numa relação de mão dupla, de modo que, por isso, os “elementos dessa constituição heterogênea marcam presença tanto nos produtos da fala quanto nos da escrita” (CORRÊA, 2006, pág. 269). Isso significa que se, com os adventos da Sociolinguística, passou-se a reconhecer a heterogeneidade da língua, não há razões para que o mesmo não se aplique à escrita, enquanto modo de enunciação, e à sua constituição. Quanto aos elementos dessa constituição então heterogênea, sabemos que “os enunciados falados e escritos [...] decorrem das variadas práticas sociais de oralidade e letramento que lhes são constitutivas e que são altamente variáveis em função do tempo e de aspectos culturais” (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.199).

Assim, se “admitimos um vínculo entre a prática social e os fenômenos linguísticos”, entendemos que compreender o caráter heterogêneo da escrita é buscar também legitimar os diferentes tipos de letramento, uma vez que, a partir daí, passa-se a entender “letramento” para além da associação etimológica com “letra”, escrita, sendo também importante associá-lo às práticas sociais que o permeiam. Novamente, voltamos aqui a questões que envolvem a dissolução da dicotomia fala e escrita. Segundo Corrêa (2006, pág. 277)

desse ponto de vista, a crítica à separação dicotômica dos campos da oralidade e do letramento (e de seus correlatos: modo de enunciação falado e modo de enunciação escrito) teria vindo para legitimar a tradição oral como uma forma escritural [...]. Tal concepção teria, também, a vantagem de reconhecer que o papel da tradição oral é, dentre outros, o de perpetuar a memória cultural de um povo, constituindo, nas suas diversas práticas, campos de produção de saberes (formais ou informais) que resultam em diferentes tipos de letramento. [...] Os saberes informais (não escolarizados) ganham legitimidade e passam a ser vistos como tipos de letramento associados a práticas sociais específicas, uma vez que, sejam eles associados, ou não, a práticas tradicionais de escrita, seu domínio contribui inegavelmente, para o desempenho das rotinas cotidianas.

Assim, mais do que reconhecer “(i) que há diferentes formas de escrita; (ii) que a escrita é heterogênea, e (iii) que os gêneros discursivos compartilham traços de ambos os modos de enunciação (falado e escrito)”, é preciso, agora, compreender a noção de letramento de forma mais ampla, para que, desde a sua concepção, a escrita seja vista e reconhecida como lugar de possíveis casos de variação e mudança (CORRÊA, 2006, pág. 277).

Sendo, então, a escrita vista como heterogênea, estabelecemos o fato de que esta carrega consigo, desde o letramento, traços da oralidade, mantidos, posteriormente, devido à fluidez e funcionalidade dos gêneros discursivo-textuais. É importante, assim, que a escrita deixe de ser vista como lugar de adequação, apenas. Quanto a isso, sabe-se que

a ideia de adequação como recomendação última para os usos da linguagem está intimamente ligada a de eficácia da comunicação. Para que se chegue a obtê-la, costuma-se recomendar que o texto (falado ou escrito) seja funcional em relação às diferentes situações de uso, mais ou menos formais. A eficácia de um texto seria, pois, uma qualidade que se produziria com base na recusa (ou, pelo menos, na tentativa de controle) de qualquer desvio de estilo. Mas não só isso: também as marcas que podem fazer repercutir negativamente a variedade do falante no texto são tidas como um obstáculo para a sua eficácia; recusá-las teria a função de evitar o efeito negativo das marcas linguísticas estigmatizantes (CORRÊA, 2006, pág. 272).

Nesse ponto, cabe uma reflexão acerca do processo de produção de escrita, que nos coloca diante, principalmente, da “heterogeneidade dos gêneros advinda das relações intergenéricas (do falado e do escrito)”

(CORRÊA, 2006, pág. 281). Aqui, a compreensão da configuração dos gêneros discursivo-textuais e de sua dinamicidade nos permite compreender de que modo a escrita faz-se também dinâmica e, por isso, heterogênea.

Segundo Marcuschi (2005, pág. 21), são inviáveis os vários esforços que tentam categorizar os gêneros e suas classificações e, independente de uma ou outra denominação (*gêneros do discurso* ou *gêneros textuais*), destaca-se o fato de que

as dimensões geralmente adotadas para a identificação e análise dos gêneros são sócio comunicativas e referem-se à função e organização, ao conteúdo e meio de circulação, aos atores sociais envolvidos e atividades discursivas implicadas, ao enquadre sócio histórico e atos retóricos praticados e assim por diante (MARCUSCHI, 2005, pág. 21).

É preciso, dessa forma, pensar que as diferentes constituições de um gênero⁴⁹ dependem, além de outros fatores, das diferentes atividades humanas existentes, sendo estas marcadas por variadas “forças externas”. Assim, as forças históricas, sociais, culturais, institucionais e técnicas que atuam sobre um determinado gênero, interferindo em sua concepção, é o que fazem com que eles sejam tidos, então, como *dinâmicos*. Isso quer dizer que são estas “forças externas” – e não apenas as características formais de um gênero – que irão determinar a sua funcionalidade. Afirmar que os gêneros podem ser dinâmicos e maleáveis é o mesmo que afirmar que eles surgem e se moldam de acordo com as necessidades e atividades socioculturais vigentes em um determinado momento. Em outras palavras, é preciso entender que a constituição de um gênero não pode ser regida apenas pelas pressões externas a este, assim como esse mesmo gênero não pode ser considerado uma estrutura canônica e determinista.

Isso significa que, ainda que os gêneros limitem a nossa ação na escrita, é imprescindível considerar o fato de que são eles também “um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação” (MARCUSCHI, 2005, pág. 18). A este fato associamos a ideia de que um dado gênero é, então, “essencialmente

⁴⁹ Neste ponto da pesquisa, abandonamos o termo que especifica o gênero como “discursivo-textual” e nos valem, preponderantemente, de sua condição “textual”, já que nos referimos, agora, de forma certa às cartas de leitores. Por tal motivo, passamos a adotar a terminologia

flexível e maleável, tal como seu componente crucial, a linguagem” (MARCUSCHI, 2005, pág. 18). Para Marcuschi (2005, pág. 18 – grifos do autor),

desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas.

Diante disso, é importante pensar, hoje, no lugar ocupado pela escrita e no quanto essa escrita é, ou não, essencialmente formal. Segundo Marcuschi (2005, pág. 28), as teorias que trabalham a noção de gênero não podem se esquecer de que as novas tecnologias, atualmente, transformaram os meios de comunicação e, mais do que nunca, quebraram paradigmas relacionados à máxima de que os meios escritos são, necessariamente, mais formais, uma vez que se reproduzem por meio da língua escrita – a exemplo disso temos diversos *softwares* usados para a troca instantânea de mensagens de texto, quase que reproduzindo a língua falada, e que se pautam, por isso, em uma escrita menos formal⁵⁰. Quanto a isso, sabemos que

os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias como o telefone, o rádio, a televisão e a internet. Um gênero dá origem a outro e assim se consolidam novas formas com novas funções de acordo com as atividades que vão surgindo. Nem sempre temos algo essencialmente novo, mas derivado como, por exemplo, os chats surgindo como uma forma de conversação por meios eletrônicos, ou os blogs surgindo dos diários de bordo. Este estado de coisas mostra a dinamicidade dos gêneros e sua facilidade de adaptação inclusive na materialidade linguística. Assim, hoje se reconhece que não é apenas a forma *stricto sensu* que resolve a questão do gênero e sim sua funcionalidade e organicidade (MARCUSCHI, 2005, pág. 22-23).

Ao nos voltarmos para o nosso universo de pesquisa, nos deparamos com o gênero “cartas de leitores” e nele identificamos o processo social de

“gênero textual”, entendido, agora, como categoria que engloba toda a produção textual (MARCUSCHI, 2005).

textualização, em que o “produtor de texto molda a linguagem em texto-como-gênero” (KRESS, 2003, pág. 87). Segundo Kress (2003, pág. 87), os gêneros ligados à esfera privada são de menor estabilidade formal, ao contrário daqueles que se referem à esfera da vida pública. Tal fato faz-nos pensar que “o dinamismo de formas e funções dos gêneros está ligado à maneira como circulam os artefatos culturais e, em particular, os textos” (MARCUSCHI, 2005, pág. 25).

Faz-se necessário aqui observar as várias mudanças estruturais já sofridas por este gênero e o quanto tais mudanças podem interferir na constituição de sua escrita. Assim como seria esperado, seguindo-se a estrutura de tal gênero, muitas das cartas de leitores aqui analisadas não apresentam em sua constituição data, vocativo e saudações – elementos que caracterizariam, em sua origem, uma carta de leitor. Entretanto, a ausência dessas marcações não faz com que uma carta de leitor se transforme em um novo gênero, mas nos sugere que este seja agora observado enquanto uma categoria fluida, dinâmica e maleável, uma vez que, muito provavelmente, os objetivos comunicativos daqueles que para as revistas escrevem tenham também se transformado ao longo do tempo, interferindo, vez ou outra, em sua constituição mais estrutural⁵¹. Para Marcuschi (2005, pág. 18), assim como “a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, multiplicam-se”. Podemos, ainda, ir além, ao afirmarmos que essa mesma língua que varia ao fundir-se com a maleabilidade dos gêneros textuais não poderia, em outra instância, ser, senão, heterogênea.

É fato que são muitos os gêneros textuais e que já não se deve mais priorizar suas definições ou classificações, interessando-nos aqui seus modos de organização e circulação, relacionados às ações sociais que os envolvem. Assim, “a teoria dos gêneros não serve tanto para a identificação de um gênero como tal e sim para a percepção de como o funcionamento da língua é dinâmico e embora sempre manifesto em textos, nunca deixa de se renovar nesse processo” (MARCUSCHI, 2005, pág. 26)

⁵⁰ Ainda que tais *softwares* e aplicativos possam ser reconhecidos com um “gênero digital”, nos limitamos, aqui, a reconhecê-los como mais um meio que permite a realização da escrita – nosso ponto de interesse para este trabalho.

⁵¹ É importante destacar aqui que tais cartas podem ainda sofrer edições por parte das revistas que as publicam, interferindo, assim, em sua organização estrutural.

Por não acreditarmos no fato de que fala e escrita encontram-se “em contraste no que se refere ao sistema linguístico que lhes é subjacente” (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.196) é que nos questionamos a respeito dos dados de escrita serem ainda tão ignorados e usados de forma escassa nas pesquisas sociolinguísticas. Além do mais, nos voltamos aqui para a análise de fenômenos sintáticos, o que faz com que, metodologicamente, nos baseemos em dados de escrita⁵², uma vez que certos fenômenos ou construções sintáticas ocorrem na fala com menor frequência.

Dessa forma, a busca por situações de variação e mudança em um corpus escrito nos faz reconhecer, assim como na fala, o caráter heterogêneo também da escrita (cf. CORRÊA, 1997, 2004) e nos mostra que existem questões abertas e relevantes a serem respondidas ao longo desse trabalho: (i) até que ponto a heterogeneidade constitui característica própria da modalidade (heterogeneidade **da** escrita)? (ii) até que ponto e como a escrita é permeável aos processos de variação identificados na fala; ou seja, até que ponto e como é possível identificar a heterogeneidade **na** escrita? Neste primeiro momento de reflexão partimos do pressuposto de que a dinamicidade dos gêneros textuais, em especial o gênero “carta de leitores”, reflete também a dinamicidade de uma “nova escrita”, agora menos formal e, por isso, mais heterogênea e, conseqüentemente, aberta a possíveis casos de variação, o que faz com que defendamos, então, uma *sociolinguística mais escrita*.

3.1.5 Algumas considerações sobre *normas linguísticas* – revisitando conceitos

Outra discussão teórica bastante importante para o desenvolvimento desta pesquisa diz respeito a uma questão de grande relevância para os estudos em variação e mudança: a compreensão das *normas linguísticas* e seus modos de organização e aplicação por uma determinada comunidade de

⁵² Outro aspecto importante que justifica nossa escolha pelas cartas tem a ver, obviamente, com a questão central deste trabalho – a relação entre estilo e gênero/sexo. A análise de dados de escrita e, em particular, das cartas de leitores, serve muito bem ao propósito de investigar a (possível) constituição de estilos feminino e masculino. Nesse tipo de carta (enviadas a revistas que estabelecem claramente uma ideologia/identidade feminina ou masculina), o escrevente acaba construindo uma imagem de si, que é representada por meio de suas escolhas linguísticas.

fala. Trazemos aqui algumas conceituações importantes, a fim de identificar suas possíveis relações com os usos linguísticos característicos do português brasileiro e europeu – principalmente no que diz respeito ao emprego das preposições. É importante destacar que retomamos discussões desenvolvidas em Bueno (2014), que são aqui revistas e ampliadas.

Para tanto, partimos do fato de que, ao princípio postulado pela linguística estruturalista (o qual afirma que por trás de toda variação linguística há um sistema uniforme e homogêneo), foi seguramente adicionada a concepção proposta por Eugenio Coseriu, na década de 1950, que reformula a perspectiva dicotômica (sistema/fala) e propõe uma perspectiva tricotômica (sistema/norma/fala). Isso porque se percebeu que tal sistema binário não era capaz de dar conta da variedade linguística supra individual, fazendo com que fosse necessária a criação do conceito de norma (FARACO, 2008, p.36).

Para Coseriu (1980, p.122), a *norma* “contém tudo o que, no falar correspondente a uma língua funcional, é fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional”. Assim, a *norma* faz referência àquilo que é recorrente na fala de todos, podendo se alterar a qualquer momento, dependendo dos usos que são feitos. É preciso ter em mente que, seguindo o proposto por Coseriu, a *norma* se caracteriza como sendo um nível de abstração intermediário entre fala e sistema, e que, por conter também traços funcionais, é capaz de limitar a liberdade expressiva do indivíduo e reduzir, assim, as possibilidades oferecidas pelo sistema – portador apenas dos traços distintivos “necessários para que uma unidade da língua não se confunda com outra” (COSERIU, 1980, p.123).

Assim, mantendo o olhar estruturalista sobre o conceito de *norma* criado com base no pensamento saussuriano, pode-se entender *norma*, em seu plano teórico, como “cada um dos diferentes modos sociais de se realizar os grandes esquemas de relações do sistema. Nesse sentido, cada norma se organiza como um certo arranjo de possibilidades admitidas pelo sistema” (FARACO, 2008, p. 36).

Mais do que isso, é possível afirmar que a definição de *norma* corresponde a algo que é tradicionalmente dito e já aceito em determinada comunidade de fala. Entende-se, então, que é permitido

conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala (FARACO, 2008, p.37).

Para Humboldt, “se pode dizer com igual correção que o conjunto da humanidade tem uma só língua e que cada ser humano tem uma língua que lhe é exclusiva” (HUMBOLDT *apud* FARACO, 2008, p. 38), deixando claro, assim, que todas as manifestações da linguagem verbal têm, de um lado, organização e, de outro, mostram-se extremamente heterogêneas (FARACO, 2008, p.38). A partir disso, podemos pensar que não há *norma* sem organização, ou seja, “toda e qualquer variedade constitutiva de uma língua é dotada de organização” (FARACO, 2008, p. 37). Para Faraco,

não há grupo social que não tenha sua norma, que fale sem o suporte de uma dada organização estrutural (não há, portanto, “vernáculos sem lógica e sem regras”; o que pode haver – e há – são vernáculos com outra lógica e com outras regras) (FARACO, 2008, p.39).

A partir disso, pode-se pensar que uma comunidade linguística é composta por diversas comunidades de prática⁵³, caracterizadas por modos peculiares de falar, o que significa que existem *normas* específicas e próprias para cada experiência vivenciada por um falante. Assim, é normal que esse falante varie sua fala de acordo com a comunidade em que ele se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, capaz de acomodar o seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que ele pertence. (FARACO, 2008, p.40). Sabemos, com isso, que as *normas linguísticas* se fazem também de modo exocêntrico. Segundo Faraco (2008)

⁵³ Esta noção é entendida como um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um engajamento mútuo em algum objetivo comum. Maneiras de fazer as coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder - em suma, práticas - surgem no curso de suas atividades conjuntas em torno desse esforço. A *comunidade de prática* é uma construção social diferente da tradicional noção de comunidade, principalmente porque ela é definida simultaneamente por seus membros e pela prática em que essa filiação pode engajar. Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros que estruturam uma comunidade socialmente (ECKERT, McCONNELL-GINET, 1992)

assim como há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais de seu grupo social [...] o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s) (FARACO, 2008, p.43).

Assim, por vivenciar diferentes situações, um falante é capaz de colocar a sua *norma* em contato com outras normas, provocando, com isso, “múltiplas e contínuas interinfluências entre as normas”. (FARACO, 2008, p.44). Por isso, pode-se afirmar que as normas, por absorverem características umas das outras, são sempre hibridizadas. Faz-se necessário, então, encarar toda realidade linguística como sendo organizada, heterogênea, híbrida e mutante, pois, assim como não há uma *norma* pura, não há também uma *norma* estática, partindo-se do fato de que o contato e a hibridização das normas são fatores que favorecem o desencadeamento de mudanças linguísticas em diferentes direções (FARACO, 2008, p.44).

Com base nesses pressupostos, percebemos, então, que toda realidade linguística é organizada, heterogênea, híbrida e mutante (FARACO, 2008, p.45), o que nos leva ao fato de que, diante disso, o conceito de norma também pode ser visto e interpretado sobre vários vieses, importando-nos aqui, principalmente, a definição de *norma culta brasileira falada*. Entende-se, usualmente, por *norma culta* aquela dominada por falantes letrados e conhecedores das regras trazidas pelos manuais de gramática. Entretanto, pesquisas realizadas pelo projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) mostram que a *norma culta brasileira falada* pouco se distingue da *linguagem urbana comum* (usada por falantes que estão fora do grupo dos chamados – tecnicamente – cultos), quando, na verdade, o que se esperava era que, em situações de fala mais monitorada, os falantes da *norma culta brasileira* fizessem um uso maior dos preceitos trazidos pelas gramáticas normativas (PRETTI *apud* FARACO, 2008, p.48).

Com isso, segundo Faraco, é possível identificar a *norma culta* como “a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p.48). Daí é possível pensar que é a *linguagem urbana comum* a responsável por, de certa forma,

quebrar o preceito de que a *norma culta* é estritamente vinculada a uma elite altamente letrada, uma vez que essa *norma* se assemelha em muito àquela.

Em suma, é esta linguagem urbana comum que baliza de fato o falar culto (o que se poderia chamar tecnicamente de norma culta falada) e, ao mesmo tempo, tem poderoso efeito homogeneizante sobre as variedades do chamado português popular brasileiro (FARACO, 2008, p.49).

Ainda assim, tudo aquilo que se diferencia do que traz a *norma culta* é tomado como “erro”, quando, na verdade, não passa de variações em relação à *fala urbana comum*. Para Faraco (2008, pág. 50) aquilo que “se chama de ‘erros’ comuns – por serem justamente “erros” de todos – constituem, na verdade, características definidoras do português brasileiro urbano comum”.

Além disso, pensar o conceito de *norma* como um conceito variável e híbrido leva-nos à certeza de que “unidade linguística não implica uniformidade normativa” (CUNHA *apud* FARACO, 2008, p. 51). Isso traz à tona também o fato de que a norma culta falada difere da *norma culta* escrita, pois há fenômenos que ocorrem na fala culta que não necessariamente acontecem na escrita culta.

Diante de todos esses fatores, é de fundamental importância que a conceituação de *norma* seja entendida de acordo como ela de fato ocorre em nossa sociedade. É sabido que a língua é heterogênea e que, por isso, é constituída também por um conjunto heterogêneo de *normas*, específicas a cada situação de uso. Sendo assim, o prestígio social atribuído à *norma* denominada como *culta* acontece porque o seu “vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social” (FARACO, 2008, p. 73). Porém, isso não significa que as demais variedades sejam deturpações ou degradações de uma língua, já que, com base nos princípios sociolinguísticos, não há uma variedade que se sobreponha a outras.

Para evitar, então, contradições e usos inadequados, cabe aqui evidenciar a denominação de *norma-padrão*, que surgiu, segundo Faraco (2008, p.75), “quando se tentou estabelecer, por meio de instrumentos normativos (gramáticas e dicionários), um padrão de língua para os Estados

Centrais Modernos⁵⁴, de modo a terem eles um instrumento de política linguística capaz de contribuir para atenuar a diversidade linguística regional e social herdada da experiência feudal”.

Explicitando o papel desses instrumentos normativos, Faraco (2008) afirma que

neste contexto histórico, as gramáticas e os dicionários não foram entendidos apenas como instrumentos descritivos (isto é, de registro da norma culta/comum/standard), mas como instrumentos padronizadores, ou seja, como instrumentos de fixação de um padrão a ser tomado como regulador (normatizador) do comportamento dos falantes, visando alcançar uma “língua” para o Estado Centralizado. As gramáticas e os dicionários adquiriram, então, certa força coercitiva. Eles passaram a ser aceitos como instrumentos de medida do comportamento. Criou-se uma expectativa forte de que a fala e a escrita formais se conformassem ao que estava neles estipulados (FARACO, 2008, p.76).

Em decorrência disso é que a palavra *norma* tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. Primeiramente, *norma* pode fazer referência àquilo que é tido como normal, comum, sendo definida no “sentido matemático de frequência real dos comportamentos observados” (ALÉONG, 2001, p.148). Já o outro sentido traduz *norma* como sendo algo que é considerado normativo, ou seja, “um ideal definido por juízos de valor e pela presença de um elemento de reflexão consciente da parte das pessoas concernidas” (ALÉONG, 2001, p.148). De acordo com esse segundo sentido, a *norma* linguística pode ser entendida como o uso regado da língua, como a modalidade “sabida” por alguns, mas não por outros.

É importante ainda ressaltar que, apesar dessas distinções, normal e normativo são noções relativas, pois ambas estão ligadas diretamente ao social, - ao uso e bom uso da língua, respectivamente - sendo definidas por meio do grupo em que se manifestam.

Assim,

[...] a partir do momento em que uma sociedade não é um todo homogêneo mas conhece divisões e distinções de caráter social e econômico, o normativo e o normal são suscetíveis de variar de um grupo de indivíduos para outro. De igual modo, o

⁵⁴ Aqui, Faraco (2008) se refere ao processo de constituição dos Estados (nações) europeus no início da Era Moderna (séculos XV, XVI). Em alguns casos, o processo foi ainda mais tardio, como na criação do Estado alemão e italiano (século XIX).

desvio ou afastamento ao normativo é suscetível de adquirir significações muito diferentes conforme a natureza do grupo (ALÉONG, 2001, p. 149).

Define-se, então, *norma-padrão* como sendo algo que é norma, no sentido mais jurídico do termo (lei, ditame, regra compulsória) e, ao mesmo, como algo padrão, ou seja, modelo artificial e arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto vinculados a uma determinada classe social, a um determinado período histórico e num determinado lugar (BAGNO, 2003, p.79). Tal conceituação permite-nos dizer, segundo Bagno, que

as regras que a *norma-padrão* cobra da gente não atendem mais às nossas necessidades e expectativas de comunicação, de interação verbal, de atividade social por meio da linguagem. [...] Mesmo nos gêneros textuais escritos mais formais, mais monitorados, a *norma-padrão* já perdeu muito terreno para as regras linguísticas que caracterizam as variedades prestigiadas do português brasileiro contemporâneo (BAGNO, 2003, p.81).

Surge, então, segundo esse autor, a necessidade de se aplicar às realidades linguísticas e sociais as designações de “variedade de prestígio” ou “variedades estigmatizadas” para que, dessa forma, nenhum tipo de preconceito social seja praticado quando se pretende falar sobre o que é normativo ou não. Com isso, tratar certo uso da língua como sendo uma “variedade de prestígio”, deixa clara, de certa forma, a questão de que o que está em jogo é o prestígio social do falante e não a língua em si. O mesmo vale quando se pretende caracterizar variedades linguísticas de grupos sociais desfavorecidos e aí, então, o uso do termo “variedade estigmatizada”. Para Bagno

a distância entre a *norma-padrão* tradicional e as variedades prestigiadas é tão grande que muitas pessoas com escolaridade superior completa, inclusive professores de português, não conseguem perceber os supostos “erros” que os defensores da tradição normativista detectam a torto e a direito. [...] A sociolinguística tem mostrado que quando determinadas regras linguísticas rejeitadas pela *norma-padrão* tradicional se cristalizam na língua das classes sociais privilegiadas, e principalmente na escrita monitorada, é porque essas regras já se incorporaram definitivamente à gramática da língua, uma vez que a escrita mais monitorada, como se sabe, é mais conservadora e leva mais tempo para absorver as variantes inovadoras, que se manifestam primeiramente na língua falada. Quando os falantes privilegiados de uma

sociedade param de reagir desfavoravelmente a determinados usos linguísticos, quando param de considerá-lo como “erros”, é porque o ideal de língua “certa” já mudou, num processo de auto regulação natural e inerente aos grupos sociais, que independe da ação prescritivista das instâncias oficiais e oficiosas que pretendem controlar os destinos do idioma (BAGNO, 2003, p. 82).

Tais fatos comprovam que, compreendendo-se a relação entre as propriedades linguísticas e os parâmetros sociais, percebemos também que essa relação se faz em duas direções: na direção da língua para a realidade social e na direção desta para a língua. Assim, de um lado, é possível entender que a língua pode sustentar a identidade de uma sociedade e frear sua fragmentação; a *norma* gramatical serve, assim, de freio às mudanças e, principalmente, à sua percepção e aceitação. Por outro lado, pode-se entender que a diversidade social há de configurar uma língua não monolítica, a serviço da diversidade, sem se estabelecer uma relação necessária com a fragmentação.

Ao refletirmos sobre as *normas* brasileira e europeia, temos que, de acordo com Magalhães (2006), estudos comparativos do PB e do PE mostram que essas duas variedades do português apresentam diferenças em todos os níveis de gramática (MAGALHÃES, 2006). Assim, partindo-se do princípio de que qualquer modelo teórico da linguagem verbal tem, inexoravelmente, de se posicionar frente à variabilidade supra individual, ou seja, frente às diferentes variedades que constituem uma língua, é possível pensarmos que tais diferenças existentes entre o PB e o PE podem ser sustentadas, cada qual, por suas respectivas *normas linguísticas*.

Valem-nos muito, aqui, as palavras proferidas por Paul Teyssier, na introdução de seu *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil* (1989), quando afirma que

existem diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil. Essas diferenças abrangem todos os aspectos da língua – fonética, vocabulário, morfologia, sintaxe. A própria ortografia não está ainda totalmente unificada. Assim, cada uma das duas formas que toma a língua escrita e fala deve ser considerada, no seu domínio geográfico próprio, com a única válida e «correcta». Há portanto duas normas do português [a norma portuguesa e a norma brasileira], cada uma das quais forma um sistema autónomo e coerente.

Seguindo, então, esse pensamento, é preciso, aqui, retomarmos os conceitos de *norma* acima discutidos e reforçar o princípio de que uma determinada *norma* linguística pode ser assim considerada por ser ela frequente na fala de todos, uma vez que a *norma* seria, então, o conjunto de usos recorrentes. Deste modo, entendemos *norma* como sendo produto das escolhas linguísticas adotadas pelos falantes, assim como a posição destes frente a esses e outros usos da língua. Ao adotarmos este caminho para a nossa discussão, permitimo-nos afirmar que nem sempre a *norma linguística* estará diretamente relacionada com as prescrições trazidas pelas gramáticas tradicionais. Assim, intuímos que as variedades brasileira e europeia do português são, a princípio, sustentadas por suas respectivas *normas linguísticas* visto que para cada uma dessas possibilidades de uso encontramos conjuntos diferentes de usos recorrentes, ainda que as gramáticas tradicionais nos apresentem conteúdos bastante similares, conforme mostraremos na subseção 3.2.2.1.

3.2 AS PREPOSIÇÕES ENQUANTO FERRAMENTA DE ESTUDO

Compreender a fundo o objeto de estudo escolhido é tarefa imprescindível para todo e qualquer pesquisador, já que tal fato permite que esse pesquisador construa seus argumentos e estruture seus estudos com maior coesão. Assim, buscando melhor compreender o fenômeno linguístico por nós trabalhado, estudamos, nesta seção, alguns aspectos essenciais à estrutura e organização das quatro preposições trabalhadas, de modo a evidenciar suas principais funções e valores. Em seguida, trazemos um estudo mais detalhado sobre essas preposições, principalmente no que diz respeito às suas aplicações e usos, valendo-nos, para isso, de estudos tradicionais e descritivos. Por fim, estruturamos algumas ideias sobre os principais tipos verbais com os quais trabalhamos, buscando compreender quais são as relações estabelecidas entre eles e as preposições **a**, **até**, **em** e **para**.

3.2.1 Preposições: tipos, funções e valores

Afirma-se, tradicionalmente, que as preposições constituem uma classe gramatical fechada. Isso significaria que a classe das preposições é avessa a

receber novos membros, ou seja, novas preposições não são constantemente criadas. Porém, é interessante pensar na diferença entre classes abertas e fechadas de forma não tão arbitrária, de modo que se veja as classes abertas como mais propensas à criação de novos membros e as classes fechadas como pouco propensas a isso (ILARI *et al*, 2008, p.630). Isso porque, na realidade, a classe das preposições, apesar de não incorporar novos membros com uma grande frequência, como acontece nas classes abertas, não deixa de, vez ou outra, ter novos vocábulos classificados como preposições (“afora”, “fora”, “conforme”, “durante” etc.), assim como outros que são preposições já definidas pelas gramáticas e que, com o tempo, entram em desuso, como “ante”, “perante”, “pós” e “trás”. Para Ilari *et al* (2008), em um capítulo que aborda os usos e funcionalidades das preposições,

as classes fechadas englobam palavras que exprimem operações muito básicas que realizamos para reconceitualizar os dados de nossa percepção, e que têm sua contraparte também na arquitetura da língua. Isso quer dizer que saber o significado de palavras pertencentes a classes fechadas é saber algo sobre como é estruturada determinada língua. No que diz respeito às preposições, seu “significado de base” é espacial, ou seja, as preposições têm por função primária indicar, localizar objetos ou eventos, e isso é claro quando pensamos em preposições como sobre, após, desde, entre, etc. Porém, essas mesmas preposições são também usadas em contextos não espaciais (ILARI *et al*, 2008, p. 631).

Além disso, constatamos, quanto aos valores e sentidos atribuídos às preposições, que a dificuldade de percepção dos valores semânticos de cada um desses elementos foi suficiente para que se afirmasse que as preposições pudessem ser consideradas como palavras vazias⁵⁵ (TESNIÈRE *apud* POGGIO, 2002, p.100). Tal ideia pode e deve ser relativizada se levamos em conta a frequência e a diversidade de uso das preposições. O que acontece é que apesar das afirmações que defendem o fato de as preposições não terem sentido, vemos em sentenças igualmente estruturadas diferentes significados, quando alteradas apenas quanto à escolha da preposição.

⁵⁵ Poggio (2002, p.101) afirma que “ao tentar-se estabelecer uma distinção fundamental entre vários tipos de preposições, há uma discussão entre os linguistas sobre as chamadas ‘preposições vazias’ das línguas românicas. O termo ‘vazias’ foi introduzido por J. Vendryes com sentido de ‘morfema gramatical dependente do contexto’”.

Assim, ao considerarmos que uma determinada preposição pode ser empregada em diferentes construções e contextos, tomamos como inaceitável a afirmação de que esses elementos são palavras vazias de sentido. Mais do que isso, o fato de as preposições pertencerem a classes gramaticais fechadas não as torna vazias de sentido. Isso significa que “a alegada ‘ausência de sentido’ das preposições é o que se poderia chamar de ‘transposição de esquemas sem motivação aparente’”, ou seja, “não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, substantivo ou adjetivo, porque há uma motivação, ainda que atualmente “invisível”, por trás dessa combinação” (ILARI *et al*, 2008, p.632).

Dessa forma, ao analisarmos os exemplos “*Cheguei de Recife*” e “*Cheguei em Recife*”, notamos que há uma diferença de sentido entre as duas construções provocada pela alternância da preposição, que, por isso, não pode ser considerada como um “‘mero instrumento gramatical’, ‘vazio de sentido’” (ILARI *et al* 2008, p. 632). Sobre essa discussão, Poggio (2002, p.123) afirma que

alguns gramáticos assinalam que as preposições não possuem significação própria. Entretanto, se a preposição é um signo linguístico, ela possui não só significante, mas também um significado. Esses signos lingüísticos expressam relações lógico-designativas do tipo “agente”, “destinatário”, “lugar”, “tempo”, “matéria”, “instrumento”, “posse”, “causa”, “finalidade”, etc. Cada preposição pode expressar mais de uma dessas relações.

Pode-se afirmar que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de uma situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que seja preciso levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas. Isso porque a maior ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida. Assim, é a partir dessa significação fundamental

que se abre espaço para que as preposições em questão funcionem como variantes.

É nesse sentido que POGGIO (2002) aponta para a possibilidade de variação nesse domínio, defendendo que “mesmo que cada preposição possua uma significação fundamental e todas elas sejam distintas entre si, é possível que duas ou mais delas possam empregar-se na mesma frase com o mesmo sentido”, fato esse que pretendendo investigar (POGGIO, 2002, p.113).

3.2.2 Estudando as preposições *a*, *até*, *em* e *para*

Trazemos, nesta seção, definições mais específicas sobre as preposições **a**, **até**, **em** e **para**, desde informações sobre o surgimento de tais elementos até o conteúdo abordado por gramáticas brasileiras e portuguesas. Desejamos, assim, de forma bastante objetiva, organizar os materiais existentes sobre as quatro preposições selecionadas para este trabalho e, com isso, entender, de modo prático e claro, o que a *norma-padrão* – codificada como modelar para a escrita (FARACO, 2008) – dessas duas variedades do português tem a nos dizer sobre os empregos dessas preposições. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica de todo o conteúdo já apresentado por Bueno (2014), além de complementarmos tal material com novas acepções acerca do uso dessas preposições, seja em gramáticas brasileiras e portuguesas, seja em estudos linguísticos sobre o tema, sempre buscando pelos valores sintático-semânticos⁵⁶ atribuídos a essas preposições. Os quadros 01, 02 e 03 reproduzem de forma organizada os trabalhos utilizados.

⁵⁶ Apesar dos variados usos e sentidos apresentados pelas Gramáticas e Manuais consultados, é importante destacarmos que trabalharemos com as preposições **a**, **até**, **em** e

Quadro 01. Obras de cunho tradicional

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
SAID ALI, M. ([1921] 1964)	Gramática Histórica da Língua Portuguesa
DIAS, A. E. da S. (1970)	Syntaxe Histórica Portuguesa
TEYSSIER (1989)	Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil
CUNHA E CINTRA (2008)	Nova gramática do português contemporâneo
ROCHA LIMA (1984)	Gramática normativa da Língua Portuguesa
BECHARA (2002)	Moderna gramática portuguesa

Quadro 02. Obras de cunho descritivo

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
ILARI et al (2008)	Gramática do Português Culto Falado do Brasil
CYRINO, NUNES e PAGOTTO (2009)	Gramática do português culto falado no Brasil
NEVES (2011)	Gramática de usos do português
CASTILHO (2015)	Pequena gramática do português brasileiro

Quadro 03. Outros estudos linguísticos e o uso das preposições

AUTOR (ANO)	TÍTULO DA OBRA
BERLINCK (1996)	The portuguese dative
BERLINCK (2001)	Dativo ou locativo? Sobre sentidos e formas do dativo no português
POGGIO (2002)	Processo de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista
BUENO (2014)	Variação e gênero textual: o uso de preposições nas cartas de leitoras brasileiras e portuguesas

Mostramos, nas subseções 3.2.2.1 e 3.2.2.2, o conteúdo trazido pelas obras de cunho tradicional e por aquelas denominadas descritivas, respectivamente. Além disso, variados estudos linguísticos acerca de tais preposições permeiam estas duas seções, ajudando-nos a melhor compreender seus usos e funcionamentos. Outras seções, baseadas em outros estudos linguísticos mais específicos, nos trazem informações sobre a tipologia verbal aqui trabalhada.

Sabemos, já de antemão, que as descrições gramaticais focalizam os valores e sentidos expressos pelas preposições, deixando, entretanto, de

para quando encontradas em contextos que expressem *direção*, *movimento com transferência*

abordar aspectos importantes relativos aos seus usos. Em um primeiro momento, torna-se importante para nós considerarmos e compreendermos que valores e sentidos são esses, para que, posteriormente, possamos correlacioná-los, então, com as diversas situações de uso que podem surgir, assim como nos mostram os vários estudos que têm constatado que esses elementos estão sujeitos a processos de variação e mudança⁵⁷.

3.2.2.1 O uso das preposições e as Gramáticas Tradicionais

As Gramáticas Tradicionais entendem as preposições como a “unidade linguística desprovida de independência – isto é, que não aparece sozinha no discurso” (BECHARA, 2002, pág. 296). Assim, esse elemento gramatical não exerce nenhum outro papel senão ser índice da função gramatical de termo que ela introduz. Ainda assim, estas mesmas gramáticas admitem também que “cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentidos), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo” (BECHARA, 2002, pág. 298). É, então, com base nesse significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação, que afunilamos nossos estudos sobre estas quatro preposições.

Iniciamos esta seção com a preposição **a** e temos que ela expressa a ideia de direção e está predominantemente ligada a verbos. No latim, a forma *ad* tinha mais de uma acepção, podendo significar “direção”, “movimento para algum ponto”, “aproximação”, todas elas relativas a espaço. Segundo Poggio (2002, p.158), “os sentidos de **ad** foram conservados na preposição portuguesa **a**, apesar da concorrência de **para**. Dos usos da preposição **a**, correspondentes aos latinos, podem ser citados os exemplos a seguir, encontrados nos Diálogos de São Gregório”:

e transferência material/perceptual e transferência verbal.

⁵⁷ Segundo Ilari *et al* (2008), essas quatro preposições atribuem à figura a noção de ponto final de um percurso. Exemplos como “**Fui a uma papelaria** à procura da Cosmo [...]” (*Cosmopolitan*, 2013, p. 12); “Eu saí do trabalho e **fui direto para o cinema** [...]” (*Nova*, 2015, p. 104); “Ao **chegar na pista**, experimente falar algo no ouvido dela.” (*Men’s Health* Brasil, 2010, p.18); “[...] **sigam até o ginásio** e façam essas três provas cronometradas.” (*Men’s Health* Portugal, 2012 p. 15), mostram que as preposições **a**, **até**, **em** e **para** entram em variação quando acompanham verbos de movimento.

-‘direção no espaço’:

*Enton o bispo Castorio veo **ao** moesteiro (1,29, 4-5);*

-‘direção no tempo’:

***aa** hora de comer non poderon aver senon cinque pães pera darem aos frades a comer (2, 21, 3);*

-‘direção para um fim’:

*mais pero rogo-te se saber ainda alguma cousa [...] que nos possas contar **a** conforto de nossas almas (1. 4. 27).*

Também para Cunha e Cintra (2008), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, a preposição **a** expressa movimento, interessando-nos, aqui, aquele que se dá em direção a um limite no espaço.

(01) Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes à casa de nhá Venância (M. Ferreira, *HB*, 71).⁵⁸

Augusto Epiphânio da Silva Dias, autor português da *Syntaxe Histórica Portuguesa* (1970), inicia sua exposição sobre a preposição **a** afirmando que esta,

designando o objecto a que vae referir-se a acção de um verbo, e os pron. pessoas nas formas átonas correspondentes, junta-se em primeiro lugar: aos verbos que representam (como dar) ou que substituíram (como pagar que substituiu **pendere**, **solvere**) verbos latinos que pedem dativo ou **ad** (DIAS, 1970, p.109).

Entre os inúmeros verbos citados, encontramos *dar*, *doar*, *conceder*, *offerecer*, *propor*, *annunciar*, *dizer*, *declarar*, *suggerir*, *expor* e *entregar*⁵⁹, que podem ser considerados, segundo a nossa tipologia verbal, como verbos de transferência verbal e transferência material.

Outra definição sobre a preposição **a** diz que “depois de verbos que supõem um movimento, emprega-se às vezes **a** (ou as formas do comp. indirecto dos pron. pessoas), no sentido de *contra*; v.g. ‘açular-lhe os cães” (DIAS, 1970, p.116). Ainda sobre os verbos de movimento, extremamente importantes para o nosso estudo, Dias afirma que

depois de alguns verbos, e nomes, de movimento para um lugar (*ir*, *vir*, *voltar*, *tornar*, *ida*, etc.), **a dá** a entender que ida,

⁵⁸ Os exemplos (01) e de (03) a (07) foram retirados da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008).

⁵⁹ Essa tipologia será apresentada em detalhes na subseção 3.2.3.3.

etc., é só para certo fim, voltando-se depois, ao passo que **para** não envolve tal ideia. Antes, porém, de certos substantivos, **a** e **para** tem outra diferença de significação, assim em *ir para a aula*, **para** só designa o termo do movimento, *ir á aula*, **a** allude ao que lá se vae fazer.

Sempre se emprega **para**, depois de *partir*, *fazer-se de vela*, *embarcar*, *navegar* (mas em relação aos rumos também se diz, v.g.: *navegar ao sul*), *continuar*, *seguir*, *prosseguir*, também depois de *deitar* (no sentido em que se diz: *a janella deita para o jardim*).

Em algumas combinações, **a** serve de designar o fim, v.g.: *ir á pesca*, *tocar á missa* (DIAS, 1970, p. 118-119).

Tal como Dias (1970), Paul Teyssier, autor do *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil* (1989), afirma ainda que, em Portugal, usa-se sempre com o verbo chegar a preposição **a** (“*Chegou à escola*”), enquanto que, no Brasil, encontra-se, muitas vezes, a preposição **em** junto desse verbo (“*Chegou na escola*”) (TEYSSIER, 1989, p.340).

Para Cuesta e Mendes da Luz (1971), autoras da gramática portuguesa intitulada *Gramática da Língua Portuguesa*, a preposição **a** é a mais utilizada em português. As autoras afirmam que

1. Usa-se, em português, a preposição **a** com o complemento indirecto: **Deram** os brinquedos **aos** **meninos**? [...]
2. Com os verbos *aconselhar*, *acudir*, *agradar*, *ajudar*, [...], *negar*, *obedecer*, *ordenar*, *pedir*, *permitir*, *recusar*, *renunciar*, *resistir*, *responder* usa-se sempre o complemento directo com preposição. Assim: **Pediram ao teu irmão** por ti.
3. [...] Utiliza-se em português a preposição **a** para indicar o lugar para onde alguém se dirige, mas com um significado acessório de temporalidade e de retorno próximo que a distingue de **para**, que indica permanência. Assim: **Vou a casa** um minutinho; **Vou já para casa** (com a intenção de não voltar a sair nesse dia); **Vou a Lisboa** (por pouco tempo); **Vou para Lisboa** (pra aí ficar).

Segundo Bechara (2002), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, a preposição **a** pertence, segundo um ponto de vista semântico, a um campo que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada), admitindo, com isso, uma nova divisão em outros dois subgrupos, interessando-nos aquele marcado por um (i) movimento de aproximação ao ponto de chegada. Destacamos, ainda, o fato de a preposição **a** introduzir objetos directos e

também circunstâncias que expressem termo de movimento ou extensão, assim como mostrado abaixo.

(02) Nesse mesmo dia **levei-os ao Banco do Brasil** (MA, 1, 151).

Quanto à preposição **até**, sabemos que esta não está entre as mais gramaticalizadas, porque não pode ser amalgamada a outros itens lexicais e tem um valor semântico bastante claro, que é a ideia de limite final. Sobre esta preposição “simples”, Teyssier (1989, p.352) afirma que

Diz-se, na língua moderna:

- Até a antes do artigo definido, p. ex.: *até ao rio, até à noite*;

- Até sozinho em todos os outros casos, p. ex.: *até Lisboa, até aqui, até domingo, até logo, até o encontrares*.

Mas esta distinção nem sempre é respeitada e encontra-se por vezes até sozinho, mesmo com o artigo definido.

Para Bechara (2002, pág. 311), a preposição **até** indica o limite, o termo de movimento, assim como para Cunha e Cintra (2008), que afirmam que tal preposição pode expressar também movimento, porém significando, agora, aproximação de um limite com insistência nele, como vemos no exemplo abaixo.

(03) Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco. (Coelho Netto, OS, I, 1237).

Vale, ainda, destacar a observação feita pelos autores sobre o uso dessa preposição no PB e no PE, sendo que **até** pode vir, ou não, seguido pela preposição **a**. Segundo Cunha e Cintra (2008, p.580), “pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, **até** com a preposição **a**, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de **até** diretamente ligada ao termo regido”. Para Cuesta e Mendes da Luz (1971, pág. 555), “emprega-se geralmente em português a preposição **até** seguida da preposição **a**, mas este uso é moderno e alguns escritores preferem todavia a forma clássica sem **a**”.

Em relação à preposição **em**, ao observarmos a *Syntaxe Histórica Portuguesa* (DIAS, 1970), encontramos uma primeira significação, mais geral, destinada a essa preposição que diz que ela

designa o lugar *onde* uma coisa está ou se põe, tanto no sentido proprio como no translato, ou *onde* acontece: *estar em casa, pôr o jantar na mesa, estar em êrro, andar em francês, bater com o pé no chão, fundar-se em razões sólidas, escrever em pergaminho, vingar-se em alguém* (DIAS, 1970, p.142).

Depois disso, Dias (1970) afirma que esta preposição combina-se com verbos que exprimem a ideia de deixar entrar ou fazer entrar, sendo que o “termo do movimento (no sentido proprio e no translato) designa-se não como tal, mas como lugar onde, sendo que se considera prolepticamente, não o movimento, a que se referem aquelles verbos e locuções, mas o estado que se segue áquelle movimento” (DIAS, 1970, p.122). O autor diz ainda que essa mesma sintaxe ocorre no português arcaico médio com outros verbos avulsos, como *sair, ir, passar, passar-se*, cabendo a nós destacarmos a relevância da seguinte observação feita por Dias logo após essas constatações: “Obs. 2ª - Diz-se *entrar*, v.g. **na sala** e **para a sala**; entrar **em** refere-se simplesmente ao termo do movimento, entrar **para** allude ao fim para que se entra” (1970, p.144).

Quanto a isso, Teyssier (1989, p.345) afirma que ela é empregada antes dos nomes de cidades e de países, “para indicar que se está lá (sem movimento: “*Estou em Lisboa*”) e **a** ou **para** para indicar que se vai para lá (com movimento: “*Vou a/para Portugal*”).

Também com acepção de movimento, temos destacada por Cunha e Cintra (2008, p.584) a preposição **em**, indicando “superação de um limite de interioridade”, como vemos no exemplo (04); e “alcance de uma situação dentro de um espaço”, como temos no exemplo (05).

(04) Os Garcias entraram em casa calados. (V. Nemésio, MTC, 194)

(05) Os serventes caminhavam em todas as direções transportando padiolas de cimento. (A. Santos, K, 56)

Para Bechara (2002, pág. 316-317), a preposição **em** denota, além de várias outras acepções, “lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado”. Entretanto, destaca que “a língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir* e *chegar*, preferindo a preposição *a*: ***Ir à cidade; chegar ao colégio***”. Ao observarmos a *Gramática da Língua Portuguesa* (Cuesta e Mendes da Luz, 1971, pág. 557), encontramos que “por vezes, a preposição **em** usa-se em português em vez de **a** com verbos de movimento, como na frase: ***Saltar em terra***”. Além disso, as autoras afirmam que “na língua familiar brasileira, o emprego de **em** com esta classe de verbos é frequentíssimo: ***Cheguei na cidade*** por ***Cheguei à cidade***” (Cuesta e Mendes da Luz, 1971, pág. 557).

Já Rocha Lima (1984, pág. 158), nos diz que, em algumas situações, também se adicionam ao artigo esta preposição **em**, trazendo-nos como resultados “aspectos menos esperáveis”, como “no, na, nos e nas”. Esta afirmação nos sugere, então, uma menor aceitação pela gramática dessas construções.

Por fim, em todos os Manuais e Gramáticas pesquisados, encontramos, de forma bastante generalizada, acepções que confirmam os usos da preposição **para** diante de situações que expressam movimento ou direção: para DIAS (1970, p.122), uma das alusões a esta preposição se faz quando na designação do termo do movimento: “na designação do lugar onde, emprega-se em contraposição ao lugar em que se está (e reforça-se a expressão com o advérbio *lá*): ***Está (lá) para a quinta***” (DIAS, 1970, p.122).

No *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil* (1989), encontramos que **para** “indica, no seu sentido próprio, a progressão de um movimento no sentido de seu termo” (TEYSSIER, 1989, p.346). Entre os seus possíveis valores semânticos – tempo, noção e espaço –, interessa-nos este último, já que junto dele encontraremos verbos indicando movimento (“***Partiu para São Paulo.***”).

Para as autoras Cuesta e Mendes da Luz (1971, pág. 558), a preposição **para** emprega-se:

1. Com o complemento indirecto alternando com a preposição *a*, à qual acrescenta a ideia de fim, pelo que aparece em orações que têm já outro complemento indirecto:

Deram-me uma carta para você⁶⁰;
 Trouxe-lhe um livro para o Zé⁶¹.

2. Com verbos de movimento, para indicar o termo definitivo deste por oposição a **a**, que tem um sentido de breve duração. Assim: Vou hoje ao Pedro e amanhã irei para Lisboa. [...]

5. Tem por vezes o significado de ‘em direção a’:

Dirigiu-se para a janela;

Voltei para a direita e avistei um casebre. [...]

6. Quando se deseja expressar a ideia de fim:

Saiu para passear;

Ir para as termas.

8. Com alguns verbos como *caminhar, continuar, fugir, navegar, partir, prosseguir, seguir*, emprega-se quase unicamente **para**, enquanto com outros, como *ir* e *vir*, podem ser usadas **a** e **para**.

Para Bechara (2002, pág. 317), esta preposição indica “termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino: Foi para Europa”. Já Cunha e Cintra (2008) afirmam que a preposição **para** indica movimento, pois implica uma “tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva”. Os autores dizem ainda que **para** “distingue-se de **a** por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre o término do movimento” (CUNHA e CINTRA, 2008, p.587). Temos os casos (06) e (07) como exemplos. (06) Agora, não lhe interessava ir para o Huamba. (Castro Soromenho, TM, 200). (07) Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se para o Rio veio morar com suas irmãs. (P. Nava, BO, 335).

3.2.2.2 O uso das preposições e as Gramáticas Descritivas

Iniciamos esta seção com uma definição importante, elaborada por Castilho (2015, pág. 298-299) em sua *Pequena gramática do português brasileiro*, a respeito das preposições. Para o autor, “o sentido base das preposições consiste em expressar as categorias cognitivas de **tempo** e **espaço**”, sendo aqui categorias cognitivas entendidas como “os arranjos mentais que fazemos sobre o mundo real e fictício, organizando tudo em categorias [...]”. Segundo o autor (2015, pág.299),

⁶⁰ É válido destacar que esta é típica do português europeu.

para entender melhor como as categorias de tempo e espaço funcionam, precisaremos lançar mão das subcategorias posição, deslocamento e distância no **espaço/tempo**. [...] Para localizar seres e coisas no **espaço/tempo**, tomamos por referência o corpo humano. Nessa representação, dispomos as coisas:

1. ao lado esquerdo ou direito do nosso corpo (= eixo horizontal);
2. acima ou abaixo do nosso corpo (= eixo vertical);
3. atrás ou à frente de nosso corpo (= eixo transversal);
4. dentro ou fora de nosso corpo (= eixo continente/conteúdo);
5. longe ou perto de nosso corpo (= eixo distal/proximal).

Diante dessas definições, temos que as preposições **a**, **até**, **em** e **para** em situações específicas de complementação verbal pertencem, segundo Castilho (2015), ao **eixo horizontal**. Esse eixo “implica a imagem de percurso, de deslocamento, assinalada pelos pontos inicial/origem, medial e final/meta” (CASTILHO, 2015, pág. 299-300). É, então, no ponto final que encontramos as quatro preposições aqui trabalhadas, empregadas junto a *verbos de movimento*, tais como ir, vir, chegar, partir, entrar, viajar. Ainda que essa gramática não nos traga, de forma individual, os valores e as funções associados a essas preposições, percebemos que são vários os sentidos associados a uma mesma preposição.

Quanto às definições específicas de cada preposição, encontramos em Ilari *et al* (2008) que a preposição **a** pode ser amalgamada a outros itens lexicais, tendo um valor semântico bastante esvaziado e podendo formar locuções de diferentes tipos. Poggio (2002, p.159) afirma, ainda, que a preposição **a** sofreu uma grande ampliação em seu campo semântico, em sua passagem para o português, conforme notamos nas seguintes acepções:

a) antes de verbos no infinitivo, indicando o ‘resultado’ ou o ‘fim a que visa a ação’; geralmente, nesse caso, é usada a preposição **para**, entretanto, quando o resultado a alcançar está mais ligado ao ato determinante, prefere-se empregar **a**; ex.:

Quando Christo redemptor nosso entrou no horto a orar a seu Padre, apartou consigo os tres mais favorecidos discipulos (Vieira, **Serm.** 8, 12) (Said Ali 1964:217);

b) a expressão **estar a + infinitivo** denota ‘ação mais próxima’ ou ‘imediate’ e, em Portugal, expressa ‘tempo presente’; ex.:

⁶¹ É válido destacar que esta é típica do português europeu.

Estar a dizer ('*estar dizendo*') (POGGIO, 2002, p.159-160 – grifo nosso).

Para Neves (2011), em sua *Gramática de usos do português*, a preposição **a** pode introduzir um complemento de verbo quando (i) o complemento se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência; (ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal; (iii) o complemento se refere ao beneficiário; (iv) o complemento é afetado pela ação verbal, com construções verbais de ação-processo que marcam qual a transformação que se dá no complemento e (v) o complemento é efetuado, a partir da ação verbal (NEVES, 2011, p.603-615). Ilustramos, com a tabela abaixo, cada um desses casos citados, sendo importante ressaltar que o caso mostrado em (08)⁶² apresenta verbo de direção, enquanto que todos os casos exemplificados de (09) a (15) são por nós considerados e classificados como casos de verbos de transferência verbal, conforme tipologia que será apresentada em 3.2.3.3. Por fim, os exemplos de (16) a (18) são considerados construções com verbos leves.

⁶² Os exemplos de (08) a (21) foram retirados da *Gramática de usos do português*, de Neves (2011).

Quadro 04. Preposição *a* como introdutora de complemento verbal.

Preposição A		
Complemento	Verbos que indicam:	Exemplos
(i) O complemento se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência	Movimento em direção a um lugar	(08) Saímos para ir ao cinema, ela adiante com Silvia, eu e Seu Camilo. (MAR)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Comunicação, relato	(09) Vou contar a mamãe que você me chamou de monstrinho. (PF)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Solicitação, requerimento	(10) Para dois clandestinos, atravessar a Polônia [...] era pedir à polícia que os prendesse. (OLG)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Instrução	(11) Como é que eu iria explicar a ele que meu ofício é o de viver embodocado. (R)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Indagação	(12) Perguntei a meu pai o que achava. (ASA)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Resposta	(13) Era tia Quinquinha quem respondia a Gumercindo. (VD)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Ordem	(14) -Puxa a almofada e sente-se aqui - ordenou ela à irmã. (CP)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Confissão	(15) Não teria coragem de confessar a Alice a sua história inteira. (CAN)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Envio, entrega	(16) Elody envia abraços a todos. (AT)
(iii) o complemento é afetado pela ação verbal	Construções verbais de ação-processo que marcam qual a transformação que se dá no complemento	(17) As ideias gerais que mais tarde vão dar corpo à problemática da sociologia do conhecimento são encontráveis nas obras de vários pensadores. (FS)
(iv) o complemento é efetuado, a partir da ação verbal	Verbos de ação-processo que indicam criação	(18) Na primeira semana estudaremos as doutrinas que dão origem ao comunismo. (SI-O)

Em relação ao aparecimento de **até**, sabemos que esta preposição tem uma etimologia bastante complexa e polêmica, podendo ser derivada do árabe (*hatta*) ou das formas latinas *ad+tenus*, que, combinadas, podem ter originado a forma *atees*, do português arcaico. Ilari *et al* (2008) dizem que

se considerarmos que os verbos de movimento que a gramática tradicional classifica como intransitivos podem assumir um complemento que indica localização espacial, então podemos dizer que a preposição *até* pode funcionar como introdutora desse tipo de complemento, além de introduzir adjuntos e predicativos (ILARI *et al*, 2008, p. 762).

Neves (2011, p.624) nos mostra que esta preposição funciona no sistema de transitividade como introdutora de complemento locativo de verbos,

como vemos em (19), além de poder estabelecer relações semânticas no sintagma, dando origem aos casos que indicam circunstanciação de lugar, como vemos em (20). Ainda segundo a autora, “em todos os casos de indicação circunstancial, pode expressar-se, em correlação com o sintagma iniciado por **até**, o termo limite inicial (de/desde + sintagma nominal)”, como mostramos em (21).

(19) Também se forem tão longe os pais e os pequenos não poderão chegar **até** lá. (PL)

(20) Segui-a, **até a** uma mangueira enorme. (ID)⁶³

(21) Quando vai do Rio **até** Brasília diz, só encontra mata à beira da estrada aqui na Serra de Petrópolis. (CRU)

Sobre a preposição **em** encontramos que ela é proveniente da preposição latina *in*, que tinha as acepções de ‘localização dentro de’ ou ‘deslocamento em direção a’ e, portanto, marcava sobretudo relações de espaço e tempo” (ILARI *et al*, 2008, p.733).

Conforme assinala M. Said Ali (1921, p.203), **em** denota interioridade com referência ao lugar e ao tempo, podendo expressar também “superposição” (pôr pé **em** terra), “estado de alguma coisa” (árvore **em** flor, ouro **em** pó); “divisão”, “distribuição” (obra **em** dois tomos) etc (POGGIO, 2002, p.193).

Em português, a preposição **em** tomou o lugar de várias preposições latinas. Além disso, desde “o português arcaico, **em**, juntamente com outras preposições, serve para exprimir a situação em geral; ela pode ser usada para denotar ‘espaço’, ‘tempo’ e possui alguns empregos figurados” (POGGIO, 2002, p.193). Emprega-se **em** no lugar de **para** ou **a**, com verbos de movimento, com acepção diretiva (ILARI *et al*, 2008, p. 733), assim como vimos na nota de número 54, fato que explica a presença desta preposição em numerosas locuções que expressam movimento (POGGIO, 2002, p.198). Ainda segundo Ilari *et al*,

⁶³ Neves (2011) destaca que a preposição **até** pode ocorrer seguida da preposição **a** quando estabelece relações semânticas no sintagma.

podemos observar, sob a perspectiva sincrônica, que a preposição *em* está altamente gramaticalizada: ela pode ser amalgamada a uma grande variedade de itens gramaticais, como artigos e pronomes, tem seu valor semântico relativamente esvaziado [...], tem frequência alta e distribuição bastante variada, pode integrar locuções e frases feitas, funciona como prefixo e pode introduzir tanto adjuntos como complementos do verbo, além de funcionar como um predicativo. (ILARI *et al*, 2008, p. 736).

Ao contrário das outras gramáticas consultadas, a *Gramática de usos do português* (NEVES, 2011) não apresentou nenhum estudo sobre relações estabelecidas entre a preposição **em** e os verbos que indicassem movimento ou direção, casos que seriam de nosso maior interesse⁶⁴. Sendo assim, sem desconsiderarmos a relevância do conteúdo apresentado, optamos por não trazê-lo aqui, já que não há uma correspondência direta entre ele e nossa pesquisa.

Por fim, sobre a preposição **para**⁶⁵, temos que ela é derivada da preposição latina (tardia) *pera* que é, por sua vez, resultado da junção de *per + ad* (ILARI *et al*, 2008, p.737). Em latim, essa preposição marcava “percurso em direção definida”, ao passo que em português arcaico lhe são acrescentadas as acepções de “chegada” e “permanência”. Em português atual, há concorrência entre as preposições *a* e *para* em contextos de verbos de movimento, havendo uma sutil diferença entre elas (ILARI *et al*, 2008, p.737).

Poggio (2002, p.240) nos mostra, através das observações de M. Said Ali (1976) sobre os usos dos verbos *ir* e *caminhar* com as preposições **a** e **para**, nos textos de Pe. Antonio Vieira, que este “repetia na mesma página o complemento com outra preposição com o objetivo de estabelecer uma

⁶⁴ Segundo Neves (2011, p.671), a preposição **em**, quando analisada dentro do sistema de transitividade, introduz o complemento de verbo, podendo indicar o lugar a que alguém ou algo chega. Os exemplos apresentados pela autora são: “Garotos subiram nos postes e árvores”; (ii) “O padre manco estendeu-se no chão umas três vezes”; e (iii) “O pessoal se debruçou nos rádios”.

⁶⁵ É importante ressaltar que, segundo Poggio (2002, p.239-240) existem diferentes teorias sobre o surgimento de tal preposição: J. P. Machado (1977) afirma que **para** provém de **pora** (**por + a**) e que esse vocábulo não está documentado antes do século XVI; já A Nascentes (1952) observa que a preposição **para** teria vindo da combinação **pro ad**; e, por fim, as afirmações de J. M. Câmara (1976) confluem-se com as de Ilari *et al* (2008), defendendo que a preposição **para** provém da aglutinação de **per** e **ad**, processada no latim vulgar imperial.

diferença sutil: com **a** significaria ‘o movimento direto’ e com **para** denotaria ‘o movimento mais duradouro’”.

Segundo E. Dias (*apud* Poggio, 2002, p.242), a preposição **para** pode designar

(a) em geral, ‘em proveito’ ou ‘desproveito de quem uma coisa se dá’; ex.: *Ho avarento faz tesouro, e nom ssabe pera quem o guarda* (*Fabul., fab.*, 42); (b) o ‘fim de uma ação’; ex.: [...] *dar dinheiro para a recuperação d’um edificio*; (c) ‘em comparação de’; ex.: [...] *he nada par’o que vemos* (Francisco de Viveiro, *Canc. Geral III*, 45); (d) ‘em contraposição ao lugar em que se está’; ex.: *Está (lá) para a quinta*; (e) ‘tempo em que uma cousa se realizará, em contraposição ao tempo em que se está’; ex.: [...] *ao menos lá para o fim do anno, estar perto desse Convento* (Chagas, *Cartas esp.*, 164); e (f) ‘proporcionalidade’; ex.: *3 está para 6, como 2 está para 4*.

Além disso, com os exemplos⁶⁶ apresentados por Ilari *et al* (2008), notamos que a preposição **para** pode introduzir tanto adjuntos como complementos, e ainda pode funcionar como predicadora, o que confirma o alto grau de gramaticalidade dessa preposição. Além disso, a preposição **para** encontra-se fortemente ligada a verbos, exercendo justamente a função de atribuir o significado de direção à ação.

Para Neves (2011), a preposição **para**, assim como a preposição **a**, introduz um complemento de verbo quando (i) o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino ou a um ponto final e (ii) o complemento se refere ao receptor. Além disso, esta preposição, fora do sistema de transitividade, pode (iii) estabelecer relações semânticas no sintagma verbal, introduzindo expressão adverbial de direção e (iv) estabelecer relações semânticas no sintagma nominal, integrando construções indicativas de circunstância (NEVES, 2011, p.691-701). Encontramos, nas tabelas abaixo, exemplos para cada um desses casos.

⁶⁶ Alguns dos exemplos utilizados por Ilari *et al* (2008, p.737-738) para os casos com a preposição **para** são: (i) “Ele mora **para/prá** São Paulo.”; (ii) Fiz uma viagem daqui **pra** Camaçari que parecia que eu tinha ido quase a Feira de Santana.”; (iii) “Você vê esse crescimento de um ano **pra** cá.”; (iv) “Sei que de uma **pra** outra os legumes aumentaram na... na feira.” e (v) “Já me prometeram **para** maio, **para** julho, **para** agosto, agora está prometido **para** março, mas até o momento ainda não consegui a transferência do telefone.”

Quadro 05. Preposição **para** como introdutora de complemento verbal.

Preposição PARA		
Complemento	Verbos que indicam:	Exemplos
(i) o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino ou a um ponto final.	Movimento em direção a	(22) Toda a sua solidão fica marcada enquanto ele caminha para a porta. (TB)
(ii) o complemento se refere ao receptor.	Elocação	(23) Ele disse isso para a senhora? (ID)
(ii) o complemento se refere ao receptor.	Entrega, envio	(24) Ficou rico, entregou o dinheiro para a tia Zulmira usar como bem entendesse, hoje ambos vivem de rendas. (RO)

Quadro 06. Preposição **para** fora do sistema de transitividade.

Preposição PARA - fora do sistema de transitividade		
Complemento	Verbos que indicam	Exemplos
(iii) estabelece relações semânticas no sintagma verbal, introduzindo expressão adverbial.	Direção	(25) Peguei um coche para a velha estrada. (GI)
(iv) estabelece relações semânticas no sintagma nominal, integrando construções indicativas de circunstância.	-	(26) Os vultos de Isabel, Benê e Lula se movimentam da direita para a esquerda. (IN)

3.2.3 O uso das preposições e os estudos linguísticos

Iniciamos esta seção reiterando o fato de que foi comprovada, em estudos anteriores (BERLINCK, 2001; GUEDES e BERLINCK, 2003; TORRES-MORAIS e BERLINCK, 2006, 2007, 2009; BERLINCK, 2011), a incorporação da variação de preposições em textos escritos, o que indica sua relativa aceitação pela *norma culta*, assim como vemos nos exemplos⁶⁷ (27), (28) e (29).

(27) a. Quem quiser comprar um armazém de molhados, dirija-se NA RUA DO ROZÁRIO Casa n. 33, onde achara com quem tractar o negócio.

b. Pede a quem souber onde ella existe, dirija-se À RUA DO ROSÁRIO na casa n. 29, que sendo viridica a noticia receberá boas alviças. (Farol Paulistano, 1829).

(28) a. Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente A ALGUMA PESSOA. (O Juiz de Paz na Roça, M. Pena, 1833).

⁶⁷ Os exemplos mostrados de (28) a (30) foram retirados de BERLINCK (2001) e são oriundos de jornais paulistas e de peças teatrais do século XIX, revelando que a variação desses elementos já estava presente no português oitocentista escrito no Brasil.

b. A quem o apprehender e entregar NA FAZENDA DO ABAIXO ASSINADO dar-se-ha 400S000. (O Correio Paulistano, 27/7/1879).

(29) "- Sinhozinho! Mimoso! Diga A MAMÃE que eu estou aqui...
- PRA MAMÃE eu digo; mas PRA TITIA não digo, não!"(A Viúva Pitorra, S. Lopes, 1896).

Além disso, destacamos a existência de casos em que se constatou, a partir da análise de textos escritos por mulheres, a variação de preposição (BUENO, 2014). Bueno (2014) toma como referência os estudos em Sociolinguística e Linguística Histórica e busca averiguar de que modo se dá a variação das preposições **a**, **até**, **em** e **para** em textos de cartas de leitoras das revistas femininas *Capricho*, brasileira, e *Bravo*, portuguesa. Por meio desse estudo, foi possível confirmar a hipótese de que há uma maior incorporação das preposições **até**, **em** e **para** no português brasileiro, sendo importante ressaltar que o português europeu, ainda tenha mostrado a preponderância da preposição **a** nos dados retirados da revista *Bravo*, apresenta também alguns casos com as “outras preposições”, mais inovadoras, principalmente quando se trata dos verbos de direção e do complemento “lugar”.

Em seguida, ao analisar os dados retirados da revista *Capricho*, Bueno (2014) notou que dos 329 casos encontrados, 183 deles distribuem-se entre as preposições **até** (15 dados – 4,6%), **em** (19 dados – 5,7%) e **para** (149 dados – 45,3%) e que 146 (44,4%) apresentam a preposição **a**. Enquanto isso, na revista *Bravo*, foram levantados 245 dados, sendo que 196 (80%) deles correspondem à preposição **a** e apenas 49 às outras preposições: um único caso (0,4%) com **até**, 48 casos (19,6%) com **para** e nenhum dado com a preposição **em** foi encontrado.

Sabe-se, ainda em relação a esses resultados, que foram as preposições **a** e **para** que se apresentaram com maior frequência, o que fez com que fossem selecionados apenas os dados em que concorreram essas duas preposições. Assim, Bueno (2014) analisou 282 dados correspondentes à revista *Capricho*, sendo 53% deles com a preposição **para** e 47% com a preposição **a**; e 237 dados da revista *Bravo*, sendo que 20% deles apresentaram a preposição **para** e 80% a preposição **a**. Nessa análise mais refinada, percebeu-se que, na revista *Capricho*, ocorreu a predominância da

preposição **para** com praticamente todos os tipos verbais, excetuando-se os verbos de *direção*⁶⁸, que apresentaram 108 casos (55,1%) com a preposição **a**. De forma bastante significativa, foram encontrados os verbos de *transferência verbal*⁶⁹, com 28 (78,4%) dados correspondendo à preposição **para**; em seguida, os verbos de *transferência material*⁷⁰ com 17 casos (85%) e de *movimento com transferência*⁷¹ com 06 casos (60%), com a também prevalência da preposição **para**.

Quando se analisou a relação entre o uso dessas preposições e a natureza do complemento, percebeu-se, na revista *Capricho*, que existe a prevalência da preposição **para** com os complementos “lugar” e “ser animado”. Porém, a preposição **a** se destaca com o complemento “noção abstrata” ou “evento”.

Quanto aos resultados da revista *Bravo*, Bueno (2014) notou que é a preposição **a** que prevalece com todos os tipos verbais trabalhados, com exceção dos verbos de *movimento com transferência*, que apresentaram os mesmos valores para **a** e **para**. Assim, destacou os verbos de *transferência verbal*, com 100% de casos com a preposição **a**; os verbos de *transferência material* apresentam 66,7% dos casos com essa mesma preposição e, por fim, os verbos de *direção* aparecem com 72,2% de casos com **a**. Sobre a natureza do complemento, na revista *Bravo*, notou-se a predominância da preposição **a** com todos os tipos de complementos trabalhados.

Diante desses resultados, faz-se possível considerar as preposições **a**, **até**, **em** e **para** como sendo variantes em contexto de complementação verbal no português brasileiro e europeu, ainda que neste os casos de variação aconteçam de forma mais sutil.

Completamos essa seção, mostrando, no item 3.2.3.1, alguns estudos acerca da tipologia verbal adotada.

⁶⁸ “Uma vez **fui ao salão** com a minha mãe e uma amiga” [*Capricho*, 09/11/2008, p.112].

⁶⁹ “**Contarei para vocês** a grande diferença do povo que mora por lá.” [*Capricho*, 23/11/2008, p.12]

⁷⁰ “Você pode **mandar uma carta para ela** dizendo que ela vai ser processada pela Sociedade Protetora dos Animais.” [*Capricho*, 21/03/2004, p.31]

⁷¹ “Decidi **levar pra escola** [a revista] para eu e minha amiga lermos na sala de aula.” [*Capricho*, 31/08/2009, p.88]

3.2.3.1 Compreendendo a tipologia verbal adotada

Para o estudo da tipologia verbal adotada nesta pesquisa, levamos em conta o trabalho de Berlinck (1996) sobre a expressão de complementos dativos do português Assim como trabalhado anteriormente, destacaremos aqui os principais pontos desenvolvidos pela autora, considerados também como os de nosso maior interesse.

Berlinck (1996, p. 119) inicia seu trabalho explicando que o uso do termo “dativo”, quando se deseja expressar o caráter indireto de um objeto, é muito mais apropriado do que quando se utiliza o termo “objeto indireto”, uma vez que este segundo rótulo implica, erroneamente, uma relação menos direta entre verbo e complemento, tanto semântica quanto sintaticamente.

Assim, existem algumas características que podem servir de teste para a identificação do complemento dativo, entre elas: a substituição do complemento dativo pelo pronome “lhe”; o uso da preposição junto do pronome tônico; e a impossibilidade do complemento dativo se apresentar como sujeito gramatical em uma sentença na voz passiva.

Considerando todas essas possibilidades de identificação do dativo, Berlinck (1996) oferece uma tipologia para tais contextos, distinguindo estruturas transitivas e intransitivas, de modo a identificar o tipo de verbo ou a construção verbal em que o complemento dativo pode ocorrer, assim como a relação que pode ser estabelecida com o verbo ou a sentença.

Partimos, então, do princípio de que as construções transitivas são as mais prototípicas para o aparecimento do complemento dativo, sendo a estrutura **N⁰ + V + N¹ + {a, para, em} N²** aquela que descreve mais adequadamente esse tipo de construção, onde **N⁰** corresponde ao sujeito da voz ativa, **V** ao verbo transitivo, **N¹** ao objeto direto ou ao acusativo de um verbo transitivo e **N²** ao dativo. Segundo Berlinck (1996, p.128), serão as diferenças na caracterização semântica do verbo e os elementos que ele subcategoriza que permitirão a distinção de quatro tipos de estruturas transitivas: (1) *transferência material*, (2) *transferência verbal e perceptual*, (3) *movimento com transferência* e (4) *movimento abstrato*⁷².

⁷² É importante dizer que os verbos classificados como sendo de “movimento abstrato” não foram considerados em nossas análises devido à sua pouca produtividade.

De acordo com a tipologia verbal por nós adotada, detalharemos nesta seção as três primeiras estruturas transitivas apontadas por Berlinck (1996). Além disso, trataremos aqui também dos chamados verbos *leves* ou *verbo-suporte*, tipo verbal por nós selecionado pertencente às estruturas transitivas. Para isso, nos baseamos nos trabalhos de Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) e Neves (2011).

Os verbos de *transferência material*, segundo Berlinck (1996, p.129), são um grupo “prototipicamente representado pelo verbo ‘dar’”, além de outros como “alugar”, “atribuir”, “confiar”, “devolver”, “distribuir”, “emprestar”, “entregar”, “fornecer”, “legar”, “mandar”, “oferecer”, “pagar”, “passar”, “restituir” e “transferir”. Aqui, o sujeito (N⁰) faz com que o OD (N¹) passe a pertencer ao dativo (N²), como vemos no exemplo (30).

(30) Não *entregaram* as mercadorias **ao comprador**.⁷³

Numa situação contrária, o OD, ao invés de passar a ser domínio do dativo, é retirado de seu controle (BERLINCK, 1996), como vemos em (31).

(31) Maria *tomou-lhes* tudo o que tinham.

Segundo a autora, a maioria dos verbos desse último tipo – transferência reversa – ocorre com um complemento dativo introduzido pela preposição **de**, sendo que em alguns casos é possível o uso da preposição **a**, conforme mostrado em (32), mas nunca da preposição **para**.

(32) Pedro *tirou* os livros **às mãos de Joana**.

As propriedades distribucionais de uma construção com esse tipo verbal podem ser descritas como [+/- animado]N⁰ + V + [+/- animado]N¹ + {a, para, de}[+/- animado]N².

Quando analisamos os verbos de *transferência verbal e perceptual*, temos, segundo Berlinck (1996, p.131), que o verbo “dizer” é o mais prototípico

⁷³ Os exemplos de (30) a (35) foram retirados do trabalho de Berlinck (1996), intitulado “The Portuguese Dative”.

dessa classe, caracterizada também por verbos como “aconselhar”, “anunciar”, “assegurar”, “augurar”, “confessar”, “contar”, “ensinar”, “escrever”, “falar”, “jurar”, “narrar”, “notificar”, “ordenar”, “perguntar”, “prometer”, “protestar”, “provar”, “repetir”, “responder”, “sugerir”, “telefonar”, “mostrar”, “apresentar” e “ensinar”. Tais verbos transmitem o conceito geral de transferência verbal ou perceptual, caracterizado “não pela transferência de uma entidade concreta, como acontece com os verbos de transferência material, mas sim pela transferência de algo abstrato, como efeito de um ato de comunicação” (BERLINCK, 1996, p.131 – *tradução nossa*⁷⁴). Assim, o sujeito da oração (N⁰) faz com que o seu complemento dativo (N²) tome posse de um conhecimento ou de uma ideia (N¹), como vemos no exemplo (33).

(33) Pedro *disse* **para seus colegas** que o diretor estava doente.

É importante ressaltar aqui que somente uma entidade animada pode participar de um processo de transferência de conhecimento, o que justifica o fato de N² ser sempre [+animado] (BERLINCK, 1996, 131). Assim, segundo a autora (p.132), as propriedades distribucionais de uma construção com esse tipo verbal podem ser descritas como **[+/- animado]N⁰ + V + [-animado]N¹ + {a, para} [+animado]N²**.

Sobre o terceiro tipo verbal, aquele que inclui os verbos de *movimento com transferência*, a autora (1996, p.132 – *tradução nossa*⁷⁵) afirma que “este grupo representa uma extensão da ideia de transferência porque ele completa essa noção com a de um movimento físico”. O seu verbo prototípico é “levar”, mas conta também com outros como “acrescentar”, “atirar”, “conduzir”, “dirigir”, “encaminhar”, “instilar”, “lançar”, “por” e “trazer”. Aqui, “o significado geral desta construção é representado por um movimento físico prototipicamente direcionado para um objetivo” (BERLINCK, 1996, p.132), como vemos nos exemplos (34) e (35).

⁷⁴ Tradução própria. Texto original: “This does not involve the transfer of a concrete entity (as in the case of group 1), but rather the transfer of an abstract one, since, as the effect of an act of communication, N⁰ makes N² possess a certain knowledge, a certain idea, or certain perception (N¹)” (BERLINCK, 1996, p.131).

(34) No aniversário do amigo *levou-lhe* um livro.

(35) Elas *me trazem* esse material todo para ser discutido em aula.

Ainda segundo Berlinck (1996, p.132), “quando expressado por uma entidade [-animado], a meta tem um claro sentido locativo. Quando a entidade é [+animado], há uma conotação de beneficiário que se soma à leitura locativa”. A estrutura de uma sentença com este tipo verbal pode ser expressa por [+/- animado]N⁰ + V + [+/- animado]N¹ + {a, para, em de} [+/- animado]N².

O último tipo verbal por nós trabalhado, pertencente às estruturas transitivas, são os verbos *leves*, definidos por Cyrino, Nunes e Pagotto (2009, p.66) como verbos “com conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento”. Sabemos que há uma relação semântica estabelecida entre o verbo e seu argumento externo e que, no caso de construções transitivas, o verbo e o seu complemento são envolvidos. Assim,

é como se o verbo e o complemento formassem uma predicação complexa monoargumental que é então saturada pelo argumento externo. Evidência para essa relação complexa é fornecida por uma classe de verbos que tem conteúdo semântico bastante esvaecido [*verbos leves*] (CYRINO, NUNES, PAGOTTO, p.64).

Para Neves (2011, p.55), as construções com os verbos *leves*, tratados em sua Gramática de usos do Português como *verbo-suporte*, “têm como complemento um sintagma nominal não referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante”. Para ela, esses verbos compõem-se de:

- (i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- (ii) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para

⁷⁵ Tradução própria. Texto original: “This group represents an extension of the idea of transfer because it complements this notion with that of a physical motion” (BERLINCK, 1996, p.132).

determinar os papéis temáticos da predicação (NEVES, 2011, p.54).

Normalmente, esse tipo verbal é identificado em construções que apresentam os verbos “dar” e “oferecer”⁷⁶ que, apesar de não serem usualmente considerados como verbos *leves*, podem também funcionar como tal, assim como vemos em (36).

(36) Há uma chance, ainda que pequena, de **uma oportunidade** como essa não surgir no curto e no médio prazo ou, se aparecer, **ser oferecida a alguém** que se dedicou mais que você. (NV/BR_2015, nº4, p. 83 - Roberto)⁷⁷

Ao observarmos as estruturas intransitivas⁷⁸, nos deparamos com outros três tipos verbais (verbos *de interesse*, verbos *de movimento* e verbos *de movimento psicológico*), sendo que destacaremos aqui apenas o segundo grupo, composto pelos verbos de movimento ou direção⁷⁹.

Para Berlinck (1996, p.136 – *tradução nossa*⁸⁰), “as estruturas intransitivas com um complemento dativo servem para descrever um estado de *associação* entre os dois argumentos do verbo”. Isso significa que não há nenhum agente ou causa envolvidos e o padrão geral de construção para esse tipo verbal pode ser representado por **N¹ - V - {a, para} N²**. Os verbos de movimento são prototipicamente representados pelo verbo “chegar”; além de “chegar, esse grupo inclui “escapar”, “entrar”, “fugir”, “ir” e “vir”. Segundo a autora (1996, p.140 – *tradução nossa*⁸¹), “os verbos de movimento normalmente subcategorizam um locativo ou um argumento direcional”, como vemos no exemplo (37).

⁷⁶ Os verbos “dar”, “oferecer” e “ter”, considerados como leves, foram encontrados em nosso levantamento de dados.

⁷⁷ O exemplo (36) foi retirado da revista *NOVA Brasil* (2015).

⁷⁸ Estamos chamando de intransitivas, segundo Berlinck (1996), as estruturas em que o verbo não subcategoriza um complemento objeto direto. No entanto, tais verbos preveem em sua estrutura argumental um complemento preposicionado.

⁷⁹ Desconsideramos, para essa análise, os verbos de *interesse* e de *movimento psicológico* por apresentarem baixa produtividade.

⁸⁰ Tradução própria. Texto original: “Intransitive structures with a dative complement serve to describe a state of association between the two of the verb”. (BERLINCK, 1996, p.136)

⁸¹ Tradução própria. Texto original: “Verbs of motion normally subcategorize a locative or a directional argument”. (BERLINCK, 1996, p.140)

(37) **Fui a uma papelaria** à procura da Cosmo, mas não comprei por causa da diferença na língua. A Cosmo portuguesa é a Cosmo portuguesa! (Andrea Sanches) (CM/PT, 2013, p. 12, nº 257)⁸².

É com base, então, na tipologia verbal acima descrita que determinaremos quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência material e verbal/perceptual*. Buscamos, por meio da compreensão acerca da estruturação e organização desses tipos verbais, alcançar com maior precisão os objetivos descritos no início deste trabalho, de modo a colaborar com nossas análises e resultados.

3.3 OS GÊNEROS E SUAS DIFERENTES PERSPECTIVAS

3.3.1 Os gêneros textuais e as cartas de leitores – revisando alguns conceitos

Já sabemos que o *cópus* deste trabalho é formado por textos escritos, sendo eles as materializações de cartas de leitores de revistas femininas e masculinas. Além de destacarmos anteriormente a importância de termos, aqui, um *cópus* escrito, hipotetizamos também ser fundamental compreendermos de que modo estas cartas se organizam. Para tanto, valemo-nos do conceito de gênero textual.

Entendemos os *gêneros textuais* como sendo atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder (MARCUSCHI, 2002a, p.02). Para Marcuschi (2002a), os gêneros textuais estão muitas vezes imbuídos de valores, sendo mais do que guias neutros para a realização de certas atividades comunicativas. Dessa forma, a partir dos estudos dos gêneros, conseguimos observar a regularidade com que os textos executam tarefas. Quanto a isso, segundo Bueno (2014), podemos pensar que as formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como gêneros, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias.

⁸² O exemplo (37) foi retirado da revista *Cosmopolitan Portugal* (2013).

Assim, tende-se a identificar e definir os gêneros por meio de determinadas características sinalizadoras e, depois, por todas as outras características textuais que virão a seguir. Entretanto, para Marcuschi (2002a) a definição de gênero como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos nos usos e nas construções de sentido, ignorando também as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. Ainda segundo o autor,

usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2002a, p.23).

Ao relacionar os conceitos acima mostrados com o corpus aqui trabalhado, percebemos que as cartas são capazes de evidenciar o quanto um gênero textual pode ser misto, já que elas se situam no entrecruzamento da fala e da escrita (MARCUSCHI, 2008). Na figura abaixo, encontrado em Marcuschi (2007), vemos que o gênero “cartas de leitor” se situa no cruzamento indicado por “b”, já que está no domínio da modalidade escrita (“meio gráfico”) e próximo da fala (“concepção oral”), o que o caracteriza como um gênero misto.

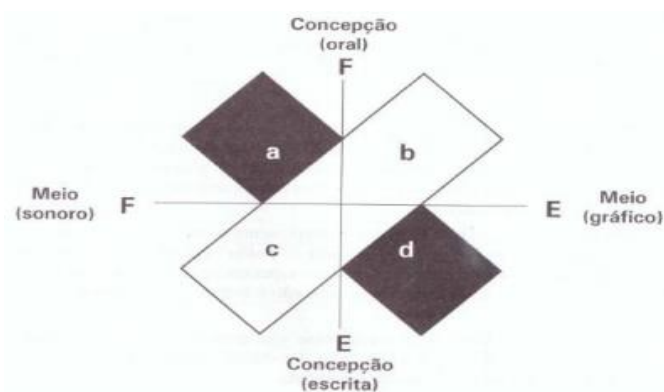


Figura 01. Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva⁸³

⁸³ Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Parábola, 2007.

Além de verificarmos que as cartas de leitores apresentam elementos diversos da oralidade, podemos também supor que esse gênero, dentro de um *continuum* de formalidade, está, então, mais próximo daquilo que é considerado menos formal, uma vez que sua composição se dá através de traços orais que fogem, muitas vezes, à *norma-padrão* (BUENO, 2014). Percebe-se, deste modo, que as relações entre fala e escrita “refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta por essas duas modalidades de uso da língua” (MARCUSCHI, p.34, 2008). É por isso que, segundo Marine (2009),

nesse momento de interlocução marcado por uma escrita de menor formalidade, despreocupada com a *norma-padrão* e com traços típicos da oralidade em contextos coloquiais, muitos fenômenos linguísticos ligados à variação e mudança podem ser observados (MARINE, 2009, p.118).

Além disso, ainda que as cartas tenham sofrido algumas mudanças e adaptações ao longo dos tempos⁸⁴, podemos pensar neste gênero como sendo capaz de ilustrar as mais diversas relações estabelecidas entre aquele que escreve e o seu destinatário, uma vez que “a carta se baseia em um efeito simultâneo de presença e ausência, no qual, embora o receptor esteja sempre presente no texto, sua presença continuamente nos sugere um outro lugar” (VIOLI *apud* MARINE, 2009, p.128).

Para Marcuschi (2002b), isso pode significar que as cartas fazem parte de uma comunicação assíncrona, ou seja, que não se dá em tempo real e que normalmente é defasada pelo tempo, já que é assim que ele, com base na sugestão de Yates (2000, p.236), coloca-as dentro de um *continuum* entre alguns gêneros tradicionais na fala e na escrita.

⁸⁴ O gênero carta surgiu como carta comercial no início do século XVII e só após meados desse século é que elas se tornaram privadas (YATES *apud* MARCUSCHI, 2002b, p.22).

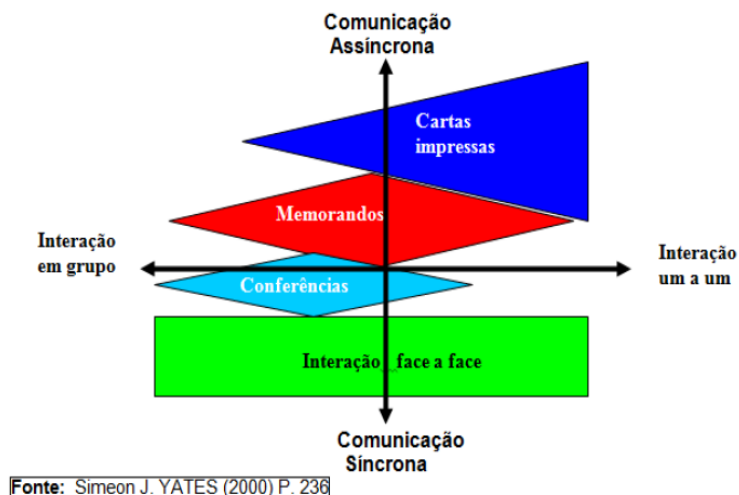


Figura 02: O *continuum* de gêneros na comunicação tradicional impressa e falada

Percebemos, diante da análise da figura 02, que as cartas são colocadas, então, como mais próximas de uma interação “um a um”, além do tipo de comunicação por elas estabelecido não acontecer em um tempo real, como seria numa situação “face a face”. Porém, não podemos assumir que as cartas não apresentem traços de oralidade devido ao fato de se distanciarem de situações comunicativas mais espontâneas. Ainda que assim colocadas, por serem um gênero escrito e também assíncrono, vale enfatizar que esse gênero, principalmente pelas relações capazes de estabelecer entre leitor e destinatário, “parece ser um meio flexível, no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções” (BAZERMAN, 2007, p.83).

Buscando aplicar os conceitos acerca da perspectiva de *gênero textual*, trabalharemos com as revistas *NOVA* e *Men’s Health*, brasileiras, e *Cosmopolitan* e *Men’s Health*, portuguesas, datadas das primeiras décadas do século XXI e sendo elas destinadas, respectivamente, a um público feminino e masculino. Essas revistas foram escolhidas devido às diversas semelhanças que elas apresentam quanto aos seus modos de organização. Ainda que destinadas a públicos distintos (mulheres e homens), essas revistas abordam assuntos semelhantes no que diz respeito às dúvidas e aos dilemas de cada um desses dois diferentes públicos.



Figura 03. Revista NOVA



Figura 04. Revista Cosmopolitan



Figura 05. Revista Men's Health Brasil



Figura 06. Revista Men's Health Portugal

Todas elas apresentam seções de cartas, com perguntas bastante parecidas entre si, abordando assuntos como comportamento, saúde e questões relacionadas ao universo profissional, além de opiniões e sugestões sobre temas abordados pelas revistas. Consideramos que essa semelhança entre as revistas estudadas seja positiva para os objetivos deste estudo, pois o fato de o público leitor/autor das cartas compartilhar propósitos semelhantes em relação aos assuntos abordados pôde abrir espaço para que se revelem diferenças nos usos linguísticos de homens e mulheres.

Através das perguntas enviadas, é possível notar certo envolvimento dos leitores para com as revistas, já que eles esperam por dicas, conselhos e soluções sobre como lidar com determinados problemas ou desafios (BUENO, 2014). Mais do que isso, percebemos que a interação “leitor-revista” na seção de cartas não ocorre somente entre aquele que escreve e a revista, pois as cartas publicadas retratam situações que acontecem, ou poderiam acontecer, com qualquer um de seus outros leitores. Assim, a seção de cartas pode ser vista como uma “reunião de amigos”, em que todos os envolvidos compartilham, por meio das revistas para as quais escrevem, as mesmas dúvidas, anseios e curiosidades (MARINE, 2009, pág. 130).

É nesse sentido que, segundo Bueno (2014), identificamos o diálogo estabelecido entre os leitores que escrevem para tais revistas em busca de respostas que são, direta ou indiretamente, responsáveis pela formação de suas identidades. Nesse momento, o conteúdo temático trabalhado por cada revista pode interferir na formação desse indivíduo. O que sabemos é que cada leitor advém de um determinado contexto sociocultural e isso faz com que busquem, nas respostas oferecidas pelas revistas e de acordo com suas necessidades, por significados ideológicos capazes de constituírem o seu “eu” (BUENO, 2014).

Assim, ao trabalharmos a noção de gênero textual, e mais especificamente as cartas de leitores, consideramos ser importante a afirmação feita por Fairclough (2011), que nos diz que, se por um lado o discurso reflete a realidade social, por outro, constrói essa mesma realidade. Assim, fenômenos linguísticos são sociais, bem como fenômenos sociais são linguísticos, no sentido de que a linguagem age em todos os contextos e práticas (FAIRCLOUGH *apud* KNOLL e PIRES, 2008, p.03).

Para que essa questão seja mais bem compreendida, é preciso, então, olharmos quais os valores sociais presentes na realidade desses leitores, considerando, para tanto, aspectos dos *gêneros do discurso*, e de que modo essas revistas se organizam e se estruturam, bem como as temáticas por elas abordadas, fazendo jus, aqui, aos chamados *gêneros textuais*.

3.3.2 Contextualizando as revistas trabalhadas e suas estruturas organizacionais

Considerando uma possível relação entre as revistas aqui trabalhadas e a sociedade, faz-se importante compreender de que modo essa sociedade se organizou ao longo dos anos para que, assim, possamos melhor analisar o espaço ocupado por tais revistas diante de seus leitores. Nesse sentido, buscamos, nesta seção, contextualizar de forma breve alguns dos principais momentos históricos ocorridos, a fim de entender também de que modo transformações sociais, políticas e culturais interferiram no comportamento de homens e mulheres e, conseqüentemente, influenciaram os modos de organização de tais revistas.

Sabemos que, depois do nomadismo, o homem assumiu o domínio da estrutura familiar e social e, somente com a Revolução Industrial, no século XIX, é que isso começou a se alterar. Com a diminuição da importância da força física, a mulher começou a se inserir no mercado de trabalho e, desde então, passou a reivindicar por novos papéis, ganhando destaque, nos anos seguintes, os movimentos autodenominados de feministas⁸⁵ (em 1906 ocorreu o *Congresso Internacional do Livre Pensamento*, em Buenos Aires; em 1910 foi organizado, também na Argentina, o *Primeiro Congresso Internacional Feminista*; e, em 1916, aconteceu o *Congresso Feminista*, realizado no México).

Se até então as mulheres eram vistas, apenas, como donas do lar e responsáveis pelo bem estar de suas famílias, as revistas femininas dessa época anterior à Revolução Industrial poderiam ser entendidas como “manuais

⁸⁵ “Geralmente essas organizações se autodenominavam feministas, discutiam e propagavam os direitos da mulher. Quase todos os congressos de mulheres da época se declaravam feministas, e esse era um tipo de iniciativa frequente no movimento, muitos deles de caráter internacional” (COSTA, 2005, p.12).

de boas maneiras” que as “instruíam”, de modo que o papel de “dona de casa” fosse por elas corretamente exercido. Segundo Bueno (2014, pág. 50), foi com base em mudanças sociais, surgidas a partir dos movimentos feministas acima citados, que as revistas femininas se transformaram e passaram a melhor se organizar e se estruturar, ganhando, com isso, um espaço maior na sociedade para suas divulgações. Nota-se que foi a partir dos anos 1980 e 1990 que as mulheres se tornaram, de certa forma, mais exigentes, esperando encontrar nas revistas femininas aquilo que realmente condizia com as suas novas realidades e interesses.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o papel social ocupado pela mulher começou a se alterar a partir dos movimentos feministas em questão, o papel do homem também foi colocado em debate. É por meio do discurso feminista que as relações de gênero passaram a ganhar mais destaque em variados espaços. As mudanças no papel ocupado pela mulher na sociedade trouxeram à tona discussões importantes envolvendo assuntos como família, sexualidade e trabalho doméstico (JANUÁRIO, 2013, pág. 69). Mas, muito mais do que isso, ao se alterarem as relações sociais femininas, alterou-se também o papel do homem, nessa mesma sociedade até então muito mais machista. Segundo Fernandes (2011, pág. 21), o homem,

por muito tempo considerado como sexo forte, teve seu papel na sociedade posto em questionamento desde o surgimento dos movimentos feministas que tomaram impulso com a segunda onda do movimento feminista que eclode nos anos de 1960. Com as mulheres lutando por direitos iguais e desprezando a figura do machão, os homens começaram a sentir que suas identidades masculinas estavam sendo ameaçadas e, como consequência, a necessidade de buscar uma nova forma de ser homem.

É a partir desse momento que a relação binária “homem vs mulher”, que se manteve por muito tempo como uma relação de dominância e subordinação, passa a ser gradativamente alterada. O homem, até então visto como o provedor e o responsável pelo sustento do lar, sente a necessidade de buscar por novas identidades, uma vez que a mulher deixa de lado o seu papel de subordinada e dona de casa e reivindica por novos direitos. Nesse sentido, o “corpo biológico”, responsável pela distinção inicial entre o que é “ser homem” e “ser mulher”, perde seu *status* devido às mais variadas transformações

sociais. Isso nos mostra que, enquanto as mulheres ganhavam cada vez mais espaço devido aos movimentos feministas, os homens, por consequência desses movimentos, buscavam por uma nova identidade. Quanto a isso, temos que

até a década de 70, a identidade masculina era tida como naturalmente inerente ao sujeito. Com a entrada significativa das feministas no âmbito acadêmico, denunciando a opressão feminina e a dominação masculina, provocou também nos homens um interesse maior em investigar sua própria condição. Esta necessidade de analisar e explicar os papéis das mulheres e dos homens na sociedade levou à criação dos *Women's Studies* e posteriormente o *Men's Studies* (estudos sobre os homens, em analogia aos *Womens's studies* ou Estudos da Mulher). O pensamento introduzido pelos *Men's studies* era o de descartar a tradicional análise do homem considerado como norma da humanidade. Surgiu principalmente como resultado da evolução da teoria feminista e da constatação, por parte de alguns autores, da invisibilidade do masculino na perspectiva de gênero nas Ciências Sociais (Barbieri, 1992; Hearn, 1996), isto além da problemática do privilégio masculino, destacada pelos movimentos feministas (JANUÁRIO, 2013, pág. 86).

O que sabemos, então, é que se as revistas femininas, assim como dito anteriormente, se moldam às novas necessidades trazidas às mulheres pelos movimentos feministas, as revistas masculinas surgem, tempos depois, na década de 1980 e em meio a diversas mudanças, com o intuito de conferir aos homens a chance de também (re)construírem suas identidades. Nesse sentido, as revistas masculinas pautam-se na estrutura das revistas femininas, mostrando que há muito além do valor patriarcal, até então, pregado pela sociedade. Mais do que isso, torna-se possível afirmar que o fato de existirem, agora, revistas masculinas centradas em esclarecer sobre este universo, nos leva à conclusão de que o papel principal do homem como “dominador” foi, provavelmente, abandonado. Segundo Januário (2013, pág. 236),

com a diversificação dos títulos das revistas e especialmente das de estilo de vida masculinas, é que a identidade masculina começa a ser discutida. A reflexão acerca do masculino é estampada nas revistas onde o homem se solta do seu protagonismo como único provedor da família. Com a discussão social causada pelo movimento feminista a inquietação masculina não poderia passar despercebida aos meios de comunicação. Segundo Buitoni (1986), os *media* de

segmentos femininos funcionavam como “termômetros” dos costumes de época, “cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada” (Buitoni, 1986: 24). E o mesmo veio à acontecer com o público masculino, passando-se a oferecer aos homens títulos que vão desde o entretenimento, ao desporto, sexo e dicas de comportamento até as relações homem / mulher e, porque não, à estética. Estava-se assim também a contribuir para a construção de uma nova identidade masculina, e para a estruturação de novos estilos de vida. Este processo é muito semelhante ao que ocorreu com a imprensa feminina (Buitoni, 1986); no entanto, apresentou características que misturam o patriarcado e a androgenia.

É nesse ponto que nos deparamos com novos questionamentos acerca do que é “ser mulher” e do que é “ser homem”, colocando em análise os modelos masculinos e femininos tradicionais. Entender, dessa forma, as transformações sociais que motivaram, e ainda motivam, a manutenção das revistas femininas e masculinas, faz-nos também melhor compreender muito da estrutura e do conteúdo organizacional de tais veículos de comunicação.

Sabemos, neste primeiro momento, que as revista femininas funcionam como guias para suas leitoras, aconselhando-as sobre os mais diversos assuntos, assim como notamos, posteriormente, nas revistas masculinas, quando o homem já não sabe o que é “ser homem” e o que a sociedade espera dele. É papel da revista, assim, buscar uma maior aproximação de seus leitores, com o intuito de se tornarem “melhores amigos”. Entretanto, é preciso bastante cuidado ao interpretarmos tal proximidade, uma vez que as revistas femininas e masculinas são, antes de tudo, objetos publicitários que visam estimular o consumismo aliado a um estilo de vida “perfeito” e “sempre feliz”. Para Januário (2013, pág. 241),

ao nortear um conteúdo discursivo pautado na sexualidade, no aconselhamento das relações e de como se “deve viver”, as revistas femininas e masculinas estabeleceram uma relação estreita entre o estilo de vida e o consumo. Enquanto pensamento primordial, esta relação fomenta a noção de que a posse de determinados objetos e serviços auxiliam no processo de ascensão social e do sucesso nas relações interpessoais, tanto sexuais como outras, contribuindo em última instância para uma ideologia pautada na ideia de que a felicidade é alcançável pelo consumo. Esta ideia resume uma das principais estratégias do discurso publicitário.

Partindo desses pressupostos iniciais, dedicamo-nos agora a um estudo mais minucioso das revistas selecionadas para este trabalho, detendo, para isso, os nossos olhares nas seções de cartas. De antemão, faz-se possível dizer que estas seções, tanto nas revistas femininas quanto nas masculinas, são bastante semelhantes, uma vez que se preocupam em estabelecer algum tipo de identificação com seus leitores. Ao trabalharmos com as cartas, notamos ainda que um diálogo muito pessoal, típico de uma comunicação oral e mais informal, é criado, a fim de que um forte grau de empatia seja ali firmado.

Deste modo, ainda que cada revista tenha se constituído por influências de movimentos históricos peculiares em suas origens e acontecimentos, podemos afirmar que, ao final desses processos de transformações, reconhecemos que as quatro revistas aqui trabalhadas são um tanto quanto similares em relação aos seus modos de organização e abordagem de conteúdos, principalmente no que diz respeito às cartas de leitores.

Entendemos que esta seção é também um meio positivo de se criar relações de amizade e cumplicidade entre aqueles que escrevem e, do outro lado, aqueles que lhes respondem. Apesar das mudanças e adaptações, o objeto buscado é praticamente invariável: estabelecer um diálogo entre aquilo que é ali publicado e o público leitor, a fim de que a identificação com o conteúdo, independente do seu período histórico, seja firmada para que ele, então, possa ser aceito e incorporado às realidades de seus leitores.

3.3.2.1 Sobre as cartas de leitores e as relações dialógicas existentes

Já sabemos que foram as mudanças sociais ocorridas entre as décadas de 1960 e 1980 que transformaram os pensamentos e comportamentos de homens e mulheres, fazendo com que os meios de comunicação, e todos os seus conteúdos, também se adaptassem a tais mudanças. Dessa forma, vimos que as revistas femininas em muito se alteraram para que acompanhassem os novos papéis desempenhados pelas mulheres, assim como as revistas masculinas surgiram com o objetivo de cobrirem as lacunas e os questionamentos que passaram a existir entre o público masculino.

Diante de tais adaptações e transformações, passamos a enxergar a necessidade de melhor compreender de que modo o conteúdo trabalhado por estas revistas – e também o modo como se organizam e se apresentam aos seus públicos – pode ser responsável pela formação de identidade de seus leitores. Quanto a isso, podemos afirmar, assim como mostrado em BUENO (2014), que é por meio do conteúdo encontrado nessas revistas que os seus públicos passam a determinar quais são os padrões de comportamento que devem ser seguidos, como se o que há ali, expresso em reportagens e propagandas, e também “aconselhado” pelas cartas, fosse o modelo idealizado pela sociedade e, por isso, definido como padrão e reforçado por tais revistas. Em síntese, aquilo que é trazido nas cartas é exatamente o que se deve seguir ou escolher para, então, mostrar-se melhor enquanto indivíduo diante da sociedade.

Em um primeiro momento, faz-se necessário que entendamos as possíveis relações estabelecidas, de um modo geral, pelas cartas de leitores, para que depois possamos nos aprofundar em suas análises individuais. Para isso, partimos do pressuposto de que “a riqueza e a multiplicidade das práticas antigas de escrever cartas conferiram a esse gênero uma poderosa força comunicativa [...]” (BAZERMAN, 2007, p. 88), o que permite que uma grande interação entre as pessoas que as escrevem seja criada. É essa poderosa força comunicativa que faz com que o diálogo seja estabelecido entre aquele que escreve e seu destinatário, o que, segundo os conceitos bakhtinianos, nos remete ao fato de que diálogo nem sempre é consenso ou solução de conflitos entre duas pessoas que conversam, mas sim um espaço de “tensão entre os enunciados” (FARACO, 2009, p.69), em que o texto é compreendido como uma atividade linguística dentro de um determinado tempo e espaço e situado numa “arena de vozes” que ora confluem, ora discordam.

Embora exista a distância que separa o locutor do receptor, a carta procura cultivar o vínculo entre os participantes desse “diálogo”, por meio de uma construção de identidade “do que sou” e “de como devo ser” diante desse “outro” para o qual já detenho uma imagem (MARINE, 2009, pág. 129). De acordo com Castillo Gómez (2006), no momento em que um indivíduo escreve uma carta, ele pensa em quem será o “outro”, o seu destinatário, com quem manterá um diálogo.

Nesse sentido, entendemos que já há uma preocupação por parte dos leitores sobre como serão vistos e interpretados pelas revistas antes mesmo de escreverem. Isso porque a opinião do “outro” e o que ele tem a dizer a respeito desse “eu” devem sempre ser levados em conta, conforme o conceito de “compreensão responsiva ativa”⁸⁶, de Bakhtin, uma vez que, sem essa relação dialógica, nenhum tipo de interação faz-se possível. Assim, é possível afirmar que o conceito de alteridade se faz presente quando os leitores se reportam às revistas, já que, para Bakhtin, um signo só pode ser compreendido através de outro signo, o que, conseqüentemente, no caso das cartas de leitoras, significa outra palavra, outra opinião.

Além disso, cabe destacar o quanto a voz do “outro” é indispensável na formação do “eu”, sendo que é essa voz a responsável por oferecer uma resposta capaz de interferir na constituição de identidades dos leitores e determinar aquilo que deve ser ou não seguido. Para Marine,

são os “outros” que nos permitem desenvolver um sentimento de identidade, e as pessoas com as quais nos sentimos mais à vontade são aquelas que nos “devolvem” uma imagem adequada de nós mesmos; afinal, a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural. (MARINE, 2009, p.132)

Ao se considerar as relações dialógicas como relações entre índices sociais de valor, entende-se, segundo BUENO (2014), que há uma interação social nas relações estabelecidas, sendo exatamente isso o que acontece com as cartas de leitores. Eles buscam por alguém que compreenda seus momentos de dificuldades e dúvidas e se espelham nas respostas oferecidas para encontrar pontos de equilíbrio, tornando muitas vezes aquilo que é falado como referência, constituindo, assim, subsídios para suas identidades.

Ao olharmos mais atentamente para as cartas, notamos que os leitores sentem-se extremamente à vontade para expressarem aquilo que pensam e

⁸⁶ Considerando que todo ato de enunciação envolve um “eu” e um “outro” e que esses dois sujeitos do discurso conhecem a situação social na qual estão inseridos, podemos pensar que o conceito de “compreensão responsiva ativa” se dá a partir do momento em que o “outro” tem o direito de responder às enunciações feitas pelo seu interlocutor. Dessa forma, todo sujeito é ser ativo, responsável por suas ações e decisões e, então, responsivo ao outro. O sujeito bakhtiniano não é passivo às relações sociais como também não age de maneira absolutamente individual. O sujeito é um ser profundamente constituído nas teias sociais, e é nessa inter-relação com o social que toma uma atitude responsiva em relação à vida, ao mundo, a si mesmo e ao outro (BAKHTIN, 2003, p.272-301).

sentem, como se, de fato, houvesse um relacionamento seguro entre eles e a revista. E, para as revistas, isso se torna algo fundamental, pois é dessa relação sincera que precisam para manter, do outro lado, seus leitores e, também, consumidores. Sabendo que os leitores veem as revistas como expositoras de um padrão que deve ser seguido, subentende-se que essas revistas são consideradas também portadoras da razão e, por isso, podem ser vistas como “conselheiras” e “amigas” de seus leitores .

Normalmente, a seção de cartas é destinada a todo e qualquer tipo de dúvida apresentada pelos leitores , que escrevem para as revistas expondo seus medos, curiosidades e anseios. Acredita-se que, para isso, ocorra, como afirma Marine (2009), “uma identidade de linguagens” entre leitores e revista, já que esta busca escrever de um modo que a mantenha sempre próxima de seus leitores . Nota-se isso ao observamos mais detalhadamente os próprios textos e seu modo de organização, assim como as respostas oferecidas.

Nesse momento, julgamos ser, então, necessário que olhemos com mais atenção para essas cartas, a fim de que encontremos nelas marcas que as justifiquem como responsáveis pela construção de identidades, ainda que isso seja buscado de modo inconsciente por seus leitores.

3.3.3 As cartas de leitores e suas especificidades – o que nos dizem as revistas *NOVA*, *Cosmopolitan*, *MEN’S HEALTH* Brasil e *MEN’S HEALTH* Portugal

Iniciamos esta seção contextualizando-nos brevemente sobre o surgimento das revistas selecionadas para este trabalho, assim como os valores e ideais por elas pregados. Consideramos necessário compreender a estrutura de tais revistas para que possamos também compreender de que modo se dá a relação entre elas e seus leitores, por meio das cartas. Para tanto, abordaremos, primeiramente, as revistas femininas *NOVA* e *Cosmopolitan* e, em seguida, as revistas *Men’s Health* Brasil e *Men’s Health* Portugal. Em um segundo momento, voltaremos nossos olhares, de forma ainda mais específica, para as seções de cartas e seus mais variados interlocutores, a fim de identificarmos possíveis relações dialógicas assim como citado na subseção 3.3.3.1.

De um modo geral, podemos afirmar que tais revistas, ainda que voltadas a públicos distintos, em muito se assemelham quando observamos seus conteúdos editoriais e também a estrutura adotada para a organização e divulgação das cartas. Sabemos que tanto as revistas femininas quanto as revistas masculinas dirigem-se a um universo adulto, composto por leitoras e leitores independentes e que buscam estar, constantemente, atualizados sobre moda, beleza e saúde. Além disso, essas mesmas revistas, ainda que com suas peculiaridades, abordam também temas voltados à sexualidade e à carreira profissional, colocando-os, de forma bastante similar, como indispensáveis ao bem estar e sucesso individuais.

Em relação ao modo como as seções de cartas são organizadas e estruturadas, temos que todas as quatro revistas, assim como veremos adiante, trabalham com diferentes interlocutores. Temos, assim, nas revistas femininas, seções “dirigidas” por mulheres e por homens e o mesmo acontece com as revistas masculinas. Dessa maneira, uma mulher que escreve para a revista feminina, pode encaminhar sua dúvida tanto para um interlocutor feminino quanto um interlocutor masculino, e, ao mesmo tempo, obter respostas desses diferentes interlocutores. Da mesma forma, um leitor homem pode encaminhar sua dúvida para um interlocutor masculino ou feminino e obter diferentes respostas dependendo daquele a quem se reporta. Interessamos aqui observar de que modo se dão essas relações e como diferentes locutores/interlocutores podem interferir, ou não, no comportamento linguístico (e também ideológico) desses leitores e das revistas a quem se dirigem.

A revista *Cosmopolitan* começou a ser inicialmente publicada nos Estados Unidos, em 1886, e é hoje vendida em aproximadamente 100 países diferentes. No Brasil, a revista foi lançada sob o nome de *NOVA* e é publicada desde 1973, pela Editora Abril. Desde 2015, a revista *NOVA* transformou-se em *Cosmopolitan*, ainda que não tenha perdido seu nome original. O conteúdo editorial de todas as edições é composto por assuntos como “relacionamento”, “sexo”, “trabalho”, “beleza”, “moda”, “saúde” e “celebridades”. Isso porque se supõe que suas leitoras são jovens e independentes. Além disso, a revista deixa claro o seu “papel de amiga” ao aconselhar cada uma de suas leitoras em todos os aspectos de suas vidas. É possível reconhecermos tal afirmação

na publicação feita pela própria revista, ao explicar a mudança de nome e as transformações editoriais sofridas por ela:

(38) Esse jeito divertido, ousado e muito feminino de encarar a vida, em um momento em que já conquistamos tanto, é essencial para lidar com aquelas questões que ainda podem evoluir, tanto no nosso comportamento quanto no mundo ao nosso redor. Pensando nisso, preparamos reportagens que nos ajudam a entender em que etapa nós, brasileiras, estamos em relação ao trabalho, aos relacionamentos e ao sexo, e também à forma como lidamos umas com as outras no dia a dia (sim, aqui na redação a gente acredita que já é mais do que hora de parar de julgar a colega ao lado por causa do tamanho da saia dela, sabe? Que tal passar a apoiar o direito que ela tem de escolher a roupa que a faz se sentir mais bonita e confiante?). Aproveitamos a troca de nome para reforçar nossos pilares editoriais, como a crença de que praticar o espírito de *sisterhood* (mulheres apoiando outras mulheres) vale a pena, e estreiar o nosso novo projeto gráfico. Mudar dá friozinho na barriga, mas é tão bom quando o resultado anima a gente! Eu sou supersuspeita, mas acredito que, além de linda, a sua revista está mais organizada, com novas seções, novos colunistas, mais retratos e depoimentos de mulheres tão reais quanto eu e você, e mais páginas dedicadas à carreira e à beleza, área em que vamos trazer cada vez mais novidades. (Disponível em: <https://Cosmopolitan.abril.com.br/estilo-de-vida/nova-agora-e-Cosmopolitan-e-voce-e-parte-desta-mudanca/>).

Já a revista *Cosmopolitan*, de forma bastante similar, traz em seu conteúdo editorial os mesmos valores e ideias trabalhados pela revista brasileira. Segundo a proposta editorial das revistas, de modo geral, as leitoras de *NOVA* e *Cosmopolitan* estão sempre atualizadas nos mais diversos assuntos, uma vez que contam com a melhor fonte para tal, assim como podemos notar no excerto (39), publicado pela revista portuguesa:

(39) A revista *Cosmopolitan* é mais do que uma revista feminina, é uma forma de estar na vida, um estado de espírito, que acompanha e dá as respostas essenciais a tudo aquilo que uma mulher cosmopolita, independente, determinada, divertida e muito feminina procura no seu dia a dia. É a amiga *trendy* e sábia, sempre pronta para dar “aquele” conselho e a informação que as outras revistas não abordam. Autoestima, relacionamento, carreira, sexo, beleza ou moda são alguns dos temas abordados mensalmente, num tom divertido mas responsável, para mulheres atrevidas, femininas e apaixonadas, que gostam do lado FUN da vida! (Revista *Cosmopolitan* Portugal – disponível em https://beginning.world/company/653035_motorpress-lisboa-s-a/).

É preciso cuidado ao tratarmos de tais informações, uma vez que sabemos que tais revistas afirmam investir, neste momento de grandes

transformações sociais, em novos modelos de mulheres, agora independentes e não mais subordinadas aos padrões masculinos até então impostos. O que percebemos é que, apesar de abordarem assuntos de caráter mais feminino e até mesmo “revolucionário” – como temas que tratem do poder de decisão da mulher e sua inserção e manutenção no mercado de trabalho –, estas revistas femininas não deixam de contrapor essa mesma mulher à figura masculina, principalmente pelo forte apelo feito ao “corpo perfeito” e assuntos sobre “sexo”. Segundo Swain (2001, pág. 21),

o tom geral das revistas é de alegria, de confiança no futuro, certeza de poder conciliar tarefas, assumir os novos espaços abertos às mulheres sem perder uma só grama de sua “feminilidade” [...]. De fato, o que se nota é uma certa condescendência em relação à mulher profissional, cuja atividade seria apenas um acréscimo às suas tarefas habituais, nunca uma modificação da divisão “natural” do trabalho.

Assim, ainda que as revistas femininas tenham adquirido uma nova configuração quando comparadas às publicações anteriores ao movimento feminista, notamos que não deixam de relacionar, tanto em suas matérias quanto nos conselhos dados às suas leitoras nas seções de cartas, a figura feminina à masculina, estabelecendo aí uma dependência, mesmo que implícita, das mulheres em relação aos homens. Ainda segundo Swain (2001, pág. 19)

os produtos culturais destinados ao público feminino desenham, em sua construção, o perfil de suas receptoras em torno de assuntos relacionados a sua esfera específica: sedução e sexo, família, casamento, maternidade e futilidades. A ausência, nas revistas femininas, de debate político, de assuntos econômico-financeiros, das estratégias e objetivos sociais, das questões jurídicas e opinativas é extremamente expressiva quanto à participação presumida, à capacidade de discussão e criação, ao próprio nível intelectual das mulheres que as compram.

Quanto às revistas masculinas *Men's Health* Brasil e *Men's Health* Portugal, sabemos que elas são de origem estadunidense e mundialmente publicadas desde o ano de 1990. No Brasil, passou a ser publicada em 2006 e, em Portugal, a partir de 2001. Apesar de voltadas a um público diferente, notamos, assim como nas revistas femininas, a forte intenção de se aproximar

de seus leitores, já que é clara a relação de amizade que se pretende estabelecer por meio das sugestões e conselhos dados.

Ainda que revistas masculinas como a *Men's Health* tenham surgido em meio a um movimento feminista e, por isso, chamando a atenção de seus leitores às novas posturas que deveriam assumir a partir daí, elas também trazem à tona elementos voltados à força, virilidade e sexualidade do homem, facilmente observados em suas capas e em muitas de suas matérias. Aqui, entendemos que o homem não perde a sua característica de “dominador”, apesar de ser, agora, permissível a novas possibilidades e formas de ver e entender o mundo ao seu redor. Quanto a isso, Fernandes (2011) afirma sobre as revistas masculinas em questão que

todas têm como matéria de capa a figura do homem com **corpo sarado**, isto é, a importância que a revista dá ao *corpo* enquanto objeto instituído de poder e, ao mesmo tempo, de desejo. Poder e desejo no sentido de que é o corpo sarado ali visto, na sociedade contemporânea, como símbolo da virilidade masculina e que ele representa o tornar-se *homem* com características de *homem*. Para esta revista é o modelo de homem que representa o seu tempo, um tempo de mudanças e transformações que colocam em xeque toda a representação das masculinidades anteriores, mas que ainda sustenta valores tradicionais como a força representada por uma musculatura rígida. Poder, pois se afirmará enquanto *homem* capaz de possuir o controle da situação e, ao mesmo tempo, articular-se com essa “nova” condição de masculinidade, isto é, ser objeto de desejo do seu oposto, o feminino, pois responderá às expectativas das mulheres de hoje. Assim, retornamos às antigas atribuições dos papéis sociais que são impostos a essa condição de ser homem. Encontramos, portanto, elementos de propostas da revista que são contraditórios e, ao mesmo tempo, que estão em transformação, pois por um lado, referencia a importância de levar o homem atual a rever sua condição de masculinidade e virilidade e, por outro, seduz e induz o público masculino e feminino no sentido de ressaltar os “velhos” atributos sociais da masculinidade hegemônica que os caracterizam (FERNANDES, 2011, pág. 56 – grifo do autor).

Reforçamos tal afirmação com os valores editoriais publicados em seu site pela revista *Men's Health* Brasil, assim como vemos em (40).

(40) O desafio de MEN'S HEALTH é melhorar a vida do leitor, dando a ele a informação mais relevante sobre bem-estar masculino. Deixar seu corpo mais forte e bonito. Transar com as mulheres de forma plena, em relacionamentos mais sólidos. Comer de forma mais saudável – sem prejuízo do prazer. Cuidar

da saúde sem neura. Vestir-se com estilo e pertinência para não virar uma vítima da moda e turbinar sua aparência com sacadas e produtos de última geração. E, claro, colocar a carreira no trilho do sucesso e da grana. (Disponível em: <http://www.grupoabril.com.br/pt/o-que-fazemos/midia/marcas-e-empresas/editora-abril/Mens%20Health>).

Levando em conta esses pressupostos, podemos, agora, analisar com mais cuidado, e com um olhar crítico mais apurado, a organização das seções de cartas dessas quatro revistas. Assim como já falado anteriormente, nos atentamos ao fato de serem variados os interlocutores presentes nessas revistas. Assim como mostrado nos quadros 07, 08, 09 e 10, algumas seções das revistas femininas trazem como interlocutor um homem, enquanto que seções das revistas masculinas trazem uma mulher como interlocutora, quebrando a ideia inicial de que apenas mulheres respondem às mulheres e o mesmo com o público masculino. Interessa-nos pensar, quanto a isso, de que forma esses diferentes interlocutores podem, ou não, interferir nas escolhas linguísticas feitas por esses leitores. Por ora, temos por hipótese que tal resposta será encontrada com mais fundamentos em nossas análises estilísticas, entretanto, desde já nos dedicamos a tal observação, uma vez que questões como essas muito nos interessam.

Quadro 07. Revista *NOVA* - seções e interlocutores

Revista <i>NOVA</i>		
Seção	Temática	Locutor / Interlocutor
Caixa de entrada	Comentários gerais	mulher > mulher
Opinião livre	Comentários gerais	mulher > mulher
Aconteceu comigo	Comentários gerais	mulher > mulher
Consulta íntima	Sexo e saúde	mulher > mulher
Dr. Gaudência explica	Comportamento	mulher > homem
Como lidar, Felipe?	Relacionamento	mulher > homem
Consultor de carreiras	Vida profissional	mulher > homem
Segredos do Marco	Beleza	mulher > homem
Pergunte à Vânia	Beleza	mulher > mulher
Pergunte à editora	Beleza	mulher > mulher

Quadro 08. Revista *Men's Health* Brasil - seções e interlocutores

Revista Men's Health Brasil		
Seção	Temática	Locutor / Interlocutor
Diga pra gente	Comentários gerais	homem > homem
Gil, o garçom	Relacionamentos	homem > homem
Pergunte à <i>Men's Health</i>	Dúvidas gerais	homem > homem
Pergunte à vizinha	Relacionamentos	homem > mulher
Personal trainer	Saúde	homem > homem
Músculo sem erro	Saúde	homem > homem
Adrenalina com segurança	Saúde	homem > homem
Prazer bem temperado	Culinária	homem > mulher
Cartão de visitas	Boas maneiras	homem > mulher
Mão na roda	Automóveis	homem > homem

Quadro 09. Revista *Cosmopolitan* - seções e interlocutores

Revista Cosmopolitan		
Seção	Temática	Locutor / Interlocutor
És uma cosmogirl, mostre-nos!	Dúvidas gerais	mulher > mulher
Beleza P&R	Beleza	mulher > mulher
Moda P&R	Moda	mulher > mulher

Quadro 10. Revista *Men's Health* Portugal - seções e interlocutores

Revista Men's Health Portugal		
Seção	Temática	Locutor / Interlocutor
Pergunte à MH	Dúvida gerais	homem > homem
Girl next door	Relacionamentos	homem > mulher
Saúde	Saúde	homem > homem

Em um primeiro momento, ao observarmos as várias seções de cartas existentes, percebemos de forma bastante clara que as revistas portuguesas, sejam elas femininas ou masculinas, apresentam um número bastante reduzido dessas seções quando comparadas às revistas brasileiras. Além disso, é óbvia a percepção de que o conteúdo das cartas enviadas por leitores portugueses, assim como as respostas oferecidas por essas revistas também portuguesas, são muito mais sucintos, objetivos e diretos, ao contrário do que vemos acontecer com as revistas brasileiras. Considerando essas observações mais gerais, para melhor estruturar esse breve estudo, trataremos separadamente

das revistas femininas, brasileiras e portuguesas, e das revistas masculinas, brasileiras e portuguesas. Isso nos permite um olhar comparativo mais evidente a respeito do que mulheres e homens buscam e encontram nessas revistas.

3.3.3.1 As revistas femininas

A revista portuguesa *Cosmopolitan* apresenta apenas três seções de cartas intituladas “És uma cosmogirls? Mostre-nos!”, “Beleza P&R” e “Moda P&R”. São seções curtas, bastante objetivas e diretas, tanto em relação às perguntas e comentários enviados pelas leitoras, quanto às respostas oferecidas pela própria revista.

A primeira seção citada, assim como enunciado em seu subtítulo, é voltada às confissões, desabafos e fatos que provem que aquela leitora é, de fato, uma “cosmogirl”, ou seja, alguém que tem a revista *Cosmopolitan* e seus conselhos como ideais a serem seguidos. Muitos dos comentários enviados pelas leitoras comprovam o fato destas enxergarem a revista como a amiga que aconselha e que traz à tona os melhores padrões de comportamento e as soluções ideais para qualquer tipo problema. Vale ainda destacar ser esta a única seção da revista *Cosmopolitan* em que as leitoras expõem um pouco mais de suas intimidades e citam fatos relacionados às suas vidas pessoais assim como vemos nos exemplos de (41) a (44).

(41) “Nunca me identifiquei tanto com uma revista! Sinto que cada dica e artigo foram escritos especialmente para mim. Foi numa fase menos positiva que encontrei na *Cosmopolitan* uma excelente conselheira, senti que me orientava. E desde que sigo de forma fiel os conselhos de beleza, a minha autoconfiança foi renovada!” (Ana Almeida) (CM/PT, 2015, p. 16, nº 283)

(42) “Há dois anos tive anorexia nervosa e tenho enfrentado uma depressão. Já consultei vários psicólogos e psiquiatras, mas o tratamento não resultou. Até que descobri a Cosmo e desde então somos inseparáveis. Funcionou como uma espécie de cura! Agradeço-vos pelos excelentes artigos que escrevem todos os meses, porque com a vossa ajuda ultrapassei a doença e voltei a ser feliz e saudável!” (Clara Costa) (CM/PT, 2015, p. 10, nº 273)

(43) “Identifico-me com a revista e com os artigos sempre tão atuais. Hoje continua a ser a minha revista preferida e uma compra obrigatória todos os meses. Este ano tem sido o mais difícil da minha vida. Entre hospitais, internamentos, cirurgias e exames houve “alguém” sempre lá: a Cosmo! Ajudou-me a ultrapassar os momentos mais difíceis e felizmente posso dizer

que estou feliz e que vejo a vossa revista como uma grande amiga. Obrigada Cosmo!” (Patrícia Santos) (CM/PT, 2014, p. 14, nº 270)

(44) “A *Cosmopolitan* é mais do que uma revista: é companheira, confidente, melhora meu humor e acompanha-me em todos os momentos. Uma parte da minha personalidade deve-se a ela, pois tenho-me tornado uma mulher mais atrevida, feminina e apaixonada pela vida graças aos conselhos Cosmo!” (Ana Catarina Correia) (CM/PT, 2014, p. 12, nº 269)

As duas outras seções citadas se destinam a esclarecer questões sobre beleza e moda, de modo que as dúvidas das leitoras não as “impeçam de arriscar”. Aqui, assim como mostrado em (45) e (46), tanto as perguntas, quanto as respostas, até mesmo aquelas que se apresentam um pouco mais elaboradas, são bastante “técnicas”, apesar de não perderem o tom de ajuda e aconselhamento buscado pelas leitoras. Por fim, é importante destacar que nenhuma dessas seções especifica claramente quem é o interlocutor a quem essas leitoras se dirigem, o que nos faz subentender, em situações como essa, que se trata de um interlocutor feminino, uma vez que as leitoras se dirigem a um veículo de comunicação que tem clara essa característica.

(45) P: Ajudem-me: o que coloco primeiro, o corretor ou a base?

R: Há maquiladores profissionais que começam com os corretores, depois base e por fim novamente o corretor se necessário. Há outros que optam por espalhar a base por todo o rosto e aplicar o corretor no fim, para os retoques finais. É mais rápido e poupa-se produto. (CM/PT, 2013, p. 30, nº 257)

(46) L: Gostava de investir nuns bons ténis, que sejam intemporais mais trendy. O que aconselham?

R: Os ténis são uma das peças fundamentais no guarda-roupa de qualquer mulher, não só pelo conforto, mas também pela versatilidade. Alguns modelos são verdadeiramente icónicos e atravessam gerações, sofrendo várias alterações, mas mantendo a identidade original. (CM/PT, 2015, p. 28, nº 283)

Já na revista brasileira *NOVA*, encontramos dez seções de cartas, sendo que seis delas, devido à temática e estrutura apresentadas, em muito se assemelham às seções acima citadas, trazidas pela revista *Cosmopolitan*. Essas seis primeiras seções intitulam-se “Caixa de entrada”, “Opinião livre”, “Aconteceu comigo”, “Segredos do Marco”, “Pergunte à Vânia” e “Pergunte à editora”. É importante destacar que nem todas as seções citadas são encontradas, obrigatoriamente, em todos os exemplares, uma vez que

mudanças editoriais acontecem e, por isso, mudanças na estrutura da revista e de suas seções também existem.

As primeiras seções “Caixa de entrada”, “Opinião livre” e “Aconteceu comigo” se reservam a publicar comentários gerais, enviados pelas leitoras, sobre a revista e sobre os conteúdos ali publicados, além de trazer depoimentos sobre fatos pessoais ocorridos com suas leitoras e relacionados com matérias anteriormente publicadas pela própria revista, revelando, dessa forma, certa identificação entre elas. Além disso, fica clara a relação de aconselhamento existente entre a revista e as leitoras. Notamos, esses fatos, nos itens (47), (48) e (49).

(47) “Sou o tipo a Shakira = loca, loca, loca por esta revista! E agora, que estou ansiosa e inquieta com o finalzinho da gestação, ela tem sido minha supercompanheira: COSMO me diverte, me deixa por dentro das novidades, me ajuda a ficar linda e estilosa... e, na edição de junho, ainda me encheu de dicas especiais para aproveitar o Dia dos Namorados de um jeitinho bem hot!” (Luciana Araújo) (NV/BR_2015, n°7, p.15)

(48) “Achei a edição incrível! A matéria *Divide por Dois, por Favor* trata de um assunto pouco comentado: como lidar com dinheiro na relação. *NOVA* mostra reportagens inesperadas, mas importantes. A revista tem exatamente aquela resposta que eu procuro, no momento certo! Ler em *Dupla Imbatível!* que um casal não desiste tão fácil era exatamente o que eu precisava para dar um up na minha relação”. (Ana Carolina Rangel Costa) (NV/BR, 2014, p.12, n°8)

(49) “Admito: eu tenho a mesma briga com meu namorado com frequência. Desde o começo do nosso namoro, ele joga futebol com os amigos às segundas-feiras, das 22h à meia-noite. E eu simplesmente não gosto desse horário. Sou muito possessiva e controladora; então, como o jogo acaba à meia-noite e o campo fica a dez minutos da casa dele, para mim ele tem até a meia-noite e meia para chegar em casa — e me ligar dizendo que está tudo bem. Tem dias que ele passa do horário, daí eu começo a fazer barraco e a questionar: ‘Por que você demorou?’, ‘Vocês estava bebendo com os meninos?’ E uma das vezes ele só chegou em casa mais tarde porque o jogo começou atrasado. Bom, eu fico com a consciência pesada no dia seguinte, mas não consigo controlar. Às vezes ficamos até sem nos falar e ele me ignora por dias. Daí tenho que correr atrás. Mas não peço desculpas, não.” (Larissa Garcia) (NV/BR_2015, n° 7, p.104)

As outras três seções, “Segredos do Marco”, “Pergunte à Vânia” e “Pergunte à editora” trazem questões voltadas à beleza e esclarecem, de forma bastante direta, as dúvidas enviadas por suas leitoras, assim como vemos em (50), (51) e (52), buscando, ainda assim, sempre aconselhá-las em relação às

suas dúvidas. Todas essas seções apresentam interlocutores femininos, com exceção daquela intitulada “Segredos do Marco”.

(50) Descolori os fios e eles ficaram secos como palha. Dá pra reverter? (Bia Mota)

R: O pigmento do cabelo também dá suporte aos fios. Na descoloração, eles perdem essa cobertura de cor, massa e proteína. Por isso, hidratação apenas não resolve. É preciso uma reconstrução. (NV/BR, 2014, p.52, nº11)

(51) Minha pele fica uma delícia quando uso esfoliante. Tudo bem lavar o rosto com ele todos os dias? (Beth)

R: Esfoliantes agressivos, repletos de partículas, podem acabar ressecando ou sensibilizando sua pele. Em geral, eles devem entrar na sua rotina de beleza só uma vez por semana. Mas existem fórmulas de uso diário. A dermatologista Carla Vidal indica, por exemplo, sabonetes líquidos com esferas suaves especialmente para quem tem pele oleosa. Um dos nossos favoritos é o Gel de Limpeza Facial Morning Energy (R\$ 20), da Clean & Clear. (NV/BR_2015, nº5, p.52)

(52) Já tenho alguns fios brancos, mas sou muito nova para virar escrava da coloração. Tem como disfarçar? (Karina Novaes)

R: Se usar um tonalizante também não é uma alternativa para você, aposte num xampu específico para grisalhos (mesmo você não sendo uma!) pelo menos uma vez por semana, como o Silver Shampoo Antiamarelamento, Schwarzkopf, R\$54. Ele vai tirar o aspecto amarelado dos cabelinhos brancos, fazendo com que eles pareçam platinados, brilhantes e com textura mais suave. (NV/BR_2015, nº3, p. 32)

Além dessas seções, a revista *NOVA* traz outras quatro seções que se apresentam de forma mais elaborada, contando quase sempre com profissionais especializados, como médicos, por exemplo, para esclarecer as dúvidas enviadas pelas leitoras. Essas seções intitulam-se como “Consulta íntima”, “Dr. Gaudência explica”, “Como lidar, Felipe?” e “Consultor de carreiras”. Por meio de uma primeira observação, já podemos evidenciar o fato de apenas a primeira delas ter uma mulher como interlocutora, enquanto que as outras seções trazem homens para dialogarem com as leitoras.

A seção “Consulta íntima”, como o próprio nome já diz, aborda dúvidas sobre saúde e sexo, questões íntimas que talvez fossem contadas apenas às amigas mais próximas, respondidas por médicas que apresentam respostas técnicas e bastante elaboradas. Ao contrário do que acontece nas outras seções já citadas, notamos aqui o uso de vocativos por parte da revista ao se dirigirem às suas leitoras, tentando, com isso, estabelecer certa proximidade.

Assim, ainda que as respostas oferecidas não sejam tão informais, busca-se, de algum modo, que essa informalidade se faça sempre presente, assim como notamos em (53).

(53) P: Não sou virgem, mas sinto muita dor ao transar e fico nervosa. Posso sofrer vaginismo? (Marcella Couto)

R: Querida, você entrou num círculo vicioso que associa sexo a dor. Já imaginando que a penetração será dolorosa, fica ansiosa e com a musculatura ao redor da vagina tensa, gerando incômodo. Se além desses sintomas relatados você também não consegue ter a penetração vaginal, então pode considerar sofrer de vaginismo, definida como a incapacidade de ser penetrada. Muitas mulheres jovens entre 20 e 30 anos, chegam até mim com esse problema psicológico — do ponto de vista fisiológico, essas mulheres são completamente normais. O importante: tente relaxar e focar nas sensações de prazer das preliminares, sem ficar antecipando a dor, e, quem sabe, fazer exercícios de penetração em casa com próteses penianas ou dilatadores vaginais para perder o medo e se acostumar com a sensação de algo dentro da vagina. Se não melhorar, procure ajuda de um profissional especializado em sexualidade. (NV/BR_2015, nº1, p.32)

A seção seguinte, “Dr. Gaudêncio explica”, tem como interlocutor um psiquiatra que trata das “inquietações e dúvidas mais íntimas” de suas leitoras, assim como vemos em (54). Mais uma vez, a revista deixa claro que assuntos íntimos podem ser ali expostos e compartilhados, assim como se faz com amigas mais próximas. Nesse sentido, podemos, novamente, entender a revista enquanto amiga e conselheira de suas leitoras. Temos, aqui, respostas também mais técnicas e elaboradas sobre aquilo que deve ou não ser feito, além de vários questionamentos feitos a essas mulheres (muitas vezes sobre assuntos sérios e que exigem maiores reflexões), de modo que rapidamente repensem seus comportamentos, transmitindo a elas a sensação de que se seguirem aqueles conselhos, tudo será mais fácil.

(54) L: Vou fazer 35 anos, estou solteira e nem perto de mudar o status do Facebook para “em um relacionamento sério”. Quero ser mãe, mas o tempo está passando mais rápido do que eu gostaria. Estou disposta até a ter um filho com um amigo! Não sei lidar com isso sozinha. Me ajuda? (Cláudia, 34 anos, São Paulo, SP)

R: Muitas mulheres enfrentam esse dilema quando se aproximam dessa idade e não têm um parceiro. Por mais que eu não seja expert em tratamentos para engravidar, sei que é cada vez mais comum ter filhos depois dos 35 anos. Claro, requer um série de cuidados, mas idade já não é um fator impeditivo. Na verdade, nem a falta de um parceiro é - existem vários métodos que dispensam

marido. Cabe a você avaliar o que parece mais confortável emocionalmente também. Mas não podemos fugir do cenário mais delicado de todos: e se nada der certo? Você precisa lidar com a possibilidade de não ter filhos. Seria tão ruim assim? Procure identificar qual é o verdadeiro vazio que você quer preencher. Encare isso antes mesmo de engravidar - assim, já lida com as diferentes situações e evita frustrações maiores lá na frente. (NV/BR, 2014, p.70, nº10)

De forma bastante parecida, a seção “Consultor de carreiras” traz também um psiquiatra e palestrante para agora esclarecer questões voltadas à vida profissional de suas leitoras, conforme mostrado em (55). Temos, novamente, um interlocutor masculino, que responde às dúvidas de forma bastante especializada, mas mantendo, agora, um tom maior de aconselhamento e motivação, incentivando, de modo claro, aquilo que cada leitora deve ou não fazer para obter êxito em sua vida profissional. Em muitas situações, o interlocutor usa as dificuldades que enfrentou em sua vida como exemplo capaz de motivar a leitora a seguir sua caminhada, de acordo com cada conselho dado.

(55) L: Terminei um relacionamento longo e não tive como evitar que isso interferisse no meu trabalho. Cheguei a faltar, tenho rendido pouco e estou sem ânimo para as tarefas do dia a dia. O que faço? Não gosto de compartilhar minha vida pessoal no ambiente profissional, mas será que nesse caso devo pedir ajuda à minha gestora? (Joana)

R: Joana, o ser humano é um ser integral, e por isso suas emoções estão interligadas em todas as áreas da sua vida. Mas devemos saber separar os papéis para nos realizarmos pessoal e profissionalmente. Já aconteceu várias vezes de eu chegar exausto de uma viagem de trabalho e precisar correr com um dos meus cinco filhos para o hospital. No ano passado, um deles teve uma complicação de uma cirurgia e corria o risco de perder a visão de um olho, mas no mesmo final de semana eu estava à frente de um seminário para mais de duzentas pessoas. Apesar do coração apertado, precisei sorrir, ensinar e motivar meus alunos. Imagine um piloto de avião triste pelo final de um grande amor que não consegue se concentrar. Ou um cirurgião. E não são somente os momentos ruins que merecem atenção: comemorar vitória por tempo demais pode ser perigoso. Acontece muito de um time que ganhou um campeonato jogar mal no seguinte, por ficar celebrando as vitórias anteriores sem se esforçar nos jogos da nova temporada. Equipes de vendas também cometem essa distração. Celebram tanto um desafio vencido que não batem metas futuras. Por mais delicado que seja, é importante saber manter nos bastidores as tristezas e alegrias e focar naquilo que tem de fazer. Mas, se você tiver um bom relacionamento com sua gestora, e para que ela não ache que essa sua falta de ânimo é desinteresse ou má vontade, chame-a para um café e conte o que aconteceu. Deixe claro que está fazendo o possível (e vai se esforçar

ainda mais) para que sua vida pessoal não atrapalhe a profissional. (NV/BR_2014, nº5, p.82)

Já a seção “Como lidar, Felipe?” traz como interlocutor o editor da revista Superinteressante, para “contar tudo o que se passa na cabeça dos homens”. Se pensarmos ser a revista Superinteressante voltada a assuntos curiosos e atraentes, seria esse o modo como as mulheres devem, ou deveriam, entender a mente masculina – e que ao mesmo tempo justifica a escolha de um interlocutor que, além de homem, já estaria mais habituado a questões com essas características? Temos, nesta seção, dúvidas voltadas aos relacionamentos e ao comportamento masculino, com respostas mais informais e despreziosas, mantendo, sempre, o tom de aconselhamento. Podemos perceber que, em alguns questionamentos que envolvem dúvidas quanto às atitudes masculinas, as respostas oferecidas às leitoras claramente favorecem aos homens, ainda que em outros momentos aconteça o contrário, assim como vemos em (56) e (57).

(56) L: No final do ano passado, fiquei com um rapaz de escritório, começamos a sair todos os finais de semana durante uns três meses e ele chegou a me apresentar aos amigos. Às vezes, falava que sofreu muito com o término do último namoro e que ficou desacreditado do amor: outras, que eu era especial e que, depois do Carnaval, conversaríamos sobre a relação. Ele foi viajar com os tais amigos e eu tirei férias por 15 dias. O boy me mandou mensagem durante o feriado todo, bem fofo. Maaas, depois que voltou, simplesmente sumiu. Mandei mensagem pra saber como ele estava e ele respondeu superdireitinho mas sem me chamar para sair. Por que ele evaporou? (Ana Cecília)

R: Mudança de conjuntura. Ele podia estar de rolo com outra menina e aquela história decolou. Ou talvez tenha retomado o contato com a ex. Aí, não necessariamente continua apaixonado por ela, mas — o que talvez seja pior — continua atormentado. Ou rolou outra coisa, vai saber. Aproveita que trabalham juntos e tira vantagem. Chama no inbox, manda um whatsapp ou então convida direto para um café. O que importa, sempre, é não cobrar. Não exija um status de relacionamento. Até porque você poderia estar do outro lado e esfriado com ele. Conversem numa boa. Vai que ele se distanciou porque achou que foi você que esfriou as coisas na relação. (NV/BR_2015, nº5, p.135)

(57) L: Todo final de semana meu namorado vem com o mesmo papo: é churrasco no sítio de um amigo, despedida de fulano, aniversário de sicrano... Ele sai de dia e só volta de madrugada, não me conta nada como foi e ainda quer que eu ache isso tudo muito natural. Estou exagerando ou isso é estranho mesmo? (Ana Terra)

R: Todo mundo aprende, na mais tenra idade, que churrasco em sítio é o nirvana da zoeira. Não se vai a um e some, pô! Se você tem 16 anos, seus pais ficam preocupados. Se tem 22, a namorada fica preocupada — depois brava, possessa, enfurecida, encolerizada... E com razão. Espero que vocês tenham se acertado da última vez que ele voltou do tal evento. Agora, para fazer essa relação evoluir, explique pausadamente ao tonto que, sim, é preciso dar satisfação, especialmente em locações de alta periculosidade, como churrasco em sítio. Eu demorei uns 15 anos para aprender isso. Tenha calma. (NV/BR_2015, nº3, p.131)

3.3.3.2 As revistas masculinas

Quanto às revistas masculinas, temos na *Men's Health* Portugal apenas três seções de cartas, sendo elas “Pergunte à MH”, “Saúde” e “Girl next door”. Assim como já dito anteriormente, são seções com comentários, questionamentos e respostas bastante sucintas e práticas que esclarecem o leitor sobre suas dúvidas e, de certa forma, também o aconselham sobre o melhor a fazer.

A primeira seção, por não explicitar quem é o interlocutor, faz com que subentendamos que este seja um homem. É importante destacar aqui que muitos dos comentários trazidos pelos leitores sobre a revista relacionam-se com o fato de eles a enxergarem como uma grande companheira, capaz de ajudá-los em momentos de dúvidas e dificuldades, assim como vemos nos itens (58) e (59). Além disso, muitos leitores demonstram um comportamento mais próximo daquilo que deles passou a ser exigido após o movimento feminista, uma vez que estes abordam assuntos e questões que antes pertenciam exclusivamente a um universo feminino, assim como vemos em (60) e (61).

(58) “A MH é uma revista que está de parabéns, pela companhia e sabedoria que transmite cada vez que a leio. O espaço *Fitness* é o meu favorito, em que as dicas para o bem-estar psicológico e, como cada vez é mais notório que a vaidade dos homens aumentou, já há muito tempo que troquei o sofá pela actividade física. A sociedade actual é moderna, mas coloca exigências e pressões sobre o ser humano que resultam em estado de stress. Eu tenho uma vida pessoal e profissional agitada, assim como a de outros, e por isso quero deixar alguns conselhos a quem tem o prazer de ser homem. No dia-a-dia é fundamental recorrer à prática de exercício e actividade física como meio de procurar bem-estar, então motive-se a ficar em forma. Toda a gente sabe que o exercício aliado a uma alimentação saudável é uma mais-valia. Apostar em frutas, verduras e proteínas magras é o ideal, tal como evitar os doces em excesso, os fritos e as comidas gordurosas. Mudar certos hábitos alimentares é

um contributo fundamental para o corpo e a mente, quando associados ao desporto. Saiba que esta mudança diminui a tensão, a ansiedade, a hostilidade e a irritação, e aumenta a estabilidade e o bem-estar emocional, a imagem corporal positiva, o auto-controlo e o bem-estar físico e psicológico. Então do que está à espera? Pondere um compromisso com o corpo e a mente, trace objectivos e siga à risca os conselhos da MH.” (Bruno Timóteo, Barreiro) (MH/PT, 2007, p.14, nº79)

(59) “Sabes onde é que estão os amigos fixes, mas mesmo mesmo fixes... mesmo mesmo... eh pá, fixes? Aqueles amigos que tu olhas para eles e dizes: “eh, pá, estes amigos são mesmo fixes!”. Sabes onde é que eles estão, esses amigos tão fixes que até chateiam porque são tão fixes, os marotos? Sabes onde é que eles estão, sabes, sabes? (sei...) Eu também, estão a ler a MH.” (Fernando Pereira, Ribeirão) (MH/PT, 2007, p.14, nº79)

(60) “Um homem que cuida da aparência perde a sua masculinidade? O homem actual já se apercebeu que a mulher deseja um homem que se cuide e se preocupe com a sua estética, tornando-se alvo de desejo e admiração. Nesta competição entre homens, onde cada um se quer destacar mais do que o outro, quer em termos profissionais quer de relacionamentos com o sexo oposto, estes repararam que a aparência física é uma arma a utilizar. Com esta competição, o homem começa a quebrar tabus no campo da estética masculina que sempre foram vistos como algo só existente no sexo feminino, vendo-se agora o homem a depilar-se, usar cremes, ir ao ginásio e até a recorrer a cirurgias estéticas. A auto-estima do homem aumenta quando este repara que estas mudanças trazem resultados positivos no campo profissional e pessoal.” (Ricardo Guisantes, Viana do Castelo) (MH/PT, 2008, p.14, nº86)

(61) “Devo dizer que gostei da iniciativa de publicarem um guia com tecnologia e decoração para homens. Normalmente deixam-nos sempre de lado quando se trata de decorar uma casa e já é hora de nos deixarem ter uma opinião!” (Vítor Ramalho, Alfeizderão) (MH/PT, 2008, p.10, nº82)

A seção “Saúde”, por sua vez, apresenta interlocutores ora masculinos, ora femininos, sendo todos eles médicos ou profissionais da área que esclarecem dúvidas gerais sobre saúde. Estas dúvidas normalmente pertencem ao universo masculino, como por exemplo, questões voltadas à prática esportiva e ao corpo saudável e em forma, assim como podemos ver em (62). Nesta seção, tanto as perguntas quanto as respostas são mais diretas e quase sempre baseadas em estudos científicos sobre o assunto.

(62) L: Além de ir ao ginásio, faço muito desporto {escalada, surf, patinagem...}, contudo, continuo a sofrer de ciática. O que devo fazer para fortalecer a região lombar e evitar lesões? (Carlos Coelho)

R – Dr. Jaime Milheiro: Devemos pesquisar alterações da estática vertebral, bem como despistar encurtamentos significativos nos membros inferiores. O plano terapêutico de fortalecimento muscular deverá assim incidir num trabalho

de reeducação postural vertebral (e não exclusivamente lombar) visando geralmente contrariar: a anteriorização cervical associada a rotação interna dos ombros (através do reforço dos extensores cervicais, rotadores externos dos ombros e adutores das omoplatas), a fragilidade abdominal com reforço principalmente do *core*, estabilizando a coluna, **levando à diminuição da cifose dorsal de grande raio e a hiperlordose lombar**, promovendo o “alongamento” vertebral. Conseguimos assim a diminuição da carga discal lombar e da respetiva sintomatologia. Tal trabalho deverá ser sempre acompanhado de exercícios de flexibilização das cadeias posteriores dos membros inferiores bem como da musculatura paravertebral dorsolombar. (MH/PT, 2012, p.30, nº132)

A última seção pertencente à *Men's Health* Portugal intitula-se “Girl next door” e traz como pano de fundo uma mulher bonita e sensual como a responsável por dizer “tudo o que mais nenhuma conseguiu”. Praticamente todas as questões são sobre relacionamento e como aquele homem pode ou deve se comportar em algumas situações. É interessante notar que, ao mesmo tempo em que as respostas incentivam um novo comportamento masculino, acabam por trazer à tona elementos muitas vezes machistas, colocando este mesmo homem em uma posição ora de igualdade às mulheres, assim como vemos em (63), ora de dominância, como mostrado em (64). Isso nos mostra que, nem sempre, a presença de um interlocutor feminino, responsável por conceder respostas capazes de influenciar o comportamento masculino, fará com que assuntos como estes sejam abordados de forma totalmente imparcial.

(63) L: Tenho um relacionamento de três anos e desconfio que a minha parceira tem alguém. Nunca passei por este tipo de situação. O que posso fazer? (Armando Gonçalves, Beja)

R: Na verdade, três anos já é tempo suficiente para existir confiança e estabilidade numa relação. Será que isso poderá ser insegurança sua ou estará mesmo certo?! Poderá tentar falar com ela em relação ao que está a sentir (e não há qualquer problema em dizer o que sente, vocês também têm direito!) e explicar-lhe os motivos que o levam a achar isso. Afinal de contas, a falar é que nos entendemos e o diálogo é sempre a melhor opção. Se a resposta for “não” e mesmo assim não ficar convencido, quando ela estiver consigo tente estar atento – sem parecer obsessivo claro – e reparar se ela mexe muito no telemóvel, se manda demasiadas mensagens escritas, etc. Por vezes isso poderá ser um sinal! Caso contrário, mantenha-se em estado alerta a todas as atitudes dela para consigo: se está mais fria, se o desejo sexual já não é mais o mesmo... também existe a possibilidade de o sentimento da parte dela estar a ficar diferente, mas não quer dizer que tenha alguém. Poderá apenas estar farta da rotina. (MH/PT, 2012, p.33, nº127 – grifo nosso)

(64) L: Infelizmente perdi o emprego há pouco tempo e o dinheiro não tem abundado. Que planos poderei fazer (igualmente românticos) com minha namorada, sem gastar muito dinheiro, mas que provem o meu amor? (Guilherme Lopes, Guarda)

R: Para provar amor nunca foi preciso dinheiro, e até as mulheres conseguem entender isso (nem tudo são joias e presentes caros). Pode convidá-la para uma sessão de cinema em sua casa, pode convidá-la para um jantar caseiro. Caso ainda não tenha casa própria e esses planos sejam difíceis, pode sempre convidá-la para passearem na praia à beira-mar, não só no verão, que sabem bem, mas no inverno também. Aproveite essa altura para lhe oferecer um mimo, um coração em forma de chocolate, ou de rebuçado, uma flor... acredite: as mulheres adoram gestos simples! (MH/PT, 2012, p.33, nº127 – grifo nosso)

Assim como encontramos semelhanças entre as seções de cartas das revistas femininas, encontramos também entre as revistas masculinas portuguesas e brasileiras. Ao observarmos, agora, a revista *Men's Health* Brasil, temos oito seções de cartas de leitores, sendo que dessas quatro apresentam basicamente a mesma estrutura e tema das seções masculinas e portuguesas, acima mostradas.

Começamos, então, pelas seções “Diga para a gente” e “ Pergunte à *Men's Health*”. Estas duas seções não apresentam um interlocutor definido e, por tal motivo, entendemos ser este do sexo masculino. Elas se voltam, respectivamente, à publicação de comentários gerais sobre a revista e seu conteúdo, assim como ao esclarecimento das dúvidas, sempre bem sucintas, enviadas pelos leitores. Ao observarmos o conteúdo da seção “Diga para a gente”, notamos que muitas são as cartas que sugerem novas reportagens, além de muitas outras que agradecem à revista por um conteúdo tão diversificado e por tanto ajudar os seus leitores em questões do dia a dia, assim como temos em (65). Já a seção “Pergunte à *Men's Health*” se reserva a dúvidas voltadas à saúde e bem-estar, mas não deixa de apresentar questões relacionadas a comportamento, beleza e outras situações que antes, talvez, não fossem preocupantes para um homem, conforme mostrado em (66) e (67). Nota-se, que, a princípio, o que seria mais comumente encontrado em revistas femininas, é agora evidenciado também por parte do público masculino, que enxerga a revista como um “amigo”, sempre disposto a ajudar, e traz isso claramente em seu discurso.

(65) Nunca tinha lido a MEN'S HEALTH. Mês passado resolvi dar uma folheada e curti muito. Devorei-a em um único dia. A revista trata do universo masculino de uma forma muito íntima. Parece um amigo da gente dando toques indispensáveis. Valeu! (Thiago) (MH/BR, 2010, p.16, nº53 – grifo nosso)

(66) L: Quais os modelos de sapato e tênis adequados para sair à noite? (Givanildo Madeiro, Rio de Janeiro, RJ)

R: A consultora de imagem Milla Mathias sugere sapatos de couro mocassim café. “É um modelo-curinga. Semissocial, vai bem com jeans escuro, calça chino de algodão ou mesmo com as de veludo.” Se preferir tênis, escolha os vintage, baixos e em tons escuros, como cinza-chumbo e azul-marinho. Apesar de informais, não chegam a dar um quê tão esportivo a seu look. Fique atento também ao escolher as meias. “Se o calçado for de couro, prefira um tom próximo a ele. Fuja das meias brancas para não dar uma de Michael Jackson”, brinca Milla. Outra dica é combinar o estilo do “pisante” e o cinto. Escolha os de couro ao usar sapatos e os de lona quando estiver de tênis. (MH/BR, 2010, p.20, nº49)

(67) L: Não ir a happy hours com os colegas de trabalho compromete minha imagem? (Rodrigo Pandellini, Rio de Janeiro, RJ)

R: Se você bancar o “isoladão” da turma, pode, sim, ter seu filme queimado. “A capacidade de relacionamento pessoal é uma qualidade muito apreciada. “É interessante ir pelo menos de vez em quando”, diz Lígia Marques, consultora em marketing pessoal, de São Paulo. Rodrigo, faça um sacrifício em nome de “uma imagem mais participativa” e vá. (MH/BR, 2010, pág.26, nº54)

Outra seção bastante semelhante àquelas já vistas nas revistas portuguesas trata de questões voltadas exclusivamente à saúde e à prática de atividades físicas, conforme mostrado em (68). Essa seção, a depender da edição da revista, pode apresentar diferentes nomes, como “Personal trainer”, “Músculo sem erro” e “Adrenalina com segurança”, mantendo, entretanto, sempre a mesma temática. Aqui, o interlocutor é do sexo masculino e profissional da área da saúde e, apesar de apresentar respostas mais técnicas e elaboradas sobre o conteúdo questionado, busca interagir com seu leitor, buscando, com isso, aproximar-se dele. Notamos, novamente, por parte dos leitores, que estes entendem a revista como capaz de, de fato, aconselhá-los sobre o melhor a se fazer, dialogando com ela.

(68) L: No ano que vem, quero me iniciar no paraquedismo. Por onde começo? O que você indica? (Pedro Paulo Martinez, São Paulo, SP)

R: Fala, Pedro! A primeira coisa que você pode fazer é um salto duplo (você vai “amarrado” num instrutor) para experimentar a sensação de voar. Se realmente curtir — o mais provável de rolar! — inicie um curso básico de paraquedismo.

Recomendo um chamado AFF (Accelerated Free Fall), aplicado no mundo todo sob o mesmo padrão. Com aulas teóricas e práticas, é dividido em oito níveis, em que você aprende várias manobras, além de pousar com total segurança. Procure o AFF em escolas credenciadas pela Confederação Brasileira de Paraquedismo (CBPQ). (MH/BR, 2010, pág.42, nº56 – grifo nosso)

Já a seção “Pergunte à vizinha”, que em muito se assemelha à seção portuguesa intitulada “Girl next door”, traz agora um interlocutor feminino: Vivi, a vizinha que se compromete em trazer à tona “a verdade nua e crua sobre as mulheres”. Aqui, tanto os leitores quanto sua interlocutora demonstram certa intimidade, devido ao uso de apelidos e vocativos mais carinhosos. Nesta seção, as perguntas enviadas abordam, em sua maior parte, o relacionamento amoroso, sendo que os homens questionam as atitudes femininas, tentando compreendê-las e aceitá-las. Notamos, em algumas situações, que as repostas oferecidas pela revista buscam “defender” este comportamento feminino que agora é questionado, assim como vemos em (69). Por outro lado, assim como também evidenciado nas revistas portuguesas, muitas vezes, a resposta trazida caminha na contramão desta ideia inicial e coloca a mulher em uma posição de desigualdade em relação ao homem, conforme mostrado em (70).

(69) L: Vivi, saio com uma mulher há seis meses e ela ainda não me apresentou à família. Não é estranho? (Rodrigo Guimarães, São Paulo-SP)

R: A não ser que você esteja desempregado ou tenha algum vício ilícito, não acho nada estranho. Você, assim como a maioria dos homens, pensa que toda mulher está louca para agarrar o primeiro homem que passar pela frente. Quando isso não acontece, vocês acham que há algo de errado ou que ela não está empolgada. Fofa, aproveite a trégua familiar. Enquanto você não conhecer papai, mamãe e tia, ninguém vai cobrar casamento ou sua presença na apresentação de balé da sobrinha. (MH/BR, 2009, p.13, nº33 – grifo nosso)

(70) L: Vivi, o que mais chama a atenção de uma mulher num homem: corpo, dinheiro ou caráter? (Marcus Vinícius Caldeira, São Simão-GO)

R: Depende da mulher, Marcus. Mas a sequência de fatos acontece mais ou menos assim: ela se encanta pelo corpo, é atraída pelas facilidades da grana e no final se apaixona pelo caráter. Pode parecer triste – e até meio clichê –, mas a aparência é o cartão de visitas, abre portas e atrai mulheres. Portanto, se você não tem dinheiro para esbanjar nem chama atenção pelo caráter excepcional, mantenha-se fiel a esta revista e trate bem o esqueleto. (MH/BR, 2008, pág. 25, nº 30 – grifo nosso)

Assim como podem contar com uma “amiga” para esclarecer suas dúvidas, os leitores da *Men’s Health* Brasil contam também com “Gil, o

garçom”, que se compromete em tirar todas as “dúvidas sobre mulheres, emprego e outras coisas que dão trabalho”. Nota-se que a mulher aqui é mostrada aos leitores como aquela que “dá trabalho” e que, por isso, os coloca em situações delicadas. Mais uma vez, a ideia de que as revistas masculinas buscam evidenciar uma nova realidade, levando aos seus leitores novos padrões de comportamento, é abandonada, já que abordam, por meio de estereótipos, o papel da mulher. Nesta seção, o interlocutor busca elucidar os vários questionamentos levantados mantendo um tom de amizade e cumplicidade, sendo este tratado pelos leitores como um amigo íntimo, principalmente pelo uso de apelidos, e conhecedor do público feminino, uma vez que seu trabalho lhe permite essa experiência. Os itens (71) e (72) exemplificam tais afirmações de forma mais clara.

(71) L: Gil, Salvador, sou solteiro e saio com uma guria de um “inferninho”. Ando me apegando e parece recíproco. O que faço?

R: Reza brava, meu irmão. Tenho um amigo que se envolveu com uma anjinha de um desses inferninhos e comeu o pão que o diabo amassou. Sofreu de amor, no psiquiatra, na farmácia e na frente do gerente do banco. Então reze para tudo não passar de uma despirocada passageira. Por que? Simples, esse é o tipo de relacionamento que tem tudo para naufragar: valores morais diferentes, conhecimento desigual, interesses díspares... Pelo menos assim reza o clichê. Ou você acha que um anjo desses cairia num inferninho por acaso? (MH/BR, 2009, p. 11, nº33 – grifo nosso)

(72) L: GIL LEÃO, como consigo reverter o placar a meu favor, quando minha namorada está brava? (Abelardo da Luz, Penha, SC)

R: Sacuda o cartão de crédito! Brincadeira... (Ok, meio machista, é verdade). Mas é quase isto: se ela está “p” da vida com você, é porque – além da caca que você fez, claro – ela quer mais atenção. Resumo: a moça quer que você se preocupe com ela tanto quanto ela se preocupa com você. Uma forma de você demonstrar carinho é fazer um sexo gostoso, longo, vigoroso. Outra é, na manhã seguinte, ir ao shopping e comprar o sofá que ela tanto curtiu antes de começar a brigar com você. (MH/BR, 2010, p.18, nº47 – grifo nosso).

As últimas três seções, intituladas “Prazer bem temperado”, “Cartão de visitas” e “Mão na roda”, apresentam dúvidas, respectivamente, sobre culinária, boas maneiras e automóveis, sendo que apenas a última seção apresenta um interlocutor masculino. Podemos pensar que, de forma bastante estereotipada, aqui, as mulheres são vistas como aquelas que mais entendem de cozinha e

de como se vestir ou se comportar, por serem estas as atividades que mais desenvolvem em seu dia a dia, privando-as que qualquer conhecimento sobre o universo masculino, já que as dúvidas sobre carros ficam por conta de um homem. É curioso, entretanto, notar que muitos dos questionamentos que antes seriam entendidos como claramente pertinentes apenas ao público feminino, fazem parte agora dos questionamentos de alguns homens. As dúvidas destas seções são bastante diretas e, quase sempre, relacionam-se com a realidade vivida por estes homens, assim como vemos em (73), (74) e (75).

(73) L: Não quero passar o verão bebendo água nem chegar em fevereiro gordo. O que devo tomar? (Gláucio Ferreira, São Paulo-SP)

R: Aposte nas batidas de frutas vermelhas com adoçante e saquê, bebida que substitui bem a vodca por um custo calórico bem menor (41 calorias contra 70 calorias por dose de 30 mililitros). Difícil viver sem cerveja? Tenho outra dica. Cada latinha convencional (até 170 calorias) equivale a quase duas sem álcool (88 calorias) ou light (91 calorias). E, quanto a matar a vontade de tomar uma segunda dose, que tal engatar conversa com uma loira sóbria? Assim você se policia. (MH/BR, 2009, p.18, nº33)

(74) L: Tenho 38 anos e gostaria de usar anel no polegar. Seria feio para um homem da minha idade? (Ricardo, nova Iguaçu-RJ)

R: Os anéis usados no polegar dão um ar extremamente moderno ao homem. Se você segue esse estilo, pode usar e abusar sem se preocupar com a idade. Vale mais o espírito. Agora, se todo o seu visual é mais sério e formal, talvez o anel destoe e fique impróprio. Considere também o seu local de trabalho. Em caso de dúvida, use-o só nos fins de semana. (MH/BR, 2009, p.20, nº33)

(75) L: Como espanto o sono quando estiver na estrada? (Rodrigo Mello, Belo Horizonte-MG)

R: Existem várias técnicas que podem despertá-lo por um curto período de tempo a mais. Parar o carro e fazer uma caminhada de 10 minutos e tomar uma xícara grande de café são boas opções. Já ligar o som em volume alto, abrir a janela para sentir o vento na cara ou conversar com o passageiro, não adianta muito. Mas o mais eficiente – e seguro – é parar o carro e dormir por uns 30 minutos. (MH/BR, 2009, p.22, nº33)

Diante do conteúdo exposto e de uma análise mais apurada de todas as diferentes seções destas revistas, sejam elas brasileiras ou portuguesas, podemos perceber que, se antes de qualquer grande mudança na sociedade, as revistas femininas, até então únicas no mercado editorial, eram encaradas como um grande manual a ser seguido pelas donas de casa, as revistas

femininas e masculinas atuais não deixam de exercer esta mesma tarefa, ainda que de forma mais sutil e, muitas vezes, disfarçada em meio a conteúdos e respostas “mais modernas” que evidenciem mudanças nos papéis sociais vividos por mulheres e homens nos dias de hoje.

Dito isso, afirmamos que, ainda que as revistas aqui trabalhadas busquem atingir diferentes públicos e tenham surgido em diferentes momentos históricos, de certa forma, em muito se assemelham. Isso acontece, em um primeiro momento de forma mais óbvia, pela intenção das revistas de se aproximarem de seus leitores e também consumidores. De forma mais implícita, temos, tanto nas revistas femininas quanto nas revistas masculinas, padrões de comportamento sendo discretamente reforçados.

Ainda que as revistas femininas tragam seções de cartas que destaquem assuntos como beleza e vida profissional, trazendo à tona o lado independente e moderno das mulheres, elas não deixam de contrapor a figura da mulher à do homem, de modo que muitos dos “conselhos” dados, de alguma forma, interfiram na relação desta com aquele. Enquanto isso, as revistas masculinas, apesar de trazerem novos padrões de comportamento a serem seguidos por um homem, agora, moderno e capaz de compreender as novas necessidades impostas pelas transformações sociais de um “movimento feminista”, que ganha, a cada dia, novas forças, não deixa de tratá-los como o ser “dominante” e “detentor do poder”.

Tal configuração em muito explica os conteúdos encontrados nas seções de cartas dessas quatro revistas, já que muitas das respostas oferecidas aos leitores seguem também essa mesma linha de raciocínio. Cabe, neste momento, pensarmos no quanto os comportamentos sugeridos pelas revistas podem contribuir para a formação da identidade de seus leitores.

O que notamos é que os leitores e as revistas para a qual escrevem, de alguma forma, se relacionam, estabelecendo entre eles uma relação de amizade e intimidade. Nessa relação, fica claro que os leitores buscam por respostas e “conselhos” fundamentais para as suas dúvidas e para que, eles próprios, possam compreender aquilo que os cercam. Percebemos ainda que a presença do “outro” - neste caso as revistas - é extremamente importante na constituição do “eu” - os leitores -, mostrando a existência de um embate entre diferentes vozes: a que ensina como deve se portar e a que espera por essa

resposta quanto ao modo de ser/estar no mundo. Dessa forma, entende-se que a posição assumida pelas revistas é totalmente valorativa, pois as revistas femininas e masculinas, de um modo geral, são dirigidas e pensadas, respectivamente, para as mulheres e homens, o que inclui, aqui, escrever, do modo mais semelhante possível ao de uma mulher e ao de um homem, abordando assuntos pertinentes a cada uma dessas diferentes realidades, fazendo com que cada leitor se sinta à vontade para expressar seus pensamentos (BUENO, 2014).

É através desse caminho implícito e ideologicamente construído que as revistas conseguem deter o olhar de seus leitores, fazendo com que acreditem nas respostas e julguem os valores propostos pelo seu discurso como sendo o mais correto e o mais adequado para ser seguido. A partir disso, novos perfis e opiniões são formados e, ao seguirem aquele padrão imposto pelas revistas, leitores e leitoras absorvem também o fundamental para estruturarem e formarem suas identidades. Isso faz com que os valores pregados pela revista passem a constituir o seu “eu”, enquanto que outros são abandonados ou rejeitados, já que “aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela” (FARACO, 2009, p.69).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base na proposta apresentada nas seções anteriores, definimos como etapas iniciais do trabalho a leitura e a discussão de textos teóricos fundamentais para o embasamento teórico do estudo e a composição do *cópus* que serviu de fonte de dados. Esse *cópus* foi composto pelos dados levantados através da análise de conteúdo e expressão de cartas de revistas femininas e masculinas, considerando-se o fato de serem as cartas o espaço da revista em que as estratégias sóciodiscursivas se mostram mais evidenciadas, dado o seu tão marcante caráter interlocutório (MARINE, 2009).

Em estudos voltados para a caracterização de processos de variação, a busca por fontes próximas da oralidade pode ser essencial, já que tais processos têm início na fala informal, podendo-se expandir gradualmente para usos mais formais e chegar, finalmente, à escrita (Faraco, 2005, p. 26). Além do mais, buscamos por casos de variação na escrita, uma vez que lidamos com o fato desta ser heterogênea. Dentre os elementos textuais que permitem identificar a hibridização de fala e escrita, têm papel de destaque os marcadores discursivos, já que eles revelam a possível natureza oralizada de um determinado texto, destacando valores de interatividade entre os interlocutores, como vemos nos exemplos (76) e (77)⁸⁷.

(76) “Gente! Amei ver que a Meg Cabot é colunista da CAPRICHÔ agora, mas e a Liliane Prata? Ela vai continuar, **né?**” (Revista *Capricho*, p.08, 2010)

(77) “Adorei as tendências do inverno na seção Mundinho Fashion da quinzena passada. Ficou supercompleta, assim como toda a revista. **Ah**, e queria pedir uma matéria com o Leo do BBB. Ele é lindo é com certeza tem bastante coisa pra contar pra gente.” (Revista *Capricho*, p.08, 2009)

Outros traços de oralidade, como o uso de formas de interpelação do interlocutor, também podem ser identificados, como vemos nos exemplos (78) e (79).

⁸⁷ Os exemplos de (76) a (79) foram retirados da Dissertação de Mestrado de BUENO (2014).

(78) “Namoro há cinco meses um rapaz. Tudo tem corrido bem até à cerca de duas semanas, altura em que reparo que anda um pouco estranho comigo. Está mais ausente. **Será que me anda a enganar?** Já não sei o que pensa. **Deverei abordar esse assunto com ele?** Tenho algum receio que me deixe. Um abraço!” (Revista *Bravo*, p.36, 2010)

(79) “Eduarda, sinto que tenho vocação para ser artista e actuar em novelas da TV, tipo Morangos com Açúcar, Lua Vermelha... mas nunca sei quando são os castings! **Podias dar uma ajuda?**” (Revista *Bravo*, p.36, 2010)

Trabalhamos, então, com as revistas *NOVA* e *Men's Health*, brasileiras, e *Cosmopolitan* e *Men's Health*, portuguesas, datadas das primeiras décadas do século XXI e sendo elas destinadas, respectivamente, a um público feminino e masculino. Assim como será mostrado na seção 05, realizamos um levantamento de 415 dados do uso de preposições em complementação verbal que nos servirão para uma primeira análise mais quantitativa, sendo que 184 deles pertencem às revistas femininas *NOVA* (127 dados) e *Cosmopolitan* (57 dados) e 231 às revistas masculinas *Men's Health* Brasil (168 dados) e *Men's Health* Portugal (63 dados). Para definir a extensão do córpus de onde provêm os dados, adotamos aqui um procedimento comum à Linguística de córpus (BERBER SARDINHA, 2004), que corresponde à contagem de palavras da amostra trabalhada. Quanto às revistas brasileiras, obtivemos da revista *NOVA* um total de 357 cartas, retiradas de uma amostra de 30 revistas, o que corresponde a 48.271 palavras. Em relação à revista *Men's Health*, obtivemos um total de 634 cartas, extraídas de uma amostra de 25 revistas, o que corresponde a 68.638. Já em relação às revistas portuguesas, obtivemos da revista *Cosmopolitan* um total de 323 cartas, retiradas de uma amostra de 30 revistas, somando 23.543 palavras. Por fim, da revista *Men's Health* obtivemos um total de 208 cartas, retiradas de 20 revistas, o que corresponde a 28.554 palavras.

Reconhecemos, aqui, que as revistas brasileiras apresentam um número consideravelmente maior de palavras no que diz respeito às cartas analisadas, quando comparada às revistas portuguesas. Porém, é preciso ressaltar o fato de que o fenômeno ocorre quase na mesma proporção em todas as revistas:

na *NOVA* temos 127 dados em 48.271 palavras (proporção de 0,0026); na *Men's Health* Brasil temos 168 dados em 68.638 palavras (proporção de 0,0024); na *Cosmopolitan* temos 57 dados em 23.543 palavras (proporção de 0,0024) e na *Men's Health* Portugal temos 63 dados em 28.554 palavras (proporção de 0,0022). A diferença observada em números absolutos de dados é aceitável e compensada pelos recursos do programa estatístico GOLDVARB-X, não nos trazendo questões significativas e problemáticas quando da análise quantitativa.

Sobre estas revistas, cabe ressaltar o fato de que foram escolhidas devido às diversas semelhanças que elas apresentam quanto aos seus modos de organização. Ainda que destinadas a públicos distintos (mulheres e homens), essas revistas abordam assuntos semelhantes no que diz respeito às dúvidas e aos dilemas de cada um desses dois diferentes públicos. Todas elas apresentam seções de cartas, com perguntas bastante parecidas entre si, abordando assuntos como comportamento, saúde e questões relacionadas ao universo profissional, além de opiniões e sugestões sobre temas abordados pelas revistas. Hipotetizamos que essa semelhança entre as revistas estudadas seja positiva para os objetivos deste estudo, pois o fato de o público leitor/autor das cartas compartilhar propósitos semelhantes em relação aos assuntos abordados poderá abrir espaço para que se revelem diferenças nos usos linguísticos de homens e mulheres.

Uma contextualização histórica a respeito das revistas femininas e masculinas foi também elaborada, assim como visto nas subseções 3.3.4.1 e 3.3.4.2, de modo a compreender o papel social exercido por essas revistas e assim analisar adequadamente os fatores extralinguísticos envolvidos nos casos que apontam variação/mudança. Além disso, é preciso entender também sobre o modo como as revistas estudadas se organizam e funcionam para que seja possível estabelecer uma relação direta com o conceito de gênero textual, mais especificamente, do gênero *carta de leitores*.

4.1 Definindo os parâmetros de análise

Sabemos da importância da análise quantitativa dentro dos estudos sociolinguísticos e de sua colaboração para a interpretação dos dados em questão. Entretanto, ressaltamos aqui o desejo de analisar os presentes casos

aqui levantados de maneira que microcategorias sejam agora consideradas, o que, de certa forma, conduz à interpretação de nossos resultados para um caminho “mais qualitativo”, ou “menos quantitativo”. Por tal motivo, questões de identidade e sexo/gênero motivam nossos estudos e nos guiam durante toda a análise estilística que pretendemos fazer.

Sobre isso, observamos na seção 2 que todos os principais estudos que abordaram as questões estilísticas se deram em um *cópus* de fala. Ainda que tais estudos sejam de extrema relevância para o nosso trabalho, o que desejamos nessa seção é propor uma metodologia de análise para o tratamento da variação estilística em textos escritos. É importante ressaltar, aqui, o fato de que do mesmo modo que a conceituação de estilo em sociolinguística se encontra ainda em construção (COELHO, SOUZA, 2014, pág. 174), não consideramos a existência de um único padrão de análise para ser seguido. Ao contrário, sabemos e reconhecemos que diferentes *corpora* exigem variados meios de análise, uma vez que trabalhamos com a dinamicidade da língua. O que faremos, então, é ajustar diversas metodologias ao nosso universo de pesquisa, de modo que possamos, assim, alcançar aquela que melhor nos permita responder as questões de pesquisa.

Diante disso, assim como bem observado por Coelho e Souza (2014, pág. 164), algumas questões importantes são levantadas:

- Como captar a variação estilística em textos escritos?
- Os diferentes papéis sociais que um indivíduo exerce estão refletidos na variação estilística?
- Quais variáveis extralinguísticas podem (ou devem) ser controladas na análise da variação estilística?
- O que os resultados estatísticos revelam ou escondem?

Buscando respostas a essas perguntas e considerando a importância de aliarmos uma análise quantitativa a outra qualitativa, estruturamos, então, os parâmetros de análise aplicados em nossos dados a partir de dois diferentes momentos.

4.1.1 Análise quantitativa

Para a análise quantitativa dos dados, foram coletadas todas as ocorrências de complementos preposicionados dos predicadores verbais que têm um complemento preposicionado que veicula o valor de meta nas cartas de leitores ali publicadas. Esses dados foram analisados, levando-se em conta:

- i) a natureza semântica do predicador, se de direção⁸⁸ ou de transferência e, nesse último caso, o tipo de transferência significada – material⁸⁹, material com movimento⁹⁰ ou verbal⁹¹ (Berlinck 1996);
- ii) a natureza semântica do complemento preposicionado: se denota um lugar⁹²; um ser animado⁹³ (e, em especial, humano); ou uma outra entidade que não se enquadre nessas características⁹⁴.
- iii) a natureza semântica do complemento objeto direto: se denota ser animado⁹⁵; objeto⁹⁶; noção abstrata⁹⁷; evento; instituição ou informação⁹⁸.

Quanto aos fatores extralinguísticos, consideramos o gênero textual em questão, se revistas femininas ou masculinas, além das questões de sexo/gênero, ao identificarmos os locutores e interlocutores, homens ou mulheres, em cada um dos dados trabalhados.

A definição dos grupos de fatores acima elencados se fundamenta em hipóteses sobre a distribuição das preposições e sobre o caminho de implementação de formas novas na estrutura linguística. No primeiro caso, estudos anteriores (BERLINCK 1996, 2000, 2001; GUEDES e BERLINCK 2003; GOMES 2003; TORRES-MORAIS e BERLINCK 2006, 2007, 2009) e

⁸⁸ Como *ir e vir*: “Uma vez **fui ao salão** com a minha mãe e uma amiga” [*Capricho*, 09/11/2008, p.112].

⁸⁹ Como *dar e enviar*: “[...] comprei um perfume e **dei para ele**.” [*Capricho*, 01/06/2003, p.88].

⁹⁰ Como *levar e trazer*: “Raramente **levo sutiã para a escola** [...]” [*Bravo*, 29/06/2010, p.21].

⁹¹ Como *dizer, perguntar*: “[...] **pede a tua mãe** que troque a fronha da tua almofada.” [*Bravo*, 30/11/2010, p.36]

⁹² “O problema é que regressei **a casa**.” [*Bravo*, 07/09/2010, p.46]

⁹³ “Diz isso **à tua amiga**.” [*Bravo*, 27/07/2010, p.45]

⁹⁴ “Não dês demasiada importância **ao assunto**.” [*Bravo*, 23/03/2011, p.36]

⁹⁵ “[...] o rapaz levou-**me** a casa.” [*Bravo*, 14/12/2010, p.34]

⁹⁶ “Levei o **meu curriculum** a todas as lojas.” [*Bravo*, 30/11/2011, p.35]

⁹⁷ “E ainda são obrigados a dar **atenção** a todo mundo [...]” [*Capricho*, 18/04/2004, p.73]

⁹⁸ “Quando dei conta já tinham ido contar ao Ivo **que gosto dele**” [*Bravo*, 08/02/2011, p.22]

nossa análise do fenômeno em cartas de leitoras de revistas brasileiras e portuguesas destinadas a adolescentes (BUENO, 2014) mostram que a alternância das preposições se dá diferentemente segundo diferentes tipos sintático-semânticos de verbos. Isso nos leva a definir o grupo (i). No segundo caso, um princípio geral explorado nas teorias sobre gramaticalização defende que a expansão do uso de formas novas segue uma direção que parte de sentidos e contextos (mais) concretos para sentidos e contextos gradualmente abstratos (NEVES, 1998, p.131-142). A hipótese aqui explorada é de que as preposições menos normativas apareceriam com mais frequência em contextos interpretados como mais concretos. Para avaliar essa correlação, propomos observar os grupos (ii) e (iii), apostando que as combinações de complementos (OI e OD) mais concretos (lugar, objeto) tenderiam a apresentar um uso maior das preposições **para**, **em** ou **até**.

Após o levantamento desses dados, seguindo os pressupostos acima citados, todos eles foram codificados conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas já estabelecidas e tratados, estatisticamente, por meio do pacote estatístico GOLDVARB-X. Este programa é ferramenta metodológica fundamental para a Sociolinguística Variacionista e permite a realização de uma análise multivariada dos dados em questão.

4.1.2 Análise estilística

Nesta análise, trabalhamos com um número reduzido de dados, uma vez que pretendemos analisar de forma bastante minuciosa suas organizações e interações. Para tanto, observamos os casos em que há a concorrência apenas das preposições **a** e **para**, uma vez que são elas as mais produtivas, e consideramos apenas os dados produzidos pelos leitores⁹⁹. Sendo assim, contamos com um novo total de 87 dados, dos quais 22 deles pertencem à revista *NOVA*, 29 à revista *Men's Health* Brasil, 26 à revista *Cosmopolitan* e 10 dados à revista *Men's Health* Portugal.

Buscamos, nas cartas de leitores das quais esses dados foram retirados, pelas características linguísticas mais comuns ao gênero “cartas de leitores de revistas femininas e masculinas”, para, então, observar de que modo a

⁹⁹ Para esta análise, desconsideramos os dados retirados das respostas oferecidas pelas revistas.

recorrência de tais elementos se relaciona com as preposições **a** e **para**. A partir dessa busca inicial, elencamos, com base em levantamentos já elaborados por Biber (1995, 1988, 1986); Biber e Finegan (1989); Biber e Conrad (2009); Berlinck, Balsalobre, Biazolli e Bueno (2012); Berlinck, Biazolli e Balsalobre (2014) e Almeida (2015), os elementos linguísticos e extralinguísticos mais recorrentes nesses textos. Temos, no quadro 11, dois diferentes conjuntos de elementos linguísticos e aspectos discursivos-textuais que, ao serem relacionados com determinados traços estereotipados do comportamento e da personalidade de homens e mulheres, julgamos ser mais característicos da fala de homens ou da fala de mulheres. Assim, relacionamos às “competências masculinas” aqueles elementos linguísticos que consideramos ser mais empregados por homens, por evidenciarem um comportamento “mais prototípico” masculino; e às “competências femininas” os elementos que entendemos ser mais empregados por mulheres, seguindo também um comportamento “mais prototípico” feminino. Seguem, abaixo, estes dois primeiros conjuntos de elementos.

Quadro 11. Critérios para análise estilística das cartas de leitores – competências masculinas e femininas

Competências masculinas	Competências femininas
Uso de caixa alta	Travessão
Abreviações e siglas	Aposto
Palavras estrangeiras	Reticências
Gírias	Interjeições
Humor	Linguagem afetuosa
Linguagem ofensiva	Desabafo/relato
Linguagem impessoal	Aspas
"Erros" de gramática padrão	Ironia/sarcasmo

Para a construção deste quadro nos baseamos no estudo das características intrapsíquicas e comportamentais, consideradas típicas de homens e mulheres, e que é realizado por meio de questões que abordam o estereótipo de gênero. Para tanto, mesmo que sob o viés da psicologia, as noções de sexo e gênero são novamente retomadas. Ainda que se fale de diferenças entre os sexos, ao nos referirmos a determinados traços de

personalidade, “utilizamos um construto simbólico de caráter social, cuja base são os valores do grupo” (D’AMORIM, 1997, pág. 121).

Diante das várias linhas de estudo acerca do assunto, compreendemos o estereótipo de gênero como sendo “o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas”. Assim, interessa-nos saber (i) como as pessoas acham que os homens e as mulheres devem comportar-se; (ii) como as pessoas acham que se comportarão homens e mulheres e (iii) como, na realidade, se comportam homens e mulheres (D’AMORIM, 1997, pág. 121).

Para chegarmos a essas respostas, tomamos como base os estudos desenvolvidos por Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson, Rosenkrantz (1972), que fornecem uma lista das características que compõem o ideal de competência masculina (atividade, competitividade, independência, decisão e autoconfiança, entre outras) e de competência feminina (em que predomina a dimensão expressividade-afeição, que inclui a emocionalidade, a gentileza, a compreensão e a dedicação). A figura abaixo ilustra melhor tais competências.

TABLE 1
STEREOTYPIC SEX-ROLE ITEMS
(RESPONSES FROM 74 COLLEGE MEN AND 80 COLLEGE WOMEN)

Competency Cluster: Masculine pole is more desirable	
Feminine	Masculine
Not at all aggressive	Very aggressive
Not at all independent	Very independent
Very emotional	Not at all emotional
Does not hide emotions at all	Almost always hides emotions
Very subjective	Very objective
Very easily influenced	Not at all easily influenced
Very submissive	Very dominant
Dislikes math and science very much	Likes math and science very much
Very excitable in a minor crisis	Not at all excitable in a minor crisis
Very passive	Very active
Not at all competitive	Very competitive
Very illogical	Very logical
Very home oriented	Very worldly
Not at all skilled in business	Very skilled in business
Very sneaky	Very direct
Does not know the way of the world	Knows the way of the world
Feelings easily hurt	Feelings not easily hurt
Not at all adventurous	Very adventurous
Has difficulty making decisions	Can make decisions easily
Cries very easily	Never cries
Almost never acts as a leader	Almost always acts as a leader
Not at all self-confident	Very self-confident
Very uncomfortable about being aggressive	Not at all uncomfortable about being aggressive
Not at all ambitious	Very ambitious
Unable to separate feelings from ideas	Easily able to separate feelings from ideas
Very dependent	Not at all dependent
Very conceited about appearance	Never conceited about appearance
Thinks women are always superior to men	Thinks men are always superior to women
Does not talk freely about sex with men	Talks freely about sex with men
Warmth-Expressiveness Cluster: Feminine pole is more desirable	
Feminine	Masculine
Doesn't use harsh language at all	Uses very harsh language
Very talkative	Not at all talkative
Very tactful	Very blunt
Very gentle	Very rough
Very aware of feelings of others	Not at all aware of feelings of others
Very religious	Not at all religious
Very interested in own appearance	Not at all interested in own appearance
Very neat in habits	Very sloppy in habits
Very quiet	Very loud
Very strong need for security	Very little need for security
Enjoys art and literature	Does not enjoy art and literature at all
Easily expresses tender feelings	Does not express tender feelings at all easily

Figura 07. Itens relacionados aos estereótipos de gênero

É com base nesta relação que buscamos, nas cartas dos leitores, por comportamentos linguísticos que nos remetam a essas características socialmente pré-concebidas, a fim de analisarmos de que forma as noções de sexo/gênero e identidade são capazes de interferir na construção de um estilo feminino ou masculino de se escrever cartas para revistas.

Assim sendo, ao relacionarmos as características mencionadas no quadro 11 com as competências trabalhadas por Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson, Rosenkrantz (1972), conseguimos estabelecer os seguintes parâmetros:

Quadro 12. Características linguísticas e extralinguísticas e as competências masculinas às quais se relacionam

Características linguísticas/extralinguísticas	Competências masculinas às quais se relacionam
Uso de caixa alta	Muito agressivo; faz uso de uma linguagem "dura"
Abreviações e siglas	Muito objetivo
Palavras estrangeiras	Conhecedor do mundo; status/poder (muito ambicioso, competitivo)
Gírias	Conhecedor do mundo ("jovem", atualizado)
Humor	Conhecedor do mundo ("jovem", atualizado)
Linguagem ofensiva	Muito agressivo; faz uso de uma linguagem "dura"
Linguagem impessoal	Esconde suas emoções
"Erros" de gramática padrão	Despreocupação (Pensam que os homens são sempre superiores)
Temática "Universo profissional"	Muito habilidoso nos negócios
Texto curto	Nem um pouco "falador"
Interlocutor homem	Acredita que os homens são superiores às mulheres

Quadro 13. Características linguísticas e extralinguísticas e as competências femininas às quais se relacionam

Características linguísticas/extralinguísticas	Competências femininas às quais se relacionam
Travessão	Muito subjetiva; muito "faladora"
Aspas	Muito diplomática
Aposto	Muito subjetiva; muito "faladora"
Reticências	Muito subjetiva; muito "faladora"
Interjeições	Muito emotiva/emocional
Pontos de exclamação	Muito emotiva/emocional
Linguagem afetuosa	Muito gentil; não usa uma linguagem "dura"; expressa facilmente sentimentos carinhosos
Desabafo/relato	Não esconde suas emoções
Ironia/sarcarmo	Muito sorrateira
Temática "Elogios e críticas"	Muito diplomática; muito gentil
Temática "Saúde e bem estar"	Muito preocupada com a própria aparência
Temática "Comportamento"	Não esconde suas emoções
Temática "Relacionamentos"	Não esconde suas emoções
Texto longo	Muito "faladora"
Interlocutor mulher	Acredita que as mulheres são superiores aos homens

Entendemos, dessa forma, que todas as características linguísticas e extralinguísticas acima mencionadas são mais ou menos frequentes nos textos produzidos por homens ou mulheres, pois se relacionam diretamente a determinados padrões de comportamento, socialmente estabelecidos, que nos mostram como tais indivíduos devem/deveriam se comportar e de que forma tal comportamento reflete em suas escolhas linguísticas. Assim, a modo de exemplificar a leitura dos quadros 12 e 13, temos que o esperado é que homens façam uso de uma linguagem mais impessoal, uma vez que é parte do estereótipo masculino que homens escondam suas emoções. Ao contrário, conjectura-se que mulheres apresentem construções semelhantes a de um relato, uma vez, que seguindo o estereótipo feminino, estas não escondem suas emoções e, imagina-se, por isso, que discorram mais sobre o assunto em questão. Esse mesmo raciocínio deve ser seguido para a compreensão de todos os outros traços linguísticos empregados e sua relação com competências "mais femininas" ou "mais masculinas".

Além desse primeiro levantamento, ainda a fim de avaliarmos possíveis diferenças estilísticas na fala de mulheres e homens, hipotetizamos que alguns outros fatores, mostrados no quadro 14, devam também ser analisados, assim

como proposto em Biber (1995, 1988, 1986); Biber e Finegan (1989); Berlinck, Biazolli e Balsalobre (2014, p.265).

Quadro 14. Critérios para análise estilística das cartas de leitores – traços linguísticos

Presença do interlocutor
Uso do pronome “você” / 2ª pessoa
Uso do “nós” inclusivo
Sentenças interrogativas que interpelam o leitor
Verbos no imperativo
Uso do vocativo
Grau de subjetividade
Adjetivos que expressam juízo de valor
Advérbios que expressam juízo de valor
Adjetivos antepostos ao substantivo
Substantivo abstrato e/ou avaliativo
Verbos modais
Verbos semanticamente avaliativos
Expressões feitas
Construções que expressam opinião do autor
Analogias e metáforas
Intertextualidade

Assim sendo, fica proposta a averiguação, por meio de uma análise individual das cartas trabalhadas, dos seguintes critérios: (i) temática abordada; (ii) presença explícita (ou não) do interlocutor e (iii) grau de subjetividade. Seguindo Berlinck, Balsalobre, Biazolli e Bueno (2012), levaremos em conta, para a análise da presença do interlocutor, alguns traços linguísticos, tais como: uso do pronome *você*; uso do *nós inclusivo*, seja a partir da presença de pronomes referentes à primeira pessoa do plural (*nosso(a)*), seja através da observação de desinências verbais (*assistimos, teremos*); sentenças interrogativas que interpelam o leitor (*Será que o temos?*); e verbos no imperativo (*prestígie*).

Em relação ao grau de subjetividade do enunciador, a presença ou ausência dos seguintes traços linguísticos será considerada como um indício de maior ou menor subjetividade: texto escrito em 1ª pessoa; adjetivos, advérbios, substantivos e verbos avaliativos; verbos modais e uso de construções que expressam veemente a opinião do autor.

Conjectura-se, que os traços linguísticos que indicam “presença do interlocutor” e “grau de subjetividade” sejam mais frequentemente encontrados nas cartas produzidas pelas mulheres, uma vez que, seguindo os estereótipos de gênero acima descritos – e a partir daí possíveis comportamentos a elas pré-estabelecidos –, são as mulheres mais afetuosas (e por isso se colocariam mais próximas de seus interlocutores) e também menos objetivas e diretas (o que torna seus textos mais subjetivos).

Com base nesse levantamento, buscamos, então, por elementos linguísticos que coocorram (PODESVA, 2007, 2011) nas cartas de leitores de revistas femininas e masculinas, de modo a reconhecer o significado social que acompanha cada um desses elementos. É, então, por meio da análise da coocorrência de elementos linguísticos junto às preposições presentes nessas cartas, que pretendemos explicar *se e como* tais preposições fazem parte de um conjunto de práticas sociais consideradas (prototipicamente ou estereotipicamente) femininas e/ou masculinas e de que modo interferem na construção desses diferentes estilos.

Assim como sugerido por Almeida (2015, pág. 108), para chegar aos resultados descritos na seção 5.3, calculou-se a frequência dos elementos mostrados nos quadros 11 e 14 de acordo com o número total de palavras de cada conjunto de cartas de leitores – femininas e brasileiras (1212 palavras); masculinas e brasileiras (1081 palavras); femininas e portuguesas (1101 palavras); masculinas e portuguesas (915 palavras). Em seguida, foi calculado o conjunto de pessoas (mulheres ou homens brasileiros e mulheres ou homens portugueses) que fez mais uso de determinado elemento em mais de 50% das vezes (ou que foi 0,5 vezes mais frequente) que o outro grupo¹⁰⁰.

Em um segundo momento, assim como mostrado na seção 5.3.4, realizamos uma análise textual e interpretativa das cartas aqui trabalhadas, buscando pelo posicionamento adotado pelos homens e mulheres que as escreveram para, posteriormente, aliar tais posicionamentos aos significados sociais atribuídos às preposições. Analisamos, assim, as 87 cartas enviadas às

¹⁰⁰ Optamos por mostrar tais resultados em número percentual uma vez que o total de palavras de cada amostra (mulheres brasileiras, homens brasileiros, mulheres portuguesas e homens portugueses) não é o mesmo. Assim, ao trabalharmos com diferentes universos numéricos, a proporcionalidade entre cada amostra é unicamente apontada por meio da porcentagem. Ainda

revistas femininas e masculinas e consideramos para esta análise apenas os posicionamentos que se deram de forma mais recorrente e associados a uma ou outra preposição – ou seja, os posicionamentos que ocorreram apenas uma vez não foram considerados para esta análise.

Para o estudo particular das preposições, a análise seguirá os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG 1968; LABOV 1972, 1982, 1994). Quanto às questões relacionadas ao estilo e à noção de sexo/gênero, nos basearemos nos estudos desenvolvidos por Romaine (1982), Bell (1984), Biber (1988), Biber e Finegan (1989), Biber e Conrad (2009), Labov (2001), Milroy (1980), Eckert (2000, 2001, 2003, 2008) e Irvine (2001). A interpretação dos resultados da análise de dados se pautou nas hipóteses relativas ao processo de variação no emprego das preposições e substituição de preposições fracas, como a preposição **a**, por preposições fortes (**para, em, até**), no confronto com a norma gramatical vigente na época, assim como na aplicação dos conceitos de gêneros textuais, estilo, sexo/gênero e identidade.

assim, trazemos esse mesmo valor final em número absoluto, uma vez que alguns dos resultados podem parecer pouco intuitivos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Apresentamos, primeiramente, nesta seção, os resultados obtidos a partir da análise dos dados retirados das revistas brasileiras *NOVA* e *Men's Health* e das revistas portuguesas *Cosmopolitan* e *Men's Health*, buscando relacioná-los com todo o conteúdo até aqui já exposto. Em seguida, elucidamos os resultados encontrados por meio de uma análise estilística, e também mais específica, das cartas de leitores das revistas brasileiras e portuguesas, femininas e masculinas. Por fim, relacionamos os resultados desta análise estilística às noções de identidade já discutidas, assim como buscamos pelos possíveis significados sociais atribuídos, pelos leitores das cartas, às preposições.

5.1 Uma primeira análise

Partindo do fato de que as variações são caracterizadas por eventuais alterações na organização dos constituintes de uma sentença, este estudo teve como base a análise da alternância entre as preposições **a**, **até**, **em** e **para** – identificadas em estudos anteriores (cf. Berlinck, 2001; Guedes e Berlinck, 2003) como variantes em contexto de complementação verbal no português. Sendo assim, buscou-se aqui determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento dos predicadores selecionados e como se distribuem em termos de frequência. Esta análise se pautará na divisão das cartas em dois grupos iniciais.

Para isso, assim como já mostrado na seção 4, realizamos o levantamento dos dados nas cartas de leitores das revistas *NOVA*, *Men's Health* Brasil, *Cosmopolitan* e *Men's Health* Portugal e obtivemos, para cada uma delas, um resultado bastante diferente. Neste primeiro momento, analisamos, no total, 415 dados, sendo que 295 deles pertencem às revistas brasileiras *NOVA* (127 dados) e *Men's Health* Brasil (168 dados) e 120 às revistas portuguesas *Cosmopolitan* (57 dados) e *Men's Health* Portugal (63 dados). Quanto a esses dados, podemos afirmar que nas revistas portuguesas houve a prevalência da preposição **a** em praticamente todos os grupos de fatores trabalhados, já as revistas brasileiras mostraram resultados mais

balanceados no uso da preposição **a** em relação às outras (**até**, **em** e **para**), ainda que essa primeira preposição tenha prevalecido nos dados.

Entre os 295 dados das revistas brasileiras, temos que 168 deles apresentam a preposição **a** e 127 apresentam as preposições **até**, **em** e **para**. Desses casos, 12 apresentam a preposição **até**, 07 a preposição **em** e 108 apresentam a preposição **para**. Quando nos voltamos aos dados das revistas portuguesas, notamos que dos 120 casos encontrados, 101 apresentam a preposição **a** e apenas 19 as preposições **até**, **em** e **para**. Desses 19 dados, sabemos que apenas 04 apresentam a preposição **em**, 03 casos apresentam a preposição **até** e 12 a preposição **para**. A distribuição desses dados está representada nos gráficos 01 e 02.

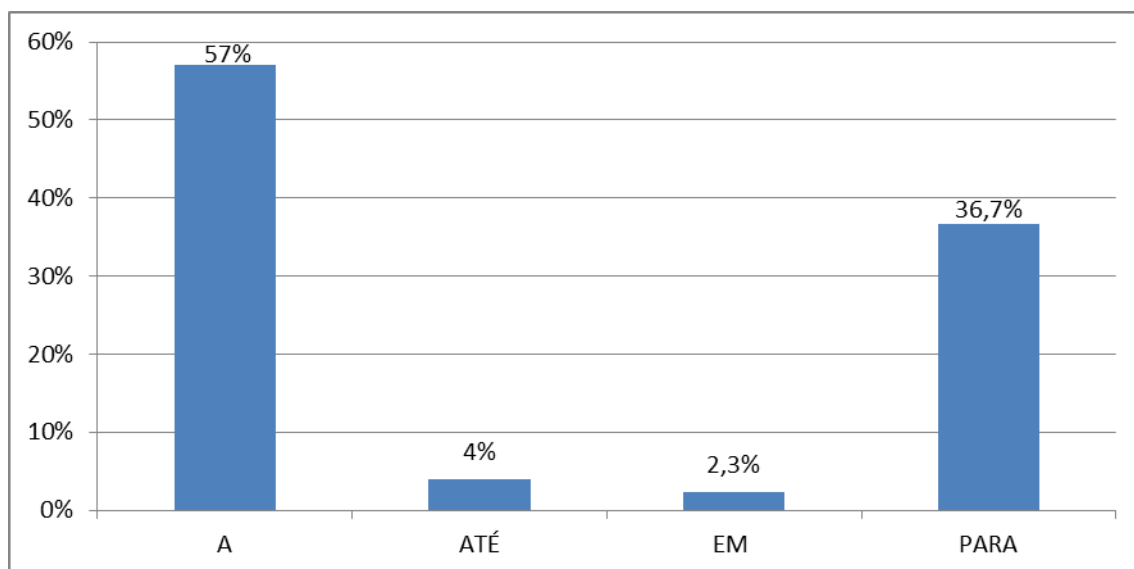


Gráfico 01. Uso das preposições nas revistas brasileiras

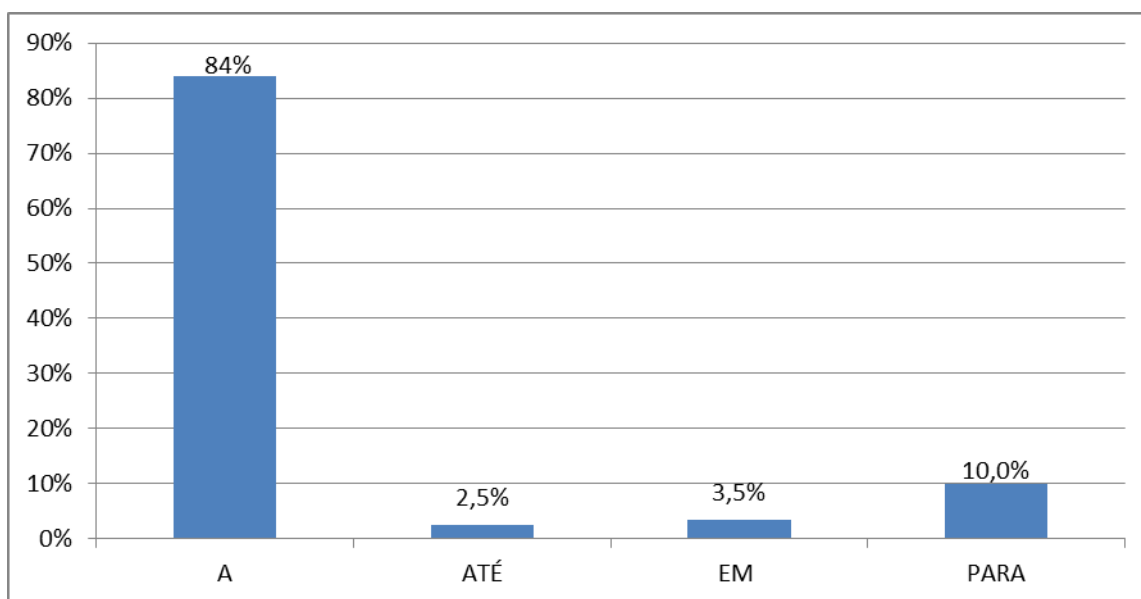


Gráfico 02. Uso das preposições nas revistas portuguesas

Olhando de forma mais minuciosa para esses resultados, notamos que a revista feminina *NOVA* apresenta 73 casos (57,5%) com a preposição **a** e 55 (42,5%) com as “outras preposições”, sendo que desses apenas três casos apresentam a preposição **em** e quatro a preposição **até**, assim como vemos em (80) e (81). Todos os outros apresentam a preposição **para**, conforme mostrado em (82).

(80) Sou muito possessiva e controladora; então, como o jogo acaba à meia-noite e o campo fica a dez minutos da casa dele, **para** mim ele tem até a meia-noite e meia **para chegar em casa** — e me ligar dizendo que está tudo bem. (Larissa Garcia) (NV/BR_2015, nº 7, p.104)

(81) Muitas mulheres jovens entre 20 e 30 anos, **chegam até mim** com esse problema psicológico — do ponto de vista fisiológico, essas mulheres são completamente normais. (NV/BR_2015, nº1, p.32 - Mara)

(82) Eu saí do trabalho e **fui direto para o cinema** e, chegando lá, percebi que tinha uma sessão mais cedo do que a marcada e comprei as entradas. (Janaína Never) (NV/BR_2015, nº 7, p.104)

A revista *Men's Health* Brasil traz 95 casos (56,5%) com a preposição **a** e 65 casos (43,5%) com as “outras preposições”. De forma semelhante, apresenta poucos casos com as preposições **até** e **em**, assim como visto em (83) e (84), e todos os outros com a preposição **para**, conforme temos em (85).

De antemão, já podemos observar uma grande semelhança no uso das preposições entre mulheres e homens brasileiros.

(83) “Se quiser usar o palito **vá até o banheiro**, porque isso é higiene pessoal – portanto não precisa de platéia”, diz. (MH/BR, 2009, p. 20, nº 42)

(84) Ao **chegar na pista**, experimente falar algo no ouvido dela. (MH/BR, 2010, p.18, nº47 - Gil)

(85) Gosto de **levar frutas e sanduíches para a praia**. (MH/BR, 2009, p.22, nº 34 - Lucília)

Foi possível observar também que a revista feminina *Cosmopolitan* apresenta 47 casos (82,55%) com a preposição **a** e apenas 10 casos (17,5%) com “outras preposições”, sendo que os únicos quatro casos com **em** entre os dados de revistas portuguesas, como vemos em (86) e (87), pertencem a essa revista. A revista *Men’s Health Portugal* apresentou 54 casos (85,7%) com **a** e 07 casos (14,3%) com **para**, conforme mostrado em (88), dois casos com **até**, como vemos em (89), e nenhum caso com **em**. Mais uma vez, percebemos que as escolhas linguísticas de mulheres e homens portugueses são também bastante parecidas. A tabela 01 nos ajuda a compreender melhor tal distribuição.

(86) Encontrei emprego, **entrei na faculdade** e fui morar com meu namorado. (Inês Sousa) (CM/PT, 2015, p. 12, nº 280)

(87) Mas sobretudo quando **vou em viagens**, nem sempre consigo lavá-lo e às vezes deixa-me embaraçada. (CM/PT, 2015, p. 34, nº 275)

(88) **Envie** encomendas por correio **para o trabalho** dela com cartas, flores, coisas para rir... (MH/PT, 2013, p.35, nº140 – Girl)

(89) Caso contrário, se forem a um restaurante que não seja perto da praia, depois de jantar vão tomar um copo e de seguida mostre que está com imenso desejo de passar um momento diferente e **leve-a até á praia**. (MH/PT, /2012, p.37, nº133 – Girl)

Tabela 01. Distribuição das preposições nas cartas de leitores

	NOVA	MEN'S HEALTH BRASIL	COSMOPOLITAN	MEN'S HEALTH PORTUGAL
A	73 (57,5%)	95 (56,5%)	47 (82,5%)	54 (85,7%)
PARA	47 (37%)	62 (37%)	05 (8,8%)	07 (11,1%)
ATÉ	3 (2,4%)	08 (4,7)	01 (1,75)	02 (3,2%)
EM	4 (3,1%)	03 (1,8%)	04 (7%)	0

5.2 Uma análise mais específica dos dados

Quando observamos os resultados gerais apresentados no item anterior, notamos que são as preposições **a** e **para** que se apresentam com maior frequência, quando comparadas às preposições **até** e **em**. Sendo, então, a alternância entre **a** e **para** a mais produtiva, optamos por apresentar nessa subseção, através de uma análise mais específica, os dados em que concorrem apenas essas duas preposições. Sendo assim, trabalharemos com 275 dados referentes às revistas brasileiras, em que 118 deles pertencem à revista *NOVA* e 157 à revistas *Men's Health* Brasil. Quanto aos dados portugueses, temos que dos 113 dados, 52 foram retirados da revista feminina *Cosmopolitan* e outros 61 da revista *Men's Health*. Para esta análise mais detalhada, consideraremos os *tipos de verbo*, a *natureza semântica do complemento preposicionado* e a *natureza do objeto direto*.

Ao analisarmos, agora, os casos com as preposições **a** e **para**, percebemos que no PB manteve-se um maior equilíbrio entre os usos dessas preposições, em contraposição à forte prevalência de **a**, no PE. Além disso, é importante destacar que mulheres e homens brasileiros, assim como mulheres e homens portugueses apresentam, entre si, comportamentos linguísticos bastante parecidos. Desse modo, 73 casos (60,8%) com **a** foram retirados das revistas femininas brasileiras, enquanto que 95 (60,5%) foram encontrados na revista *Men's Health*. Quanto à preposição **para**, 47 dados (39,2%) pertencem à escrita de mulheres e 62 dados (39,5%) à escrita dos homens. Em Portugal, nas revistas femininas, temos cinco dados (9,6%) com **para** e 47 casos (90,4%) com **a**. Já nas revistas masculinas, apenas 07 casos (11,5%) com a preposição **para** foram encontrados e 54 (88,5%) com a preposição **a**. A tabela 02 evidencia a distribuição dessas preposições entre as revistas trabalhadas.

Tabela 02. Distribuição das preposições **a** e **para** nas cartas de leitores

	NOVA	MEN'S HEALTH BRASIL	COSMOPOLITAN	MEN'S HEALTH PORTUGAL
A	73 (60,8%)	95 (60,5%)	47 (90,4%)	54 (88,5%)
PARA	47 (39,2%)	62 (39,5%)	05 (9,6%)	07 (11,5%)

Voltando-nos, agora, para a análise de acordo com os grupos de fatores avaliados, notamos que nas revistas brasileiras há a prevalência da preposição **a** em praticamente todos os tipos verbais. Apenas os casos que apresentam verbos de *transferência material* e *movimento com transferência* apresentam poucos casos a mais com **para**, assim como vemos na tabela 03. Desses dados, sabemos que apenas três deles pertencem à revista NOVA e apresentam a preposição **para** junto dos verbos de *movimento com transferência*, enquanto que todos os outros tipos verbais se apresentam junto da preposição **a**. Nas revistas masculinas, temos, ao contrário, a prevalência de **para** junto aos verbos de *transferência verbal*, *transferência material* e *movimento com transferência*, assim como notamos na tabela 03.

Já nas revistas portuguesas, assim como vemos também na tabela 03, temos uma forte prevalência da preposição **a** junto aos verbos de *direção*, de *transferência verbal* e verbos *leves*. Vale dizer que esses dois últimos tipos verbais não apresentaram nenhum caso com a preposição **para**. Já os verbos de *transferência material* apresentaram três casos com cada uma das preposições e os verbos de *movimento com transferência* apresentaram quatro casos com a preposição **para** e nenhum caso com a preposição **a**. Ao olhá-los de forma mais minuciosa, percebemos que dos 12 dados com a preposição **para**, cinco deles pertencem à revista *Cosmopolitan* – dois casos junto aos verbos de *direção*, dois junto aos verbos de *transferência material* e um único caso indicando *movimento com transferência*. Os outros sete casos, pertencentes à revista *Men's Health Portugal*, distribuem-se da seguinte forma: três casos junto aos verbos de *direção*, três casos juntos aos verbos de *movimento com transferência* e um único caso de **para** com verbos de *transferência material*.

Tabela 03. Tipos verbais e a distribuição de preposições

Revistas	Preposição	Verbos leves	Transf. Verbal	Direção	Transf. Material	Movimento com transf.
NOVA	PARA	12 (35%)	13 (38%)	19 (41%)	0	03 (100%)
	A	22 (65%)	21 (62%)	27 (59%)	01 (100%)	0
MEN'S HEALTH BRASIL	PARA	21 (34%)	13 (54%)	14 (29%)	08 (62%)	6 (55%)
	A	40 (66%)	11 (46%)	34 (71%)	5 (38%)	5 (45%)
COSMOPOLITAN	PARA	0	0	02 (13%)	02 (66,7%)	01 (100%)
	A	28 (100%)	05 (100%)	13 (87%)	01 (33,3)	0
MEN'S HEALTH PORTUGAL	PARA	0	0	03 (17%)	01 (33,3%)	03 (100%)
	A	28(100%)	08 (100%)	15 (83%)	02 (66,7%)	0

Quando nos voltamos para a natureza semântica do complemento, percebemos a prevalência da preposição **a** em todas as situações, tanto nas revistas brasileiras, quanto nas revistas portuguesas. É necessário destacar que as revistas *NOVA* e *Men's Health* Brasil apresentam um maior uso de **para**, distribuído entre seus complementos, com destaque para “ser animado” (exemplo 90), ao contrário do que vemos nas revistas *Cosmopolitan* e *Men's Health* Portugal, que trazem apenas 12 casos de **para** junto aos complementos *lugar* (exemplo 91) e *noção abstrata* (exemplo 92). A tabela 04 ilustra esta situação.

Tabela 04. Distribuição das preposições e a natureza semântica do SPrep

Revistas	Preposição	Ser animado	Lugar	Noção abstrata
NOVA	PARA	21 (43%)	22 (45%)	04 (20%)
	A	28 (57%)	27 (55%)	16 (80%)
MEN'S HEALTH BRASIL	PARA	23 (43%)	34 (47%)	05 (16%)
	A	30 (57%)	38 (53%)	27 (84%)
COSMOPOLITAN	PARA	0	05 (17,3%)	0
	A	10 (100%)	24 (82,7%)	13 (100%)
MEN'S HEALTH PORTUGAL	PARA	0	06 (25%)	01 (4,7%)
	A	16 (100%)	18 (75%)	20 (95,3%)

(90) Agora, se foi só uma escapada, que você não cogita fazer de novo, que prefere esquecer, pense se é o caso de contar **para** ele. (NV/BR, 2014, p.64, nº8 - Felipe)

(91) Envie encomendas por correio **para** o trabalho dela com cartas, flores, coisas para rir... (MH/PT, 2013, p.35, nº140 – Girl)

(92) Nunca traga uma amiga **para** essa experiência porque pode dar para o torto. (MH/PT, /2012, p.34, nº136– Girl)

Ao analisarmos a natureza do *objeto direto* nas revistas brasileiras, encontramos um maior número de casos de **para** com o *objeto direto* “informação”, sendo que dos 19 casos existentes, 11 casos pertencem à revista *NOVA* (exemplo 93) e 08 à revista *Men’s Health* Brasil (exemplo 94). Em seguida, temos o *objeto direto* “noção abstrata”, com 05 casos encontrados na revista feminina (exemplo 95) e 11 na revista masculina (exemplo 96), totalizando 16 casos com a preposição **para**. Os *objetos diretos* “ser animado” e “objeto” apresentam, ambos, 12 casos com **para**, distribuídos em maior quantidade na revista *Men’s Health* (07 e 11 casos, respectivamente, exemplificados em 97 e 98) quando comparados aos casos da revista *NOVA* (05 e 01 casos, exemplificados em 99 e 100). Dos 151 casos que não apresentam *objeto direto*, apenas 50 deles apresentam a preposição **para** junto do complemento preposicionado, igualmente distribuídos entre as revistas feminina e masculina.

(93) Se você não se sentir à vontade para dizer isso **para** ele (o que não é nenhum tapa na cara, afinal) e correr o risco de acabar com o clima, ok, deixe-o se divertir um pouco mais. (NV/BR_2014, nº9, p.88)

(94) Você acha que ela vai resistir a contar o caso de vocês **para** a amiga que mora com ela? (MH/BR, 2010, pág. 26, nº56 - Gil)

(95) Você corre o risco de transferir o mesmo sentimento **para** o próximo. (NV/BR 2013 - Gaudêncio)

(96) Ignore o arquivo morto, até porque quem se apegar ao passado não dá espaço **para** o futuro. (MH/BR, 2008, pág. 25, nº 30 - vizinha)

(97) Dica: mande-a **para** o spa. (MH/BR, 2009, p.19, nº39 - Gil)

(98) Gosto de levar frutas e sanduíches **para** a praia. (MH/BR, 2009, p.22, nº 34 - Lucília)

(99) Senão, já teria lhe encaminhado **para** outro colega de profissão. (NV/BR, 2013 - Gaudêncio)

(100) Levei **para** a cama alguns brinquedos eróticos para usar com meu namorado e ele viciou, quer usá-los toda vez! (NV/BR_2014, nº9, p.88 - Felipe)

Assim, ao observamos a relação entre a *natureza do objeto direto* e as cartas produzidas por homens e mulheres, percebemos que são nos dados retirados da revista *Men's Health* Brasil que encontramos um maior número de casos de **para**, com 62 (39%) dados, em oposição a outros 47 (40%) pertencentes à revista *NOVA*. A tabela 05 exemplifica, mais detalhadamente, os dados acima apontados.

Tabela 05. Distribuição das preposições e a natureza do objeto direto nas revistas brasileiras

		Informação	Noção Abstrata	Ser animado	Objeto	Casos sem OD
NOVA	PARA	11 (42%)	05 (50%)	05 (71%)	01 (50%)	25 (34%)
	A	15(58%)	05 (50%)	02 (29%)	01 (50%)	48 (66%)
Men's Health	PARA	08 (62%)	11 (28%)	07 (88%)	11 (58%)	25 (32%)
	A	05 (38%)	28 (72%)	01 (12%)	08 (42%)	53 (68%)

Nas revistas portuguesas, temos a prevalência de **a** com praticamente todos os tipos de *objetos diretos*, com exceção dos casos encontrados junto ao *objeto direto* “objeto” e “ser animado”, que apresentam números semelhantes para a preposição **para**, assim como vemos na tabela 06. Podemos ainda observar que é a revista *Cosmopolitan* que apresenta um maior número de casos com **para**, distribuídos entre os *objetos direto* “ser animado” (01 caso), “objeto” (01 caso) e nulo (09 casos). A revista *Men's Health* apresenta um único caso com a preposição **para**, pertencente ao *objeto direto* “objeto”.

Tabela 06. Distribuição das preposições e a natureza do objeto direto nas revistas portuguesas

		Casos sem OD	Objeto	Ser animado	Noção Abstrata	Informação
COSMOPOLITAN	PARA	09 (31%)	01 (33,3%)	01 (100%)	0	0
	A	20 (69%)	02 (66,7%)	0	22 (100%)	03 (100%)
Men's Health	PARA	0	01 (100%)	0	0	0
	A	36 (100%)	0	01 (100%)	12 (100%)	05 (100%)

É de grande importância destacar que os grupos de fatores *natureza do complemento* e *natureza do objeto direto* foram selecionados pelo programa estatístico GOLDVARB como sendo os grupos explicativamente mais relevantes na análise dos dados das revistas brasileiras. Temos, nas tabelas 07 e 08, os valores correspondentes aos pesos relativos de cada um dos tipos de complementos analisados e notamos que são os complementos “ser animado” e “lugar” que apresentam, comparativamente ao complemento

“noção abstrata”, uma maior propensão ao uso da preposição **para**; sendo que este último complemento (“noção abstrata”) privilegia o emprego da preposição **a**. Quanto ao grupo de fatores *objeto direto*, temos que são os complementos “objeto”, “ser animado” e “informação” que, respectivamente, apresentam também maior propensão ao uso da preposição **para**.

Tabela 07. Peso relativo “natureza do complemento” – revistas brasileiras

Peso relativo - natureza do complemento			
Prep./Complemento	Ser animado	Lugar	Noção abstrata
PARA	0.528	0.584	0.266
A	0.472	0.416	0.734

Tabela 08. Peso relativo “natureza do objeto direto” – revistas brasileiras

Peso relativo - natureza do objeto direto					
Prep./Complemento	Informação	Casos sem OD	Noção abstrata	Ser animado	Objeto
PARA	0.594	0.420	0.486	0.841	0.639
A	0.406	0.580	0.514	0.159	0.361

Além disso, precisamos destacar o fato de nenhum grupo de fatores ter sido selecionado como relevante pelo programa GOLDVARB nas revistas portuguesas, o que justifica, então, a ausência dos pesos relativos e de possíveis cruzamentos referentes aos fatores trabalhados junto a essas revistas, reiterando a ideia de pouca variação em relação a esses dados.

Por tal motivo, apresentamos aqui os dados referentes apenas aos cruzamentos dos dois grupos de fatores selecionados nas revistas brasileiras – “natureza do complemento” e “natureza do objeto direto”. Ao observarmos de forma mais atenta os resultados deste cruzamento, encontramos que a preposição **para** se destaca em algumas situações, mas é ainda a preposição **a** que prevalece em praticamente todos os casos. As tabelas 09 e 10 nos mostram, detalhadamente, cada um desses resultados para cada uma das revistas brasileiras aqui trabalhadas.

Tabela 09. Natureza do complemento X natureza do objeto direto na revista *NOVA*

		Informação	Ser animado	Objeto
Ser animado	PARA	10 (43,5%)	02 (100%)	0
	A	13 (56,5%)	0	01 (100%)
Lugar	PARA	0	03 (75%)	01 (100%)
	A	0	01 (25%)	0
Noção abstrata	PARA	01 (33,3%)	0	0
	A	02 (66,7%)	01 (100%)	0

Tabela 10. Natureza do complemento X natureza do objeto direto na revista *Men's Health*

		Informação	Ser animado	Objeto
Ser animado	PARA	03 (37,5%)	0	05 (62,5%)
	A	05 (62,5%)	0	03 (37,5%)
Lugar	PARA	04 (100%)	07 (87,5%)	06 (60%)
	A	0	01 (12,5%)	04 (40%)
Noção abstrata	PARA	01 (100%)	0	0
	A	0	0	01 (100%)

O que vemos é que é o complemento *lugar* aquele que mais apresenta casos com **para**, assim como vemos nos exemplos (101) e (102), sendo que dos 17 casos apresentados, apenas 04 pertencem à revista feminina *NOVA* e 13 à revista *Men's Health*. Este complemento se destaca com os objetos diretos *ser animado* e *objeto*, na revista *NOVA* e com os objetos diretos *informação*, *ser animado* e *objeto* na revista *Men's Health*.

(101) **Levar para casa** uma mulher que não é a titular pode queimar seu filme com o porteiro, a síndica, a vizinha. (MH/BR, 2009, p. 18, nº 42 - Gil)

(102) Leia-se esperar a mulher **ir para o trabalho** e invadir a casa dela com aquela chave que você não devolveu. (MH/BR, 2010, p.18, nº49l)

De modo geral, ao olharmos para estes primeiros dados, podemos já perceber que muito pode ter mudado em relação aos usos linguísticos de mulheres e homens. Enquanto, em um passado não muito distante, encontrávamos mulheres que optavam por formas mais próximas de uma norma-padrão, com o intuito de alcançarem, por meio da língua, alguma situação de prestígio e maior reconhecimento, temos agora escolhas bastante parecidas e até mesmo equivalentes entre homens e mulheres. Tais resultados podem, de certa forma, refletir as novas posições ocupadas pelas mulheres

nas sociedades atuais: o maior reconhecimento de agora já não faz com que a língua seja encarada, exclusivamente, como um objeto de poder. Quanto aos dados das revistas portuguesas, temos, conforme imaginávamos, a prevalência da preposição **a**, acompanhada, entretanto, de alguns casos com **para**, o que pode, sim, indicar o começo de uma pequena mudança.

5.3 Análise estilística

Para a análise estilística, partimos da premissa já apontada de que o estilo e suas diferentes formas de realização envolvem a maneira pelas quais os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos em um sistema de distinções e possibilidades (IRVINE, 2001). Consideramos, ainda, que o estilo obtém significado a partir da coocorrência de múltiplas características linguísticas. Para Podesva (2011, pág. 03), é improvável que variantes particulares sejam distribuídas de forma aleatória sobre o discurso: ao contrário disso, essas variantes, que possuem determinado significado social, ocorrem onde seus significados são indexados em interação.

Junto a essa ideia, reafirmamos o pressuposto de que o gênero (masculino e feminino) é performativo (BUTLER, 2004), o que nos faz crer no fato de que “ser masculino ou feminino no modo de falar depende sobremaneira da situação em que se fala” (ALMEIDA, 2015, pág. 107). Ou seja, “a associação indicial entre forma linguística e significado social é dinâmica e mutável” (MENDES, 2018, pág. 24). Assim,

A relação entre linguagem e gênero não é uma ligação entre uma forma linguística e o sentido social do gênero. Ao contrário, essa relação é constituída e medida pela relação da linguagem com posturas, atos sociais, atividades sociais e outros construtos sociais¹⁰¹ (OCHS, 1991, p.336, tradução própria).

Importa-nos ainda o fato de que “correlação não significa causa” (MENDES, 2018), ou seja, ser mulher não é o motivo de se ter um número

¹⁰¹ Tradução própria. Texto original: “the relation between language and gender is not a simple straightforward mapping of linguistic form to social meaning of gender. Rather the relation of language is constituted by the relation of language to stances, social acts, social activities, and other social constructs (OCHS, 1991, pág. 336).

maior ou menor de uma determinada preposição em textos femininos – e o mesmo com textos masculinos. Nesse sentido, “as formas linguísticas não seriam índices diretos de gênero, mas de outros significados sociais, que, por sua vez, têm relações estabelecidas com noções de gênero” (ALMEIDA, 2015, pág. 107). Sendo assim, o que desejamos neste trabalho é identificar se e como homens e mulheres diferem entre si no texto escrito, mais particularmente no que diz respeito ao uso das preposições e, conseqüentemente, à construção de um estilo.

Para tanto, assim como apontado na seção de Procedimentos Metodológicos, as características mostradas no quadro 11 foram quantitativamente selecionadas como sendo típicas da linguagem de homens e mulheres em textos de cartas de leitores de revistas femininas e masculinas. Dentre todas essas características, aquelas qualitativamente selecionadas¹⁰² para distinguir o estilo feminino e masculino de se escrever cartas para as revistas são apresentadas, a seguir, nos quadros 15 e 16.

Quadro 15. Características linguísticas de mulheres ou de homens nas revistas brasileiras.

MULHER	HOMEM
Aspas	Analogias e metáforas
Construções que expressam opinião do autor	Uso de caixa alta
Ponto de exclamação	Verbos modais
Advérbios que expressam juízo de valor	Adjetivos que expressam juízo de valor
	Uso do pronome "você"
	Palavras estrangeiras
	Gírias
	Uso de abreviações e siglas

Quadro 16. Características linguísticas de mulheres ou de homens nas revistas portuguesas.

MULHER	HOMEM
Ponto de exclamação	Adjetivos antepostos ao substantivo
Adjetivos que expressam juízo de valor	Expressões feitas
Palavras estrangeiras	Uso do "nós" inclusivo
Advérbios que expressam juízo de valor	
Substantivo abstrato e/ou avaliativo	
Aposto (dois pontos)	

¹⁰² Nesse primeiro momento, o que apresentamos diz respeito ao total de ocorrências de cada um desses elementos, uma vez que somamos suas aparições junto à preposição **a** e à preposição **para**.

Ao calcularmos a frequência desses elementos em relação ao número total de palavras de cada conjunto de cartas e os relacionarmos com o conjunto de pessoas (mulheres ou homens brasileiros e mulheres ou homens portugueses) que fez mais uso de determinada característica em mais de 50% das vezes (ou que foi 0,5 vezes mais frequente) que o outro grupo¹⁰³, encontramos os resultados mostrados nas tabelas 11, 12, 13 e 14. A seguir, comentamos alguns desses valores.

Tabela 11. Frequência dos elementos e o sexo/gênero feminino na revista NOVA

Elementos	MULHERES (Revista NOVA)	HOMENS (Revista Men's Health)	Quantas vezes as mulheres usam mais esse elemento do que os homens (em percentual)	Quantas vezes as mulheres usam mais esse elemento do que os homens (em número absoluto)
Aspas	0,50%	0,19%	168%	1,68
Construções que expressam opinião do autor	0,50%	0,19%	168%	1,68
Ponto de exclamação	1,65%	0,65%	155%	1,55

De acordo com a tabela 11, as aspas, nos textos escritos por mulheres, correspondem a 0,5% dos dados, enquanto que nos textos escritos por homens corresponde a 0,19% dos dados. Assim, as mulheres brasileiras usam *aspas* 1,68 vezes mais do que homens (exemplo 103). O mesmo acontece com os outros elementos listados: essas mulheres empregam *construções que expressam opinião do autor* 1,68 vezes mais (exemplo 104) e *ponto de exclamação* 1,55 vezes mais (exemplo 105) do que os homens.

(103) Estou ficando com um cara há quatro meses e achei que estava evoluindo. Até que, do nada, ele me chamou de “amiga”. Fiquei de cara, abri o jogo, disse que gostava dele. Ele falou que também gosta e que estamos indo “em frente”, mas sem pressa, já que ele acaba de ser promovido, está mudando de apê... Será que esse “em frente” vai nos levar a algum lugar? (NV/BR_2014, nº6, p.74)

(104) Uma mensagem no celular do meu namorado, de um tal de Max Steel, me deixou muito irritada em um sábado à noite (o telefone estava na minha frente, juro que não estava stalkeando): ‘Oi, gato, vai ao aniversário do Pedro

¹⁰³ Optamos por mostrar tais resultados em número percentual uma vez que o total de palavras de cada amostra (mulheres brasileiras, homens brasileiros, mulheres portuguesas e homens portugueses) não é o mesmo. Assim, ao trabalharmos com diferentes universos numéricos, a proporcionalidade entre cada amostra é unicamente apontada por meio da porcentagem. Ainda assim, trazemos esse mesmo valor final em número absoluto, uma vez que alguns dos resultados podem parecer pouco intuitivos.

hoje?’ Nossa, comecei a briga na hora! Ele só podia estar brincando com a minha cara! **Para mim**, estava mais do que claro que era o número de uma mulher (na verdade, tinha certeza de que era o da ex), só que salvo com esse nome ridículo. Arrumei a maior encrenca, me recusei a acreditar que era um amigo, quase liguei para o contato e fiz que fiz para ele não ir à tal festa. Até que, no mês seguinte, fui a um dos jogos de futebol americano, que ele curti, e conheci o tal de Max Steel. E nem dava para negar, o nome estava escrito na camiseta do cara! Óbvio que eu fingi que não me lembrava de história — é, o bendito do orgulho —, mas que foi chato foi... (NV/BR_2015, nº 7, p.104)

(105) Adorei *Vida Incrível em Construção* porque traz uma reflexão - e uma ação! - para a nossa vida. Me identifiquei muito! (NV/BR, 2014, p.28, nº10)

Tabela 12. Frequência dos elementos e o sexo/gênero masculino na revista *Men's Health* Brasil

Elementos	HOMENS	MULHERES	Quantas vezes os homens usam mais esse elemento do que as mulheres em percentual	Quantas vezes as homens usam mais esse elemento do que as mulheres (em número absoluto)
Analogias e metáforas	0,37%	0,08%	348,5%	6,1
Uso de caixa alta	0,93%	0,33%	180,3%	1,8
Verbos modais	1,11%	0,50%	124,2%	1,2
Adjetivos que expressam juízo de valor	1,11%	0,50%	124,2%	1,2
Uso do pronome "você"	0,56%	0,25%	124,2%	1,2
Palavras estrangeiras	0,74%	0,33%	124,2%	1,2
Gírias	0,28%	0,17%	68,2%	0,7
Uso de abreviações e siglas	0,28%	0,17%	68,2%	0,7

Na tabela 12, temos que os homens brasileiros fazem uso de *analogias e metáforas* 6,1 vezes mais do que as mulheres (exemplo 106); fazem *uso de caixa alta* 1,8 vezes mais (exemplo 107) e empregam *verbos modais* 1,2 mais (exemplo 108).

(106) Carolzinha, vivo dando indiretas para uma amiga que tem namorado e ela **dá corda**. Vale **furar o olho** do cara? (MH/BR, 2010, pág. 30, nº55 - vizinha)

(107) **GILBULANI**, tenho um colega do muay thai que não toma banho antes da aula, e o odor dele incomoda. Como falo para ele? (MH/BR, 2010, p.18, nº51 - Gil)

(108) Parabéns pela edição de aniversário. Acho que vocês **deveriam dar** um espaço maior à seção *Pergunte à MEN'S HEALTH*, em que os leitores **podem mandar** perguntas e tirar suas dúvidas. (MH/BR, 2010, p.16, nº50).

Tabela 13. Frequência dos elementos e o sexo/gênero feminino na revista *Cosmopolitan*

Elementos	MULHERES	HOMENS	Quantas vezes as mulheres usam mais esse elemento do que os homens em percentual	Quantas vezes as mulheres usam mais esse elemento do que os homens (em número absoluto)
Ponto de exclamação	2,6%	0,2%	1105%	11,1
Adjetivos que expressam juízo de valor	2,3%	0,8%	197%	2,0
Palavras estrangeiras	0,9%	0,3%	177%	1,8
Advérbios que expressam juízo de valor	1,9%	0,8%	149%	1,5
Substantivo abstrato e/ou avaliativo	2,5%	1,3%	87%	0,9
Aposto (dois pontos)	0,4%	0,2%	66%	0,7

Em relação às revistas portuguesas, temos na tabela 13 que as mulheres empregam o *ponto de exclamação* 11,1 mais do que homens (exemplo 109); empregam *adjetivos que expressam juízo de valor* 2,0 vezes mais (exemplo 110) e usam *palavras estrangeiras* 1,8 vezes mais (exemplo 111).

(109) Comprei a Cosmo há uma hora e estou a adorar as dicas! Não sabia que havia tanto para dizer sobre a forma como os homens dormem. Fiquei completamente fascinada com o artigo! Queria ganhar este kit para oferecer à minha mãe, que a pouco se aventurou no mundo dos cosméticos! (CM/PT, 2013, p. 10, nº 256)

(110) Quando fui ao quiosque e perguntei pela Cosmo disseram-me que havia apenas em tamanho grande. Trazia uma agenda que só depois de abrir percebi o seu valor. Tinha **imensas** mensagens **positivas** e ideias para passar um dia **agradável**. Fiquei radiante e sorri na rua ao imaginar um ano **melhor**! As dicas da agenda Cosmo deixam-me felicíssima: tenho concertos, bailados, almoços e jantares, todos planeados! (CM/PT, 2014, p. 12, nº 262)

(111) Mais do que uma revista nas bancas, a Cosmo é o meu **guilty pleasure**! Obrigada por me animarem e lembrarem que nós estamos em primeiro lugar! Não nos podemos esquecer disso. Se não preservarmos o nosso bem-estar e felicidade, não transmitimos nada aos outros. (CM/PT, 2015, p. 10, nº 273)

Tabela 14. Frequência dos elementos e o sexo/gênero masculino na revista *Men's Health Portugal*

Elementos	HOMENS	MULHERES	Quantas vezes os homens usam mais esse elemento do que as mulheres em percentual	Quantas vezes as homens usam mais esse elemento do que as mulheres (em número absoluto)
Expressões feitas	0,7%	0,2%	261%	2,6
Uso do "nós" inclusivo	0,7%	0,2%	261%	2,6
Adjetivos antepostos ao substantivo	0,9%	0,5%	60,4%	0,6

Quanto aos elementos mais usados pelos homens portugueses, notamos, ao observar a tabela 14, que estes fazem *uso do “nós” inclusivo* 2,6 vezes mais do que as mulheres (exemplo 112); empregam *expressões feitas* 2,6 vezes mais (exemplo 113) e usam *adjetivos antepostos ao substantivo* 0,6 vezes mais do que as mulheres (exemplo 114).

(112) Felicito a MH por todo o conhecimento que transmite e é por bons argumentos que decidi compartilhar estas linhas. Em prol do saber dar a volta por cima, o artigo “Qual o seu limite?” fez-me reflectir sobre o modo que, por vezes, **encaramos** a vida e **nos deixamos** levar pelo dito stress, dando lugar ao desequilíbrio entre o corpo e a mente, afectando o mecanismo de defesa. Já não sou propriamente jovem e nas últimas décadas as pessoas tendem a envolver-se em situações traumatizantes. Mas tudo é uma questão de método e nada melhor do que diariamente inspirar e expirar, potenciar capacidade no sentido certo e conhecer de facto os **nossos limites**. A MH não só **nos incentiva**, como **nos dá** dicas para uma atitude positiva perante a vida. Assim, saiba que a calma não é para os fracos e no contexto do termo stress deixo também algumas sugestões: saiba planear o seu dia e definir prioridades, tal como criar bom ambiente e, se necessário, mudar a rotina, não pondo de lado a vida social porque “trabalho é trabalho, conhaque é conhaque”. Por isso, relaxe e guarde truques na manga. (MH/PT, 2008, p.10, nº82)

(113) Há muito tempo que ando para vos contar a minha história. Era um “simples rapaz”, com um dia-a-dia pacato, entre as aulas de música (sou professor), os amigos e os namoros esporádicos. Vestia a primeira camisola que encontrava, muitas vezes já sem vestígio da cor original, via desporto pela TV, quando tinha tempo, e punha um dos perfumes recebidos no Natal, quando me lembrava. Um dia, por acaso, enquanto esperava por uma consulta, folhee a MH. Surpresa total. Nunca julguei a revista por simplesmente não a conhecer, mas confesso que nunca me tinha despertado a atenção. Felizmente, nesse dia, não fiquei tanto tempo à espera como de costume e não **tive outro remédio** senão ir ao quiosque mais perto para acabar de ler um artigo que me estava a interessar sobre sexo “Próximo destino: sexo”. Desde então **dei por mim** a ler com atenção todas as edições e a tornar-me assíduo. Mudei bastante, confesos, e graças a vocês! (MH/PT, 2008, p.14, nº86)

(114) Olá a todos. Quero fazer uma sugestão: que voltem a publicar a revista em tamanho pequeno. Além de ser mais barata, é mais fácil de transportar para a praia e para me acompanhar nas minhas **longas esperas** de comboio. Já agora, aproveito para elogiar o vosso trabalho e pedir mais temas dedicados ao homem que vive sozinho. Finalmente consegui minha independência e agora quero viver à grande! (Jorge Ramos, Torres Vedras) (MH/PT, 2007, p.10, nº76)

É possível estabelecer uma breve comparação entre alguns desses resultados e aqueles encontrados por Almeida (2015). Em determinado momento de sua pesquisa, a autora busca pela recorrência de elementos característicos da escrita feminina ou masculina em textos do *Facebook* e, dentre outros elementos, destacou, nos textos produzidos por homens, o uso de *caixa alta*, emprego de *palavras estrangeiras* e *gírias*. Estes três elementos são também recorrentes nas cartas de leitores masculinos e brasileiros 50% das vezes mais do que nas cartas de leitoras femininas e brasileiras. Na contramão desses resultados, foram as cartas de mulheres portuguesas que apresentaram um uso maior, quando comparados ao dos homens portugueses, de *gírias* e de *palavras estrangeiras*. Almeida (2015, pág. 109) ressalta ainda que a característica linguística mais recorrente nos textos femininos é o emprego do *diminutivo* em 10 vezes mais do que o fazem os homens. Em nenhum grupo de cartas de leitoras, brasileiras ou portuguesas, encontramos um único caso de diminutivo.

Alguns desses elementos foram ainda encontrados somente nas cartas de leitoras brasileiras quando comparada às cartas dos leitores brasileiros, e vice-versa. O mesmo se deu em relação aos dados portugueses. As tabelas 15 e 16, a seguir, ilustram esses resultados.

Tabela 15. Elementos linguísticos encontrados somente no conjunto de cartas de mulheres ou de homens brasileiros.

MULHER	HOMEM
“Erros” de gramática padrão	Verbos no imperativo
Reticências	Intertextualidade
Travessão	Linguagem ofensiva/palavrões
Interjeições	Uso do humor
	Uso do vocativo

Tabela 16. Elementos linguísticos encontrados somente no conjunto de cartas de mulheres ou de homens portugueses.

MULHER	HOMEM
Gírias	Relato/desabafo
Interjeições	Uso de abreviações e siglas
	Verbos no imperativo

Alguns dos elementos linguísticos mostrados nas tabelas 15 e 16, assim como outros, citados nas tabelas de 11 a 14, e que também se mostraram recorrentes, serão comentados, de forma mais individualizada e agora diretamente relacionada ao emprego das preposições **a** ou **para**, nas seções que seguem.

5.3.1. Análise estilística das cartas de leitores das revistas brasileiras *Nova* e *Men's Health*

Analizamos estilisticamente os dados das revistas brasileiras *Nova* e *Men's Health* e, agora, trazemos resultados mais detalhados, evidenciando quais elementos, dentre aqueles já elencados nos quadros 11, 12, 13 e 14, coocorrem junto à preposição **a** ou à preposição **para**, em suas cartas de leitores. O que pretendemos é relacionar o que o emprego de uma ou outra preposição nos mostra sobre as escolhas linguísticas dos indivíduos com o que a coocorrência de determinadas características linguísticas (junto a essas preposições) é capaz de nos dizer sobre a construção de um estilo feminino ou masculino de se escrever cartas para revistas.

Assim como explicado anteriormente, foi feito um levantamento qualitativo dos elementos linguísticos que mais ocorreram junto à preposição **a** ou à preposição **para**. Consideramos relevantes aqueles que foram empregados em 50% mais das vezes com uma preposição do que com a outra e comentaremos, abaixo, aqueles elementos que mais se destacaram.

A tabela 17 nos mostra os elementos linguísticos mais recorrentes com a preposição **a** na revista *Nova*, enquanto que a tabela 18 ilustra os resultados obtidos junto à preposição **a** na revista *Men's Health*.

Tabela 17. Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição **a** nas cartas de leitoras da revista *Nova*.

REVISTA NOVA	A		PARA		A > PARA	
	TOTAL	1212 palavras	TOTAL	1212 palavras	50% +	Nº absoluto
Ironia / sarcasmo	6	0,5%	1	0,1%	500%	5,0
Construções que expressam opinião do autor	5	0,4%	1	0,1%	400%	4,0
Expressões feitas	3	0,2%	1	0,1%	200%	2,0
Aspas	4	0,3%	2	0,2%	100%	1,0
Linguagem impessoal	2	0,2%	1	0,1%	100%	1,0
Saúde e bem estar	2	0,2%	1	0,1%	100%	1,0
Travessão	2	0,2%	1	0,1%	100%	1,0
Substantivo abstrato e/ou avaliativo	14	1,2%	9	0,7%	56%	0,6
Comportamento	3	0,2%	2	0,2%	50%	0,5
Sentenças interrogativas que interpelam o leitor	12	1,0%	8	0,7%	50%	0,5

Tabela 18. Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição **a** nas cartas de leitores da revista *Men's Health*

REVISTA MH BR	A		PARA		A > PARA	
	TOTAL	1081 palavras	TOTAL	1081 palavras	50% +	Nº absoluto
Substantivo abstrato e/ou avaliativo	14	1,3%	3	0,3%	367%	3,7
Ironia / sarcasmo	4	0,4%	1	0,1%	300%	3,0
Uso do humor	6	0,6%	2	0,2%	200%	2,0
Verbos semanticamente avaliativos	15	1,4%	5	0,5%	200%	2,0
Ponto de exclamação	5	0,5%	2	0,2%	150%	1,5
Sentenças interrogativas que interpelam o leitor	11	1,0%	5	0,5%	120%	1,2
Adjetivos que expressam juízo de valor	8	0,7%	4	0,4%	100%	1,0
Expressões feitas	2	0,2%	1	0,1%	100%	1,0
Interlocutor homem	16	1,5%	8	0,7%	100%	1,0
Uso do pronome "você"	4	0,4%	2	0,2%	100%	1,0
Verbos modais	8	0,7%	4	0,4%	100%	1,0
Relacionamentos	5	0,5%	3	0,3%	67%	0,7
Uso do vocativo	8	0,7%	5	0,5%	60%	0,6
Texto curto	15	1,4%	10	0,9%	50%	0,5

Ao compararmos as duas tabelas, percebemos que alguns elementos linguísticos se mostraram recorrentes tanto nas cartas femininas como nas cartas masculinas, coocorrendo juntos à mesma preposição. Por tal motivo, não os consideramos como característicos de um estilo feminino ou masculino de se escrever cartas às revistas. As características comuns às cartas femininas e masculinas são: uso da *ironia ou do sarcasmo*, *expressões feitas*,

emprego de *substantivos abstratos e/ou avaliativos* e de *sentenças que interpelam o leitor*.

Em seguida, notamos que os elementos linguísticos que mais ocorrem junto à preposição **a**, na revista *Nova*, são: *construções que expressam opinião do autor*, uso das *aspas*, emprego de uma *linguagem mais impessoal*, emprego do *travessão* que introduz explicações e os temas *saúde e bem estar e comportamento*. É possível afirmar que algumas dessas características podem ser consideradas mais prototipicamente femininas, como fornecer maiores explicações sobre o assunto abordado, assim como vemos no exemplo (115) e temas que envolvam questões de saúde e comportamento, mostrados nos exemplos (116) e (117). Por outro lado, era esperado que o emprego de uma linguagem impessoal fosse mais recorrente nas revistas masculinas.

(115) Sou muito solícita com os outros – a pessoa a quem todos recorrem. Casei há pouco tempo e, quando **pedi ajuda à minha cunhada** para a organização da festa, ela disse que não tinha tempo. Agora, ela vai casar e quer meu auxílio. Aproveito a chance para mostrar que não sou boba? Como fazer isso? (NV/BR, 2014, p.70, nº10)

(116) Minha mãe parece mais imatura do que eu. Quando **conto algo a ela** para buscar conforto, ela fica ainda mais desesperada. Como lidar? (NV/BR_2015, nº4, p.68)

(117) Depois de transar uma amiga ficou com a camisinha perdida dentro da vagina e ela só saiu dois dias depois! Fiquei encanada com essa história e queria saber o que fazer se acontecer comigo. Tento tirar com a minha mão? **Vou ao pronto-socorro?** Tomo pílula do dia seguinte? (NV/BR, 2015, p.36, nº8)

Quanto às revistas masculinas, o número de elementos linguísticos mais recorrentes com a preposição **a** foi maior: *uso do humor*, emprego de *verbos semanticamente avaliativos*, uso do *ponto de exclamação*, *adjetivos que expressam juízo de valor*, presença de um *interlocutor homem*, uso do *pronome “você”*, *vocativo*, emprego de *verbos modais*, *textos curtos* e temas que abordem questões sobre *relacionamento*. Alguns desses elementos, mostrados nos exemplos (118), (119) e (120), podem também ser considerados mais prototipicamente masculinos (uso do humor, interlocutor homem, texto curto, respectivamente) enquanto esperava-se que outros

desses elementos, mostrados em (121) e (122) fossem empregados pelas mulheres (ponto de exclamação e temática relacionamentos, respectivamente).

(118) Quero agradecer pela matéria *Turbinada Final*, da edição de dezembro. Por ser tripulante e ficar muitos dias fora de casa, nem sempre posso ir à academia. **E nunca tinha pensado que minha mala pudesse ser tão útil, já que sempre está pesada!** Obrigado pelo presente que levarei sempre na bagagem! (MH/BR, 2010, p.16, nº46)

(119) **Caro Gil**, dei um balão na garota com quem estava saindo e fui pra night. Encontrei uma mulher com quem já havia transado. As duas são amigas! A garota é legal, mas a mulher é completa. Estou saindo com as duas, indo a lugares muito longe um do outro. O que faço? (MH/BR, 2010, pág.22, nº52 - Gil)

(120) Vamos tirar férias e minha namorada quer ir a Nova York. Eu quero acarajé na Bahia com os amigos. E agora, Carol? (MH/BR, 2009, p.24, nº40 - vizinha)

(121) Dêem um pouco mais de atenção a nós da classe média, que nem sempre temos condições de comprar os produtos caros sugeridos nas reportagens de dietas. Que tal publicar planos com alimentos que se encontrem em qualquer mercado de qualquer cidade? Nada de queijo cottage! (MH/BR, 2008, p. 18, nº 31)

(122) GIL SÃO, minha namorada adora ir ao boteco com amigas, mas numa dessas quase rolou com outro. Hoje manda mensagem dizendo que me ama. Fico ou parto? (MH/BR, 2010, p.18, nº48 - Gil)

Em relação às características linguísticas mais recorrentes junto à preposição **para**, temos, nas tabelas 19 e 20, os elementos que mais ocorreram nas revistas femininas e masculinas.

Tabela 19. Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição **para** nas cartas de leitores da revista *Nova*

REVISTA NOVA ELEMENTOS LINGUÍSTICOS	PARA		A		PARA > A	
	TOTAL	1212 palavras	TOTAL	1212 palavras	50% +	Nº absoluto
Verbos modais	5	0,4%	1	0,1%	400,0%	4,0
Aposto (dois pontos)	4	0,3%	1	0,1%	300,0%	3,0
Ponto de exclamação	16	1,3%	4	0,3%	300,0%	3,0
"Erros" gramática padrão	7	0,6%	2	0,2%	250,0%	2,5
Palavras estrangeiras	3	0,2%	1	0,1%	200,0%	2,0
Interlocutor mulher	7	0,6%	3	0,2%	133,3%	1,3
Relacionamentos	4	0,3%	2	0,2%	100,0%	1,0
Texto longo	2	0,2%	1	0,1%	100,0%	1,0
Uso do pronome "você"	2	0,2%	1	0,1%	100,0%	1,0
Advérbios que expressam juízo de valor	7	0,6%	4	0,3%	75,0%	0,8
Texto curto	11	0,9%	7	0,6%	57,1%	0,6

Tabela 20. Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição **para** nas cartas de leitores da revista *Men's Health*

REVISTA MH BR ELEMENTOS LINGUÍSTICOS	PARA		A		PARA > A	
	TOTAL	1081 palavras	TOTAL	1081 palavras	50% +	Nº absoluto
Interlocutor mulher	4	0,4%	1	0,1%	300,0%	3,0
Analogias e metáforas	3	0,3%	1	0,1%	200,0%	2,0
Aposto (dois pontos)	3	0,3%	1	0,1%	200,0%	2,0
Relato / desabafo - 1ª pessoa	4	0,4%	2	0,2%	100,0%	1,0
Uso de abreviações e siglas	2	0,2%	1	0,1%	100,0%	1,0
Palavras estrangeiras	5	0,5%	3	0,3%	66,7%	0,7
Advérbios que expressam juízo de valor	3	0,3%	2	0,2%	50,0%	0,5

Ao analisarmos as duas tabelas, assim como já visto anteriormente, percebemos que alguns elementos aparecem tanto nas cartas de leitoras como nas cartas da revista *Men's Health* e, por isso, não os consideramos como responsáveis pela construção de um estilo feminino ou masculino de se escrever cartas às revistas. São eles: emprego *advérbios que expressam juízo de valor*, presença de um *interlocutor mulher*, uso de *palavras estrangeiras* e de *aposto*.

Em relação às cartas produzidas por homens, temos que os elementos que mais se destacam junto à preposição **para** são o *uso de abreviações e siglas*, emprego de *analogias e metáforas* e produção de cartas que remetem a *relatos ou desabafos* – característica essa que seria mais prototipicamente esperada nas cartas femininas.

Já nas cartas produzidas pelas leitoras da revista *Nova*, encontramos um número maior de elementos linguísticos empregados junto à preposição **para** do que aqueles empregados com a preposição **a**. Aqueles que se destacam são: *uso do pronome “você”, ponto de exclamação, verbos modais, produção de textos curtos, temática relacionamento e “erros” de gramática padrão*. Quanto ao último elemento, “erros” de gramática padrão, destacamos os empregos relacionados à colocação pronominal e mostrados nos exemplos (123) e (124). Importa-nos o fato dessa característica coocorrer junto à preposição **para** – tida como mais menos formal pela norma-padrão –, o que nos leva a pensar que há certa despreocupação das mulheres quanto às suas escolhas linguísticas.

(123) Adorei *Vida Incrível em Construção* porque traz uma reflexão - e uma ação! - para a nossa vida. **Me identifiquei** muito! (NV/BR, 2014, p.28, nº10)

(124) Que incrível a NOVA deste mês! Tenho que falar da matéria *Sozinha, Sim*, sobre mulheres viciadas em dates. **Me identifiquei** com cada palavra e mandei para minha irmã e duas amigas, que também gostaram! A revista entende a emoção de cada momento. (NV/BR, 2014, p.24, nº12)

Além disso, encontramos nessas cartas elementos que se repetiram nas duas revistas, porém relacionados a diferentes preposições. Esses casos em muito nos interessam, uma vez que é possível perceber um comportamento linguístico semelhante entre o uso de determinadas características e suas ocorrências junto à preposição **para** nas cartas femininas e junto à preposição **a** nas cartas masculinas. Entendemos que um mesmo padrão de comportamento se repete entre homens e mulheres, já que ambos fazem uso dos mesmos elementos linguísticos em mais de 50% das vezes, porém, esse mesmo comportamento se diferencia completamente do outro devido às diferentes escolhas quanto ao emprego das preposições. A tabela 21 ilustra tais resultados.

Tabela 21. Elementos linguísticos que coocorrem tanto nas revistas femininas e masculinas, junto a diferentes preposições.

ELEMENTOS LINGUÍSTICOS	REVISTA NOVA		REVISTA MEN'S HEALTH	
	PARA > A		A > PARA	
	50% +	Nº absoluto	50% +	Nº absoluto
Texto curto	57,1%	0,6	50%	0,5
Relacionamentos	100,0%	1,0	67%	0,7
Uso do pronome "você"	100,0%	1,0	100%	1,0
Ponto de exclamação	300,0%	3,0	150%	1,5
Verbos modais	400,0%	4,0	100%	1,0

Nota-se, ainda, que os elementos linguísticos “relacionamentos”, “uso do pronome ‘você’”, “ponto de exclamação” e “verbos modais”, entendidos como índices de uma maior expressão de subjetividade, coocorrem com maior frequência junto à preposição **para**, na revista NOVA. Entendemos, assim, que as mulheres escolhem expressar ideias “mais subjetivas” por meio de **para**, enquanto que os homens preferem a preposição **a**.

5.3.2. Análise estilística das cartas de leitores das revistas portuguesas *Cosmopolitan* e *Men's Health*

Para a análise estilística das cartas de leitores portuguesas, seguimos os mesmos critérios utilizados com as cartas brasileiras. É importante, entretanto, ressaltar que a preposição **a** é, de um modo geral, a mais empregada com todas as características linguísticas analisadas, sendo que não há nenhum caso em que a preposição **para** é mais frequentemente empregada que a preposição **a**. As tabelas 22 e 23 ilustram melhor os resultados encontrados.

Tabela 22. Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição **a** nas cartas de leitores da revista *Cosmopolitan*

REVISTA COSMOPOLITAN	A		PARA		A > PARA	
ELEMENTOS LINGUÍSTICOS	TOTAL	1101 palavras	TOTAL	1101 palavras	50% +	Nº absoluto
Palavras estrangeiras	9	0,8%	1	0,1%	800%	8,0
Linguagem impessoal	8	0,7%	1	0,1%	700%	7,0
Verbos modais	13	1,2%	2	0,2%	550%	5,5
Substantivo abstrato e/ou avaliativo	23	2,1%	4	0,4%	475%	4,8
Interlocutor mulher	22	2,0%	4	0,4%	450%	4,5
Adjetivos antepostos ao substantivo	5	0,5%	1	0,1%	400%	4,0
Agradecimentos	14	1,3%	3	0,3%	367%	3,7
Texto curto	18	1,6%	4	0,4%	350%	3,5
Gírias	4	0,4%	1	0,1%	300%	3,0
Elogios/críticas	15	1,4%	4	0,4%	275%	2,8
Ponto de exclamação	22	2,0%	7	0,6%	214%	2,1
Adjetivos que expressam juízo de valor	18	1,6%	7	0,6%	157%	1,6
Verbos semanticamente avaliativos	21	1,9%	9	0,8%	133%	1,3
Uso da 2ª pessoa do singular	2	0,2%	1	0,1%	100%	1,0

Tabela 23. Elementos linguísticos mais recorrentes junto à preposição **a** nas cartas de leitores da revista *Men's Health*

REVISTA MH PT	A		PARA		A > PARA	
ELEMENTOS LINGUÍSTICOS	TOTAL	915 palavras	TOTAL	915 palavras	50% +	Nº absoluto
Verbos modais	15	1,6%	1	0,1%	1400,0%	14,0
Interlocutor homem	9	1,0%	1	0,1%	800,0%	8,0
Adjetivos antepostos ao substantivo	7	0,8%	1	0,1%	600,0%	6,0
Expressões feitas	5	0,5%	1	0,1%	400,0%	4,0
Substantivo abstrato e/ou avaliativo	10	1,1%	2	0,2%	400,0%	4,0
Uso do "nós" inclusivo	5	0,5%	1	0,1%	400,0%	4,0
Texto longo	4	0,4%	1	0,1%	300,0%	3,0
Verbos semanticamente avaliativos	16	1,7%	4	0,4%	300,0%	3,0
Elogios/críticas	3	0,3%	1	0,1%	200,0%	2,0
Agradecimentos	2	0,2%	1	0,1%	100,0%	1,0
Uso da 2ª pessoa do singular	2	0,2%	1	0,1%	100,0%	1,0
Relato / desabafo	4	0,4%	0	0,0%		

Ao observarmos a recorrência dos elementos linguísticos nas revistas portuguesas, descartamos, assim como com as revistas brasileiras, aqueles elementos que estão presentes em 50% mais das vezes tanto nas revistas femininas como nas revistas masculinas. Entendemos que, por se repetirem de forma significativa nas duas revistas, não podem ser considerados

responsáveis pela construção de um estilo masculino e feminino de se escrever cartas para revistas. Os elementos que se repetem são: *emprego da 2ª pessoa do singular*, uso de *verbos semanticamente avaliativos*, *adjetivos antepostos ao substantivo*, *substantivos abstratos e/ou avaliativos*, *verbos modais* e temática referente a *elogios*, *críticas* e *agradecimentos* enviados às revistas.

Quando analisamos as cartas femininas, notamos que alguns dos elementos linguísticos coocorrem junto à preposição **a** com maior frequência do que nas cartas masculinas. Entre eles, destacamos o uso de *adjetivos que expressam juízo de valor*, *ponto de exclamação*, emprego de *gírias* e *palavras estrangeiras*, presença de um *interlocutor mulher*, *texto curto* e emprego de uma *linguagem mais impessoal* e, por isso, menos afetuosa. Os exemplos de (125) a (130) ilustram, respectivamente, tais características.

(125) Todos os meses a revista oferece às leitoras novas formas de ver a vida, soluções e dicas **inspiradoras** [adjetivos que expressam juízo de valor] para encarar o dia a dia. A minha vida mudou e sinto-me uma cosmogirl de sucesso. (CM/PT, 2014, p. 14, nº 263)

(126) O meu problema de saúde já teve muitos nomes, mas ninguém sabia explicar o que era! Depois de ler o artigo Binge eating: distúrbio alimentar camuflado, já sei atribuir um nome ao meu problema de saúde. Obrigada por me ajudarem com dicas, que me tornam mais feliz! [pontos de exclamação] (CM/PT, 2014, p. 14, nº 267)

(127) Sou uma leitora assídua da revista e levo-a para todo o lado, pois todos os minutos livres são oportunos para ficar a par das dicas, truques, novidades e tendências. Este hábito estendeu-se às minhas amigas, que passaram a comprá-la todos os meses! Tornámo-nos verdadeiras **cosmogirls**! [gírias e palavras estrangeiras] Obrigada pelo apoio que a Cosmo me dá todos os meses. (CM/PT, 2014, p. 12, nº 265)

(128) [interlocutor mulher] Nunca enviei e-mails a revistas, mas hoje senti necessidade de vos agradecer. Fiquei muito feliz com o artigo *Bissexualidade: amor confuso?* Identifiquei-me com o que está escrito. Comecei a ler a Cosmo em outubro e estou cada vez mais feliz por ter feito esta escolha. Obrigada pelos artigos incríveis. (CM/PT, 2015, p. 16, nº 278)

(129) [texto curto] Eu disse à minha mãe que tinha que comprar a Cosmo e não é que ao fim da tarde ela chega com esta prenda?! A minha mãe é maravilhosa! Obrigada! (CM/PT, 2013, p. 10, nº 256)

(130) [linguagem impessoal] Tenho manchas no rosto e evito ao máximo ir à praia, embora isso me cause algum constrangimento. O que faço? (CM/PT, 2015, p. 40, nº 280)

Nas cartas masculinas, encontramos como mais recorrentes junto à preposição *a* o emprego de *expressões feitas*, *uso do “nós” inclusivo*, presença de um *interlocutor homem*, produção de *textos longos* e em tom de *relato e/ou desabafo*. Os exemplos (131) e (132) ilustram, respectivamente, cada uma dessas características.

(131) Felicito a MH por todo o conhecimento que transmite e é por bons argumentos que decidi compartilhar estas linhas. Em prol do saber **dar a volta por cima** [*expressões feitas*], o artigo “Qual o seu limite?” fez-me reflectir sobre o modo que, por vezes, **encaramos a vida** [*uso do “nós inclusivo”*] e **nos deixamos levar** [*uso do “nós inclusivo”*] pelo dito stress, dando lugar ao desequilíbrio entre o corpo e a mente, afectando o mecanismo de defesa. Já não sou propriamente jovem e nas últimas décadas as pessoas tendem a envolver-se em situações traumatizantes. Mas tudo é uma questão de método e nada melhor do que diariamente inspirar e expirar, potenciar capacidade no sentido certo e conhecer de facto os nossos limites. A MH não só nos incentiva, como nos dá dicas para uma atitude positiva perante a vida. Assim, saiba que a calma **não é para os fracos** [*expressões feitas*] e no contexto do termo stress deixo também algumas sugestões: saiba planear o seu dia e definir prioridades, tal como criar bom ambiente e, se necessário, mudar a rotina, não pondo de lado a vida social porque “trabalho é trabalho, conhaque é conhaque”. Por isso, relaxe e **guarde truques na manga** [*expressões feitas*]. (MH/PT, 2008, p.10, nº82)

(132) [*texto longo; relato/desabafo*] Sou o típico homem que, ano após ano, faço inúmeras promessas de mudança para os tempos seguintes, mas no final desse ano o balanço é sempre negativo. Contudo, congratulo-me por verificar que 2008 está começando a ser completamente diferente. Sempre fui muito magro e sonhava constantemente com um corpo tonificado, apesar de nunca ter tido muito tempo para treinar, mas agora tenho seguido os conselhos da Men’s Health e preenchido todos os tempos livres com corrida e exercícios propostos pela revista. Hoje, após sete meses da minha “nova” vida, tenho muito orgulho em ir à praia e poder mostrar meu corpo (quase) musculado... tudo isto complementado com as sugestões de cuidado pessoal e moda que comecei a adoptar e que renovaram por completo o meu guarda-roupa. A minha confiança é cada vez maior e devo-a à MH. (MH/PT, 2008, p.10, nº89)

Vale ressaltar, diante dos apontamentos acima, que alguns dos elementos encontrados nas cartas femininas podem ser considerados mais prototipicamente masculinos, como a produção de textos curtos e o emprego de uma linguagem mais impessoal. O mesmo acontece nas cartas masculinas, em que temos a produção de textos longos e que remetem a relatos e desabafo – características prototipicamente femininas.

5.3.3 Análise estilística e identidade

Ao observarmos as cartas de leitores de revistas femininas e masculinas, brasileiras e portuguesas, notamos que, por diversas vezes, homens e mulheres trouxeram em suas cartas dúvidas e comentários relacionados a um universo contrário aquele ao qual, estereotipicamente, pertencem ou deveriam pertencer.

(133) Terminei um relacionamento longo e não tive como evitar que isso interferisse no meu trabalho. Cheguei a faltar, tenho rendido pouco e estou sem ânimo para as tarefas do dia a dia. O que faço? **Não gosto de compartilhar minha vida pessoal no ambiente profissional, mas será que nesse caso devo pedir ajuda à minha gestora?** (NV/BR_2014, nº5, p.82)

(134) Sou assinante e leitor assíduo desde o número 4. Só tenho que parabenizar a redação da MH, pois a revista está cada vez melhor. **Queria pedir para vocês uma reportagem com dicas de decoração, móveis e equipamentos para casa.** Acabei de mudar da casa dos meus pais e estou precisando de uma força com o meu novo apartamento. (MH/BR, 2010, pág.20, nº52)

(135) **Agora que entrei no mundo do trabalho,** o artigo sobre como poupar foi essencial. As 20 coisas que deves fazer por ti mesma motivaram-me a aprender dois novos idiomas! E estou ansiosa por ir às compras com as sugestões de moda! (CM/PT, 2015, p. 10, nº 273)

(136) **Um homem que cuida da aparência perde a sua masculinidade?** O homem actual já se apercebeu que a mulher deseja um homem que se cuide e se preocupe com a sua estética, tornando-se alvo de desejo e admiração. Nesta competição entre homens, onde cada um se quer destacar mais do que o outro, quer em termos profissionais quer de relacionamentos com o sexo oposto, estes repararam que a aparência física é uma arma a utilizar. **Com esta competição, o homem começa a quebrar tabus no campo da estética masculina que sempre foram vistos como algo só existente no sexo feminino, vendo-se agora o homem a depilar-se, usar cremes, ir ao ginásio e até a recorrer a cirurgias estéticas.** A auto-estima do homem aumenta quando este repara que estas mudanças trazem resultados positivos no campo profissional e pessoal. (MH/PT, 2008, p.14, nº86)

Poderíamos dizer, então, que homens levantaram questões até então classificadas como pertencentes a um universo feminino, e vice-versa, principalmente se partíssemos da dualidade biológica expressa pela categoria sexo – homem/mulher – e dos estereótipos de gênero a partir daí socialmente

definidos. Entretanto, assim como já elucidado anteriormente, nos pautamos no conceito de que o gênero é performativo (BUTLER, 2016) e, por isso, não poderia ser visto como fixo e/ou imutável. Ao contrário, ao tratarmos de questões relacionadas à identidade de gênero, voltamos nosso olhar ao viés social que permeia a realidade dos leitores em questão, o que faz com que reafirmemos que a identidade é multivalente (MENDOZA-DENTON, 2003). Isso significa que a busca pelo fazer/ser parte de um determinado grupo ou classe social se dá pela constante negociação entre a chamada “personalidade individual” e a “personalidade social” (BONNEWITZ, 2002, p.91).

Assim, desejando compreender de que modo as noções de gênero/sexo podem interferir na produção dos discursos de homens e mulheres e, conseqüentemente, em suas escolhas linguísticas, retomamos alguns questionamentos já realizados e buscamos, agora, respondê-los ao mesmo tempo em que os aliamos aos resultados desta análise estilística e às questões de identidade e sexo/gênero.

Ao nos questionarmos sobre possíveis diferenças linguísticas que marcassem as identidades de homens e mulheres que escrevem cartas às revistas femininas e masculinas, esperávamos que o estudo das preposições, propriamente dito, nos revelasse algo. Entretanto, já observamos por meio da análise quantitativa de nossos dados que tal objeto não foi suficiente para delimitar um modo de escrever propriamente feminino ou masculino e que, por isso, não nos permitiu relacionar o emprego das preposições às questões de estilo e identidade. Entretanto, ao desenvolvermos a análise estilística aqui presente, pudemos perceber que outras características linguísticas caracterizam um estilo feminino e um estilo masculino de se escrever cartas para as revistas brasileiras e portuguesas, assim como já apontado nos quadros 12 e 13.

Algumas dessas características são reconhecidas como sendo mais prototípica ou estereotipicamente femininas ou masculinas, como, por exemplo, o emprego de uma linguagem mais afetiva para as mulheres e outra mais impessoal e fria para os homens (Broverman, Vogel, Broverman, Clarkson & Rosenkrantz, 1972). Entretanto, ao contrário disso, encontramos em nossas análises comportamentos que vão na contramão dessa delimitação já pré-concebida de como uma mulher ou um homem se comporta, ou deveria se

comportar, linguisticamente. Tais resultados levam-nos, mais uma vez, à questão já colocada sobre uma possível “crise” de identidade associada, então, à construção de novas identidades: haveria uma crise de identidade marcada por mudanças sociais, individuais e linguísticas capaz de caracterizar e determinar os usos desses indivíduos que escrevem para as revistas?

Buscando elucidar tal questionamento, retomamos alguns dos resultados mostrados nas subseções 5.3.1 e 5.3.2. Encontramos, nas cartas das leitoras da revista *Nova*, características linguísticas que seriam mais facilmente associadas a um discurso masculino. Observamos junto à preposição **a** o emprego de uma linguagem mais impessoal e, por isso, menos afetuosa, em que as leitoras pouco interagem com a revista para qual escrevem. Além disso, ainda com essa mesma preposição, o uso de *ironia* e *sarcasmo* também se destacou. Já com a preposição **para**, vimos que foi mais recorrente a construção de *textos curtos* e certa “despreocupação” com a norma-padrão, uma vez que “erros” gramaticais coocorreram com esta preposição. A associação entre “erros” gramaticais e a preposição **para** dissocia-se dos estudos (LABOV, 1972, 2008; TRUDGILL, 1974; PAIVA, 2003) que defendem o fato de serem as mulheres mais conservadoras e apresentarem, por isso, um discurso mais cuidado, quando comparado à fala dos homens. Por outro lado, parece haver uma “coerência” entre essas associações, uma vez que a preposição **para** aparece justamente nos contextos que conjugam traços de maior coloquialidade.

Em contrapartida, o mesmo aconteceu com os textos dos leitores que escrevem para a revista *Men’s Health* Brasil, quando encontramos junto à preposição **a** o uso do *vocativo*, fato que nos demonstra a intenção de se colocar próximo ao seu interlocutor, e seções em que tais leitores trazem à tona dúvidas sobre relacionamento. Já a correlação com a preposição **para**, mais uma vez, parece seguir as mesmas expectativas: notamos, junto a essa preposição, uma maior presença de *interlocutores femininos* e cartas caracterizadas por *relatos e/ou desabafos*. Todas essas características linguísticas poderiam ser mais facilmente associadas a um discurso feminino, e não masculino.

Nas revistas portuguesas, observamos comportamento semelhante. Cabe, antes, ressaltar o fato de que os elementos linguísticos estudados

ocorreram com maior frequência junto da preposição **a**, apenas. Encontramos nas revistas femininas textos curtos e o emprego de uma linguagem mais impessoal, enquanto que nas revistas masculinas prevalecem, novamente, cartas caracterizadas por relatos e/ou desabafo e textos mais longos.

Assim, se partimos do pressuposto já colocado de que determinadas características linguísticas são consideradas mais estereotipicamente femininas e outras mais masculinas, podemos afirmar que encontramos, em nossas análises, resultados contrários ao esperado. Tal fato nos remete, então, a uma possível crise de identidades, uma vez que há diferenças no modo como os textos dessas revistas são produzidos juntamente com as escolhas linguísticas realizadas quanto aos empregos de **a** e **para**.

5.3.4 Sobre os significados sociais de *a* e *para*

Ao considerarmos que uma mesma variável assume diversos significados, a depender do contexto, estamos também considerando que a linguagem está vinculada à ação social (ECKERT, 2016). Isso significa que é parte da linguagem sua capacidade de flexibilidade e mudança. Assim sendo, para Eckert (2016, pág. 06) a variação não deve ser vista como reflexo do social, mas como parte essencial para a sua construção, uma vez que o significado muda conforme muda também o contexto social em que este se dá. Ao associarmos estes fatos à mudança estilística temos que, segundo Eckert (2016, pág. 05, tradução própria¹⁰⁴), esta “[...] não nos coloca em um local pronto, mas esculpe um novo ponto em uma estrutura que está em fluxo”. Tal afirmação nos faz pensar sobre o quanto “os indivíduos se movem através de identidades e situações”, tornando, assim, importante para a compreensão do estilo o estudo da estrutura na qual esses indivíduos se encontram (Eckert, 2016). Entender como isso acontece é também entender de que modo se dá a prática estilística.

Interessa-nos, neste ponto, a interpretação feita por homens e mulheres acerca dos usos das preposições **a** e **para** dentro do contexto em que são empregadas, as cartas de revistas. Tal interpretação faz com que consideremos o posicionamento adotado por cada um desses leitores e,

consequentemente, o significado social atribuído a essas preposições por cada um deles, em cada uma das cartas enviadas às revistas.

Valemo-nos, para tanto, do conceito de indicialidade (ECKERT, 2008) aliado à construção de um estilo mais ou menos feminino e masculino de se escrever cartas para essas revistas, considerando que a multiplicidade de interpretações depende, novamente, da postura adotada por tais leitores. Quando a isso, Eckert (2008, p. 454, tradução própria¹⁰⁵) afirma que

[...] o conteúdo das variáveis não é preciso ou fixo, mas constitui um conjunto de significados potenciais, um campo indexical, entendido como uma constelação de significados ideologicamente relacionados, que podem ser ativados no uso. O campo indexical é fluido e cada nova ativação tem o potencial de alterá-lo com construções baseadas em conexões ideológicas.

O que desejamos, agora, é compreender como o falante, seja ele homem ou mulher, interpreta determinada variante e de que forma isso se relaciona com a sua construção de estilo. Buscamos, a partir dessa análise, por elementos que sejam mais recorrentes na produção escrita de homens e mulheres e, a partir disso, compreender se tais resultados reforçam uma cultura mais essencialista, marcada pelos estereótipos de gênero já discutidos, ou se dela se distancia. Ou seja, desejamos averiguar se os homens e mulheres que escrevem para as revistas adotam algum tipo de posicionamento em comum e, mais do que isso, se esse posicionamento associa-se ao fato de serem homens e mulheres.

Para Ochs (1992), é importante destacar de que modo as formas linguísticas contribuem para a constituição das concepções de gênero, seja ele masculino ou feminino. Às formas linguísticas associam-se sempre diferentes significados sociais, que nos dizem o quanto uma determinada variante é, então, caracterizada como mais feminina (ou masculina) do que outra. Segundo a autora,

¹⁰⁴ Tradução própria. Texto original: “[...]stylistic change does not place us in a ready-made spot but carves out a new spot in a structure that is itself in flux [...]”.

¹⁰⁵ Tradução própria. Texto original: “[...] the meaning of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings – an indexical field, or constellation of ideologically related meanings, any one of each can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections.”

ao postular uma relação constitutiva entre linguagem e gênero, quero dizer que um ou mais elementos linguísticos podem indexar significados sociais (por exemplo, posturas, atos sociais, atividades sociais), o que, por sua vez, ajuda a constituir significados de gênero. A busca de tais rotas constitutivas é uma atividade muito mais interessante do que a avaliação de relações obrigatórias ou probabilísticas entre linguagem e sexo do falante/destinatário/referente, pois aqui começamos a entender significados pragmáticos de características e sua complexa relação às imagens de gênero. [...] É nesse sentido que a relação entre linguagem e gênero é mediada e constituída através de uma rede de significados pragmáticos socialmente organizados (OCHS, 1992, pág. 341, tradução própria¹⁰⁶).

Para entendermos, então, de que modo homens e mulheres associam diferentes significados sociais às preposições **a** e **para**, partimos do postulado inicial de que a preposição **a** é considerada, pelas gramáticas (cf. seção 3.2), como sendo mais formal do que a preposição **para**, vista, então, como menos formal. Aliado a esse primeiro postulado, assim como já mostrado, realizamos uma análise mais textual e interpretativa das cartas aqui trabalhadas, buscando pelo posicionamento adotado pelos homens e mulheres que as escreveram para, posteriormente, aliar tais posicionamentos aos significados sociais atribuídos às preposições.

Assim, ao analisarmos as cartas de homens e mulheres, brasileiros e portugueses, foi possível depreender, inicialmente, que tanto as mulheres (exemplo 137) quanto os homens (exemplo 138) brasileiros assumem uma postura de *enaltecimento* e de *identificação* com os conteúdos publicados pelas revistas associada à preposição **para**.

(137) Que incrível a NOVA deste mês! Tenho que falar da matéria *Sozinha, Sim*, sobre mulheres viciadas em dates. Me identifiquei com cada palavra e mandei **para** minha irmã e duas amigas, que também gostaram! A revista entende a emoção de cada momento. (NV/BR, 2014, p.24, nº12)

¹⁰⁶ Tradução própria. Texto original: “By positing a constitutive relation between language and gender, I mean that one or more linguistic features may index social meanings (e .g. stances, social acts, social activities), which in turn helps to constitute gender meanings. The pursuit of such constitutive routes is a far more interesting activity than assessing either obligatory or probabilistic relations between language and sex of speaker/addressee/referent, for here we begin to understand pragmatic meanings of features and their complex relation to gender images. [...]It is in this sense that the relation between language and gender is mediated and constituted through a web of socially organized pragmatic meanings”.

(138) Sou professor de educação física, acompanho o trabalho de vocês há quase dois anos e posso falar com propriedade. Utilizo as matérias como complemento para a elaboração de planilhas de treinamento que monto para meus alunos, além de indicar a revista **para** eles. Ela desperta o interesse por qualidade de vida, seja pelos treinos, seja pela nutrição ou pelos outros assuntos tratados. (MH/BR, 2010, p.16, nº46)

Já os leitores portugueses, homens (exemplo 139) e mulheres (exemplo 140), assumem esta mesma postura, porém, assim como já esperado, associada ao uso da preposição **a**.

(139) Sou o típico homem que, ano após ano, faço inúmeras promessas de mudança para os tempos seguintes, mas no final desse ano o balanço é sempre negativo. Contudo, congratulo-me por verificar que 2008 está começando a ser completamente diferente. Sempre fui muito magro e sonhava constantemente com um corpo tonificado, apesar de nunca ter tido muito tempo para treinar, mas agora tenho seguido os conselhos da Men's Health e preenchido todos os tempos livres com corrida e exercícios propostos pela revista. Hoje, após sete meses da minha "nova" vida, tenho muito orgulho em ir à praia e poder mostrar meu corpo (quase) musculado... tudo isto complementado com as sugestões de cuidado pessoal e moda que comecei a adoptar e que renovaram por completo o meu guarda-roupa. A minha confiança é cada vez maior e devo-a à MH. (MH/PT, 2008, p.10, nº89)

(140) C de Cosmo! E de companhia, carinho e confiança! É o que sinto quando corro **ao** quiosque para comprar a revista que responde às minhas dúvidas e me dá os melhores conselhos. É como uma melhor amiga, que me faz companhia nas viagens mais entediadas e me deixa disposta para enfrentar o dia a dia. Após ler a Cosmo, sinto-me uma mulher diferente, e aconselho a todas, pois torna-me mais animada e divertida. (CM/PT, 2013, p. 10, nº 259)

É possível pensarmos que o posicionamento de *enaltecimento* assumido por esses leitores coloca-os em uma situação bastante confortável, uma vez que tecer elogios sobre algo é um ato que pouco os expõe, e o que os leva, conseqüentemente, a empregarem aquelas preposições vistas como as "mais comuns" ou "mais usadas", seja no Brasil ou em Portugal.

Além disso, observamos que mulheres (exemplo 141) e homens (exemplo 142) brasileiros assumem, em algumas cartas, uma postura de resistência, agora associada ao emprego da preposição **a**. Ao contrário do que foi afirmado anteriormente, colocar-se como resistente diante de um determinado fato ou situação faz com que esses leitores se exponham mais,

destacando também seus pontos de vista diante de situações mais “sérias” ou “delicadas”.

(141) Sou muito solícita com os outros - a pessoa a quem todos recorrem. Casei há pouco tempo e, quando pedi ajuda à minha cunhada para a organização da festa, ela disse que não tinha tempo. Agora, ela vai casar e quer meu auxílio. Aproveito a chance para mostrar que não sou boba? Como fazer isso? (NV/BR, 2014, p.70, nº10)

(142) Dêem um pouco mais de atenção a nós da classe média, que nem sempre temos condições de comprar os produtos caros sugeridos nas reportagens de dietas. Que tal publicar planos com alimentos que se encontrem em qualquer mercado de qualquer cidade? Nada de queijo cottage! (MH/BR, 2008, p. 18, nº 31)

É possível pensar que, por tal motivo, se deu a escolha de uma preposição mais formal diante de contextos de uso também mais formais, como se desejando, dessa forma, que tal elemento linguístico sustente o posicionamento adotado por estes leitores.

Diferentemente daquela primeira semelhança identificada entre os leitores, mulheres e homens, brasileiros, observamos que somente os homens brasileiros assumem a mesma postura de *enaltecimento*, porém, associada à preposição **a**, mostrado no exemplo (143). Da mesma forma, somente os leitores brasileiros usam esta preposição ao assumirem um posicionamento mais *defensivo*, assim como vemos no exemplo (144). Em relação às cartas portuguesas, temos que somente os homens, ao assumirem um posicionamento mais *reflexivo*, fazem uso da preposição **a**, mostrado no exemplo (145).

(143) Quero agradecer pela matéria *Turbinada Final*, da edição de dezembro. Por ser tripulante e ficar muitos dias fora de casa, nem sempre posso ir à academia. E nunca tinha pensado que minha mala pudesse ser tão útil, já que sempre está pesada! Obrigado pelo presente que levarei sempre na bagagem! (MH/BR, 2010, p.16, nº46)

(144) Vamos tirar férias e minha namorada quer ir a Nova York. Eu quero acarajé na Bahia com os amigos. E agora, Carol? (MH/BR, 2009, p.24, nº40 - vizinha)

(145) Um homem que cuida da aparência perde a sua masculinidade? O homem actual já se apercebeu que a mulher deseja um homem que se cuide e se preocupe com a sua estética, tornando-se alvo de desejo e admiração.

Nesta competição entre homens, onde cada um se quer destacar mais do que o outro, quer em termos profissionais quer de relacionamentos com o sexo oposto, estes repararam que a aparência física é uma arma a utilizar. Com esta competição, o homem começa a quebrar tabus no campo da estética masculina que sempre foram vistos como algo só existente no sexo feminino, vendo-se agora o homem a depilar-se, usar cremes, ir ao ginásio e até a recorrer a cirurgias estéticas. A auto-estima do homem aumenta quando este repara que estas mudanças trazem resultados positivos no campo profissional e pessoal. (MH/PT, 2008, p.14, nº86)

Vale dizer que estes três posicionamentos – de *enaltecimento*, *defensivo* e *reflexivo* – podem ser considerados mais prototipicamente femininos, uma vez que, estereotipicamente, são as mulheres que possuem maior facilidade de expressar seus sentimentos; que mais comumente precisam “se defender” de algo, por serem vistas como mais passivas e submissas; e que com mais frequência refletem sobre o que sentem e o que vivem.

Considerando este fato, quanto a esses posicionamentos assumidos e associados ao emprego da preposição **a**, faz-se possível pensar que quando estes homens se veem diante de situações de maior vulnerabilidade, por assumirem posturas mais estereotipicamente femininas, optam por empregar em suas construções aquela preposição considerada como “mais formal”. É como se, por algum motivo, “desviassem” do esperado em relação aos posicionamentos que assumem, mas buscassem “compensar” tal desvio ao atribuírem à preposição **a** este significado de maior formalidade ou seriedade.

Quanto ao posicionamento assumido pelas leitoras brasileiras observamos que somente elas assumem um posicionamento de *resistência* associado ao emprego da preposição **para**, assim como vemos no exemplo (146).

(146) Namoro há cinco anos com um cara 15 anos mais velho, que ainda não me deixa ir à casa dele porque está sempre “muito bagunçada”, nunca tem tempo para me encontrar antes das 22 horas, não aceita ir comigo à praia (mora a 100 metros da areia) e não me ajudou nem mesmo quando estive desempregada. Agora recebi uma oportunidade de trabalho em São Paulo e ele aceitou vir comigo e, assim que cheguei o discurso se transformou: diz que se eu quiser ficar com ele tenho de voltar pra Pernambuco. Vale a pena mudar tudo por esse cara? (NV/BR_2015, nº5, p.135)

Podemos afirmar que esse posicionamento é mais prototipicamente masculino, uma vez que se espera que homens adotem um comportamento de

oposição, força e luta, enquanto que as mulheres são vistas, assim como já afirmado, como passivas e submissas. Assim sendo, entendemos que nessas situações, estas leitoras se comportem de forma mais “inovadora” do que os homens, uma vez que assumem um posicionamento mais estereotipicamente masculino aliado ao emprego de uma preposição considerada, pelas gramáticas, como menos formal. Entendemos que o significado social atribuído à preposição **para**, neste contexto, relaciona-se também com a força e a oposição pretendidas por essas mulheres que escrevem cartas para as revistas femininas.

Da mesma forma, somente as leitoras portuguesas assumem uma postura de *enaltecimento* associada ao uso da preposição **para**, assim como vemos no exemplo (147).

(147) Sou uma leitora assídua da revista e levo-a **para** todo o lado, pois todos os minutos livres são oportunos para ficar a par das dicas, truques, novidades e tendências. Este hábito estendeu-se às minhas amigas, que passaram a comprá-la todos os meses! Tornámo-nos verdadeiras cosmogirls! Obrigada pelo apoio que a Cosmo me dá todos os meses. (CM/PT, 2014, p. 12, nº 265)

Ainda que tenhamos aqui uma situação mais prototipicamente feminina, assim como elucidado anteriormente, notamos que são as mulheres que fazem uso de uma preposição considerada, devido à sua menor empregabilidade, como menos normativa. Mais uma vez, entendemos que são as mulheres mais “inovadoras”, por optarem por formas até então desconsideradas pela norma-padrão e por atribuírem, agora, à preposição **para** um significado social bastante positivo.

Considerando tais resultados, vamos de encontro ao afirmado por Ochs (1992, pág. 343, tradução própria¹⁰⁷), que afirma que

Um dos maiores avanços na pesquisa de linguagem e gênero tem sido um afastamento de relacionar formas linguísticas isoladas a diferenças de gênero e especificar conjuntos de características linguísticas que distinguem a fala de homens e mulheres na sociedade. Essa mudança representa um

¹⁰⁷ Tradução própria. Texto original: “One of the major advances in language and gender research has been a move away from relating isolated linguistic forms to gender differences and toward specifying **clusters** of linguistic features that distinguish men's and women's speech in society. This shift represents a move toward defining men's and women's communicative styles, their access to different conversational acts, activities, and genres, and their strategies for performing similar acts, activities, and genres (Borker 1980, Gal 1989, Goodwin 1990)”.

movimento em direção à definição de estilos comunicativos de homens e mulheres, seu acesso a diferentes atos de conversação, atividades e gêneros, e suas estratégias para realizar atos, atividades e gêneros semelhantes (Borker 1980, Gal 1989, Goodwin 1990).

O que notamos, diante desta análise mais interpretativa e, portanto, funcional das cartas, é que, assim como afirmado anteriormente, os diferentes significados sociais que **a** e **para** podem assumir têm relação direta com o contexto em que são empregados. Dessa forma, os diferentes posicionamentos assumidos pelos leitores, sejam eles homens ou mulheres, brasileiros ou portugueses, conferem a essas duas preposições diferentes valores e significados. Mais do que isso, esta análise teve como objetivo maior, assim como afirmado por Ochs (1992, pág. 344), buscar pelo que homens e mulheres fazem com as palavras, de modo que os elementos linguísticos aqui considerados fossem, então, funcionalmente (e não formalmente) analisados.

Conclusões

Com base nos resultados encontrados, conseguimos afirmar, assim como já esperado, que há uma maior incorporação da preposição **para** no português brasileiro, enquanto que é a preposição **a** aquela que prevalece nos dados obtidos por meio da análise das cartas portuguesas. É importante ressaltar que consideramos que essas escolhas tenham sido guiadas pelas respectivas normas de uso de cada variedade do português.

Quanto à análise estilística, faz-se possível afirmar que é junto da preposição **a**, na revista *NOVA*, que coocorrem os traços linguísticos/extralinguísticos considerados estereotipicamente mais femininos. Assim, construções em que há o emprego de “aspas” e do “travessão” e temas como “saúde e bem estar” e “comportamento” são mais recorrentes junto à preposição **a**. O mesmo acontece com a revista *Men’s Health* Brasil, em que os traços linguísticos considerados estereotipicamente mais masculinos – uso do “humor”, “interlocutor homem” e “texto curto” – também coocorrem junto à preposição **a**. Quando olhamos para a preposição **para**, notamos que a presença dos traços interpretados como prototipicamente mais femininos ou masculinos ocorrem em proporções equivalentes, nas duas revistas brasileiras.

Além disso, é possível afirmar que as cartas das revistas *Men’s Health* Brasil podem ser consideradas mais subjetivas do que aquelas escritas pelas mulheres, uma vez que é nos textos produzidos por homens que temos uma maior presença de elementos que indicam maior grau de subjetividade (“verbos semanticamente avaliativos”, “adjetivos que expressam juízo de valor” e “verbos modais”) todos eles coocorrendo juntos à preposição **a**. Em relação à presença do interlocutor não foram encontradas diferenças consideráveis em nenhuma das duas revistas brasileiras.

Em relação às revistas portuguesas, temos o contrário do que ocorreu com as revistas brasileiras. Ao analisar os resultados da revista *Cosmopolitan* temos que os traços considerados estereotipicamente mais masculinos aparecem, junto à preposição **a**, com mais frequência nas cartas produzidas por mulheres, enquanto que os traços considerados estereotipicamente mais femininos são mais recorrentes nas cartas da revista *Men’s Health* Portugal e também coocorrem com a preposição **a**. Isso significa que há mais traços

estereotipicamente masculinos nas cartas femininas e mais traços estereotipicamente femininos nas cartas masculinas. Entretanto, por conta de sua predominância entre os dados estudados, não seria a preposição **a** capaz de diferenciar a escrita, e os estilos, das revistas portuguesas. É válido ainda ressaltar que todos os casos existentes com a preposição **para** são menos recorrentes do que os casos com a preposição **a**. Sendo assim, por tal motivo, não foi possível apresentar os casos em que há a prevalência da preposição **para** quando comparada ao uso do **a**. Ainda que não seja possível falar em uma prevalência absoluta dessa preposição, identifica-se um uso semelhante de **para** em relação à preposição **a**, quando traços “mais femininos” (“texto longo”) são encontrados na revista *Men’s Health* e traços “mais masculinos” (“texto curto” e “linguagem impessoal”) se mostram presentes na revista *Cosmopolitan*. Em relação ao “grau de subjetividade” e à “presença do interlocutor”, não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma das duas revistas trabalhadas.

Os resultados acima pontuados nos mostram que embora a preposição **a** seja proporcionalmente mais frequente nas cartas brasileiras, observa-se que ela está em concorrência com a preposição **para**. Por outro lado, temos o domínio de **a** nas cartas portuguesas. Diante disso, faz-se possível afirmar que há variação no PB, enquanto que no PE isso é incipiente. Interessa-nos, contudo, pontuar que tanto nas revistas brasileiras quanto nas revistas portuguesas encontramos ora características consideradas “mais femininas” nas cartas masculinas e ora características “mais masculinas” nas cartas produzidas por mulheres.

Se, por um lado, temos duas variedades do português e, por isso, nacionalidades e identidades diferentes, ambas marcadas quantitativamente pelo emprego mais frequente de uma ou outra preposição, por outro lado, faz-se possível afirmar que as questões sociais vividas por esses leitores, homens e mulheres, brasileiros e portugueses, em muito se assemelham, uma vez que as outras características linguísticas aqui analisadas se mostraram bastante parecidas.

Mais do que isso, o que temos são leitores que buscam nessas revistas por significados ideológicos capazes de constituírem os seus “eus” e, conseqüentemente, suas identidades. Os elementos em comum que unem

esses leitores, fazendo com que suas dúvidas sejam parecidas, unificam também os comportamentos linguísticos desses homens brasileiros e portugueses e dessas mulheres brasileiras e portuguesas que escrevem cartas para as revistas. Diante disso, consideramos o caráter social e textual-discursivo do gênero textual “cartas de leitores” e afirmamos, então, que este apresenta as mesmas características composicionais em todas as revistas analisadas. Isso significa que, tanto no Brasil quanto em Portugal, tal gênero textual é o mesmo, não apresentando diferenças relevantes no que diz respeito à sua constituição e organização textual.

Assim, em um primeiro momento, ao encontrarmos certas semelhanças nas cartas de homens e mulheres quanto ao emprego das preposições, foi por meio da análise estilística que pudemos trazer à tona respostas para as questões anteriormente pontuadas. A partir disso, então, podemos afirmar que, sim, há diferenças entre os usos linguísticos de homens (sejam eles brasileiros ou portugueses) e mulheres (sejam elas brasileiras ou portuguesas) e são esses mesmos usos linguísticos que nos sugerem a presença de diferentes estilos – regidos por diferentes questões identitárias – de se escrever cartas para as revistas femininas e masculinas, brasileiras e portuguesas.

Observamos que questões de sexo/gênero interferem na construção da identidade de seus indivíduos e, conseqüentemente, em suas escolhas linguísticas. Uma vez que consideramos o papel agentivo de um indivíduo e seu desejo de pertencer ou se filiar a determinado grupo, consideramos também sua capacidade de escolher quais elementos linguísticos empregar junto a uma determinada variante e, assim, construir o seu estilo. Se, antes, por questões sociais, mulheres empregariam a preposição **a** com maior frequência, hoje, um uso equilibrado entre **a** e **para**, no que diz respeito às cartas brasileiras, pode indicar maior estabilidade e segurança social. Isso porque as mulheres assumem o emprego da norma (daquilo que é *normal*) e não se filiam tão fortemente à norma prescritiva. Ao mesmo tempo, uma possível “crise” de identidade pode preocupar os homens da atualidade, que buscam, por isso, em suas escolhas linguísticas, por elementos que lhes confirmem maior *status* e poder. Mais do que isso, o significado social atribuído a estas preposições relaciona-se à construção de um estilo feminino e masculino de se escrever cartas para as revistas que homens e mulheres, em função de seus papéis

desempenhados e de suas características pessoais, se veem, agora, dispostos a assumir e demonstrar.

Os apontamentos acima foram confirmados ao realizarmos uma análise textual e mais interpretativa das cartas, em que observamos os posicionamentos adotados por homens e mulheres e buscamos relacioná-los com as preposições por eles empregadas e os significados sociais atribuídos a tais escolhas. Encontramos nas cartas escritas por mulheres, comportamentos mais “ousados” e “inovadores”, tanto no emprego da preposição **para**, aliado a um posicionamento mais prototipicamente masculino, assim como vimos nas cartas das leitoras brasileiras; quanto ao emprego também de **para** em situações em que outra preposição, mais normativa, seria esperada, assim como mostrado nas cartas das leitoras portuguesas. Às cartas de leitores, brasileiros e portugueses, atribuímos a presença de um comportamento mais “conservador” e “cauteloso”, uma vez que estes empregam a preposição **a**, mais formal, ao assumirem posicionamentos mais prototipicamente femininos. Em termos de comportamento, tais resultados vão contra ao que, estereotipicamente, seria esperado desses leitores – homens se arriscariam mais, enquanto que as mulheres seriam mais cuidadosas. Entretanto, assim como afirmado no início deste trabalho, ao analisarmos tais posicionamentos e os significados sociais atribuídos às preposições **a** e **para**, temos que, ainda que se tenha observado que mulheres usualmente se mostram mais conservadoras (LABOV, 1972, 2008; TRUDGILL, 1974; PAIVA, 2003), são elas, agora, que, de alguma forma, se colocam como “inovadoras” e “ousadas”, conferindo também às suas escolhas linguísticas e aos seus estilos adotados esse mesmo comportamento inovador.

Dessa forma, mais do que afirmar que mulheres usam mais uma determinada preposição do que homens, ou o inverso, o que desejamos aqui é claramente ressaltar que o significado social de uma variável não se refere tanto à identidade (já que esta é constantemente negociada), mas sim às posições assumidas e as características (linguísticas) de quem as usa (ECKERT, 2005 apud PODESVA, 2011, pág. 234), principalmente por sabermos não ser o sexo/gênero um produto pronto. Assim, mudanças sociais podem diretamente interferir na construção de identidade de determinados

indivíduos, interferindo, também, em suas escolhas linguísticas e, mais à frente, na construção de seus estilos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, J. de. *Obra Completa*. 3ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- _____. *O Guarani*. 19 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- ALMEIDA, D. C. de. *Análise forense de autoria textual: estilos sociais e individuais*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – USP, 2015.
- ALMEIDA, R. H. de. *O diretório dos índios: um projeto de “civilização” no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- AUSTIN, J. L. *Como hacer cosas com palavras*. Barcelona: Paidós, 1998.
- BAKHTIN, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- _____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. “O problema do conteúdo do material e da forma na criação literária.” *Questões de literatura e de estética*. 6ª Ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAGNO, M. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. *Veredas - revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.5, n.2, 2003. p. 71-83.
- _____. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. p.79-98, 2014. In: FREITAG, R. M. K. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2014.
- BAUER, R. S. *Cantonese sociolinguistic patterns: Correlating social characteristics of speakers with phonological variables in Hong Kong Cantonese*. Ph.D. dissertation, University of California, Berkeley, 1982a.
- _____. *Lexical diffusion in Hong Kong Cantonese: "Five" leads the way*, 1982b.
- BAZERMAN, C. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez. 2007.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, 13, p.145-204, 1984.

_____. Back to Style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

BERLINCK, R. A. The Portuguese Dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. (eds) *The dative*. Vol 1: Descriptive studies. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. p.119-151.

_____. Dativo ou Locativo? Sobre sentidos e formas do dativo no português. *Revista Letras*, n.56, 2001. p.159-175.

_____. Sobre o lugar do 'funcional' na análise sociolinguística variacionista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.31, p.1-9, 2002.

_____; BUENO, L. C. de O. *Variação e Gênero Textual: Preposições em textos jornalísticos paulistas*. In: XV Congresso Internacional da ALFAL - da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, Montevideu, 2008.

_____. 'Dirigir-se para a sede social da Elite Flor da Liberdade' e 'oferecer um banquete aos visitantes': sobre a variação de preposições em complementos verbais. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, n.8, 2011. p.287-305.

_____; BIAZOLLI, C. C. Clíticos e preposições: a norma e o 'normal' em jornais paulistas (1900 a 1915). *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978). , v.40, p.850 - 863, 2011.

_____; BIAZOLLI, C. C. ; BALSALOBRE, S. R. G. ; BUENO, L. C. de O. O texto jornalístico em foco: perscrutando a variação estilística. In: *II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística. Diversidade linguística e políticas de ensino: anais*. São Luís: EDUFMA, 2012.

_____; BIAZOLLI, C. C.; BALSALOBRE, S. G. Gêneros do jornal e estilo: (re)visitando a variação linguística. In: GÖRSKI, E., COELHO, I. L., SOUZA, C. M. N. de (orgs.) *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular, 2014.

BIAZOLLI, C. C. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). UNESP, 2016.

BIBER, D. Spoken and Written Textual Dimensions in English: Resolving the Contradictory Findings. *Language*, vol. 62, n. 2, p. 384-414, 1986.

_____. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____; FINEGAN, E. Drift and the evolution of English style: A history of three genres. *Language*, vol. 65, p. 487-517, 1989.

_____. *Dimensions of register variation: A cross-linguistic comparison*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____; CONRAD, S. *Register, Genre, and Style*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORKER, R. 1980. *Anthropology: Social and Cultural Perspectives*, in McConnell-Ginet, Borker, and Furman, 1980.

BROVERMAN, I. K.; Vogel, S. R.; Broverman, D. M.; Clarkson, F. E. e Rosenkrantz, P. S. Sex roles stereotypes: a current appraisal. *Journal of Social Issues*, 1972.

BUENO, L. C. de O. A variação de preposição e os textos publicitários de revistas femininas. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Teorias Linguísticas e Ensino, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara. 2011.

_____. *Variação e gênero textual: o uso das preposições nas cartas de leitoras brasileiras e portuguesas*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, 2014.

BUTLER, J. *Bodies That Matter*. Londres: Routledge, 1993.

_____. *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*. Londres: Routledge, 1990. (Tradução de AGUIAR, R. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016).

CAMACHO, R. G. Uma breve retrospectiva da pesquisa sociolinguística. In: PARREIRA, M. C.; CAVALARI, S. M. S.; ABREU-TARDELLI, L.; NADIN, O. L.; COSTA, D. S. da (org.). *Pesquisas em linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. pág. 14-28.

CÂMARA JR., Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*, 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CAMERON, D. De-mythologizing sociolinguistics: Why language does not reflect society . In J. Joseph and T. Taylor (eds.), *Ideologies of Language* . London: Routledge, 1990.

CASTILLO GÓMEZ, A. *Del tratado a la práctica epistolar. Entre la pluma y la pared: una historia social de la escritura en los Siglos de Oro*. Madrid: Akal, 2006, p.19-57.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxfor: Blackwell, 1995.

COATES, J. Gender. p. 62-68. In: LAMAS, C.; MULLANY, L.; STOK-WEEL, P. *The Routledge Companion of Sociolinguistics*. Nova York: Francis & Taylor, 2006.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de construção da escrita*. Campinas, 1997. 435f. Tese de doutorado em linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

_____. *O modo heterogêneo de construção da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, Brasil, n. 8, p. 269-286, aug. 2006. ISSN 2176-9419. Disponível em:

<<http://revistas.usp.br/flp/article/view/59756/62865>>

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. O problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Presença, 1979 [1973].

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista Gênero*. Niterói, v.5, n.2, 2005. p. 9-35.

COULTHARD, M. *Linguagem e sexo*. Sao Paulo: Editora Ática, 1991.

CUESTA, P. V.; MENDES DA LUZ, M. A. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971.

D'AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 121-134, dez. 1997. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 maio 2019.

DERRIDA, J. *Limited Inc*. Campinas: Papirus, 1991.

BUBOIS, J. *Positions*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

_____ et al. *Dicionário de linguística*; São Paulo: Cultrix, 1993.

ECKERT, P. *Jocks and Burnouts: Social categories and identities in the high school*. New York: Teachers College Press, 1989a.

_____. The whole woman: Sex and gender differences in variation. In: *Language Variation and Change*, 1989b.

_____; McCONNELL-GINET, S. Where language, gender and power all live. In: HALL, K.; BUCHOLTZ, M.; MOONWOMON, B. *Locating Power: Proceedings of the second Berkeley Woman and Language Conference*. Berkeley, CA: Berkeley Women and Language Group, 1992.

_____. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

_____; RICKFORD, J. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____; McCONNELL-GINET, S. *Language and Gender as community-based practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. *Variation, convention, and social meaning*. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, California, 2005.

_____, P. Variation and the Indexical Field. In: *Journal of Sociolinguistics* 12, 2008.

_____; McCONNELL-GINET, S. *Language and gender*. Cambridge. In: FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2011.

_____ & PODESVA, R. Sociophonetics and Sexuality: Toward a Symbiosis of Sociolinguistics and Laboratory Phonology. *American Speech*, 2011.

_____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. In: *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, 2012.

_____. Variation, meaning and social change. In: Coupland, N. *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge, Cambridge University Press, 2016.

ELIA, S. *Orientações da linguística moderna*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2011.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. v.3. p.27-32.

_____. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERNANDES, L. A. B. Afinal, o que querem os homens? – um estudo das masculinidade. Tese (Doutorado em Sociologia). UNESP – 2011.

FERREIRA, H. M. *Gêneros textuais e discursivos: guia de estudos*. Lavras: UFLA, 2013.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
for Advance Study in the Behavioral Sciences, 1972.

_____. Língua portuguesa, identidade nacional e lusofonia. In: Diana Luz Pessoa de Barros. (Org.). *Preconceito e Intolerância: Reflexões Linguístico-Discursivas*. São Paulo: Editora do Mackenzie, 2011.

FREITAG, R. M. K.. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística, p. 17-74, 2015. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (orgs.). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

FUSS, D. *Essentially Speaking: Feminism, Nature and Difference*. New York: Routledge, 1989.

GAL, S. Between Speech and Silence: The Problematics of Research on Language and Gender. *Papers in Pragmatics* 3(1): 1-38, 1989.

GAUCHAT, L. L'unité phonétique dans le patois d'une commune. In *Aus Romanischen Sprachen und Literaturen: Festschrift Heinrich Morf*. Halle: Map Niemeyer, 1905.

GOODWIN, M. H. *He-Said-She-Said: Talk as Social Organization among Black Children*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

GUEDES, M., BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. *Estudos Lingüísticos* 32. Documento C198.htm, 2003. Publicação do *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad. de Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HALL, S. Cultural identity and diáspora. In: RUTHER-FORD, J. (org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

_____. The spectacle of the Other. In: HALL, S. (org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage/The Open University, 1997.

_____. Quem precisa da identidade?. p.103-133, 2014. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HERMANN, E. Lautveränderungen in der individualsprache einer Mundart. *Nachrichten der Gesellsch. der Wissenschaften zu Göttingen. Phi-his. Kit*, 1929..

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E.M., COELHO, I.L., SOUZA, C.M.N. de. (orgs). *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular, 2014.

ILARI, R. et al. A preposição. In Ilari & Neves (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado do Brasil*. Vol. II: Classes de Palavras. Campinas, Ed. da Unicamp, 2008.

IRVINE, J. T. "Style" as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P., RICKFORD, J. (org) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

JADEL, J. A. F. A estilística aplicada a poemas como estratégia de leitura. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

JANICKI, K. *Toward non-Essentialist Sociolinguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

_____. *Against Essentialism: Toward Language Awareness*. Munich: Lincom Europa, 1999.

JANUÁRIO, S. M. B. B. *Gênero e media: estereótipos das masculinidades na publicidade das revistas masculinas em Portugal*. Tese de Doutorado em Ciências da Computação. Universidade Nova de Lisboa, 2013.

KNOLL, G. F.; PIRES, V. L. Relações de gênero da sociedade: palavras e imagens constituindo identidades. In: *Anais do CELSUL*. Porto Alegre, 2008.

KRESS, G. *Literacy in the New Media Age*. London: Routledge, 2003.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a. (Tradução de BAGNO, M.; OLIVEIRA, C. R.; SCHERRE, M. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008).

_____. *Hypercorrection by the lower middle class as a factor in linguistic change*. In: *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b

_____. *The social motivation of a sound change*. In: *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972c.

_____. *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula*. In: *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972d.

_____. *The Isolation of Contextual Styles*. In *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972e.

_____. The overestimation of functionalism. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (Ed.). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1987. p.311-332.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: *Language Variation and Change*. 2ed. New York: Cambridge University Press. 1991.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.

_____. *Principles of Linguistic change*. Volume II: Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001a

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J.R. (eds) *Style and Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2001b. p.85-108.

LACLAU, E. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. Londres: Verso, 1990.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. University of Michigan, Center
LONGHIN-TOMASI, S.R.; RODRIGUES, A. T. O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística. In: *Signo y Señal*, n. 23, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), 2013, p. 191-212.

LAVANDERA, B. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LONGHIN-TOMASI, S.R.; RODRIGUES, A. T. O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística. In: *Signo y Señal*, n. 23, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), 2013, p. 191-212.

LUTHIN, H. W. The story of California (ow): The coming-of-age of English in California. In: *Denning et al*, 1987.

MAGALHÃES, T. M. V. O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, 2006.

MAINGUENEAU, D. L'unité de la linguistique. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.6. n.2. p.127-138, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.; Machado, A.; Bezerra, M. (org). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a.

_____. Gêneros textuais emergentes na tecnologia digital. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002b.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.; *Conferências apresentadas durante o II SIGET – Simpósio Nacional de Estudo dos Gêneros Textuais*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

_____. *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARINE, T. C. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, 2009.

MENDES, R. B. Gênero/sexo, Variação Linguística e Intolerância. p.1-30. In: Diana Luz Pessoa de Barros. (Org.). *Preconceito e Intolerância: Reflexões Lingüístico-Discursivas*. São Paulo: Editora do Mackenzie, 2011.

_____. *Diminutivos como Marcadores de Sexo/Gênero*. Lingüística (PPGL/UFRJ), v. 8, p. 113-124, 2012.

_____. Gendered Perceptions of Noun Agreement in Brazilian Portuguese. In: *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, v. XVII, p. 93-108, 2014.

_____. Percepção e performance de masculinidade: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese de livre-docência. USP, 2018.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003 – cap.19.

MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (org) *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

_____. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2002.

MITCHELL, J. C. Network procedures. In: D. Frick et al (eds.). *The Quality of Urban life*. Berlin: de Gruyter, 1986.
n. 2, p. 125-151, 1987.

MOLLICA, M. C. A regência verbal do verbo ir em movimento. Oliveira e Silva, Gisele M.; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NIETZSCHE, F. *On the Genealogy of Morals*. Nova York: Vintage, 1969.

- OCHS, E. Indexing gender. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. *Rethinking context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- OUSHIRO, L. Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – USP, 2015.
- PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. p.33-42. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PESSOA, F. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- PODESVA, R. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics* 11/4, 478-504, 2007a.
- _____. *Three sources of stylistic meaning*. Washington D.C.: Georgetown University, 2007b.
- _____. Salience and the social meaning of declarative contours: Three case studies of gay professionals. *Journal of English Linguistics* 39(3), 233-264, 2011.
- POTTER, J. *Representing Reality: Discourse, Rhetoric, and Social Construction*. London: Sage, 1996.
- ROBINS, K. Global times: what in the world's going on? In: DU GAY, P. (org.). *Production of Culture/Cultures of Production*. Londres: Sage/The Open University.
- _____. Tradition and translation: national culture in its global context. In: CORNER, J. & HARVEY, S. (orgs.). *Enterprise and Heritage: crosscurrents of national culture*. Londres: Routledge, 1991.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- RODRIGUES, T. M. B. *Mídia Impressa: o verbo dicendi no discurso direto*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2000.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982
- _____. *The status of sociological models and categories in explaining linguistic variation*. *Linguistische Berichte*, 1984.

- _____. *Pidgin and Creole Languages*. London: Longman, 1988.
- _____. Historical Sociolinguistics: Problems and Methodology. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHELIER, K.J. (eds) *Sociolinguistics. An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.
- _____. Variation in Language and Gender. In: HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. Variation in Language and Gender. In: HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. *The Handbook of Language and Gender*. p.69-97. Oxford: Blackwell, 2003.
- SAID, E. *Culture and Imperialism: The T.S. Eliot lectures at the University of Kent 1985*. New York: Knopf, 1993.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVA T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. p.73-102, 2014. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SILVESTRE, J. C. C. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Editorial Guedes, 2007.
- SWAIN, T. N. *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas*. In: *História: Questões & Debates*, n. 34, p. 11-44. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- THIESSE, A. *La création des identités nationales: Europe XVIII-XXsiècle*. Paris: Editions du Seuil, 1999.
- TORRES-MORAIS, M.A.; BERLINCK, R. A. . A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006, v. 6, p. 73-106.
- _____. 'Eu disse pra ele' ou 'disse-lhe a ele': a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. CASTILHO, A.T.; TORRES-MORAIS, M.A.; LOPES, R.E.V.;CYRINO, S.M.L. (orgs) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro – Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes Editores, 2007.
- TRUDGILL, P. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

_____. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974b.
University Press, 2003.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press. 1968.

_____, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. H. Doing gender. *Gender & society*, v. 1, n. 2, p. 125-151, 1987.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. p.7-72, 2014. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

YATES, S. J. 2000. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: David BARTON & Nigel HALL (EDS.) 2000. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 233-251.